

AS
AVENTURAS
DO

Pinocchio

CARLO COLLODI

1. COMO O MESTRE GOIABA, MARCENEIRO, ENCONTROU UM PEDAÇO DE MADEIRA QUE CHORAVA E RIA COMO UMA CRIANÇA

Era uma vez...

— Um rei! — logo dirão os meus pequenos leitores. Não, crianças, erraram. Era uma vez um pedaço de madeira.

Não era madeira de lei, mas um simples pedaço de lenha, daqueles que no inverno se põe no fogareiro e na lareira para esquentar a sala.

Não sei como aconteceu, mas o caso foi que, num belo dia, esse pedaço de madeira apareceu na oficina de um velho marceneiro chamado mestre Antonio, mas que todos chamavam de mestre Goiaba porque a ponta do seu nariz estava sempre brilhante e vermelha como uma goiabada madura.

Logo que o mestre Goiaba viu aquele pedaço de madeira, ficou muito animado e, esfregando as mãos, falou sozinho em voz baixa:

— Esta madeira apareceu na hora certa, quero usá-la para fazer a perna de uma mesinha.

De fato, logo pegou o machado afiado para tirar a cortiça e desbastá-la; mas ao se preparar para dar a

primeira machadada, manteve o braço no ar, pois escutou uma voz bem baixinha:

— Não me bata muito forte!

Imaginem como o bom e velho mestre Goiaba ficou!

Zonzo, girou os olhos pela sala para ver de onde teria saído aquela vozinha, mas não viu ninguém! Olhou embaixo do banco, e não havia ninguém; olhou dentro de um armário que ficava sempre fechado, ninguém; olhou no cestinho de lascas de madeira, ninguém; abriu a porta da oficina para dar uma olhada inclusive na rua, ninguém. E então...?

— Entendi — disse, agora rindo e coçando a peruca. — Aquela vozinha é fruto da minha imaginação. Vamos voltar ao trabalho.

Pegou novamente o machado e lascou um belo golpe no pedaço de madeira.

— Ai! Você me machucou! — gritou a mesma vozinha.

Desta vez, o mestre Goiaba ficou duro, com os olhos arregalados de medo, a boca aberta e a língua pendurada até o queixo como uma carranca de fonte.

Quando recuperou a fala, ainda tremendo e gaguejando de susto, disse:

— Mas de onde terá saído essa vozinha que disse “ai”, se aqui não tem viva alma? Será que por acaso este pedaço de madeira aprendeu a chorar e a reclamar como uma criança? É inacreditável. Vejam aqui, esta madeira é um pedaço de lenha como todas as outras que, quando no

fogo, faz ferver a caçarola de feijão... Ou o quê? Alguém se escondeu aí dentro? Se houver alguém escondido, azar. Vou dar um jeito nele!

Ao dizer isso, pegou o pobre pedaço de madeira com as duas mãos e começou a batê-lo sem dó contra as paredes da sala.

Depois esperou, para ver se a vizinha reclamava. Aguardou dois minutos e nada; cinco minutos e nada; dez minutos e nada!

— Entendi — disse então, fingindo achar graça e coçando a peruca. —Vejo que aquela vizinha que disse “ai” foi minha imaginação! Vamos voltar ao trabalho.

Mas como estava com muito medo, tentou cantarolar para retomar a coragem.

Nesse meio-tempo, deixou o machado de lado, pegou uma plaina para alisar e polir o pedaço de madeira; mas ao passá-la de cima a baixo, escutou outra vez a vizinha, agora rindo:

— Pare! Você está fazendo cócegas no meu corpo inteiro!

Desta vez, o coitado do mestre Goiaba caiu para trás, duro. Quando abriu os olhos, estava sentado no chão.

Estava tão transfigurado que até seu nariz, quase sempre vermelho, ficou azul-turquesa de medo.

2. MESTRE GOIABA DÁ O PEDAÇO DE MADEIRA PARA SEU AMIGO GEPPETTO, QUE RESOLVE FABRICAR UMA MARAVILHOSA MARIONETE QUE SAIBA DANÇAR, LUTAR ESGRIMA E DAR SALTOS MORTAIS

Naquela altura, bateram na porta.
— Entre, faça o favor — disse o marceneiro, sem forças para se levantar.

Logo entrou na oficina um velhinho muito ágil que se chamava Geppetto. Os garotos da vizinhança, quando queriam provocá-lo e deixá-lo com raiva, o chamavam de Bananinha por causa da sua peruca amarela, que se parecia muitíssimo com uma banana madura.

Geppetto era ranzinza. Experimente chamá-lo de Bananinha! Virava uma fera e não havia como segurá-lo!

— Bom dia, mestre Antonio — cumprimentou Geppetto. — O que faz aí no chão?

— Estou ensinando a tabuada para as formiguinhas.

— Boa sorte!

— O que o trouxe aqui, compadre Geppetto?

— As minhas pernas. Saiba, mestre Antonio, que vim para pedir um favor.

— Estou aqui, pronto para servi-lo — respondeu o carpinteiro, ajoelhando-se.

— Hoje pela manhã me veio uma ideia na cabeça.

— Diga.

— Resolvi fabricar uma bela marionete de madeira: mas uma maravilhosa, que dance, lute esgrima e dê saltos mortais. Com ela, quero girar o mundo e arrecadar um bom pedaço de pão e um copo de vinho. Que tal?

— Muito bem, Bananinha — gritou a mesma vozinha, sem que ninguém soubesse de onde.

O compadre Geppetto, ao ouvir aquele apelido, de tanta raiva ficou vermelho feito pimentão e disse furioso ao marceneiro:

— Por que me ofendeu?

— Quem o ofendeu?

— Você me chamou de Bananinha!

— Não fui eu.

— Não? Será que fui eu mesmo? Mas acho que foi você.

— Não fui!

— Foi, sim!

— Não fui!

— Foi, sim!

Cada vez mais alterados, passaram das palavras aos fatos e, atracando-se, se arranharam, se morderam e se chutaram.

Terminado o combate, mestre Antonio estava com a peruca amarela de Geppetto nas mãos, e Geppetto percebeu que estava com a peruca grisalha do marceneiro entre seus dentes.

— Devolva a minha peruca! — gritou mestre Antonio.

— E você, devolva a minha, e aí fazemos as pazes.

Já em posse de suas respectivas perucas, os dois velhinhos apertaram as mãos e juraram ser bons amigos pelo resto da vida.

— Então, compadre Geppetto — disse o marceneiro em sinal de paz —, qual é o favor que quer de mim?

— Queria um pouco de madeira para fabricar a minha marionete. Você me dá?

Mestre Antonio, todo contente, foi logo pegar sobre a bancada aquele pedaço de madeira que lhe causou tanto medo. Mas antes de ser entregue ao amigo, o pedaço de madeira lhe deu um safanão e escapou com violência de suas mãos. Foi bater com força nas canelas fininhas do pobre Geppetto.

— Ai! É com essa elegância que se dá um presente, mestre Antonio? Quase me aleijou...

— Juro que não fui eu!

— Então fui eu...

— A culpa toda é desta madeira...

— Eu sei que é da madeira, mas quem a jogou nas minhas canelas foi você!

— Eu não joguei!

— Mentiroso!

— Geppetto, não me ofenda. Eu nunca chamo você de Bananinha!

— Asno!

— Bananinha!

— Pateta!

— Bananinha!

— Macaco velho!

— Bananinha!

Ao ser chamado de Bananinha pela terceira vez, Geppetto perdeu a cabeça, avançou sobre o marceneiro e, novamente, partiram para a briga.

Quando a luta terminou, mestre Antonio tinha dois arranhões a mais no nariz, e o outro, dois botões a menos no colete. Estando, assim, quites, apertaram as mãos e juraram ser bons amigos pelo resto da vida.

Finalmente, Geppetto pegou o seu bom pedaço de madeira, agradeceu ao mestre Antonio e voltou mancando para casa.

3. GEPETTO, AO VOLTAR PARA CASA, COMEÇA A FABRICAR A MARIONETE E LHE DÁ O NOME DE PINOCCHIO; AS PRIMEIRAS MOLECAGENS DA MARIONETE

A casa de Geppetto era uma salinha térrea na qual entrava luz pelo vão debaixo da escada. A mobília não poderia ser mais simples: uma cadeira bamba, uma cama meio ruim de dormir e uma mesinha toda capenga. Na parede do fundo havia uma lareira com o fogo aceso, mas o fogo era uma pintura, e ao lado estava pintada uma panela que fervia alegremente e expelia uma nuvem de fumaça que parecia de verdade.

Assim que entrou em casa, Geppetto logo pegou as ferramentas e pôs-se a entalhar o seu boneco de pau.

— Que nome darei a ele? — disse a si mesmo. — Vou chamá-lo de Pinocchio. Esse nome lhe dará sorte. Conheci uma família inteira de Pinocchios. O pai Pinocchio, a mãe Pinocchia e os garotos Pinocchinhos. Todos estavam muito bem de vida: o mais rico deles pedia esmola.

Definido o nome de sua marionete, começou a trabalhar duro e imediatamente fez o cabelo, depois a frente e então os olhos.

Imaginem seu espanto quando percebeu que os olhos se mexiam e olhavam diretamente para ele.

Geppetto, ao ser encarado por aqueles dois olhos de madeira, ficou um tanto ofendido e perguntou:

— Olhões de madeira, por que me olham assim?

Ninguém respondeu.

Então, depois dos olhos, fez o nariz. Nem bem terminado, o nariz começou a crescer: e cresceu, e cresceu, e cresceu. Em poucos minutos já era um narigão que não terminava nunca.

O pobre Geppetto se matava de entalhá-lo de novo, mas quanto mais o desbastava e o cortava, mais comprido ficava o nariz impertinente.

Depois do nariz, fez a boca.

A boca ainda não estava finalizada quando começou a rir e a provocar.

— Pare de rir! — irritou-se Geppetto, mas foi como se falasse com as paredes. — Pare de rir, repito! — gritou então com voz ameaçadora.

A boca parou de rir, mas mostrou a língua.

Geppetto, para não perder a paciência, fingiu não ter visto e continuou a trabalhar. Depois da boca fez o queixo, depois o pescoço, as costas, a barriga, os braços e as mãos.

Assim que terminou as mãos, Geppetto sentiu sua peruca sendo arrancada de sua cabeça. Olhou para cima e o que viu? A peruca amarela nas mãos da marionete.

— Pinocchio... devolva imediatamente a minha peruca!

Mas o Pinocchio, em vez de entregar a peruca, a colocou em sua própria cabeça, quase sufocando-se com ela.

Geppetto ficou aflito e melancólico como nunca na vida diante daquele comportamento insolente. Encarou o Pinocchio e disse:

— Ô filho levado! Ainda nem está terminado e já falta com o respeito ao seu pai! Mau, meu garoto, muito mau!

E enxugou uma lágrima.

Faltava fazer as pernas e os pés.

Quando terminou os pés, estes chutaram Geppetto na ponta do nariz.

— Eu mereço — disse a si mesmo. — Devia ter pensado melhor antes... Agora é tarde.

Então colocou a marionete no chão, para que ela andasse pela sala.

As pernas do Pinocchio ainda estavam muito rijas e ele não conseguia se movimentar, por isso Geppetto o levava pela mão para que aprendesse a dar um passo após outro.

Quando as pernas amaciaram, o Pinocchio começou a andar sozinho e a correr pela sala, até que saiu pela porta da casa e fugiu para a rua.

O coitado do Geppetto o seguiu sem conseguir alcançá-lo — o malandrinho do Pinocchio pulava como um

coelho, seus pés de madeira batiam no pavimento e faziam um estrépito como se vinte pares de tamancos pisassem ao mesmo tempo.

— Pega! Pega! — gritava Geppetto; mas as pessoas na rua, ao verem o boneco de madeira que corria como um animal selvagem, paravam encantadas pela cena difícil de acreditar; e riam, e riam, e riam.

No final das contas, um guarda ouviu toda aquela barulheira e pensou que era um potro dando coices no patrão, e a passos largos correu até o meio da rua, decidido a impedir que o caso tomasse maiores dimensões.

Pinocchio, ao avistar o guarda que bloqueava a rua ao longe, teve a grande ideia de surpreendê-lo e passar por baixo de suas pernas; o que não deu muito certo.

O guarda, sem se mover nem um tiquinho, agarrou o boneco com toda a gentileza pelo nariz (era um narigão enorme, perfeito para ser apanhado por guardas) e entregou-o a Geppetto que, para ser sincero, queria mesmo era dar um bom puxão de orelha nele. Mas imaginem como Geppetto ficou quando, ao procurar pelas orelhas, não as encontrou. Sabem por quê? Na ânsia de esculpi-lo logo, esqueceu-se completamente delas.

Então, pegou-o pela nuca e disse, balançando a cabeça ameaçadoramente enquanto o levava:

— Vamos já para casa. Quando chegarmos, não tenha dúvidas de que acertaremos as contas!

O Pinocchio, com essa ameaça, jogou-se no chão e não quis mais caminhar. Enquanto isso, curiosos começavam a se aglomerar ao redor deles.

Alguns diziam uma coisa, outros discordavam.

— Coitadinho do boneco! — comentavam alguns. — Tem razão em não querer voltar para casa. Vai saber que surra aquele homenzarrão do Geppetto vai lhe dar!

E outros acrescentavam com maldade:

— Aquele Geppetto parece um cavalheiro, mas é um verdadeiro tirano com os garotos! Se o deixam com aquela pobre marionete, é bem capaz de fazer picadinho dela.

No final das contas, tanto falaram e tanto fizeram que o guarda libertou o Pinocchio e levou preso o pobre homem; que, naquele exato momento, não tinha argumentos para se defender, chorava como um bezerrinho e, a caminho da cadeia, murmurava soluçando:

— Que filho danado! E pensar que penei tanto para construir uma marionete bonitinha... Mas tenho que engolir essa. Devia ter pensado melhor antes...

O que aconteceu depois é uma história tão estranha, que é quase impossível de se imaginar. Vou contar nos próximos capítulos.

4. A HISTÓRIA DO PINOCCHIO COM O GRILO FALANTE, ONDE SE VÊ COMO OS GAROTOS MALVADOS FICAM COM RAIVA DE SEREM CORRIGIDOS POR AQUELES QUE SABEM MAIS

Agora eu conto, crianças, que, enquanto o coitado do Geppetto era levado para a prisão sem ter cometido nenhum crime, o pestinha do Pinocchio, livre das garras do guarda, bateu pernas na direção do campo para chegar em casa o quanto antes. Na pressa, saltava pelos morros altíssimos, cercas de espinheiros e fossos cheios de água, do mesmo jeito que faria um cabrito ou um coelhinho perseguido por caçadores.

Ao chegar na frente de casa encontrou a porta só encostada. Empurrou-a, entrou e, logo que passou o trinco, estatelou-se sentado no chão, com um grande suspiro de contentamento.

Aquela alegria, no entanto, durou pouco, pois escutou alguém na sala:

— *Cri-cri-cri!*

— Quem está me chamando? — perguntou o Pinocchio, tremendo de medo.

— Sou eu!

O Pinocchio virou-se e viu um grande grilo no alto da parede.

— Diga, grilo, quem é você?

— Eu sou o Grilo Falante e moro nesta sala há mais de cem anos.

— Hoje, porém, esta sala é minha — disse o boneco —, e se quer me fazer um grande favor, vá embora rapidinho sem nem olhar para trás.

— Eu não vou embora daqui — respondeu o Grilo — sem antes dizer umas verdades a você.

— Diga logo, então!

— Ai dos garotos que se rebelam contra os pais e que deixam a casa da família por capricho. Nunca terão nada de bom neste mundo, e cedo ou tarde se arrependerão amargamente.

— Vá cantando, seu Grilo, do jeito que achar melhor, mas saiba que amanhã cedinho quero ir embora daqui porque, se ficar, acontecerá comigo o que acontece com as outras crianças, ou seja, vão me mandar para a escola e, querendo ou não, terei de estudar. Vou te contar um segredo: não tenho a mínima vontade de estudar, divirto-me mais correndo atrás de borboletas e trepando nas árvores para pegar passarinhos no ninho.

— Que bobinho, coitado! Mas você não sabe que, se fizer isso, quando crescer acabará se tornando um belo pateta, e que todos zombarão de você?

— Cale a boca, grilão agourento! — gritou o Pinocchio.

Mas o Grilo, que era paciente e filósofo, ignorou a impertinência e continuou com o mesmo tom de voz:

— E se não lhe cai bem isso de ir à escola, por que pelo menos não aprende um ofício para ganhar a vida honestamente?

— Quer que eu diga? — respondeu o Pinocchio, que começava a perder a paciência. — Entre as profissões do mundo, só tem mesmo uma de que eu gosto.

— E qual seria essa profissão?

— Comer, beber, dormir, me divertir e vagabundear o dia todo.

— Entenda uma coisa — continuou o Grilo Falante com sua calma habitual. — Quase todos os que têm essa profissão terminam no hospital ou na prisão.

— Cuidado, grilão agourento! Se me deixar zangado, vai ver só!

— Pobre Pinocchio. Tenho dó de você.

— Por que tem dó de mim?

— Porque você é um boneco de pau e, o que é ainda pior, tem a cabeça dura.

Ao ouvir essas últimas palavras, o Pinocchio saltou enfurecido, pegou no banco um martelo de madeira e o atirou no Grilo Falante.

Talvez não acreditasse que pudesse acertá-lo, mas por azar atingiu-o bem na cabeça, tanto que o pobre Grilo teve

fôlego apenas para um último *cri-cri-cri* e depois ficou lá, esborrachado e grudado na parede.

5. O PINOCCHIO TEM FOME E PROCURA UM OVO PARA FAZER UMA OMELETE, MAS LOGO A OMELETE VOA PELA JANELA

Já começava a anoitecer e o Pinocchio, lembrando-se de que não tinha comido nada, sentiu um vazio no estômago que se parecia muitíssimo com apetite.

Mas o apetite dos garotos avança rápido e, após poucos minutos, o apetite virou fome, e a fome, em um piscar de olhos, transformou-se em uma fome de leão, enorme.

O coitado do Pinocchio correu para o fogão onde uma panela fumegava e tentou abrir a tampa para ver o que tinha, mas era uma pintura na parede. Imaginem como ele ficou! Seu nariz, que já era comprido, cresceu pelo menos mais quatro dedos.

Então correu pela sala e vasculhou todas as gavetas e armários em busca de um pouco de pão, mesmo velho ou apenas uma casca, um osso guardado para os cachorros, um pouco de polenta mofada, uma espinha de peixe, um caroço de cereja, o que fosse, qualquer coisa para mastigar. Não encontrou nada, nada de nada.

Enquanto isso, sua fome aumentava cada vez mais. O coitado não tinha outro alívio além de bocejar, e bocejava tão longamente que algumas vezes sua boca chegava até as orelhas. Depois cuspiam e sentiam que seu estômago saía pela goela.

Então, chorando e desesperado, disse:

— O Grilo Falante tinha razão. Fiz mal em me rebelar contra o meu pai e fugir de casa. Se o meu pai estivesse aqui agora, eu não estaria morrendo de tanto bocejar! Que doença ruim é a fome!

Foi quando viu, no monte de lixo, uma coisa redonda e branca que se parecia muitíssimo com um ovo de galinha. Levantou-se e saltou em um só movimento: realmente era um ovo.

Impossível descrever a alegria do boneco, vocês terão de imaginar. Achando que fosse um sonho, rolava o ovo entre as mãos, o acariciava e beijava. E, ao mesmo tempo, dizia:

— E agora, como vou cozinhá-lo? Faço uma omelete? Não, é melhor cozido! Ou... ficaria mais saboroso frito na panela? Ou se, em vez disso, eu só o esquentasse para comê-lo mole? Não, a maneira mais rápida de todas é cozinhar ou fritar na frigideira de barro. Não me aguento de fome!

Assim, pôs uma frigideira de cerâmica sobre o fogareiro cheio de brasas. Na frigideira, em vez de azeite ou de manteiga, pôs um pouco de água; quando começou a

ferver, *tuc!*, quebrou a casca do ovo para despejá-lo dentro.

Mas em vez da clara e da gema, da casca saiu um pintinho, todo alegre e gentil. Fez uma bela reverência e disse:

— Muito obrigado, senhor Pinocchio, por ter me livrado da canseira de quebrar a casca! Adeusinho, fique bem e saudações em casa!

Dito isso, despegou as asas, passou pela janela aberta e voou a perder de vista.

O pobre boneco ficou lá, como que enfeitiçado, com o olhar fixo, a boca aberta e com a casca do ovo na mão. Quando se recuperou do espanto, começou a chorar, aos gritos, batendo o pé no chão de desespero.

— Olha que o Grilo Falante tinha razão! Se eu não tivesse fugido de casa e se o meu pai estivesse aqui, agora eu não estaria morrendo de fome. Caramba, que doença ruim é a fome!

E como sua barriga continuava a roncar ainda mais e não sabia como acalmá-la, inventou de sair de casa e ir até a vila vizinha, na esperança de que alguma alma caridosa lhe desse um pouco de pão.

6. O PINOCCHIO CAI NO SONO COM OS PÉS SOBRE O FOGAREIRO E, NA MANHÃ SEGUINTE, ACORDA COM OS PÉS EM CINZAS

Era uma noite infernal. Trovejava muito forte, relampejava como se o céu estivesse em chamas, e uma ventania fria, em rajadas, assobiava raivosamente, levantando uma densa nuvem de poeira que fazia chiar e ranger todas as árvores do campo.

O Pinocchio tinha muito medo de trovões e de raios, mas sua fome era maior. Foi assim que saiu pela porta da casa e com uma centena de saltos chegou até a vila, com a língua pendurada e sem fôlego como um grande sabujo.

Tudo estava escuro e deserto. As portas e janelas das lojas e casas estavam todas fechadas. Na rua, nem mesmo um cachorro. Parecia a vila dos mortos.

O Pinocchio, tomado pela fome e pelo desespero, foi a uma das casas e começou a tocar a campainha sem parar, dizendo a si mesmo que alguém apareceria.

De fato, atendeu um velho com sua touca de dormir, que gritou zangado:

- O que quer a esta hora?
- Que me fiça o favor de me dar um pouco de... pão?

— Espere aí que volto já — respondeu o velhinho, achando se tratar de um daqueles garotos que tocam campainhas à noite para se divertirem, incomodando o sono tranquilo das pessoas decentes

Após meio minuto, a janela se abriu de novo, e o mesmo velhinho gritou:

— Fique aí embaixo e tire o chapéu.

O Pinocchio, que ainda não tinha um chapéu, se aproximou e sentiu cair sobre si uma abundante baldada de água, que o encharcou da cabeça aos pés, como se fosse um vaso de gerânio ressecado.

Voltou para casa molhado como um pintinho e esgotado pelo cansaço e pela fome. Sem mais forças para se manter em pé, sentou-se e apoiou os pés ensopados e enlameados sobre o fogareiro aceso.

Pegou no sono ali mesmo. Enquanto dormia, seus pés, que eram de madeira, pegaram fogo e, devagarzinho, pouco a pouco, foram consumidos pelas chamas e viraram cinzas.

O Pinocchio continuou a dormir e a roncar como se seus pés pertencessem a outra pessoa. Finalmente, ao raiar do dia, acordou com alguém batendo na porta.

— Quem é? — perguntou bocejando e esfregando os olhos.

— Sou eu! — respondeu uma voz.

Era Geppetto.

7. O POBRE GEPETTO VOLTA PARA CASA E DÁ PARA A MARIONETE O CAFÉ DA MANHÃ QUE HAVIA TRAZIDO PARA SI

O coitado do Pinocchio, ainda meio sonolento, não tinha percebido seus pés queimados. Logo que ouviu a voz de seu pai, pulou do banquinho para abrir o trinco, mas, depois de duas ou três cambalhotas tombou estatelado no chão.

Ao cair, fez o mesmo barulho que um saco cheio de colheres jogado do quinto andar.

— Abra para mim! — gritou Gepetto da rua.

— Paizinho querido, não consigo... — respondeu o boneco, chorando e rolando pelo chão.

— Por que não consegue?

— Porque comeram os meus pés.

— E quem comeu?

— O gato — disse o Pinocchio, ao ver que o felino se divertia batendo com as patinhas nos tocos de madeira.

— Abra já! Obedeça! — repetiu o Gepetto. — Senão, quando entrar em casa, eu é que faço você de gato e sapato.

— Não consigo ficar de pé, acredite em mim. Ó, pobre de mim, pobre de mim, que serei forçado a andar de joelhos pelo resto da vida.

Geppetto, achando que aquele chororô fosse mais uma travessura da marionete, resolveu acabar logo com aquilo e, trepando no muro, entrou pela janela.

No começo, tinha a intenção de cumprir sua ameaça, mas ao ver o seu Pinocchio estirado no chão e, de fato, sem pés, sentiu uma grande ternura. Pegou-o de imediato no colo e começou a beijá-lo, fazendo mil carícias e elogios e, com um mar de lágrimas que rolavam pelo rosto, disse, entre soluços:

— Meu pequeno Pinocchio! Como fez para queimar os pés desse jeito?

— Não sei, pai, mas saiba que foi uma noite dos infernos e nunca mais na vida vou me esquecer. Trovejava, relampejava e eu estava com muita fome, e então o Grilo Falante me disse: “Caiu feito uma luva: você foi mau, e mereceu.” E eu disse: “Veja lá, Grilo...!” E ele me disse: “Você é uma marionete de madeira e tem a cabeça dura!” E eu atirei nele um martelo, e ele morreu, mas a culpa foi dele porque eu não queria matá-lo, tenho provas. Então eu pus uma frigideira sobre as brasas do fogareiro, mas o pintinho fugiu e disse: “Adeusinho, e saudações em casa!” E a fome continuou a aumentar, motivo pelo qual o velhinho com a touca de dormir se debruçou na janela e disse: “Fique aí embaixo e tire o chapéu.” E eu, com aquela

baldada de água na cabeça (porque pedir um pouco de pão não é vergonha, não é verdade?), voltei na hora para casa, e como tinha cada vez mais fome, pus os pés sobre o fogareiro para me secar, e o senhor chegou e me encontrou queimado e até agora continuo com fome... e não tenho mais pés! *Xii, xii, xii, xiiii!*

O pobre Pinocchio chorava e berrava tão alto que dava para escutar a cinco quilômetros dali.

Geppetto, que de toda aquela história confusa tinha entendido só uma coisa, isto é, que o boneco estava morrendo de fome, tirou três peras do bolso e lhe entregou:

— Estas três peras seriam o meu café da manhã, mas te dou com toda a boa vontade. Coma, e bom apetite!

— Se quer que eu coma, faça o favor de descascar.

— Descascar? — admirou-se Geppetto. — Não dá para acreditar, meu pequeno, que você faça tanto bico e seja assim tão exigente. Que triste! Neste mundo, desde criança precisamos nos acostumar a provar e a comer de tudo, porque nunca se sabe o que pode acontecer. São tantos os casos...

— O senhor pode até estar certo — interrompeu o Pinocchio —, mas eu jamais comerei uma fruta que não esteja descascada. Não suporto as cascas.

E aquele bom homem pegou um canivete e, com uma santa paciência, descascou as três peras e pôs as cascas em um cantinho da mesa.

Após duas abocanhadas, o Pinocchio comeu a primeira pera e ameaçou jogar fora o caroço, mas Geppetto agarrou seu braço dizendo:

— Não jogue fora. Tudo neste mundo pode servir para alguma coisa.

— Mas o caroço e o cabinho eu não como de jeito nenhum! — gritou o boneco, agitado como uma vespa.

— Quem sabe! São tantos os casos... — repetiu Geppetto, sem esquentar a cabeça.

No fim das contas, os três caroços, em vez de serem jogados pela janela, foram postos no canto da mesa junto às cascas.

Quando terminou de comer, ou melhor, de devorar as três peras, o Pinocchio soltou um grande bocejo e choramingou:

— Quero mais alguma coisa!

— Mas, garoto, eu não tenho mais nada para te dar.

— Nada, nadinha mesmo?

— Tenho só estas cascas e estes caroços de pera.

— Paciência! — disse o Pinocchio. — Se não tem mais nada, vou comer uma casquinha.

E começou a mastigar. No começo, entortou um pouco a boca, mas em um instante acabou com todas as cascas, uma atrás da outra. Depois, engoliu até os caroços.

Quando terminou de comer tudo, bateu as mãos sobre a barriga todo contente e disse, satisfeito:

— Agora sim, estou bem!

— Veja, então — observou o Geppetto —, que eu tinha razão quando disse que não é bom ter um paladar tão exigente ou sofisticado. Meu querido, nunca se sabe o que poderá acontecer neste mundo. São tantos os casos...

8. GEPETTO FAZ NOVOS PÉS PARA O PINOCCHIO E VENDE SEU PRÓPRIO CASACO PARA COMPRAR UMA CARTILHA

Assim que matou a fome, o boneco de madeira começou a resmungar e a chorar porque queria um par de pés novos.

Mas Geppetto, como castigo por suas macaquices, deixou que chorasse e se desesperasse a manhã inteira, até que disse:

— E por que deveria eu fazer outra vez os seus pés? Para você fugir de casa de novo?

— Eu prometo — disse a marionete, soluçando — que de hoje em diante serei um bom filho.

— Todos os garotos — respondeu o Geppetto — dizem o mesmo quando querem alguma coisa.

— Prometo que irei à escola e que o senhor terá orgulho de mim.

— Todos os garotos repetem a mesmíssima história quando querem alguma coisa.

— Mas eu não sou como os outros garotos! Eu sou o melhor de todos e digo sempre a verdade. Prometo ao senhor, papai, que aprenderei uma profissão e que serei a consolação e o sustento de sua velhice.

Geppetto, ainda de cara feia, tinha os olhos cheios d'água e o coração inchado de dó ao ver seu Pinocchio naquele estado deplorável. Não respondeu mais nada. Pegou as ferramentas de seu ofício e duas peças de madeira seca e começou a trabalhar com enorme empenho.

Em menos de uma hora, os novos pés estavam prontos. Eram dois pezinhos ágeis, secos e inquietos, que pareciam esculpidos por um artista brilhante.

Então, Geppetto disse à marionete:

— Feche os olhos e durma!

O Pinocchio fechou os olhos e fingiu dormir.

Enquanto o boneco fazia de conta, Geppetto, com um pouco de cola dissolvida dentro de uma casca de ovo, grudou tão bem os dois pés no lugar que não se enxergava a marca da junta.

Mal o boneco percebeu que tinha pés novamente, pulou da mesa onde estava deitado e deu mil saltos mortais, mil cambalhotas, possuído por uma alegria enorme.

— Para compensá-lo por tudo o que fez por mim — disse o Pinocchio ao pai —, quero ir para a escola já.

— Bom garoto!

— Mas para ir à escola, preciso de roupas.

Geppetto, que era pobre e não tinha nem um centavo no bolso, fez então uma roupinha de papel de embrulho, um par de sapatos de cortiça e um bonezinho de miolo de pão.

O Pinocchio logo correu para se olhar em uma bacia cheia de água que fazia as vezes de espelho. Ficou tão contente com sua imagem, que disse, feito um pavão:

— Pareço mesmo um cavalheiro rico!

— Realmente — replicou o Geppetto —, porque, ponha na cabeça: não é uma roupa bonita que faz um cavalheiro, mas uma roupa limpa.

— A propósito — acrescentou a marionete —, para ir à escola, falta ainda uma coisa. Aliás, falta ainda o melhor.

— O que seria?

— Falta a cartilha.

— Tem razão. Mas como se faz para conseguir uma?

— É muito fácil: vamos à livraria e compramos.

— E o dinheiro?

— Eu não tenho.

— Nem eu — emendou o bom velho, melancólico.

E o Pinocchio, mesmo sendo um garoto muito feliz, ficou também melancólico, pois a miséria, quando é de verdade, é compreendida até pelas crianças.

— Paciência! — gritou o Geppetto de um fôlego só, ficando em pé. Vestiu seu velho casaco de fustão, cheio de apliques e remendos, e saiu apressado de casa.

Voltou pouco depois. Trazia nas mãos a cartilha para o filhinho, mas já não vestia o seu casaco. O pobre homem estava em mangas de camisa, e lá fora nevava.

— E o casaco, papai?

— Eu vendi.

— Por que vendeu?

— Porque eu estava com calor.

O Pinocchio entendeu a resposta e, sem conseguir frear o ímpeto de seu bom coração, pulou no colo de Geppetto e cobriu todo o seu rosto com beijos.

9. O PINOCCHIO VENDE A CARTILHA PARA IR AO TEATRO DE MARIONETES

Quando parou de nevar, o Pinocchio, com a sua fenomenal cartilha nova debaixo do braço, pegou a rua da escola. Enquanto caminhava, sua cabecinha fantasiava mil pensamentos e mil castelos no ar, um mais bonito que o outro.

E conversando consigo mesmo, dizia:

— Hoje, na escola, quero aprender logo a ler. Amanhã aprenderei a escrever. E, depois de amanhã, aprenderei a contar e a calcular. Depois, com a minha habilidade, ganharei muito dinheiro e, com o primeiro dinheiro no bolso, mandarei fazer um belo casaco de lã para o meu pai. Mas o que estou dizendo? De lã? Quero que seja inteiro de prata e de ouro e com os botões de brilhantes. Aquele pobre coitado, com toda certeza, merece. Afinal de contas, para comprar o livro para mim e me instruir, acabou em mangas de camisa... neste frio! Só mesmo os pais são capazes de certos sacrifícios...

Enquanto dizia assim, comovido, ouviu ao longe sons de pífaros e golpes de tambor.

Parou e ficou escutando. A música vinha do fim de uma comprida rua transversal que levava a um pequeno vilarejo à beira mar.

— O que será essa música? É uma pena que eu tenha de ir para a escola, se não...

Ficou ali parado, hesitante. Em todo caso, era necessário tomar uma decisão: ou a escola, ou ouvir os pífaros.

— Hoje vou escutar os pífaros, amanhã vou à escola. Sempre há tempo para estudar — disse finalmente o moleque, dando de ombros.

Dito e feito, meteu-se pela rua transversal e começou a correr a toda. Quanto mais corria, mais claro ficava o som dos pífaros e das batidas de tambor: *pi-pi-piii, pi-pi-piii, pi-pi-piii, tum, tum, tum, tum.*

Chegou a uma praça lotada de gente que se aglomerava ao redor de um grande palco de madeira com uma tela pintada de mil cores.

— O que é essa tenda? — perguntou o Pinocchio a um garotinho que era ali do vilarejo.

— Leia o que está escrito no cartaz e vai saber.

— Eu leria com todo o prazer, mas justo hoje ainda não sei ler.

— Belo burro! Então eu lerei para você. Saiba, então, que naquele cartaz, em letras vermelhas feito fogo, está escrito: *Grande Teatro de Marionetes.*

— Faz tempo que começou a peça?

— Está para começar.

— E quanto é a entrada?

— Quatro moedas de cobre.

O Pinocchio, que tinha a febre da curiosidade, perdeu todos os escrúpulos e, sem se envergonhar, perguntou ao garotinho:

— Você me emprestaria quatro moedas até amanhã?

— Eu daria com todo gosto — respondeu o outro, gozando dele —, mas justamente hoje não posso.

— Por quatro moedas eu vendo a você a minha jaqueta — tentou, então, o boneco.

— O que vou fazer com uma jaqueta de papel estampado? Se chover, não se consegue mais tirá-la.

— Que comprar os meus sapatos?

— São bons para acender o fogo.

— E quanto ao meu boné?

— Realmente, bela compra! Um boné feito de miolo de pão. Talvez os ratos venham comer na minha cabeça!

O Pinocchio estava nervoso. Estava a ponto de fazer uma última oferta, mas não tinha coragem. Hesitou, vacilou, sofreu, e finalmente disse:

— Quer me dar as quatro moedas por esta cartilha nova?

— Eu sou um garoto e não compro nada de outros garotos — respondeu seu pequeno interlocutor, que tinha mais juízo do que ele.

— Por quatro moedas de cobre eu fico com a cartilha — gritou um revendedor de roupas usadas, entrando na conversa.

O livro foi vendido ali mesmo. E pensar que o pobre coitado do Geppetto tinha ficado em casa, tremendo de frio em mangas de camisa, para poder comprar a cartilha para o filho!

10. AS MARIONETES RECONHECEM SEU IRMÃO PINOCCHIO E FAZEM UMA GRANDE FESTA PARA ELE; NO AUGO DA FESTA APARECE O MARIONETISTA COME-FOGO, E O PINOCCHIO CORRE O RISCO DE SE DAR MAL

Quando o Pinocchio entrou no teatrinho de marionetes, aconteceu algo que causou certa comoção.

É preciso saber que as cortinas tinham sido levantadas e a peça já tinha começado.

No palco estavam o Arlequim e o Polichinelo, que discutiam e, como de costume, ameaçavam, de um instante ao outro, trocar um monte de tapas e pauladas.

A atenta plateia morria de tanto rir ao escutar o bate-boca entre aquelas duas marionetes. Elas atuavam e trocavam todo tipo de ofensas de forma tão real que se pareciam com dois animais racionais, duas pessoas.

Foi quando, inesperadamente, no vai-não-vai, o Arlequim parou de recitar e, voltando-se ao público, acenou para alguém no fundo da plateia e berrou em tom dramático:

— Deuses dos céus, estou sonhando ou estou acordado? Mas aquele lá atrás é o Pinocchio...

— Realmente é o Pinocchio! — gritou o Polichinelo.

— É ele mesmo! — estrilou a senhora Rosaura, espiando do fundo do cenário.

— É o Pinocchio! É o Pinocchio! — berraram em coro todas as marionetes, saltando dos bastidores.

— É o Pinocchio! É o nosso irmão Pinocchio! Viva o Pinocchio!

— Pinocchio, venha aqui em cima comigo! — gritou o Arlequim. — Venha entregar-se aos abraços dos seus irmãos de madeira!

Diante de convite tão afetuoso, o Pinocchio deu um salto e, do fundo da plateia, chegou aos assentos da primeira fila. Pulou na cabeça do maestro da orquestra e, dali, para o palco.

É impossível imaginar a quantidade de abraços, apertos, beliscões amigáveis e cabeçadas de sincera fraternidade que o Pinocchio recebeu em meio ao pandemônio de atores daquela companhia teatral infantil.

O espetáculo era comovente, isto é certo, mas o público, ao ver que a encenação não avançava, perdeu a paciência e começou a reclamar aos berros:

— Queremos a peça, queremos a peça!

Fôlego gasto à toa. As marionetes, em vez de retomarem a peça, redobraram o alvoroço e carregaram o Pinocchio triunfalmente sob as luzes da ribalta.

Então apareceu o marionetista, um homenzarrão tão feio que metia medo. Tinha uma barbona preta como

garatujas de nanquim, tão longa que ia até o chão. Basta dizer que pisava nela ao caminhar. A sua boca era larga como um forno e seus olhos pareciam lanternas de vidro vermelho acesas. Nas mãos, estalava um grande chicote feito de serpentes e de rabos de raposa trançados.

Com o aparecimento inesperado do marionetista, todos ficaram mudos e sem respirar. Daria para escutar o voo de uma mosca. Pobres daqueles bonecos e bonecas, tremiam feito folhas.

— Por que veio tumultuar o meu teatro? — perguntou o marionetista ao Pinocchio com um vozeirão rouco de ogro resfriado.

— acredite, ilustríssimo, que a culpa não foi minha...

— Já chega! Hoje à noite ajustaremos as contas.

De fato, terminada a peça, o marionetista foi até a cozinha, onde um belo churrasco de carneiro estava sendo preparado para o jantar, girando lentamente enfiado no espeto. Mas faltava lenha para terminar de dourar a carne, então chamou o Arlequim e o Polichinelo e ordenou:

— Tragam aqui aquele boneco que está pendurado no prego. Parece ser uma marionete feita de madeira muito seca, e tenho certeza de que, se eu o colocar no fogo, vai render uma bela chama para o assado.

Arlequim e Polichinelo, logo de cara, hesitaram, mas com um medo danado do olhar feio do patrão, obedeceram; em seguida, voltaram à cozinha carregando o

coitado do Pinocchio que, contorcendo-se como uma enguia fora d'água, gritava desesperado:

— Ai, meu pai, me salve! Não quero morrer, nããão, não quero morrer!

11. COME-FOGO ESPIRRA E PERDOA O PINOCCHIO, QUE DEPOIS DEFENDE O SEU AMIGO ARLEQUIM DA MORTE

Afirmo que o marionetista Come-Fogo (este era o seu nome) parecia amedrontador, especialmente com aquela sua barbona preta que cobria todo o seu peito e as pernas como um avental, mas bem no fundo não era um homem mau. Como prova disto, ao ver o Pinocchio diante de si, se debatendo e berrando “Não quero morrer, não quero morrer!”, logo se comoveu. Manteve-se impassível por algum tempo, até que não aguentou mais e espirrou com um grande estrondo.

Com aquele espirro, o Arlequim, até então aflito e curvado como um salgueiro-chorão, ficou todo alegre e, inclinando-se para o Pinocchio, cochichou:

— Boas novas, irmão! O marionetista espirrou, este é seu sinal de compaixão. Você está salvo.

É preciso saber que, ao contrário das outras pessoas, que quando se compadecem de alguém, choram ou pelo menos fingem enxugar os olhos, o Come-Fogo, quando se enternecia de verdade, tinha o hábito de espirrar. Era uma maneira, como qualquer outra, de perceberem que era sensível.

Depois de espirrar, o marionetista, dando uma de sisudo, gritou com o Pinocchio:

— Pare de chorar! Os seus lamentos me deram um vazio aqui no fundo do estômago... Sinto um arrebatamento, quase como... *atchim, atchim!* — e espirrou mais duas vezes.

— Saúde! — disse o Pinocchio.

— Obrigado. O seu pai e a sua mãe estão vivos? — perguntou o Come-Fogo.

— O meu pai, sim, mas nunca conheci a minha mãe.

— Que grande tristeza seria para o seu velho pai se eu agora o jogasse nas brasas ardentes... Coitado do velho, tenho pena dele... *atchim, atchim, atchiiim.*

— Saúde! — disse o Pinocchio.

— Obrigado. Afinal de contas, é preciso ter dó também de mim, pois, como vê, não tenho mais lenha para terminar de assar aquele carneiro. E você seria, para dizer a verdade, de grande utilidade! Mas, enfim, fiquei com pena, e é preciso ter paciência. Em vez de você, vou pôr no fogo embaixo do espeto algum outro boneco de pau da minha companhia teatral. Ei, guardas!

A este comando, apareceram dois policiais militares de madeira, muito altos e magros, com chapéus de duas pontas e espada nas mãos.

Então o marionetista, com a voz lastimosa, disse a eles:

— Peguem aquele Arlequim, amarrem bem e depois o joguem no fogo. Eu quero que o meu carneiro fique bem assado!

Imaginem o coitado do Arlequim! Foi tamanho o susto, que suas pernas se encolheram e ele caiu de cara no chão.

O Pinocchio, assistindo àquele espetáculo angustiante, jogou-se aos pés do marionetista e, afogando-se em lágrimas que molharam toda a barba longuíssima, suplicou:

— Piedade, senhor Come-Fogo...

— Aqui não há nenhum senhor — respondeu duramente o marionetista.

— Piedade, senhor cavaleiro...

— Aqui não há nenhum cavaleiro.

— Piedade, senhor comendador...

— Aqui não há nenhum comendador!

— Piedade, Excelência...

Ao ser chamado por tão nobre título, o marionetista sorriu levemente e, subitamente mais humano e cortês, disse ao Pinocchio:

— Bom, o que quer de mim?

— Peça ao senhor que tenha misericórdia do coitado do Arlequim!

— Aqui não há misericórdia. Se poupei você, então é necessário colocar outro no fogo, pois eu quero que o meu carneiro fique bem assado.

— Nesse caso... — exclamou bravamente o Pinocchio, tremendo todo e jogando longe o seu boné de miolo de pão. — Nesse caso, sei qual é o meu dever. Avante, senhores guardas! Amarrem-me e joguem-me nas chamas. Não, não está certo o pobre Arlequim, um verdadeiro amigo meu, morrer no meu lugar!

Tais palavras, pronunciadas com um tom heroico, fizeram com que todas as marionetes presentes chorassem. Mesmo os guardas, ainda que fossem feitos de madeira, choravam feito cordeirinhos.

O Come-Fogo, no início, permaneceu duro e imóvel como um cubo de gelo. Mas depois, lentamente, também se comoveu e começou a espirrar. Após quatro ou cinco espirros, abriu afetuosamente os braços e disse ao Pinocchio:

— Você é um ótimo garoto! Venha até aqui e me dê um beijo.

O Pinocchio correu e, trepando como um esquilo pela barba do marionetista, deu um grande beijo na ponta do seu nariz.

— Pois então, o perdão foi concedido? — perguntou o pobre Arlequim com um fio de voz que mal se escutava.

— O perdão foi concedido! — respondeu o Come-Fogo. Depois acrescentou, suspirando e balançando a cabeça: — Paciência! Esta noite vou me contentar em comer o carneiro meio cru, mas, da próxima vez, vamos ver quem estará em apuros...

Com a notícia da clemência concedida, todas as marionetes correram para o palco e, uma vez acesas as luzes e os holofotes como em noite de gala, começaram a dar saltos e a dançar.

Já estava de dia, e eles ainda dançavam...

12. O MARIONETISTA COME-FOGO DÁ CINCO MOEDAS DE OURO DE PRESENTE AO PINOCCHIO PARA QUE LEVE AO SEU PAI, GEPPETTO; O PINOCCHIO, NO ENTANTO, CAI NA LÁBIA DA RAPOSA E DO GATO

No dia seguinte, o Come-Fogo chamou o Pinocchio de lado e perguntou:

— Como se chama o seu pai?

— Geppetto.

— Qual é a profissão dele?

— É pobre.

— Ganha muito?

— Ganha o necessário para não ter nunca um centavo no bolso. Imagine que para comprar a cartilha da escola para mim, teve de vender o único casaco que tinha: um casaco que, entre apliques e remendos, era um flagelo só.

— Pobre diabo! Quase me dá dó. Tome cinco moedas de ouro. Vá levar para ele imediatamente, e mande saudações de minha parte.

Como é fácil de se imaginar, o Pinocchio agradeceu mil vezes ao marionetista. Abraçou, uma por uma, as marionetes da companhia, inclusive os guardas e, fora de si

de tão contente, pôs o pé na estrada para voltar para casa.

Mas não tinha percorrido nem um quilômetro quando encontrou uma Raposa manca e um Gato cego dos dois olhos que perambulavam por ali, ajudando um ao outro, bons companheiros de desventura. A Raposa, que era aleijada, andava apoiando-se no Gato; e o Gato, que era cego, deixava-se guiar pela Raposa.

— Bom dia, Pinocchio — cumprimentou educadamente a Raposa.

— Como sabe o meu nome? — perguntou o boneco.

— Conheço bem o seu pai.

— De onde?

— Eu o encontrei ontem na porta da sua casa.

— E o que ele estava fazendo?

— Estava em mangas de camisa e tremia de frio.

— Coitado do meu pai! Mas se Deus quiser, de hoje em diante não tremerá mais!

— Por quê?

— Porque eu me tornei um grande e rico cavalheiro.

— Um grande cavalheiro, você? — riu a Raposa, malcriada e zombeteira. O Gato também ria, mas para disfarçar, alisava os bigodes com as patas da frente.

— Não há nada do que rir — gritou o Pinocchio ressentido. — Sinto muito fazer vocês ficarem com água na boca, mas saibam que estas aqui são cinco lindas moedas de ouro.

E mostrou as moedas recebidas como presente do Come-Fogo.

Com o simpático som daquelas moedas, a Raposa, em um ato reflexo, estendeu a pata aparentemente machucada, e o Gato esbugalhou seus dois olhos que pareciam lanternas verdes, mas os fechou tão rápido que o Pinocchio nem percebeu.

— E então — perguntou a Raposa —, o que vai fazer com essas moedas?

— Antes de mais nada — respondeu o boneco de madeira —, quero comprar um belo casaco novo para o meu pai, inteirinho de ouro e prata e com os botões de brilhantes. Em seguida, vou comprar uma cartilha para mim.

— Para você?

— Claro, porque quero ir para a escola e estudar muito.

— Olhe para mim! — disse a Raposa. — Por causa da paixão besta por estudar, perdi uma pata.

— Olhe para mim! — disse o Gato. — Por causa da paixão besta por estudar, perdi a vista dos dois olhos.

Naquele momento, um melro branco que estava empoleirado na cerca-viva da estrada cantou:

— Pinocchio, não dê trela para os conselhos dessas más companhias, senão vai se arrepender!

Coitado do melro, antes não tivesse dito nada! O Gato, com um grande salto, pulou nas costas dele e, sem nem dar

chance do pássaro dizer “ai”, devorou-o de uma só vez, com penas e tudo.

Quando terminou de comer e limpar a boca, fechou os olhos de novo e voltou a se fingir de cego.

— Pobre melro! — disse o Pinocchio ao Gato — Por que você o tratou tão mal assim?

— Fiz isso para dar uma lição nele. Da próxima vez aprenderá a não se meter na conversa dos outros.

Tinham chegado até mais da metade do caminho quando a Raposa, estancando sem mais nem menos, disse à marionete:

— Você quer duplicar as suas moedas de ouro?

— E como faria isso?

— Você quer transformar essas cinco míseras moedas em cem, mil, duas mil?

— Quisera eu! Mas como?

— É muito fácil. Em vez de voltar para casa, deveria vir conosco.

— E aonde querem me levar?

— Na Vila das Toupeiras.

O Pinocchio pensou um pouco e depois disse, decidido:

— Não, não quero ir. Enfim, já estou perto e quero ir para casa, pois o meu pai me espera. O pobre velho deve ter ficado muito aflito ontem quando não voltei.

Infelizmente, fui um filho rebelde, e o Grilo Falante tinha razão quando disse: “Os garotos desobedientes não têm

vez neste mundo”. E eu tive o gostinho às minhas próprias custas, porque me aconteceram muitas desgraças e, ainda ontem à noite, na casa do Come-Fogo, corri perigo... *brrrr!* Só de pensar, já fico todo arrepiado!

— Pois bem — disse a Raposa. — Quer mesmo ir para casa? Então vá, pior para você.

— Pior para você! — repetiu o Gato.

— Pense bem, Pinocchio, porque você vai dar um chute na sorte grande.

— Na sorte grande! — repetiu o Gato.

— De hoje para amanhã, as tuas cinco moedas se transformariam em duas mil.

— Duas mil! — repetiu o Gato.

— Mas como é possível que se transformem em tantas? — perguntou o Pinocchio, atônito e de boca aberta.

— Eu explico — disse a Raposa. — Sabia que na Vila das Toupeiras há um campo abençoado, chamado por todos de Campo dos Milagres? Nesse campo, basta fazer um pequeno buraco e enterrar, por exemplo, uma moeda de ouro. Em seguida, tape o buraco, regue com dois jarros de água da fonte, espalhe por cima uma pitada de sal e vá dormir tranquilo. Enquanto isso, durante a noite, a moeda germinará e florescerá. Na manhã seguinte, ao voltar para o campo, o que vai encontrar? Uma bela árvore carregada com muitíssimas moedas de ouro, como se fosse uma bela espiga cheia de grãos em pleno verão.

— De modo que, então — perguntou o Pinocchio, cada vez mais atordoado —, se eu enterrasse no campo as minhas cinco moedas de ouro, quantas teria no dia seguinte?

— É uma conta muito fácil — respondeu a Raposa —, um cálculo que você pode fazer na ponta dos dedos. Digamos que cada moeda de ouro produza uma penca com quinhentas moedas de ouro. É só multiplicar quinhentos por cinco. Na manhã seguinte você terá no bolso duas mil e quinhentas moedas de ouro tilintando.

— Ah, que coisa boa! — gritou o Pinocchio, pulando de alegria. — Logo que colher essas moedas de ouro, pego duas mil para mim e as outras quinhentas dou com prazer a vocês dois.

— Um presente para nós?! — exclamou a Raposa, desdenhando e fazendo-se de ofendida. — Deus nos livre!

— ...nos livre! — repetiu o Gato.

— Nós não agimos por interesse — retomou a Raposa. — Fazemos isso para enriquecer os outros.

— ...os outros! — repetiu o Gato.

— Que boa gente! — Pinocchio pensou consigo mesmo. E, esquecendo-se imediatamente de seu pai, do casaco novo, da cartilha e de todas as boas intenções que tinha, disse à Raposa e ao Gato:

— Vamos logo, eu vou com vocês.

13. A POUSADA DO CAMARÃO VERMELHO

E anda, e anda, e anda... Finalmente, ao cair da noite, chegaram mortos de cansaço na Pousada do Camarão Vermelho.

— Vamos fazer uma parada aqui — disse a Raposa — beliscar alguma coisa e descansar por algumas horas. Depois, partiremos à meia-noite para chegarmos no Campo dos Milagres ao amanhecer.

Quando entraram na pousada, sentaram-se à mesa, mas nenhum deles tinha apetite.

O coitado do Gato, que estava com enjoo, não pôde comer nada além de trinta e cinco salmõezinhos com molho de tomate e quatro porções de dobradinha à parmegiana. Mas achou que a dobradinha não tinha sido bem temperada, então foi três vezes pedir manteiga e queijo ralado!

Também a Raposa teria provado com prazer alguma coisa, mas como o médico recomendara uma dieta muito restrita, teve de se contentar com uma simples lebre grande e macia, com um ligeiro acompanhamento de miúdos de galinha gorda e galletos. Depois da lebre, mandou trazer um tira-gosto de guisado de perdiz, coelho, rã, lagarto e uva Itália. Depois disso, não quis mais nada.

Tinha tanta náusea por causa da comida, dizia ela, que não conseguia provar nada.

Dentre todos, quem menos comeu foi o Pinocchio. Pediu um bocado de nozes e um tantinho de pão, mas acabou deixando tudo no prato. O molequinho, com a ideia fixa no Campo dos Milagres, ficou com uma indigestão de moedas de ouro antecipada.

Quando terminaram de jantar, a Raposa disse ao albergueiro:

— Queremos dois quartos bons, um para o senhor Pinocchio, e um outro para mim e para o meu companheiro. Antes de partirmos, tiraremos uma soneca. Lembre-se, porém, de que à meia-noite devemos ser acordados para continuar a nossa viagem.

— Sim senhor — respondeu o dono da pousada, e olhou de rabo do olho para a Raposa e para o Gato, como quem diz: “Alto e claro, estamos entendidos!”

Nem bem o Pinocchio se deitou, caiu no sono e começou a sonhar. No sonho, parecia estar no meio de um campo cheio de arbustos carregados de cachos, e esses cachos estavam carregados de moedas de ouro que, com o vento, faziam *tilim, tilim, tilim*, como se dissessem: “Quem quiser, que venha nos apanhar”. Mas na melhor parte, isto é, quando o Pinocchio esticou o braço para encher as mãos com todas aquelas belas moedas e embolsá-las, acordou de repente com três batidas muito fortes na porta do quarto.

Era o dono da pousada, que tinha vindo avisar que já era meia-noite.

— E os meus companheiros, estão prontos? —
perguntou o boneco.

— Mais do que prontos! Foram embora há duas horas.

— Mas por que tanta pressa?

— Porque o Gato recebeu uma mensagem dizendo que o seu filhote mais velho, com problema de frieiras nas patas, corria risco de vida.

— E o jantar, pagaram?

— O que acha? Aqueles lá são criaturas educadas demais para fazer uma tal afronta à vossa senhoria.

— Que pena! Essa afronta teria me dado tanto gosto...

— disse o Pinocchio, coçando a cabeça. Depois, perguntou:

— E onde disseram que iriam me esperar, aqueles meus bons amigos?

— No Campo dos Milagres, amanhã de manhã, ao raiar do dia.

O Pinocchio pagou com uma moeda pelo jantar, o seu e o dos companheiros, depois partiu.

Poderíamos dizer que caminhava Tateando, porque fora da pousada estava tão escuro que não se enxergava um palmo diante do nariz. No campo ao redor não se escutava sequer uma folha se mexer. Só alguns pássaros noturnos atravessavam a estrada de uma cerca à outra, batiam as asas no nariz do Pinocchio que, dando um pulo para trás de medo, gritava:

— Quem vem lá?

E o eco das colinas ao redor repetia ao longe:

— Quem vem lá? Quem vem lá? Quem vem lá?

Enquanto isso, conforme caminhava, viu no tronco de uma árvore um pequeno animalzinho que resplandecia uma luz tênue e opaca, como uma lâmpada noturna dentro de um abajur de porcelana transparente.

— Quem é você? — perguntou o Pinocchio.

— Sou o que sobrou do Grilo Falante — respondeu o animalzinho, com uma vozinha tão fraca que parecia vir de outro mundo.

— O que você quer comigo? — disse a marionete.

— Quero dar um conselho. Volte e leve para seu pobre pai as quatro moedas de ouro que sobraram, pois ele está desesperado e chora por você.

— Amanhã o meu pai será um grande senhor porque estas quatro moedas de ouro se transformarão em duas mil.

— Não confie naqueles que prometeram enriquecer você do dia para a noite, meu garoto. Normalmente, são loucos ou embrulhões! Ouça o que digo, volte.

— Mas eu, ao contrário, quero ir em frente.

— Já é tarde...

— Quero ir em frente.

— A noite está escura...

— Quero ir em frente.

— A estrada é perigosa...

— Quero ir em frente.

— Lembre-se de que os garotos que fazem birra e tudo à sua maneira, cedo ou tarde se arrependem.

— O lero-lero de sempre. Boa noite, Grilo.

— Boa noite, Pinocchio. Que o céu salve você do pássaro e dos assassinos.

Assim que disse essas últimas palavras, o Grilo Falante apagou de vez, como uma vela ao ser soprada, e a estrada ficou ainda mais escura.

14. SEM OUVIR OS BONS CONSELHOS DO GRILLO FALANTE, O PINOCCHIO DÁ DE CARA COM OS ASSASSINOS

Realmente... — disse para si mesmo a marionete, continuando a viagem — Como nós, pobres garotos, somos uns desgraçados! Todos gritam conosco, todos nos repreendem, todos nos dão conselhos. A bem dizer, todos têm na cabeça que são nossos pais e nossos professores, todos, até o Grilo Falante. Eis porque eu não quis dar bola para aquele grilo chato; segundo ele, sabe-se lá quantas desgraças me aconteceriam! Toparia até com assassinos! Ainda bem que eu não acredito em assassinos, nunca acreditei. Para mim, os assassinos foram inventados pelos pais para meter medo nos garotos que querem sair à noite. E mesmo que eu os encontrasse por aí, ficaria assustado? Nem por sonho. Eu os encararia, gritando: “Senhores assassinos, o que querem comigo? Lembrem-se de que comigo não se brinca! Então, cuidem da própria vida, e caiam fora!” Com uma lábia dessas, aqueles pobres assassinos, imagino eu, fugiriam como um raio. Caso fossem tão mal-educados a ponto de não se envergonharem, então *eu* fugiria, pondo um ponto final na história...

Mas o Pinocchio não conseguiu concluir seu raciocínio porque, naquele momento, pareceu escutar atrás de si um levíssimo roçar de folhas.

Virou-se e viu no escuro duas figuras pretas embrulhadas em dois sacos de carvão, que corriam atrás dele saltando na ponta dos pés como se fossem dois fantasmas.

— Aí estão, patifes! — disse para si e, não sabendo onde esconder as quatro moedas de ouro, pôs tudo na boca, mais precisamente embaixo da língua.

Depois tentou escapar. Mas nem bem tinha dado o primeiro passo, foi agarrado pelos braços e escutou duas vozes horríveis e cavernosas dizerem:

— A bolsa ou a vida!

O Pinocchio não podia responder com palavras, pois estava com as moedas na boca, então fez mil cumprimentos e mímicas para dar a entender àqueles dois disfarçados, dos quais se podia ver só os olhos através dos buracos dos sacos, que ele era uma pobre marionete e que não tinha no bolso nem ao menos um centavo falso.

— Vamos, vamos! Menos conversa e mostre o dinheiro! — ameaçaram os dois bandidos.

O boneco fez um sinal com a cabeça e com as mãos, como se dissesse: “Eu não tenho nada”.

— Mostre o dinheiro, ou está morto! — esbravejou o assassino.

— Morto! — repetiu o outro.

— E, depois de matá-lo, mataremos também o seu pai!

— Também o seu pai!

— Não, não, não, o coitado do meu pai, não! — gritou o Pinocchio, desesperado. Mas, ao gritar assim, as moedas quase caíram da sua boca.

— Ah, malandro! Então o dinheiro estava escondido embaixo da língua? Cuspa tudo já!

O Pinocchio ficou paralisado.

— Ah! Está se fazendo de surdo? Espere um pouco, que nós já faremos você cuspir!

De fato, um deles apanhou o boneco pela ponta do nariz, o outro o pegou pelo queixo, e começaram a puxá-lo com rudeza, um de cá e o outro de lá, obrigando-o a escancarar a boca, mas não teve jeito. A boca do boneco parecia pregada.

Então o assassino mais baixinho, sacando um facão, tentou cravá-lo entre os lábios da marionete para usar como alavanca. Mas o Pinocchio, rápido como um raio, agarrou a mão dele com os dentes, arrancou-a com uma mordida e cuspiu. Imaginem a sua surpresa quando viu no chão uma pata de gato e não uma mão.

Encorajado com a primeira vitória, libertou-se das unhas dos assassinos, saltou sobre a cerca da estrada e fugiu pelo campo. Os assassinos correram atrás dele como dois cães atrás de uma lebre. O que tinha perdido a pata corria com uma só, não se sabe como.

Depois de uma corrida de quinze quilômetros, o Pinocchio estava exausto. Então, vendo que estava perdido, trepou no tronco de um pinheiro altíssimo e sentou-se em um galho alto. Os assassinos também tentaram escalar, mas na metade do tronco escorregaram e se estatelaram no chão, com as mãos e os pés esfolados.

Nem por isso se deram por vencidos. Pelo contrário, juntaram um feixe de lenha seca aos pés do pinheiro e atearam fogo. Em um piscar de olhos, o pinheiro se incendiou como uma vela agitada pelo vento. O Pinocchio, vendo que as chamas subiam cada vez mais e, sem querer ter o mesmo fim de um pombo assado, deu um belo salto do topo da árvore e saiu correndo através dos campos e dos vinhedos. E os assassinos atrás, sempre atrás, sem nunca se cansarem.

Enquanto isso, o dia começava a raiar e, de repente, viu que seu caminho estava obstruído por um fosso largo e muito profundo, cheio de água podre, cor de café com leite. O que fazer?

— Um, dois, três! — gritou a marionete e, tomando impulso, pulou para o outro lado.

E os assassinos também pularam, mas não tendo calculado bem, *tchabum!* — caíram bem no meio do fosso. O Pinocchio, que escutou o baque e sentiu os respingos de água, caçoou deles e continuou a correr:

— Belo banho, senhores assassinos.

Já imaginava que estivessem afogados, mas ao se virar para olhar, percebeu os dois correndo atrás dele, ainda embrulhados nas sacas e agora escorrendo água como dois canos furados.

15. OS ASSASSINOS PERSEGUEM O PINOCCHIO, O ALCANÇAM E O PENDURAM EM UM GALHO DO CARVALHO GRANDE

E ntão, já sem ânimo, o boneco estava a ponto de se atirar no chão e se dar por vencido, mas ao olhar em volta, viu ao longe, no meio do verde fechado das árvores, uma casinha branca como a neve.

— Se eu tiver fôlego para chegar até aquela casa, talvez me salve! — disse para si mesmo.

E sem pensar nem um minuto mais, desatou a correr pelo bosque. E os assassinos sempre atrás.

Após uma corrida de quase duas horas, esbaforido, finalmente chegou na porta daquela casinha e bateu.

Ninguém respondeu.

Tornou a bater com mais força porque escutava os passos e a respiração ofegante de seus perseguidores cada vez mais próximos.

Ainda silêncio.

Como bater não dava resultado, passou, por mero desespero, a dar chutes e cabeçadas na porta. Foi então que apareceu na janela uma linda menina, com os cabelos azulados e a cara branca como uma figura de cera. Seus olhos estavam fechados e tinha as mãos cruzadas sobre o

peito. Sem nem mesmo mover os lábios, disse com uma vozinha que parecia vir de outro mundo:

— Nesta casa não tem ninguém, estão todos mortos.

— Mas você pode abrir! — suplicou o Pinocchio, chorando.

— Eu também estou morta.

— Morta? Ora, então o que está fazendo aí na janela?

— Estou esperando o caixão para me levar embora.

Ao dizer isso, a menina desapareceu e a janela voltou a se fechar sem nenhum ruído.

— Ei, bela menina dos cabelos turquesa — gritou o Pinocchio —, abra, por caridade! Tenha pena de um pobre garoto perseguido por assass...

Mas não pôde terminar a frase. Foi agarrado pelo pescoço, e os mesmos vozeirões de antes ralharam ameaçadoramente:

— Agora você não escapa mais!

O boneco, vendo a morte diante dos olhos, foi tomado por um tremor tão forte que fez ranger as juntas de suas pernas de madeira e as quatro moedas de ouro escondidas debaixo da língua.

— E então? — perguntaram os assassinos — Vai abrir a boca ou não? Ah, não responde? Deixe que, desta vez, nós mesmos abriremos!

Sacaram dois facões muito compridos e afiados, e *zap* e *zap*... deram dois golpes no meio das costas dele.

Mas a marionete, por sorte, era feita de uma madeira duríssima, motivo pelo qual as lâminas se estilhaçaram em mil pedaços, e os assassinos ficaram com cara de bobos, só com as empunhaduras das facas nas mãos.

— Entendi — disse um deles. — É preciso enforcá-lo. Vamos enforcá-lo!

— Vamos enforcá-lo! — repetiu o outro.

Dito e feito. Amarraram as mãos dele nas costas e, passando um nó de correr pela sua garganta, o penduraram no galho de uma enorme árvore chamada Carvalho Grande.

Em seguida sentaram-se na grama, esperando que o boneco desse o último esperneio. Mas, após três horas, o boneco ainda estava com os olhos abertos, a boca fechada e esperneava mais do que nunca.

Cansados de esperar, viraram para o Pinocchio e disseram, gargalhando:

— Adeusinho e até amanhã. Voltaremos logo cedo e esperamos que tenha a elegância de estar bem mortinho e com a boca escancarada.

E foram embora.

Nesse íterim, começou um vento norte impetuoso que soprava e bramia com raiva, fazendo o pobre enforcado se debater violentamente como um sino de festa. Aquele balanço provocava espasmos fortíssimos, e o nó apertava sua garganta e o sufocava cada vez mais.

De pouco em pouco, seus olhos embaçaram. Mesmo próximo da morte, esperava que, a qualquer momento, aparecesse alguma boa alma para ajudar.

Mas, depois de esperar e esperar, percebeu que ninguém, ninguém mesmo, apareceria. Então voltou a pensar em seu pobre pai... e murmurou, quase desfalecido:

— Ai, meu pai, se estivesse aqui...

Não teve fôlego para dizer mais nada. Fechou os olhos, abriu a boca, esticou as pernas e, após uma boa sacudida, ficou ali daquele jeito, desacordado.

16. A MENINA BONITA DOS CABELOS AZUL-TURQUESA MANDA BUSCAR O BONECO E CHAMA TRÊS MÉDICOS PARA SABER SE ESTÁ VIVO OU MORTO

Naquele momento em que o pobre Pinocchio, enforcado pelos assassinos em um galho do Carvalho Grande, parecia, enfim, mais morto do que vivo, a menina bonita, dos cabelos azuis olhou de novo pela janela. Sentiu pena daquele infeliz, pendurado pelo pescoço, que parecia dançar música folclórica ao ritmo dos tufões do vento norte, e bateu palmas de leve três vezes.

Com esse sinal, ouviu-se um intenso rumor de asas batendo apressadas, e um grande falcão pousou no batente da janela.

— O que ordena, minha graciosa Fada? — perguntou o falcão, abaixando o bico em reverência. Antes, precisamos saber que a menina dos cabelos azul-claros não era outra coisa, no fim das contas, senão uma fada muito bondosa que há mais de mil anos morava naquele bosque.

— Vê aquele boneco amarrado e pendurado no galho do Carvalho Grande?

— Vejo.

— Muito bem. Voe de imediato para lá, corte o nó com o seu fortíssimo bico e pouse-o delicadamente na grama ao pé do Carvalho.

O falcão voou e, após dois minutos, voltou dizendo:

— O que me mandou fazer, está feito.

— E como ele estava? Vivo ou morto?

— Olhando para ele, parecia morto, mas ainda estava vivo, pois logo que soltei o nó corrediço que apertava sua garganta, soltou um suspiro e murmurou: “Agora me sinto melhor...”

Então a Fada bateu palmas duas vezes, e apareceu um magnífico poodle, que caminhava ereto, sobre as patas traseiras tal como uma pessoa.

O poodle estava vestido de cocheiro em libré de gala. Tinha um chapeuzinho de três pontas com ornamentos dourados, uma peruca com cachinhos loiros que caíam sobre a nuca, uma jaqueta marrom-chocolate com botões de brilhante e dois grandes bolsos para guardar os ossos que a patroa lhe dava para as refeições, calças curtas de veludo vermelho-carmim, meias de seda, sapatinhos baixos e uma espécie de capa em cetim azul-turquesa que protegia seu rabo da chuva.

— Vamos lá, Medoro! — disse a Fada ao poodle. — Atrele a melhor carroça do meu estábulo e vá até o bosque. Embaixo do Carvalho Grande você encontrará, estirado na grama, um pobre boneco meio morto. Recolha-o com

cuidado, acomode-o bem no meio das almofadas da carroça e traga-o aqui. Entendeu?

O poodle, para mostrar que tinha entendido, saracoteou três ou quatro vezes a capa de cetim turquesa que tinha no dorso e partiu como um foguete.

Dali a pouco, saiu do estábulo uma bonita carrocinha transparente, toda estofada com penas de canarinho e seu interior revestido de chantili, creme e bolachas champanhe. Era puxada por cem pares de ratinhos brancos, e o poodle, sentado na boleia, estalava o chicote à direita e à esquerda, como um cocheiro que teme se atrasar.

Não se passaram nem quinze minutos quando a carrocinha voltou, e a Fada, que esperava na porta da casa, pegou a pobre marionete no colo e a levou para um quartinho com paredes de madrepérola. Em seguida, mandou chamar os médicos mais famosos da região.

Os médicos chegaram logo, um depois do outro. Isto é, chegaram um corvo, uma coruja e o Grilo Falante.

— Gostaria de saber dos senhores — disse a Fada, voltando-se aos três médicos reunidos em volta do leito do Pinocchio —, se este boneco infeliz está vivo ou morto.

A este apelo, o corvo aproximou-se em primeiro lugar e tomou o pulso do Pinocchio. Apalpou seu nariz, depois o dedo mindinho dos pés. Após um rigoroso exame, pronunciou solenemente:

— A meu ver, o boneco está bem morto. Mas se desgraçadamente não estiver, então seria um indício seguro de que está vivo!

— Sinto muito — disse a coruja — ter de contradizer o corvo, meu ilustre colega e amigo. Para mim, ao contrário, o boneco está bem vivo. Mas se por desgraça não estiver, então seria um sinal que está certamente morto.

— E o senhor, não diz nada? — perguntou a Fada ao Grilo Falante.

— Digo eu que a melhor coisa que o médico prudente tem a fazer, quando não sabe o que diz, é ficar calado. Além do mais, aquele boneco ali não é uma cara nova. Eu o conheço de outros carnavais!

O Pinocchio, que até essa hora estava imóvel como um verdadeiro pedaço de pau, teve uma espécie de frêmito convulsivo que fez sacudir toda a cama.

— Aquele boneco ali — continuou o Grilo Falante — é um tratante de marca maior!

O Pinocchio abriu os olhos e os fechou em seguida.

— É um molecão, um preguiçoso, um vagabundo.

O Pinocchio escondeu a cara embaixo dos lençóis.

— Aquele boneco ali é um filho desobediente que vai fazer o pobre pai morrer do coração.

A essa altura, escutaram um som sufocado de choro e de soluços. Imaginem como ficaram todos quando, após levantarem um pouco o lençol, perceberam que era o próprio Pinocchio quem chorava e soluçava.

— Quando o morto chora é sinal de que está sarando
— disse solenemente o corvo.

— Me dói contradizer o meu ilustre colega e amigo —
discordou a coruja. — Mas, para mim, quando o morto
chora é sinal de que não quer morrer.

17. O PINOCCHIO CHUPA BALA, MAS NÃO QUER TOMAR O REMÉDIO; ELE MUDA DE IDEIA QUANDO CHEGAM OS COVEIROS PARA LEVÁ-LO; ENTÃO CONTA MENTIRAS E, COMO CASTIGO, SEU NARIZ CRESCE

Logo que os três médicos saíram do quarto, a Fada chegou junto ao Pinocchio e, depois de tocá-lo na testa, percebeu que estava com um febrão que só vendo!

Então dissolveu um certo pozinho branco em meio copo de água e o deu ao boneco, amorosamente.

— Tome tudo e, em poucos dias, você vai sarar.

O Pinocchio olhou o copo, torceu a boca e perguntou meio que se queixando:

— É doce ou amargo?

— É amargo, mas fará bem a você.

— Se é amargo, não quero.

— Não discuta, beba.

— Eu não gosto de coisas amargas.

— Tome. Depois de beber tudo, darei a você uma bala para adoçar sua boca.

— Onde está a bala?

— Está aqui — disse a Fada, abrindo uma bomboniere de ouro.

— Antes quero uma balinha, depois tomarei o remédio amargo...

— Promete?

— Prometo.

A Fada deu a bala ao Pinocchio, que depois de estilhaçá-la e chupá-la em um instante, disse, lambendo os lábios:

— Seria ótimo se o açúcar fosse remédio! Eu me curaria todos os dias.

— Agora cumpra a promessa e beba um pouco desta água, para sarar.

O Pinocchio pegou o copo na mão com má vontade e meteu nele a ponta do nariz. Depois aproximou a boca da borda e voltou a enfiar a ponta do nariz. Finalmente, disse:

— É amargo demais, amargo demais! Não consigo tomar isto.

— Como pode saber, se nem provou?

— Imagino! Senti o cheiro. Antes quero uma outra balinha... depois eu tomo.

Então a Fada, com toda a paciência de uma boa mãe, pôs na boca dele uma outra bala. Em seguida, ofereceu-lhe o copo novamente.

— Assim eu não consigo tomar! — reclamou a marionete, fazendo muitas caretas.

— Por quê?

— Porque o travesseiro nos meus pés está incomodando.

A Fada retirou o travesseiro.

— Não adianta! Nem assim eu consigo tomar.

— O que mais incomoda você?

— A porta do quarto, que está meio aberta.

A Fada foi até lá e fechou a porta do quarto.

— Na verdade — gritou o Pinocchio, com uma crise de choro —, eu não quero tomar esse remédio amargo de jeito nenhum, não, não e não!

— Meu garoto, você vai se arrepender...

— Não me importo...

— A sua doença é grave.

— Não me importo.

— Com a febre, você irá logo para o outro mundo.

— Não me importo.

— Você não tem medo da morte?

— Eu, não! Prefiro morrer a tomar esse remédio ruim.

Nesse momento, a porta do quarto se escancarou e quatro coelhos pretos como piche entraram trazendo um pequeno caixão nas costas.

— O que querem comigo? — gritou o Pinocchio, sentando-se na cama, morto de medo.

— Viemos buscar você — respondeu o coelho maior.

— Me buscar? Mas eu ainda não morri.

— Ainda não, mas te restam poucos momentos de vida, pois você se recusou a tomar o remédio que teria curado sua febre!

— Ai, minha Fada. Ai, minha Fada! — fez o boneco, aos gritinhos. — Me dê já o copo. Tratem de ir embora depressa, por favor, que não quero morrer, não. Não quero morrer!

Com as duas mãos, esvaziou o copo num gole só.

— Paciência! — disseram os coelhos. — Desta vez viemos à toa.

E, carregando de novo o pequeno caixão, saíram resmungando e murmurando entredentes.

O fato é que, em poucos minutos, o Pinocchio pulou da cama, curado e saudável. É preciso saber que os bonecos de pau têm o privilégio de raramente ficarem doentes e de sararem bem rápido.

E a Fada, vendo que ele corria e brincava pelo quarto, animado e alegre como um pintinho, disse:

— Então, o remédio funcionou mesmo, não foi?

— E muito! Voltei ao mundo!

— Então, por que fez aquilo? Me fez suplicar para você beber?

— É que nós, garotos, somos assim! Temos mais medo dos remédios do que da doença.

— Que vergonha! Os garotos deveriam saber que um bom remédio tomado a tempo pode salvar de uma doença grave e, talvez, até da morte.

— Ah, mas da próxima vez eu não resistirei tanto! Vou me lembrar daqueles coelhos pretos com o caixão nas costas... e, então, pego logo o copo e tomo.

— Agora venha um pouco aqui perto de mim e me conte como foi que encontrou aqueles dois assassinos.

— Foi que o marionetista Come-Fogo me deu cinco moedas de ouro e disse: “Tome e leve para o seu pai!” Mas, em vez disso, eu encontrei uma raposa e um gato na estrada, duas pessoas de bem, que me disseram: “Quer que estas moedas se transformem em mil, duas mil? Venha conosco e levaremos você até o Campo dos Milagres.” E eu disse: “Vamos!” E eles disseram: “Vamos parar aqui na Pousada do Camarão Vermelho, e, depois da meia-noite, partimos.” Mas quando eu acordei, não estavam mais lá, tinham ido embora. Então comecei a caminhar de noite, e estava uma escuridão que parecia de mentira, então eu me deparei na estrada com dois assassinos dentro de sacos de carvão, que me disseram: “Dê já o dinheiro”. E eu disse: “Não tenho nada”, porque eu tinha escondido as moedas de ouro na boca, e um dos assassinos tentou meter a mão dentro da minha boca, e eu, com uma mordida, arranquei sua mão e cuspi fora, mas em vez de uma mão, era uma patinha de gato. E os assassinos correram atrás de mim, e eu corri e corri até que eles me alcançaram e me amarraram pelo pescoço em uma árvore deste bosque e disseram: “Amanhã voltaremos, e então estará morto e

com a boca aberta, e assim levaremos embora as moedas de ouro que estão embaixo da sua língua.”

— E então, onde você pôs as quatro moedas? — perguntou a Fada.

— Eu perdi! — mentiu o Pinocchio, pois elas estavam em seu bolso.

Logo que disse essa mentira, o seu nariz, que já era comprido, cresceu de imediato mais dois dedos.

— E perdeu onde?

— No bosque aqui perto.

Com a segunda mentira, o nariz cresceu mais.

— Se perdeu aqui perto no bosque — disse a Fada —, vamos procurar e as encontraremos. Tudo o que se perde no bosque aqui ao lado, sempre se encontra.

— Ah! Agora que me lembro bem — continuou o boneco, enrolando-se todo —, eu não perdi as quatro moedas, mas, sem perceber, as engoli enquanto tomava o remédio.

Com essa terceira mentira, seu nariz ficou tão incrivelmente comprido, que o coitado já não conseguia girar para lado nenhum. Se virasse para cá, batia com o nariz na cama ou nos vidros da janela; se virasse para lá, batia nas paredes ou na porta do quarto; se levantasse um pouco a cabeça, corria o risco de enfiá-lo no olho da Fada.

A Fada olhava e ria.

— Por que está rindo? — perguntou o boneco, todo confuso e preocupado com aquele nariz que crescia a olhos vistos.

— Dou risada da mentira que me contou.

— Como sabe que eu menti?

— Meu garoto, eu reconheço logo as mentiras, porque há de duas espécies: as mentiras que têm as pernas curtas e as mentiras que têm o nariz comprido. As suas, no caso, são do tipo que têm o nariz comprido.

O Pinocchio, não sabendo mais onde se meter de tanta vergonha, tentou escapar do quarto, mas não conseguiu. O seu nariz tinha crescido tanto que não passava mais pela porta.

18. O PINOCCHIO REENCONTRA A RAPOSA E O GATO E VAI COM ELES PLANTAR AS QUATRO MOEDAS NO CAMPO DOS MILAGRES

Como podem imaginar, a Fada deixou que a marionete chorasse e berrasse uma boa meia hora por causa daquele seu nariz que já não passava pela porta do quarto. Ela fez isso para lhe dar uma dura lição e para que se corrigisse da feia mania de mentir, que é o costume mais feio que um garoto pode ter. Mas quando o viu transfigurado e com os olhos saltados de desespero, teve muita pena dele e bateu palmas uma vez. Com aquele sinal, entraram pela janela do quarto uns mil pássaros grandes chamados picapaus, que pousaram sobre o nariz do Pinocchio e começaram a bicá-lo tanto, tanto, que em poucos minutos aquele nariz enorme e despropositado foi reduzido ao seu tamanho natural.

— Que bondosa você é, minha Fada — disse a marionete, enxugando os olhos. — Gosto muito de você!

— Eu também gosto de você — respondeu a Fada —, e se quiser ficar aqui comigo, você será o irmãozinho e, eu, a sua boa irmãzinha.

— Eu ficaria com todo prazer, mas e o coitado do meu pai?

— Já pensei em tudo. O seu pai já foi avisado e, antes que anoiteça, ele estará aqui.

— É mesmo? — gritou o Pinocchio, pulando de alegria. — Então, minha Fadinha, se não tiver nada contra, gostaria de ir ao seu encontro! Não vejo a hora de poder dar um beijo naquele pobre velho, que sofreu tanto por minha causa!

— Vá, então, mas cuidado para não se perder! Pegue a estrada do bosque e tenho certeza de que o encontrará pelo caminho.

O Pinocchio foi. Mal entrou no bosque e começou a correr feito cabrito. Mas quando chegou em um certo lugar, quase de cara com o Carvalho Grande, parou porque achou ter escutado alguém no meio da folhagem. De fato, adivinhem quem ele viu aparecer na estrada? A Raposa e o Gato, ou seja, os dois companheiros de viagem com quem jantara na Pousada do Camarão Vermelho.

— Olha aí o nosso Pinocchio! — gritou a Raposa, abraçando-o e beijando-o. — Como veio parar por estas bandas?

— Como veio parar por estas bandas? — repetiu o Gato.

— É uma longa história — disse o boneco. — Contarei a vocês com calma. Saibam, porém, que aquela noite em que vocês me deixaram na pousada, dei de cara com assassinos no caminho para cá.

— Assassinos?! Coitado do nosso amigo! Mas o que queriam?

— Queriam roubar as minhas moedas de ouro.

— Que infames! — exclamou a Raposa.

— Muito infames! — repetiu o Gato.

— Mas eu comecei a fugir — continuou a marionete —, e eles, sempre atrás de mim, me alcançaram e me enforcaram no galho daquele carvalho.

E o Pinocchio apontou para o Carvalho Grande, que estava ali pertinho.

— Mas que lástima! — exclamou a Raposa. — Em que mundo estamos condenados a viver! Onde nós, cavalheiros, encontraremos algum lugar seguro?

Enquanto conversavam, o Pinocchio percebeu que o Gato mancava da pata direita da frente, cuja ponta estava decepada. Por isso, o boneco perguntou:

— O que aconteceu com a sua pata?

O Gato tentou responder qualquer coisa, mas se enrolou. A Raposa então disse de imediato:

— O meu amigo é modesto demais, por isso não responde. Eu responderei por ele. Saiba que, na estrada, há uma hora, topamos com um velho lobo, quase morto de fome, que nos pediu uma esmola. Como não tínhamos nem mesmo uma espinha de peixe para dar a ele, veja o que fez o meu amigo, que tem um coração de ouro. Arrancou, com os próprios dentes, a ponta de sua pata dianteira e a jogou para que aquele pobre bicho matasse a fome.

Ao contar isso, a Raposa enxugou uma lágrima.

O Pinocchio, também comovido, aproximou-se do Gato e sussurrou em sua orelha:

— Se todos os gatos fossem iguais a você, que sortudos seriam os ratos!

— Mas nos diga o que você está fazendo aqui por estes lados? — perguntou a Raposa ao boneco.

— Estou esperando o meu pai, que chega daqui a pouco.

— E as suas moedas de ouro?

— Estão no meu bolso, menos uma que gastei na Pousada do Camarão Vermelho.

— E pensar que, no lugar de quatro moedas, amanhã poderiam ser mil ou duas mil! Por que não segue o meu conselho? Por que não vai plantá-las no Campo dos Milagres?

— Hoje é impossível. Irei outro dia.

— Outro dia será tarde! — insistiu a Raposa.

— Por quê?

— Porque aquele campo foi comprado por um homem rico e, a partir de amanhã, já não será permitido a ninguém colher dinheiro.

— Qual é a distância daqui ao Campo dos Milagres?

— Só dois quilômetros. Quer vir com a gente? Em meia hora estaremos lá. Plante logo as quatro moedas e, após alguns minutos, colha duas mil. Esta noite você volta com os bolsos cheios. Vamos?

O Pinocchio hesitou em dar uma resposta porque voltaram à sua mente a boa Fada, o velho Geppetto e as advertências do Grilo Falante. Mas acabou fazendo o que fazem todos os garotos que não têm um pingo de juízo, nem coração. Acenou com a cabeça que sim, e disse à Raposa e ao Gato:

— Então, vamos. Eu vou com vocês.

E se foram.

Depois de andarem bem uma metade do dia, chegaram a uma cidade que se chamava Pegatrouxa. Logo na entrada, o Pinocchio viu que todas as ruas estavam cheias de cachorros sarnentos que bocejavam de fome, de ovelhas tosadas que tremiam de frio, de galinhas sem crista e sem papo que pediam um punhado de grão-de-bico como esmola, de grandes borboletas que não conseguiam mais voar porque tinham vendido as suas belíssimas asas coloridas, de pavões sem cauda que tinham vergonha de serem vistos, e de faisões que arrastavam as patas silenciosamente, lamentando-se da falta que faziam as suas cintilantes penas douradas e prateadas, perdidas para sempre.

No meio dessa multidão de mendigos e miseráveis, de vez em quando passava alguma raposa, uma pega-ladra ou um pássaro de rapina, em elegantes carruagens.

— Onde é esse Campo dos Milagres? — perguntou o Pinocchio.

— Está a dois passos daqui.

Dito e feito. Atravessaram a cidade e, nos arrabaldes, pararam em um campo isolado que, no geral, se parecia com qualquer outro campo.

— Chegamos — anunciou a Raposa à marionete. — Agora abaixe e escave com suas mãos um pequeno buraco na terra. Depois ponha as moedas de ouro dentro dele.

O Pinocchio obedeceu. Escavou o buraco, pôs dentro as quatro moedas de ouro que sobraram e, em seguida, cobriu com um pouco de terra.

— Agora — disse a Raposa —, vá até o regato ali perto, pegue um balde de água e regue o terreno onde você plantou.

O Pinocchio foi até o regato, mas como não havia ali um balde, tirou um sapato, encheu-o de água e regou a terra que cobria o buraco. Depois perguntou:

— O que mais devo fazer?

— Nadinha — respondeu a Raposa. — Agora podemos ir embora. Aí você volta em uns vinte minutos e encontrará o arbusto brotando do solo com seus ramos carregados de moedas.

O coitado do boneco, contente que não se aguentava, agradeceu mil vezes à Raposa e ao Gato e prometeu a eles um belíssimo presente.

— Não queremos presentes — responderam os dois malandros. — Foi suficiente ter ensinado a você a maneira de enriquecer sem se cansar demais, e estamos contentes pra burro.

Dito isso, despediram-se do Pinocchio desejando boa sorte na colheita, e foram embora cuidar da vida.

19. O PINOCCHIO TEM AS SUAS MOEDAS DE OURO ROUBADAS E, COMO CASTIGO, GANHA QUATRO MESES DE CADEIA

A marionete, já de volta à cidade, começou a contar minuto por minuto. Quando lhe pareceu que estava na hora, voltou logo à estrada para o Campo dos Milagres.

Enquanto caminhava com passo apressado, seu coração batia forte fazendo *tique-taque, tique-taque*, como o relógio da sala quando funciona como se deve. Nesse meio-tempo, pensava consigo mesmo:

“E se, em vez de mil moedas, eu encontrar duas mil nos ramos da árvore? E se, em vez de duas mil, eu encontrar cinco mil? Que rico eu ficaria, então! Vou querer ter um bonito palácio, mil cavalinhos de madeira e mil estábulos para poder brincar; uma adega com garrafas de licor e de groselha, e uma estante cheia de geleias, bolos, panetones, chocolates e de cannoli com chantili.

Assim fantasiando, chegou próximo ao campo e tentou avistar uma árvore com os galhos carregados de moedas, mas não viu nada. Deu mais cem passos e nada. Entrou no campo e foi até o pequeno buraco onde tinha enterrado as suas moedas de ouro, e nada. Então ficou

pensativo e, esquecendo-se de que o mundo é cruel, tirou uma mão do bolso e deu uma boa coçada na cabeça.

Nisso, escutou uma gargalhada. Olhou para cima e viu empoleirado na árvore um grande papagaio. O pássaro arrancava as poucas penas que ainda lhe restavam.

— Por que está rindo? — perguntou o Pinocchio, irritado.

— Eu estou dando risada porque, enquanto me livrava dos piolhos, me deu uma coceira embaixo das asas.

O boneco não respondeu. Foi até o regato e encheu o sapato com água como tinha feito antes, regando de novo o solo que cobria as moedas de ouro.

Foi quando uma outra risada, ainda mais impertinente do que a primeira, soou na solidão silenciosa daquele campo.

— Afinal de contas — irritou-se o Pinocchio —, pode-se saber, papagaio mal-educado, do que você está rindo?

— Dou risada dos idiotas que acreditam em todas as bobagens e se deixam enganar por quem é mais esperto do que eles.

— Por acaso, você está falando de mim?

— Sim, estou falando de você mesmo, pobre Pinocchio. De você, que é tão bocó a ponto de acreditar que dinheiro possa ser semeado e colhido no campo, como se fosse feijão ou abóbora. Um dia, até eu acreditei, e hoje eu suporto as penas. Hoje (mas tarde demais!), tive de me

convencer de que, para juntar honestamente um pouco de dinheiro, é preciso saber ganhar com o trabalho das próprias mãos, ou com o engenho da própria cabeça.

— Não estou entendendo — disse a marionete, que já começava a tremer de medo.

— Paciência! Eu vou explicar melhor — acrescentou o papagaio. — Saiba então que, enquanto você estava na cidade, a Raposa e o Gato voltaram aqui neste campo. Desenterraram suas moedas de ouro e depois fugiram como o vento. Duvido que alguém os alcance!

O Pinocchio ficou de boca aberta e, sem acreditar nas palavras do papagaio, começou a escavar o pedaço de solo que tinha regado. E cava, e cava, e cava. Fez um buraco tão fundo que caberia um rolo de feno, mas as moedas não estavam lá.

Tomado pelo desespero, voltou correndo para a cidade e foi direto ao tribunal denunciar ao juiz os dois malandros que o haviam roubado.

O juiz era um primata da espécie dos gorilas, um velho respeitável pela sua idade, pela barba branca e, especialmente, por seus óculos de ouro, sem lentes, que era obrigado a usar por causa de um abscesso nos olhos que o atormentava há anos.

O Pinocchio, na presença do juiz, contou tintim por tintim o desfalque injusto de que fora vítima. Deu o nome, o sobrenome e as feições dos dois malandros, e terminou clamando por justiça.

O juiz escutou com muita boa vontade. Interessou-se pela história — ficou de coração mole, comoveu-se — e, após ouvir o relato do boneco, esticou sua mão e soou uma campainha.

Apareceram de imediato dois enormes cães mastins napolitanos vestidos de policiais militares.

Então o juiz, apresentando o Pinocchio aos guardas, disse:

— Roubaram quatro moedas de ouro deste pobre diabo. Agarrem-no e levem-no para a prisão.

O boneco, ao ouvir a sentença, ficou chocado e tentou protestar, mas os guardas, para não perderem tempo, taparam sua boca e o levaram para a cadeia.

E ali ele permaneceu por quatro meses (quatro longuíssimos meses). Teria ficado mais, se não fosse um golpe de sorte. Porque precisamos saber que o jovem Imperador que comandava na cidade de Pegatrouxa, ao conquistar uma bela vitória contra seus inimigos, ordenou grandes celebrações públicas com luzes maravilhosas, fogos de artifício, corridas de cavalos e de bicicletas. Como símbolo do grande triunfo, mandou que fossem abertas as celas e libertados todos os malandros.

— Se os outros saíram da prisão, eu também quero sair — protestou o Pinocchio ao carcereiro.

— O senhor, não — respondeu o carcereiro —, porque não está entre os agraciados.

— Peço desculpas — respondeu o Pinocchio —, mas eu também sou um malandrinho.

— Neste caso, tem muitíssima razão — disse o carcereiro, que levantou seu quepe respeitosamente e o saudou. Abriu a porta da cela e deixou que ele escapasse.

20. UMA VEZ LIBERTADO, ELE SE APRESSA DE VOLTA À CASA DA FADA, MAS NO MEIO DA ESTRADA ENCONTRA UMA SERPENTE TERRÍVEL E DEPOIS FICA PRESO NA ARMADILHA

Imaginem a alegria do Pinocchio quando ficou livre! Sem ficar de conversa, caiu fora rapidinho da cidade e pegou a estrada para a casa da Fada.

Por causa do tempo chuvoso, a estrada estava um pântano só, com lama até os joelhos.

Mas o boneco não se deu por vencido.

Aflito para rever o pai e a sua irmãzinha dos cabelos azuis, saltava feito um galgo, fazendo a lama respingada chegar até seu boné. Enquanto avançava, dizia para si mesmo:

— Quantas desgraças me aconteceram, mas eu mereci! Mereci porque sou um boneco cabeça-dura, quero fazer tudo do meu jeito, sem dar ouvidos aos que gostam de mim e que têm mil vezes mais juízo do que eu! Mas de agora em diante, prometo mudar de vida e me tornar um garoto bem-educado e obediente. Mesmo porque já pude perceber que os garotos desobedientes sempre se prejudicam e entristecem os outros. E o papai? Terá esperado? Vou encontrá-lo na casa da Fada? Pobre homem,

faz tanto tempo que não o vejo, que estou com uma vontade danada de fazer carinho e de dar mil beijos nele! E a Fada, me perdoará? Só de pensar que recebi dela tanta atenção e cuidados... e que, se hoje estou vivo, é graças a ela! Será possível existir um garoto mais ingrato e sem coração do que eu?

Após dizer isso, estancou assustado e deu dois passos para trás.

O que tinha visto?

Uma serpente enorme, de pele verde, esticada de atravessado na estrada. Seus olhos eram de fogo e a ponta de sua cauda soltava fumaça como uma chaminé.

É impossível imaginar o pavor da marionete que, recuando mais de meio quilômetro, sentou-se sobre um monte de pedrinhas para esperar até que a serpente fosse embora e deixasse o caminho livre.

Esperou uma, duas, três horas, mas a serpente continuava lá. Mesmo de longe, dava para ver o vermelho dos seus olhos de fogo e a coluna de fumaça que saía da cauda.

Então o Pinocchio tomou coragem e se aproximou dela até ficar a poucos passos de distância. Com uma vozinha doce e suave, disse à serpente:

— Com licença, senhora serpente, faria o favor de sair um pouquinho do caminho para que eu possa passar?

Foi o mesmo que falar com uma parede. Nenhum movimento.

Então, repetiu com a mesma vozinha:

— Saiba, senhora serpente, que vou para casa porque o meu pai está me esperando e já faz tempo que não o vejo. A senhora permite que eu siga o meu caminho?

Esperou um sinal de resposta, mas foi em vão. Ao contrário, a serpente, que até agora parecia ágil e cheia de vida, estava imóvel e quase rígida. Seus olhos se fecharam e seu rabo parou de fumar.

— Será que ela morreu? — disse o Pinocchio, esfregando as mãos de tão contente. Sem perder tempo, fez que ia saltar sobre ela e seguir pela estrada, mas nem bem estava com uma perna no ar, a cobra se enrolou de repente como uma mola. O boneco de pau, ao recuar assustado, tropeçou e caiu no chão.

E caiu de tão mal jeito que ficou com a cabeça enfiada na lama da estrada e de pernas para o ar.

Vendo o boneco espernear de cabeça para baixo com uma energia incrível, a serpente riu, riu, riu e, no final, pelo esforço de tanto rir, estourou-se uma veia em seu peito — e, desta vez, morreu mesmo.

Então o Pinocchio desatou a correr para chegar na casa da Fada antes que anoitecesse. Mas ao longo da estrada, não aguentando mais de tanta fome, atravessou uma plantação com a intenção de colher alguns cachos de uva moscatel. Seria melhor não ter feito isso!

Assim que chegou debaixo das videiras, *craque!* Sentiu as suas pernas serem mordidas por dois ferros cortantes que o fizeram ver todas as estrelas do céu.

A coitada da marionete tinha ficado presa em uma armadilha colocada lá pelos camponeses, para capturar alguma fuinha grande, que era o flagelo de todos os frangos da vizinhança.

21. O PINOCCHIO É PRESO POR UM FAZENDEIRO QUE O OBRIGA A DAR UMA DE CÃO DE GUARDA DO GALINHEIRO

O Pinocchio, como podem imaginar, começou a chorar, berrar e pedir ajuda, mas eram prantos e gritos inúteis. Não se avistava nenhuma casa próxima e na estrada não passava uma alma.

Já anoitecia.

Em parte por causa da agonia causada pela armadilha, que cortava suas canelas e também pelo medo de ficar sozinho no escuro no meio do nada, o boneco quase desmaiou. De repente, ao ver passar um vagalume sobre a sua cabeça, chamou-o e disse:

— Ei, vagalume, você faria a caridade de me livrar deste suplício?

— Pobre menino! — respondeu o vagalume, parando para olhá-lo. — Como foi que você acabou com as pernas agarradas entre estes ferros afiados?

— Entrei na plantação para colher dois cachos desta uva moscatel, e...

— Mas a uva era sua?

— Não...

— E quem ensinou você a pegar as coisas dos outros?!

— Eu estava com fome...

— A fome, meu garoto, não é uma boa razão para nos apropriarmos de coisas que não são nossas.

— É verdade, é verdade... — gritou o Pinocchio, chorando. — Não faço mais isso.

Foram interrompidos por um leve rumor de passos que se aproximavam. Era o dono da fazenda, na ponta dos pés, que vinha ver se sua armadilha havia pegado alguma fuinha comedora de galinha.

A sua surpresa foi enorme quando tirou o lampião de sob o casaco e percebeu que, em vez de uma fuinha, era um garoto que estava preso.

— Ah, ladrãozinho! — esbravejou o fazendeiro. — Então é você que me rouba as galinhas?

— Eu, não! Eu, não! — gritou o Pinocchio, soluçando.

— Eu entrei na plantação só para pegar um par de cachos de uvas!

— Quem rouba uva é bem capaz de roubar as galinhas também. Vai ver só, vou te dar uma lição que não vai se esquecer por muito tempo!

Abriu a armadilha, agarrou o boneco pelo pescoço e o arrastou até a casa, como se fosse um cordeirinho.

Quando chegou no pátio em frente à casa, atirou-o no chão e, com um pé sobre seu pescoço, disse:

— Já é tarde e quero ir para a cama. Ajustaremos nossas contas amanhã. Enquanto isso, como hoje morreu o

meu cão de guarda, você tomará o lugar dele. Você será meu vigia noturno.

Pôs uma grande coleira em seu pescoço, toda coberta de pinos pontudos de latão, e a prendeu de modo tal que não permitia passar a cabeça por ela. Da coleira saía uma comprida corrente de ferro, chumbada na parede.

— Se chover esta noite — disse o fazendeiro —, você pode se abrigar naquela casinha de madeira, onde tem sempre palha e por quatro anos serviu de cama para o meu pobre cachorro. E se, por azar, vierem ladrões, lembre-se de ficar com as orelhas em pé e de latir!

Após essa última advertência, o fazendeiro entrou em casa e trancou a porta. O coitado do Pinocchio ficou agachado no terreiro, mais morto do que vivo por causa do frio, da fome e do medo. De tanto em tanto, metendo as mãos dentro da coleira que apertava a sua garganta, ele dizia, chorando:

— Está certo. Infelizmente, está certo! Quis dar uma de vagabundo, dei bola para maus companheiros e, por isso, o azar sempre me alcançou. Se eu fosse um bom menino, como muitos, se tivesse vontade de estudar e de trabalhar, se tivesse ficado em casa com o meu pobre pai, a esta hora não estaria aqui, no campo, servindo de cão de guarda na casa de um fazendeiro. Ah, se eu pudesse nascer de novo! Mas agora é tarde, paciência!

Depois desse pequeno desabafo, que veio do fundo do coração, entrou na casinha e pegou no sono.

22. O PINOCCHIO DESCOBRE OS LADRÕES E, COMO RECOMPENSA POR SER FIEL, É POSTO EM LIBERDADE

Dormia profundamente já há mais de duas horas quando, perto da meia-noite, acordou com cochichos de vizinhas estranhas, que pareciam vir do terreiro. Colocou a ponta do nariz para fora da porta da casinha e viu um grupo de quatro bichos de pelo escuro que se pareciam com gatos. Mas não eram gatos: eram fuinhas, animaizinhos carnívoros que adoram ovos e franguinhos. Uma das fuinhas, afastando-se de suas companheiras, foi até a abertura da casinha e disse em voz baixa:

— Boa noite, Melampo.

— Eu não sou o Melampo — respondeu o boneco.

— Então, quem é?

— Eu sou o Pinocchio.

— E o que está fazendo aqui?

— Estou de cão de guarda.

— Onde está o Melampo? Onde está o velho cão que ficava nesta casinha?

— Morreu hoje cedo.

— Morreu? Coitado! Era tão bonzinho... Mas considerando a sua cara, você também parece ser um cachorro simpático.

— Desculpe, mas eu não sou um cachorro!

— O que você é?

— Sou uma marionete.

— E trabalha como cão de guarda?

— Infelizmente, como castigo.

— Bem, proponho o mesmo pacto que tinha com o defunto Melampo, e você ficará contente.

— E que pacto é esse?

— Nós viremos uma vez por semana à noite, como sempre, para visitar este galinheiro, e pegaremos oito galinhas. Dessas oito galinhas, nós comeremos sete, e uma será para você, com a seguinte condição: de que finja estar dormindo e não venha com a ideia genial de latir para acordar o fazendeiro.

— O Melampo fazia isso? — perguntou o Pinocchio.

— Fazia. A gente se entendia bem. Então durma tranquilamente e fique certo de que, antes de partirmos, deixaremos sobre a casinha uma bela galinha depenada para o seu café-da-manhã. Estamos entendidos?

— Até demais! — o Pinocchio acenou com a cabeça meio em tom de ameaça, como se dissesse: “A gente se fala logo mais...”

Quando as quatro fuinhas acharam que estavam livres de qualquer contratempo, foram ligeiras para o galinheiro,

que ficava pertinho da casinha de cachorro. Com dentadas e unhas, abriram o portãozinho de madeira e, uma atrás da outra, deslizaram para dentro. Mas nem bem tinham entrado quando o portãozinho se fechou com extrema violência.

Foi o Pinocchio que o fechou e, ainda não satisfeito, o calçou com uma grande pedra, para maior segurança.

Depois começou a latir como se fosse mesmo um cão de guarda: “*au-au, au-au*”.

Com aquele latido, o fazendeiro pulou da cama, pegou a espingarda e, apontando a cabeça para fora da janela, perguntou:

- Alguma novidade?
- Os ladrões! — respondeu o Pinocchio.
- Onde estão?
- No galinheiro.
- Já estou descendo!

De fato, em dois tempos, o fazendeiro desceu. Entrou correndo no galinheiro e, depois de capturar e fechar as quatro fuinhas dentro de um saco, disse a elas, com um tom de satisfação:

— Por fim, caíram em minhas mãos! Eu poderia puni-las, mas não sou mau. Em vez disso, me contento em levar vocês para o dono da pousada no vilarejo vizinho, que irá esfolar e cozinhar vocês como se fossem lebres molinhas e de sabor intenso. É uma honra que não

merecem, mas homens generosos como eu se atêm a essas minúcias.

Então, aproximando-se do Pinocchio, começou a afagá-lo e, entre outras coisas, perguntou:

— Como fez para descobrir o complô dessas quatro fuinhas? E dizer que o Melampo, o meu fiel Melampo, nunca percebeu nada!

O boneco de madeira, então, poderia ter contado tudo o que sabia, isto é, sobre o pacto vergonhoso entre o cachorro e as fuinhas, mas se lembrou de que o cachorro estava morto e pensou: “Para que acusar os mortos? Os mortos estão mortos, e a melhor coisa que podemos fazer é deixá-los em paz.”

— Quando as fuinhas chegaram, você estava acordado ou dormindo? — continuou o fazendeiro.

— Estava dormindo. Mas as fuinhas me acordaram com a sua barulheira, e uma veio até a casinha para dizer: “Se prometer não latir e não acordar o patrão, daremos de presente a você uma bela galinha depenada.” Entendeu, não é? Tiveram a cara-de-pau de me fazer tal proposta! Eu sou uma marionete com todos os defeitos do mundo, mas não o de deitar e rolar com gente desonesta!

— Bom garoto! — admirou-se o fazendeiro, dando tapinhas nas suas costas. — São nobres os seus sentimentos, e para provar a minha grande satisfação, eu o liberto para que volte à sua casa.

E retirou a coleira do Pinocchio.

23. O PINOCCHIO CHORA PELA MORTE DA MENINA BONITA DOS CABELOS AZUIS; DEPOIS ENCONTRA UM POMBO QUE O LEVA AO LITORAL, E, LÁ, SE JOGA AO MAR PARA SALVAR SEU PAI, O GEPETTO

Assim que o Pinocchio se livrou do peso e da humilhação daquela coleira, fugiu pelo campo e não parou um só minuto até alcançar a estrada principal, que levava à casa da Fada.

Na estrada, curvou-se para olhar a planície lá embaixo e viu muito bem, a olhos nus, o bosque onde por desgraça havia encontrado a Raposa e o Gato. Viu, no meio das árvores, o topo daquele grande carvalho, no qual fora pendurado pelo pescoço. Mas, olha para cá, olha para lá, nada de avistar a pequena casa da menina dos cabelos azul-turquesa.

Então teve algo como um mau pressentimento e disparou a correr com as forças que ainda tinha nas pernas. Em poucos minutos chegou ao prado aonde já estivera a casinha branca. Mas ela não existia mais. Em seu lugar havia uma pequena placa de mármore, na qual estavam escritas, em letras maiúsculas, estas dolorosas palavras:

Aqui jaz a menina dos cabelos azul-turquesa que morreu de dor por ter sido abandonada pelo seu irmãozinho Pinocchio.

Deixo que vocês imaginem como ficou o boneco de madeira depois que, mal e mal, conseguiu ler aquelas palavras, soletrando sílaba por sílaba. Caiu de bruços no chão, cobriu aquela lápide com mil beijos e desatou a chorar. Chorou a noite inteira e, ao romper do dia, ainda chorava, mesmo já sem lágrimas nos olhos. Seus gritos e lamentos eram tão desoladores e agudos que todas as colinas ao redor repetiam seus ecos.

Enquanto chorava, dizia:

— Ah, Fadinha querida, por que você morreu? Por que não morri eu no seu lugar, que sou mau, enquanto você era tão boa? E o meu pai, onde estará? Ah, Fadinha querida, diga onde posso encontrá-lo, porque quero estar sempre com ele e nunca mais deixá-lo. Nunca mais, nunca mais! Fadinha querida, diga que não é verdade que você está morta! Se de fato gosta de mim, se gosta do seu irmãozinho, reviva, volte à vida como antes! Você não gosta de me ver assim, abandonado por todos, não é? Se chegam os assassinos, irão me pendurar de novo no galho da árvore, e então eu morrerei para sempre. O que quer que eu faça, aqui sozinho no mundo? Agora que perdi você e o meu pai, quem me dará comida? Onde vou dormir à noite? Quem me fará uma jaquetinha nova? Ai, seria

melhor, mil vezes melhor, que eu também morresse! Sim, eu quero morrer! Ai, ai, ai...

Em seu desespero, tentava arrancar os cabelos, mas como eram de madeira não conseguiu puxar os fios.

Nesse momento, um grande pombo o sobrevoou e, planando com as asas abertas, gritou lá de cima:

— Diga, menino, o que faz neste lugar?

— Não está vendo? Estou chorando! — disse o Pinocchio, ao levantar a cabeça na direção daquela voz e secar seus olhos com a manga da jaqueta.

— Diga — acrescentou o pombo —, por acaso conhece, entre seus companheiros, uma marionete que se chama Pinocchio?

— O Pinocchio? Você disse *Pinocchio*? — levantou-se com um salto. — *Eu* sou o Pinocchio!

O pombo, ao ouvir a resposta, desceu velozmente e pousou. Era maior que um peru.

— Então você deve conhecer também o Geppetto? — perguntou ao boneco.

— Claro que conheço! É o coitado do meu pai! Ele falou sobre mim? Você pode me levar até ele? Está vivo? Responda, por favor, está vivo?

— Eu o deixei na praia há três dias.

— O que ele estava fazendo?

— Construiu um pequeno barco para atravessar o oceano. Há mais de quatro meses que aquele pobre homem gira o mundo procurando você, sem encontrar. Agora pôs

na cabeça de ir para os países longínquos do Novo Mundo à sua procura.

— Qual é a distância daqui até a praia? — perguntou o Pinocchio, ansioso.

— Mais de mil quilômetros.

— Mil quilômetros?! Pombo querido, que coisa boa seria se eu tivesse as suas asas!

— Se quiser, eu levo você.

— Mas como?

— Montado nas minhas costas. Você é muito pesado?

— Pesado? Pelo contrário! Sou leve como uma pluma.

Sem dizer mais nada, o Pinocchio saltou sobre o dorso do pombo e, com uma perna de cada lado como fazem os cavaleiros, gritou todo contente:

— Galope, galope, cavalinho, que tenho pressa de chegar!

O pombo tomou fôlego e, em poucos minutos, voava tão alto que quase tocava as nuvens. Quando alcançaram uma altura extraordinária, a marionete teve curiosidade de olhar para baixo, mas ficou com tanto medo e tontura que, para não despencar, agarrou ainda mais forte o pescoço de sua cavalgada plumada.

Voaram durante o dia todo. Ao cair da noite, o pombo disse:

— Estou com muita sede!

— E eu, com muita fome! — acrescentou o Pinocchio.

— Vamos parar neste pombal por alguns minutos e depois retomamos a viagem, assim chegamos no litoral amanhã cedinho.

Entraram no pombal vazio, onde havia apenas uma pequena tina cheia de água e um cestinho com favas.

Em toda a sua vida, o boneco nunca tinha conseguido comer favas. Segundo ele, causavam náusea e reviravam seu estômago. Mas naquele fim de tarde, as devorou com gosto e, quando quase tinha dado fim nelas, virou-se para o pombo e disse:

— Eu não posso acreditar que as ervilhacas sejam tão gostosas!

— É preciso se conscientizar, meu garoto — aconselhou o pombo —, de que quando a fome bate de verdade e não há nada mais para se comer, até as ervilhacas são deliciosas! A fome não tem caprichos!

Depois da rápida refeição, retomaram a viagem, e em frente! Chegaram ao litoral na manhã seguinte.

O pombo pôs o Pinocchio no chão e, sem sequer parar para escutar a chatice dos agradecimentos por ter realizado uma boa ação, alçou voo e desapareceu.

A praia estava cheia de gente que berrava e gesticulava na direção do mar.

— O que aconteceu? — perguntou o Pinocchio a uma velhinha.

— Acontece que um coitado de um pai que perdeu o filho quis entrar em um barquinho para ir procurá-lo no

além-mar. Mas hoje o mar está muito bravo e o barquinho está prestes a afundar...

— Onde está o barquinho?

— Está lá, onde estou apontando — disse a velha, indicando um pequeno barco que, daquela distância, parecia uma casca de noz com um bonequinho dentro.

O Pinocchio direcionou o olhar para o lugar indicado e, depois de olhar atentamente, deu um berro agudo:

— É o meu pai! É o meu pai!

Enquanto isso, o barquinho, levado de cá para lá pelas ondas furiosas, ora desaparecia entre as enormes vagas, ora voltava a flutuar. E o Pinocchio, de pé sobre a ponta de uma rocha alta, esgoelava-se chamando seu pai, fazia sinais com as mãos e com o lencinho de assoar o nariz — e até com o boné.

Ainda que estivesse muito longe da praia, Geppetto pareceu reconhecer o filho, porque também levantou a boina e acenou. Com seus gestos, deu a entender que gostaria muito de voltar, mas o mar estava tão agitado que o impedia de remar de volta à terra firme.

De pronto, uma onda terrível engoliu o barco, que desapareceu. Esperaram que o barco voltasse à tona, mas nada.

— Pobre homem — disseram então os pescadores reunidos na praia. Murmurando uma oração, começaram a voltar para as suas casas.

Foi quando escutaram um grito desesperado. Ao olharem para trás, viram um garoto que, do topo das rochas, atirou-se ao mar, gritando:

— Eu quero salvar o meu pai!

O Pinocchio, sendo todo de madeira, flutuava facilmente e nadava como um peixe. Ora era visto desaparecer embaixo d'água, levado pelo ímpeto da maré, ora reaparecia com uma perna ou um braço para fora, a uma grande distância da terra. Por fim, perdeu-se de vista.

— Pobre garoto! — disseram então os pescadores reunidos na praia. Murmurando uma oração, começaram a voltar para as suas casas.

24. O PINOCCHIO CHEGA À ILHA DAS ABELHAS TRABALHADORAS E REENCONTRA A FADA

O Pinocchio, animado com a esperança de chegar a tempo para ajudar o seu pobre pai, nadou durante toda a noite.

E que noite terrível foi aquela! Diluviou, caiu granizo, trovejou assustadoramente e caíram tantos relâmpagos que parecia dia.

Ao amanhecer, conseguiu avistar ao longe uma longa faixa de terra. Era uma ilha no meio do mar.

Então fez de tudo para chegar naquela praia, mas foi inútil. Uma atrás da outra, as ondas se sobrepunham e o arremessavam aos solavancos como se ele fosse uma palha ao vento. Ao final, para sua sorte, veio uma onda tão imponente e impetuosa que o lançou sobre a areia da praia.

O golpe foi tão forte que, ao bater no chão, todas as suas costelas e articulações estalaram. Mas logo se consolou, dizendo: “Até desta vez eu sobrevivi! Mas foi por pouco!”

Entretanto, pouco a pouco o céu serenou, o sol apareceu em todo o seu esplendor e o mar ficou tranquilíssimo e liso como óleo.

Então o boneco de pau estendeu as suas roupas para que se secassem, e pôs-se a olhar em todas as direções, para ver se por acaso identificava, naquela imensa área aquática, um pequeno barco com um homenzinho dentro. Após examinar bem, não viu nada mais diante de si além de céu, de mar e de algumas velas de veleiros, tão longínquas que pareciam moscas.

— Se pelo menos eu soubesse como esta ilha se chama... — dizia. — Se pelo menos eu soubesse se esta ilha é habitada por pessoas de gabarito, quero dizer, por gente que não tenha o costume de amarrar garotos em galhos de árvores! Mas a quem posso perguntar? A quem, se não há ninguém?

A ideia de estar sozinho, sozinho no meio daquele grande lugar desabitado, deixou-o em um tal estado de melancolia que estava a ponto de chorar. Foi quando, de repente, viu passar a pouca distância da praia um peixe grande que nadava tranquilamente, levando a sua vidinha normal, com a cabeça toda fora da água.

Não sabendo como chamá-lo, o boneco gritou bem alto:

— Ei, senhor Peixe, permite-me uma palavrinha?

— Até duas — respondeu o peixe, que era um golfinho muito do elegante, como poucos em todos os mares do mundo.

— Faria a gentileza de me dizer se nesta ilha existem vilas onde se possa comer, sem perigo de ser comido?

— Claro que existem! Inclusive, encontrará uma perto daqui.

— E qual caminho eu devo tomar?

— Deve pegar aquela trilha lá, à esquerda, e ir em frente toda a vida. Não tem erro.

— Me diga mais uma coisa. O senhor, que passeia a noite e o dia inteiros no mar, não teria encontrado, por acaso, um pequeno barquinho com o meu pai dentro?

— E quem é o seu pai?

— Ele é o melhor pai do mundo, da mesma forma que eu sou o pior filho que possa existir.

— Com o temporal da última noite — respondeu o golfinho—, o barquinho terá certamente afundado.

— E o meu pai?

— A esta hora, o terrível tubarão já deve tê-lo engolido, pois há alguns dias veio espalhar o extermínio e a desolação aqui nas nossas águas.

— E esse tubarão? É muito grande? — perguntou o Pinocchio, que já começava a tremer de medo.

— Nossa, e como é! — respondeu o golfinho. — Para se ter uma ideia, diria que é maior do que um prédio de cinco andares, e tem um bocão tão largo e profundo que passaria, com folga, um trem inteiro da estrada de ferro... e com a locomotiva ligada!

— Minha mãe! — gritou assustado o boneco. E, vestindo-se com toda afobação, virou-se para o golfinho e disse:

— Até logo, senhor Peixe. Desculpe pelo incômodo, e muito obrigado por sua gentileza.

Dizendo isso, pegou logo a trilha a passos largos. Tão largos que parecia correr. E a cada ruído que escutava, virava-se imediatamente para trás, com medo de ser seguido pelo terrível tubarão, grande como um prédio de cinco andares e com um trem da estrada de ferro na boca.

Após andar mais de meia hora, chegou em um pequeno vilarejo chamado “Vila das Abelhas Trabalhadoras”. As ruas formigavam de pessoas que corriam de cá para lá fazendo as suas coisas. Todos trabalhavam, todos tinham alguma coisa para fazer. Não se via ninguém ocioso nem procurando com lanterna.

— Entendi — logo disse o preguiçoso Pinocchio. — Este lugar não é para mim! Eu não nasci para trabalhar!

Nesse meio-tempo, a fome o atormentava, afinal já se iam vinte e quatro horas sem comer nada, nem ao menos um prato de favas.

O que fazer?

Não havia para ele mais do que duas maneiras de sair do jejum: pedir trabalho, ou pedir dinheiro — ou um pouco de pão como esmola.

Ele tinha vergonha de pedir esmola porque seu pai sempre lhe ensinara que só os velhos e os doentes têm direito de pedir esmola. Os muito pobres deste mundo, que merecem assistência e compaixão, são apenas aqueles que, por razões de idade ou de enfermidade, estão condenados a

não poder ganhar a vida trabalhando com as próprias mãos. Todos os outros têm a obrigação de trabalhar. Se não trabalham e acabam passando fome, azar o deles.

Então passou pela rua um homem todo suado e ofegante que puxava sozinho, com enorme esforço, dois carrinhos carregados de carvão.

O Pinocchio, julgando pela sua fisionomia que fosse um homem bom, aproximou-se e, abaixando os olhos de vergonha, disse em voz baixa:

— Faria a caridade de me dar uma moeda, pois estou morto de fome?

— Não só uma— respondeu o carvoeiro —, eu dou quatro, contanto que me ajude a puxar os dois carrinhos de carvão até em casa.

— Que beleza! — ofendeu-se o boneco. — Para a sua informação, eu nunca fui burro de carga, nunca puxei um carrinho de mão!

— Bom para você! — retrucou o carvoeiro. — Então, meu garoto, se está mesmo morrendo de fome, coma duas boas fatias da sua soberba e cuidado para não se engasgar.

Depois de uns poucos minutos, passou na rua um pedreiro que levava nas costas um saco de cal.

— Cavalheiro, faria a caridade de dar uma moeda a um pobre garoto que está bocejando de tanta fome?

— Com todo prazer. Venha comigo levar a cal — propôs o pedreiro — e, em vez de uma moeda, lhe darei cinco.

— Mas a cal é pesada — replicou o Pinocchio —, não quero pegar no pesado.

— Se não quer pegar no pesado, então, meu garoto, divirta-se em bocejar, e bom proveito.

Em menos de meia hora, passaram outras vinte pessoas, e a todas elas o Pinocchio pediu uma esmolinha, sempre com a mesma resposta:

— Não tem vergonha? Em vez de dar uma de vadio nas ruas, vá procurar trabalho e aprenda a ganhar a vida!

Por fim, passou uma boa mocinha que levava dois jarros de água.

— A senhora permite, boa moça, que eu beba um gole de água do seu jarro? — pediu o Pinocchio, que estava com a garganta ardendo de tanta sede.

— Beba, meu garoto! — disse a mocinha, baixando os dois jarros.

Quando o Pinocchio terminou de beber feito uma esponja, resmungou à meia voz enquanto enxugava a boca:

— Eu matei a sede! Se pudesse matar a fome...

A boa moça, ao escutar essas palavras, convidou:

— Se me ajudar a levar um destes jarros para casa, darei a você um bom pedaço de pão.

O Pinocchio olhou para o jarro e não respondeu nem sim, nem não.

— E, com o pão, eu te darei um belo prato de couve-flor temperada com azeite e vinagre — acrescentou a boa mulher.

O Pinocchio deu mais uma olhada no jarro e não respondeu nem sim, nem não.

— E depois da couve-flor, eu darei um belo doce recheado de licor.

Seduzido por essa última guloseima, o Pinocchio não conseguiu mais resistir e decidiu-se:

— Vamos lá! Eu levo o jarro até a sua casa!

O jarro era muito pesado, e o boneco, não tendo força suficiente para levá-lo com as mãos, sujeitou-se a levá-lo sobre a cabeça.

Quando chegaram na casa, a boa mocinha fez com que o Pinocchio se sentasse à pequena mesa que estava posta e serviu o pão, a couve-flor temperada e o doce.

O Pinocchio não comeu: ele devorou! Seu estômago parecia um quarteirão vazio e desabitado há cinco meses.

Quando, pouco a pouco, a raiva causada pela fome foi se acalmando, levantou a cabeça para agradecer à sua benfeitora. Mas nem bem olhou e soltou um longo “*ohhhh!*” de surpresa. Ficou ali, encantado, com os olhos arregalados, com o garfo no ar e a boca cheia de pão e de couve-flor.

— Do que se trata toda essa admiração? — perguntou, rindo, a boa mulher.

— A senhora é... — gaguejou o Pinocchio — a senhora é... é... é que a senhora se parece com... a senhora me lembra... sim, sim, sim, a mesma voz, os mesmos olhos, os mesmos cabelos... sim, sim, sim... a senhora também tem

os cabelos azuis... como ela! Ah, Fadinha querida! Ah, Fadinha querida! Diga que você é ela mesmo... Não me faça mais chorar! Se soubesse... o quanto chorei e o quanto sofri!

E, ao falar assim, o Pinocchio se esvaiu em lágrimas, jogou-se de joelhos no chão e abraçou as pernas daquela mocinha misteriosa.

25. O PINOCCHIO PROMETE À FADA QUE SERÁ BOM E QUE ESTUDARÁ, PORQUE CANSOU DE SER UMA MARIONETE E AGORA QUER SER UM GAROTO EXEMPLAR

No começo, a boa mocinha negou, dizendo que não era a Fadinha dos cabelos turquesa, mas depois, percebendo que tinha sido descoberta e sem querer prolongar a encenação, acabou por se identificar:

— Ô boneco esperto! Como percebeu que era eu?

— Foi o grande afeto que sinto que me fez reconhecê-la.

— Você se lembrava de mim, hein? Deixou-me quando eu ainda era uma menina, e agora me reencontra uma mulher... tanto que quase poderia ser sua mãe.

— Eu gosto mais assim porque, em vez de irmãzinha, eu a chamarei de mamãe. Faz tempo que não me aguento de vontade de ter uma mãe como os outros garotos! Mas como foi que você cresceu assim tão rápido?

— É segredo.

— Me conta? Eu também quero crescer um pouco. Não está vendo? Sou o mesmo baixinho de sempre.

— Mas você não pode crescer — respondeu a Fada.

— Por quê?

— Porque marionetes não crescem nunca. Nascem marionetes, vivem marionetes e morrem marionetes.

— Mas eu estou cansado de ser sempre uma marionete! — gritou o Pinocchio, dando uma pancada na cabeça. — Está na hora de eu também me tornar um homem.

— Você se tornará, se merecer...

— É mesmo? E o que eu posso fazer para merecer isso?

— Uma coisa muito fácil: ser um garoto bonzinho.

— O quê, e eu não sou?

— Bem ao contrário. Os garotos bonzinhos são obedientes, mas você...

— Eu nunca obedeço.

— Os garotos bonzinhos tomam gosto pelos estudos e pelo trabalho, mas você...

— Eu, ao contrário, sou preguiçoso e vagabundo o ano todo.

— Os garotos bonzinhos sempre dizem a verdade...

— Eu sempre conto mentiras.

— Os garotos bonzinhos vão para a escola com boa vontade...

— Mas, para mim, a escola dá nos nervos. Mas, de hoje em diante, quero mudar de vida.

— Promete?

— Prometo. Quero ser um garoto bonzinho e ser a alegria do meu pai. Onde o coitado do meu pai estará a esta hora?

— Não sei.

— Será que terei a sorte de revê-lo e abraçá-lo?

— Acho que sim. Aliás, tenho certeza.

O Pinocchio ficou tão contente com essa resposta que segurou as mãos da Fada e começou a beijá-las como um louco. Parecia estar fora de si. Depois, levantou o rosto e olhou para ela com amor.

— Diga, mamãe, então não é verdade que você tinha morrido?

— Parece que não — respondeu a Fada, sorrindo.

— Se soubesse quanta dor senti, minha garganta fechada, quando li “Aqui jaz...”

— Eu sei. E é por isso que perdoei você. A sua dor sincera me fez reconhecer que você tinha bom coração. Sempre se pode esperar alguma coisa boa dos garotos de bom coração, mesmo que sejam um tanto travessos e mal-educados. Ou seja, sempre se espera que acabem seguindo pelo bom caminho. Foi por isso que vim até aqui procurar por você. Serei a sua mãe.

— Ah, que coisa boa! — exclamou o Pinocchio, pulando de alegria.

— Mas você vai me obedecer e fazer o que eu digo.

— Pois não, pois não, pois não!

— A partir de amanhã — continuou a Fada —, você começará a ir para a escola.

O Pinocchio, de repente, ficou um pouco menos alegre.

— Depois, escolherá, como quiser, um ofício ou uma profissão.

O Pinocchio ficou sério.

— O que está resmungando entre os dentes? — perguntou a Fada, ressentida.

— Eu estava dizendo — articulou o boneco à meia-voz — que me parece um pouco tarde para que eu vá para a escola.

— Não, senhor. Ponha na cabeça que nunca é tarde para estudar e aprender.

— Mas eu não quero ter nenhum ofício ou profissão.

— Por quê?

— Porque trabalhar cansa.

— Meu querido — disse a Fada —, os que falam assim acabam quase sempre na cadeia ou no hospital. Para a sua informação, as pessoas, tenham nascido ricas ou pobres, precisam fazer alguma coisa neste mundo, se ocupar, criar, trabalhar. Coitadas se são levadas pelo ócio! O ócio completo é uma doença, e é preciso curá-la o quanto antes, desde criança. Senão, quando ficamos grandes, não nos curamos mais.

Tais palavras tocaram o espírito do Pinocchio, que levantou animadamente sua cabeça e disse para a Fada:

— Eu vou estudar, eu vou trabalhar e eu vou fazer tudo o que me disse porque, no fim das contas, a vida de marionete é uma chatice, e eu quero me tornar um rapaz a todo custo. Você prometeu, não foi?

– Foi, prometi. Mas agora depende de você.

26. O PINOCCHIO VAI COM OS COLEGAS DA ESCOLA PARA A PRAIA VER O TERRÍVEL TUBARÃO

No dia seguinte, o Pinocchio foi para a escola municipal.

Imaginem aqueles meninos danados ao verem entrar uma marionete na escola! Foi uma gargalhada só, que não acabava mais! Teve quem lhe fizesse todo tipo de brincadeiras: arrancaram seu boné, puxaram seu colete por trás, tentaram pintar um bigode debaixo do seu nariz, e até amarraram fios nos seus pés e mãos para fazer com que dançasse.

Durante algum tempo, o Pinocchio manteve o jogo de cintura, mas finalmente, quando sua paciência se esgotou, revoltou-se contra os que mais pregavam peças e o provocavam:

— Olhem, garotos, eu não vim aqui para ser o palhaço de vocês! Eu respeito os demais e quero ser respeitado.

— Muito bem, ô diabo! Falou como nas cartilhas! — berraram os moleques, explodindo de tanto rir. E um deles, o mais impertinente de todos, esticou o braço para pegar o boneco pela ponta do nariz.

Mas não conseguiu, pois o Pinocchio estendeu sua perna embaixo da mesa e lhe deu um chute na canela.

— Ai! Que pé duro! — berrou o garoto, esfregando o galo que o boneco tinha feito nele.

— E que cotovelo, então... até mais duro que o pé! — disse um outro que, por causa das brincadeiras estúpidas, levou uma cotovelada no estômago.

O fato é que, depois daquele chute e daquela cotovelada, o Pinocchio conquistou de imediato a estima e a simpatia dos garotos da escola. Todos o tratavam bem e gostavam muito dele.

Até o professor o elogiava, porque observava que prestava atenção, era estudioso, inteligente, sempre o primeiro a chegar e o último a se levantar durante as aulas.

Seu único defeito era o de estar sempre às voltas com os colegas, pois aqueles pirralhos eram famosos pela pouca vontade de estudar e de ir bem na escola.

O professor o advertia todos os dias, e até a boa Fada não deixava de repetir inúmeras vezes:

— Olha lá, Pinocchio! Aqueles seus colegas da escola farão com que você, cedo ou tarde, perca o amor pelos estudos e talvez até causem alguma desgraça ainda maior.

— Não tem perigo! — respondia a marionete, dando de ombros e tocando o dedo indicador no meio da testa, como que dizendo: “Eu tenho muito juízo aqui dentro!”.

Aconteceu que, num belo dia, ao caminhar para a escola, topou com a turma dos colegas:

— Você sabe da grande novidade? — perguntaram.

— Não.

— No mar aqui perto chegou um tubarão grande como uma montanha.

— É mesmo? Será que é o mesmo tubarão de quando o meu pobre pai se afogou?

— Nós vamos até a praia para vê-lo. Quer vir também?

— Eu, não. Quero ir para a escola.

— Que escola o quê? Escola tem todos os dias. Uma aula a mais ou a menos não vai nos deixar menos burros!

— O professor vai ficar bravo.

— Ele que fique o quanto quiser. Ele recebe salário exatamente para ralhar todos os dias com a gente.

— E a minha mãe?

— As mães nunca ficam sabendo de nada — responderam os malandros.

— Sabem o que vou fazer? — disse o Pinocchio. — Eu tenho as minhas próprias razões para querer ver aquele tubarão, mas vou só depois da escola.

— Mas que cabeça oca! — rebateu um do grupo. — E você acha que um peixe daquele tamanho vai ficar esperando por você? Logo que se aborrecer, irá embora em outra direção. E, então, quem viu, viu, quem não viu, que visse.

— Quanto tempo leva daqui até a praia? — perguntou o boneco.

— Em uma hora, vamos e voltamos.

— Então, vamos! E quem correr mais, é o melhor! — gritou o Pinocchio.

Quando deram o sinal de largada, aquele bando de moleques, com seus livros e cadernos debaixo do braço, se pôs a correr cortando os campos. O Pinocchio, que parecia ter asas nos pés, estava sempre na dianteira.

De vez em quando se voltava para tirar sarro dos colegas que tinham ficado a uma bela distância para trás. Ao vê-los sem fôlego, cansados, cobertos de poeira e com a língua de fora, ria até não poder mais. Naquele momento, o infeliz ainda não sabia que corriam rumo a um susto e a uma desgraceira terríveis.

27. NO GRANDE COMBATE ENTRE O PINOCCHIO E SEUS COLEGAS, UM DELES SE FERIU E O PINOCCHIO É PRESO PELOS GUARDAS

Quando chegou na praia, o Pinocchio deu logo uma boa olhada no mar, mas não viu nenhum tubarão. O mar estava liso como um espelho.

— E o tubarão, onde está? — perguntou, virando-se para os companheiros.

— Deve ter ido tomar seu café da manhã — respondeu um deles, rindo.

— Ou será que mergulhou na cama para tirar uma soneca? — acrescentou um outro, rindo ainda mais.

Com aquelas respostas desconexas e as gargalhadas ridículas, o Pinocchio compreendeu que seus colegas o haviam enganado. Ao entender a peça, ficou furioso e disse com voz zangada:

— Qual é a graça? Qual o sentido de me enganar com essa história de tubarão?

— Muito sentido! — responderam em coro os outros moleques.

— E qual seria...?

— O de você perder a aula e vir conosco. Não tem vergonha de se apresentar todos os dias assim tão à risca e

dedicado nas aulas? Não tem vergonha de estudar tanto, como você faz?

— Se eu estudo, o que importa a vocês?

— Importa muitíssimo, porque nos faz passar vergonha com o professor.

— Por quê?

— Porque os alunos que estudam fazem sombra sobre aqueles que, como nós, não têm vontade de estudar. E nós não queremos ficar na sombra! Até nós temos amor próprio!

— Então, o que devo fazer para que fiquem satisfeitos?

— Você também deve passar a detestar a escola, as aulas e o professor, que são os nossos grandes inimigos.

— E se eu quiser continuar estudando?

— A gente não vai mais olhar na sua cara e, na primeira oportunidade, você vai se dar mal.

— Na verdade, vocês me fazem rir — disse o boneco, sacudindo a cabeça.

— Cuidado, Pinocchio! — adiantou-se o maior dos meninos. — Não dê uma de valentão, não venha dar uma de galão de briga! Se você não tem medo de nós, também não temos medo de você! Lembre-se de que você está sozinho, e nós estamos em sete!

— Sete como os pecados mortais — caçou o Pinocchio, soltando uma grande risada.

— Escutaram? Ele insultou a todos nós! Ele nos chamou de “pecados mortais”!

— Pinocchio, peça desculpas pela ofensa... se não, coitado de você!

— Aqui para vocês! — fez a marionete, batendo com o indicador na ponta do nariz, zombando deles.

— Pinocchio, você vai se dar mal!

— Aqui para vocês!

— Está bancando o idiota!

— Aqui para vocês!

— Vai voltar pra casa com o nariz quebrado!

— Aqui para vocês!

— Agora você vai ver! — gritou o mais atrevido dos moleques. — Tome isto de adiantamento, e aproveite para saborear hoje à noite.

Ao dizer isto, deu-lhe um soco na cabeça.

Mas foi, como se costuma dizer, ação e reação, porque o boneco, como era de se esperar, revidou de imediato com outro soco. Então, de um momento para o outro, a briga se transformou em um combate generalizado e feroz.

O Pinocchio, mesmo sozinho, defendia-se como um herói. Com aqueles pés de madeira duríssima, dava pernadas a três por quatro, mantendo seus inimigos sempre a uma considerável distância. Onde seus pés alcançassem, deixavam sempre uma mancha roxa de recordação.

Nesta altura, os garotos, de orgulho ferido por não estarem à altura do boneco no corpo a corpo, resolveram atacar com projéteis: abriram suas mochilas e começaram

a atirar contra ele as cartilhas, os livros de gramática, de matemática, de geografia, de leitura... todo o arsenal de livros didáticos. Mas o boneco, ágil e astuto, sempre se esquivava, de forma que os volumes passavam por cima de sua cabeça e acabavam caindo no mar.

Imaginem os peixes! Os peixes, achando que os livros fossem comida, correram em grande número à superfície da água. Mas depois de abocanhar alguma página ou capa, as cuspiam em seguida, contorcendo a boca. Pareciam dizer: “Não é coisa para nós, que estamos acostumados com comida muito melhor!”

A violência da luta aumentava quando um grande caranguejo saiu da água e, devagarinho, foi chegando à praia, até que gritou com um vozeirão de trombone resfriado:

— Parem já, seus moleques danados, pois é isso o que vocês são! Essas lutas entre meninos raramente terminam bem. Alguma desgraça sempre acaba acontecendo!

Coitado do caranguejo! Foi a mesma coisa que falar com as nuvens. Inclusive o Pinocchio, travesso, olhou para trás de esguelha e retrucou:

— Fique quieto, caranguejo da peste! Seria melhor que fosse fazer um gargarejo com água salgada para curar essa inflamação na garganta. Vá já para a cama, senão você piora!

Os garotos, sem terem mais o que atirar, viram ali pertinho os livros do Pinocchio e imediatamente os pegaram.

Entre os livros, havia um de capa dura com a lombada e os cantos de pergaminho. Era o *Tratado de aritmética*. Deixo à imaginação de vocês o quanto era pesado!

Um dos moleques ergueu o volume e, mirando a cabeça do Pinocchio, lançou-o com toda a força que tinha nos braços. Mas, em vez de atingir a marionete, acertou a cabeça de um dos outros companheiros, que ficou branco feito nuvem e não conseguiu dizer nada mais além de:

— Ai, minha mãe! Ajude porque estou morrendo...

Em seguida, caiu duro na areia.

Vendo o colega meio mortinho, os garotos, assustados, deram no pé e, em poucos minutos, já estavam fora de vista.

O Pinocchio ficou. O menino parecia mais morto do que vivo, ainda que dolorido e assustado. O boneco correu para molhar o seu lenço na água do mar e se pôs a umedecer a têmpora do pobre companheiro de escola. Enquanto isso, chorando desesperado, chamava-o pelo nome e dizia:

— Eugenio! Coitado do querido Eugenio! Abra os olhos e olhe para mim! Por que você não responde? Sabe, não fui eu quem machucou você! Acredite, não fui eu! Abra os olhos, Eugenio... Se ficar assim com os olhos fechados, eu também morro. Ai, meu Deus, como faço agora para

voltar para casa? Com que coragem vou me apresentar diante de minha mãe? O que será de mim? Para onde vou fugir? Onde posso me esconder? Como teria sido melhor se eu tivesse ido para a escola! Por que dei trela para os colegas, que são o meu inferno? O professor tinha me dito, e a minha mãe repetiu: “Olhe lá, cuidado com os maus companheiros!” Mas eu sou teimoso, um cabeça-dura! Deixo que falem, e não escuto ninguém. Depois quem paga sou eu. E assim, desde que estou no mundo, não tive nem quinze minutos de sossego. Céus! O que será de mim, o que será de mim, o que será de mim?

O Pinocchio continuava a chorar, a berrar, a bater com a mão na cabeça e a chamar o pobre Eugenio, quando escutou de repente o rumor surdo de passos em sua direção.

Virou-se: eram dois policiais militares.

— O que você está fazendo aí no chão? — perguntaram ao Pinocchio.

— Estou ajudando este meu colega de escola.

— Por quê, ele está mal?

— Parece que sim.

— Está mal mesmo! — disse um dos guardas, inclinando-se para observar Eugenio de perto. — Este garoto foi ferido na têmpora. Quem foi que o machucou?

— Não fui eu! — quis livrar-se a marionete, já sem fôlego.

— Se não foi você, então quem foi que o machucou?

— Não fui eu! — repetiu o Pinocchio.

— Com o que foi ferido?

— Com este livro. — Apanhou no chão o *Tratado de aritmética*, de capa dura e pergaminho, para mostrar ao guarda.

— De quem é este livro?

— É meu.

— É o suficiente, não precisa de mais nada. Levante-se já e venha conosco.

— Mas eu...

— Venha conosco!

— Mas eu sou inocente!

— Venha conosco!

Antes de irem, os guardas chamaram alguns pescadores que justamente naquele momento passavam com o barco perto da praia, e disseram a eles:

— Fica sob a responsabilidade de vocês este garoto com um machucado na cabeça. Levem-no para sua casa e cuidem dele. Amanhã voltaremos para vê-lo.

Então se voltaram para o Pinocchio e o intimidaram em tom militar:

— Avante! E ande ligeiro, senão, pior para você!

Sem ouvir duas vezes, o boneco começou a caminhar pela trilha que levava à vila. Mas o pobre diabo também estava meio zozzo. Parecia que estava sonhando, e que pesadelo! Estava fora de si. Seus olhos viam tudo dobrado, as pernas tremiam, a língua estava grudada ao céu da boca

e não conseguia mais pronunciar nem uma palavra. Porém, no meio daquela espécie de torpor, um espinho afiado feria seu coração: o pensamento de que teria de passar sob a janela da casa da sua boa Fada entre dois guardas. Preferia morrer.

Estavam a ponto de entrar na vila quando uma forte rajada de vento soprou o boné da cabeça do Pinocchio a uns vinte passos de distância.

— Os senhores me permitem — disse o boneco aos policiais — que eu vá apanhar o meu boné?

— Vá, mas rapidinho.

O boneco de madeira foi, recolheu o boné, mas em vez de pôr na cabeça, abocanhou-o e começou a correr a toda velocidade na direção da praia. Ia feito bala de fuzil.

Os policiais, achando impossível alcançá-lo, atiraram atrás dele um grande cão mastim, campeão de todas as corridas caninas. O Pinocchio corria e o cachorro corria mais do que ele. Todo mundo saiu à janela ou se aglomerou no meio da rua para tentar assistir ao final de uma corrida tão acirrada. Mas não conseguiram, pois o mastim e o Pinocchio levantaram tanta poeira na estrada que, após poucos minutos, já não se enxergava nada.

28. O PINOCCHIO CORRE O RISCO DE SER FRITO COMO UM PEIXE

Durante aquela carreira desesperada, houve um momento terrível, no qual o Pinocchio achou que estivesse perdido, porque é preciso saber que o Alidoro (era este o nome do cão mastim), de tanto correr e correr, o havia alcançado.

Basta dizer que o boneco sentia atrás dele, à distância de um palmo, o bufar ofegante daquele bicho e até as ondas de calor da respiração dele.

Por sorte, a praia estava perto e já se via o mar a poucos passos.

Nem bem alcançou a praia, a marionete deu um belíssimo salto, como uma rã, e caiu no meio da água. O Alidoro, ao contrário, quis frear, mas sem conseguir conter o ímpeto da corrida, também acabou na água. Só que o azarado não sabia nadar. Então começou a agitar as patas, tentando ficar à tona, mas quanto mais se atarantava, mais afundava a sua cabeça.

Quanto tornou a pôr a cabeça para fora d'água, o coitado do cachorro estava com os olhos injetados de pânico e, quando latia, gritava:

— Estou me afogando! Estou me afogando!

— Que morra! — respondeu o Pinocchio de longe, já fora de perigo.

— Me ajude, caro Pinocchio, me salve da morte!

Ao ouvir aqueles gritos lancinantes, o boneco, que no fundo tinha um ótimo coração, ficou com dó. Voltou-se para o cachorro e disse:

— Mas se eu te salvar, promete não me amolar e não correr mais atrás de mim?

— Prometo, prometo! Venha rápido, por favor, porque se você levar um minuto mais, estarei bem morto!

O Pinocchio hesitou um pouco, mas lembrando do que o seu pai disse tantas vezes (“ao fazer uma boa ação, ninguém fica no prejuízo”), nadou até alcançar o Alidoro e, pegando-o pelo rabo com as duas mãos, levou-o são e salvo para a areia seca da praia.

O pobre cachorro não se aguentava em pé. Tinha bebido, sem querer, tanta água salgada que estava inchado feito uma bola. O boneco, sem querer dar muita confiança, achou que o mais prudente seria mergulhar de novo no mar. E, afastando-se da praia, gritou para o amigo resgatado:

— Adeus, Alidoro, faça uma boa viagem! E saudações em casa.

— Adeus, Pinocchio — respondeu o cachorro —, muitíssimo obrigado por ter me livrado da morte. Você me fez uma coisa muito boa e, neste mundo, uma mão lava a outra. Te devo essa.

O Pinocchio continuou a nadar, mantendo-se sempre próximo à terra. Por fim, pareceu chegar a um lugar

seguro. Observou a praia e viu nos rochedos uma espécie de gruta da qual saía um longo fio de fumaça.

— Naquela gruta — disse consigo mesmo — deve ter fogo. Que bom! Vou me secar e me aquecer. E depois? Depois, o que será, será.

Tomada essa decisão, aproximou-se do penhasco, mas quando estava a ponto de escalar, sentiu alguma coisa embaixo da água que subia, subia, subia, até que o levantou no ar. Tentou fugir, mas já era tarde porque, para sua enorme surpresa, estava enroscado em uma grande rede, no meio de um cardume fervilhante de peixes de todos os tipos e tamanhos, que batiam suas caudas e se contorciam em desespero.

Ao mesmo tempo, viu sair da gruta um pescador tão feio, mas tão feio, que parecia um monstro marinho. No lugar de cabelos, tinha uma moita densa de erva verde. Verde era a pele do seu corpo, verdes os olhos, verde a barba longuíssima que descia até quase o chão. Parecia um enorme lagarto de pé, sobre as patas de trás.

Quando o pescador puxou a rede do mar, gritou todo contente:

— Divina Providência! Hoje também encherei a barriga de peixe!

— Ainda bem que eu não sou um peixe! — disse o Pinocchio para si, retomando um pouco da coragem.

A rede cheia de peixe foi levada para dentro da gruta, uma gruta escura e enfumaçada, no centro da qual havia

uma grande frigideira de óleo fervente que exalava um cheirinho de fritura de cortar a respiração.

— Agora vamos ver que peixes pegamos! — disse o pescador verde, e meteu na rede sua mão despropositadamente grande, que parecia uma pá de pizza. Ele retirou um punhado de salmonetes.

— Bons, estes salmonetes! — disse, olhando para eles e inalou com satisfação. E depois de ter cheirado, lançou-os em uma bacia sem água.

Em seguida, repetiu outra e outra vez a mesma operação. E vai que vai, ao retirar os outros peixes, sentia água na boca e, contente, dizia:

— Boas, estas pescadas!

— Especiais, estas tainhas!

— Deliciosos, estes linguados!

— Uma iguaria, estes robalos!

— Bonitinhas, estas anchovas com as cabeças!

Como podem imaginar, as pescadas, as tainhas, os linguados, os robalos e as anchovas, todos foram para a mesma bacia fazer companhia aos salmonetes.

O último que restou na rede foi o Pinocchio.

Nem bem o pescador o tirou, arregalou de espanto os seus olhos verdes e gritou assustado:

— Que raça de peixe é esta? Eu não me lembro de ter comido nunca um peixe assim!

E voltou a examiná-lo atentamente. Após observá-lo bem por todos os lados, disse:

— Entendi. Deve ser um caranguejo-do-mar.

Então o Pinocchio, mortificado por ser confundido com um caranguejo, disse ressentido:

— Mas que história é essa de caranguejo? Olhe lá como me trata! Eu, para a sua informação, sou uma marionete.

— Uma marionete? — replicou o pescador — Digo com sinceridade, peixe-marionete é, para mim, uma novidade! É melhor assim! Eu o comerei com mais gosto.

— Me comer? Entenda de uma vez que eu não sou um peixe! Ou não percebeu que eu falo e raciocino como o senhor?

— É a verdade verdadeira — concordou o pescador —, e como vejo que você é um peixe e que tem a sorte de falar e de raciocinar como eu, então faço questão de ter com você o devido respeito.

— E esse respeito seria...?

— Como sinal de amizade e de particular estima, deixarei que você escolha como quer ser cozinhado. Deseja ser frito na frigideira ou prefere ser cozido na caçarola com molho de tomate?

— Para falar a verdade — respondeu o Pinocchio —, se posso escolher, prefiro mesmo é ser posto em liberdade para poder voltar para casa.

— Você está brincando! Acha que eu perderia a chance de provar um peixe tão raro? Isso não acontece todo dia, dar um peixe-marionete nestes mares. Deixe que eu

escolho. Eu vou fritá-lo na frigideira junto com todos os outros peixes, e você ficará contente. Ser frito na companhia de outros é sempre um consolo.

O infeliz do Pinocchio, com esse discurso, começou a chorar, a dar gritinhos, a pedir por proteção. Chorava e dizia:

— Como teria sido melhor se eu tivesse ido para a escola! Quis dar corda aos meus companheiros, e agora estou pagando. Ai, ai, ai.

Como o Pinocchio deslizava feito uma enguia em seu incrível esforço para se libertar das garras do pescador verde, este pegou uns ramos de junco e, depois de atar suas mãos e pés como se o boneco fosse um salame, atirou-o na bacia junto com os outros.

Então, pegou uma travessa de madeira cheia de farinha e pôs-se a enfarinhar os peixes. E à medida em que ia passando cada um na farinha, punha-os para fritar na frigideira.

As primeiras a bailar no óleo fervente foram as pobres pescadas. Depois foi a vez dos robalos, e então as tainhas, os linguados e as anchovas. Por fim chegou a vez do Pinocchio. Vendo-se tão perto da morte (e que morte horrível!), tremia tanto e estava tão assustado que já não tinha voz nem fôlego para suplicar.

O coitado do menino suplicava era com os olhos. Mas o pescador verde, sem dar a mínima bola, passou-o na farinha cinco ou seis vezes de cada lado, enfarinhando tão

bem, da cabeça aos pés, que ele parecia ter virado uma marionete de gesso.

Então pegou-o pela cabeça e...

29. ELE VOLTA PARA A CASA DA FADA, QUE PROMETE QUE, NO DIA SEGUINTE, ELE JÁ NÃO SERÁ MAIS UM BONECO, E SIM UM MENINO. UM GRANDE LANCHE COM CAFÉ COM LEITE FESTEJA O GRANDE ACONTECIMENTO

Quando o pescador estava prestes a jogar o Pinocchio na frigideira, entrou na gruta um cachorro grande que tinha sido atraído pelo cheiro fortíssimo e gostoso de fritura.

— Passe fora! — ameaçou o pescador, sem soltar o boneco enfarinhado.

Mas o coitado do cachorro estava com uma fome de anteontem e, ganindo e abanando o rabo, parecia dizer:

— Dê para mim um bocado de peixe frito, e eu o deixo em paz.

— Passe fora, já disse! — repetiu o homem, esticando a perna para dar um pontapé no cão.

Então o cachorro que, quando tinha fome de verdade, não deixava ninguém encostar nele, rebelou-se. Rosnou para o pescador e mostrou seus terríveis caninos.

Naquele momento, ouviu-se na gruta uma vozinha bem fraquinha, que disse:

— Me salve, Alidoro! Se não me salvar, estou frito...

O cachorro reconheceu de imediato a voz do Pinocchio e percebeu, incrivelmente surpreso, que a vizinha saía daquele pacote enfarinhado que o pescador segurava.

Então, o que fez? Deu um grande salto, abocanhou a trouxa enfarinhada e, segurando-a com delicadeza entre os dentes, saiu correndo da gruta como um raio!

O pescador, zangadíssimo por lhe terem arrancado o peixe que comeria com tanto prazer, tentou correr atrás do cachorro, mas, após poucos passos, teve um acesso de tosse e foi obrigado a voltar.

Nesse meio-tempo, Alidoro, encontrou a trilha que conduzia à vila, parou e pôs o amigo Pinocchio delicadamente no chão.

— Puxa, muito obrigado! — disse a marionete.

— Não tem de quê — replicou o cachorro —, você me salvou antes, e uma mão lava a outra. Nós já sabemos: neste mundo é preciso dar uma mãozinha aos outros.

— Mas como você acabou naquela gruta?

— Estava aqui deitado na praia, mais morto do que vivo, quando o vento trouxe de longe um cheiro de fritura. Aquele cheirinho bom abriu o meu apetite, e eu fui atrás dele. Se eu chegasse um minuto mais tarde...

— Nem me diga! — gritou o Pinocchio, que ainda tremia de medo. — Nem me diga! Se você tivesse chegado um minuto mais tarde, a esta hora eu estaria bem frito,

comido e digerido. *Brrr!* Só de pensar, já fico todo arrepiado!

Alidoro, rindo, estendeu a pata direita na direção do boneco, que a apertou forte em sinal de grande amizade. Depois cada um foi para o seu lado.

O cachorro tomou o caminho de casa, e o Pinocchio, sozinho, foi até uma cabana ali perto perguntar a um velhinho que estava na porta se aquecendo ao sol:

— Diga-me, cavalheiro, sabe por acaso alguma coisa sobre o coitado de um garoto chamado Eugenio, que foi ferido na cabeça?

— O garoto foi trazido por alguns pescadores a esta cabana, e agora...

— Agora está morto... — interrompeu o Pinocchio, dolorosamente.

— Não. Está vivo e já voltou para casa.

— De verdade? De verdade? — gritou o boneco, pulando de alegria. — Então o ferimento não era grave?

— Mas poderia ter sido gravíssimo e até mortal — respondeu o velhinho —, porque atiraram na cabeça dele um livro de capa dura.

— Quem atirou nele?

— Um colega de escola. Um certo Pinocchio.

— E quem é esse Pinocchio? — perguntou o boneco de pau, fazendo-se de desentendido.

— Dizem que é um malandro, um vagabundo, um chato de galocha.

— São calúnias! Tudo calúnia!
— Você conhece esse Pinocchio?
— De vista — respondeu a marionete.
— E você, o que acha dele? — perguntou o velhinho.
— Me parece um ótimo garoto, cheio de vontade de estudar, obediente, ligado ao seu pai e à sua família...

Enquanto o boneco dizia todas essas mentiras na cara dura, tocou o nariz e percebeu que tinha encompridado mais de um palmo. Então, com muito medo, começou a gritar:

— Não acredite, senhor, no que eu lhe disse. Conheço o Pinocchio muito bem e também posso assegurar que é um verdadeiro malandro, um desobediente e um preguiçoso que, em vez de ir para a escola, foge com os companheiros para aprontar das suas.

Ao pronunciar essas palavras, seu nariz voltou ao tamanho normal.

— E por que você está todo branco assim? — perguntou subitamente o velhinho.

— Eu conto. Sem perceber, eu me esfreguei em uma parede recém-pintada — respondeu a marionete, com vergonha de contar que fora passado na farinha feito um peixe para ser frito na frigideira.

— Onde estão a sua jaqueta, as suas calças e o seu boné, o que fez com eles?

— Cruzei com alguns ladrões, que me roubaram as roupas. Diga, bom velhinho, não teria por um acaso

algumas roupas para me dar, para que eu possa voltar para casa?

— Meu menino, de pano, eu tenho só um pequeno saco onde guardo o tremçoço. Se quiser, pode pegá-lo. Está ali.

O Pinocchio não esperou que ele insistisse. Pegou logo o saco de tremçoço, que estava vazio, fez um pequeno buraco no fundo e dois nas laterais com uma tesoura, e vestiu-o como se fosse uma camiseta. E, com essa roupa tão leve, seguiu em direção à vila. Mas ao longo do caminho não se sentia tranquilo de jeito nenhum. Tanto é verdade que dava um passo para a frente e um para trás, e conversando consigo mesmo, dizia:

— Como vou fazer para me apresentar diante da Fadinha? O que vai dizer quando me vir? Será que me perdoará por esta segunda peraltice? Aposto que não! Com toda certeza, não perdoará. E eu mereço, porque sou um moleque que promete sempre se corrigir, mas que não mantém nunca a palavra.

Chegou na vila já bem de noite. Fazia um tempo feio, e como a chuva caía a rodo, foi direto para a casa da Fada, decidido a bater na porta para que o deixassem entrar.

Mas quando chegou, sem coragem, em vez de bater na porta, afastou-se correndo uns vinte passos. Depois foi uma segunda vez para a frente da porta, mas não fez nada. Então aproximou-se uma terceira vez, e nada. Na quarta,

tremendo, pegou no batedor da aldrava e deu uma pequena batida.

Espera e espera. Finalmente, após meia hora, uma janelinha no último andar se abriu (a casa era um sobrado com o térreo e mais três andares) e o Pinocchio viu debruçar-se uma grande lesma com uma luz fraca acesa sobre a cabeça, que disse:

— Quem é, a esta hora?

— A Fada está em casa? — perguntou o boneco.

— A Fada está dormindo e não quer ser perturbada.

Mas você, quem é?

— Sou eu!

— Eu, quem?

— O Pinocchio.

— Que Pinocchio?

— O boneco de madeira, aquele que mora com a Fada.

— Ah, entendi! — disse a Lesma — Espere aí, que agorinha eu desço e abro a porta para você.

— Ande logo, por favor, porque estou morrendo de frio.

— Querido garoto, eu sou uma lesma, e as lesmas nunca têm pressa.

Entretanto, passou-se uma hora, passaram-se duas e a porta não se abria. O Pinocchio, que tremia de medo e de frio por causa da água que o encharcara, tomou coragem e bateu uma segunda vez, mais forte.

Com aquele segundo golpe, uma janela do andar de baixo se abriu e a mesma Lesma deu as caras.

— Lesminha linda — gritou o Pinocchio da rua —, há duas horas que estou esperando! E duas horas, a esta hora da noite, parecem dois longos anos. Apresse-se, por caridade!

— Querido garoto — respondeu-lhe da janela aquele bichinho devagar-quase-parando —, eu sou uma lesma, e as lesmas nunca têm pressa. — E a janela se fechou.

Dali a pouco deu meia-noite. Depois, uma hora e depois duas da madrugada, mas a porta continuava fechada.

Então o Pinocchio perdeu a paciência, agarrou com raiva o batedor de ferro para dar uma pancada que retumbasse na casa toda. Mas o batedor transformou-se em uma enguia viva que, escorregando por entre seus dedos, desapareceu na enxurrada da chuva que escoava pela rua.

— Ah, é? — gritou o Pinocchio, cada vez mais cego de raiva. Se o batedor desapareceu, eu continuarei a bater dando chutes na porta!

Indo um pouco para trás, deu um solene pontapé na entrada da casa. O chute foi tão forte que o pé penetrou até a metade na madeira da porta. Todo o esforço da marionete para tirá-lo foi inútil porque o pé ficara cravado como um prego entortado.

Imaginem o coitado do Pinocchio! Teve de passar todo o resto da noite com um pé no chão e o outro pendurado.

De manhã, ao nascer do dia, finalmente a porta se abriu. Aquele bicho tão competente, a Lesma, tinha levado só nove horas para descer do terceiro andar até a porta da rua. É preciso dizer que foi uma verdadeira proeza.

— O que está fazendo com o pé fincado na porta? — perguntou rindo ao boneco.

— Foi um acidente. Veja, lesminha linda, se consegue me libertar deste suplício.

— Meu garoto, para isto precisamos de um lenhador, e eu nunca fui uma lenhadora.

— Peça para a Fada em meu nome!

— A Fada está dormindo e não quer ser perturbada.

— Mas o que quer que eu faça, que fique pregado o dia inteiro nesta porta?

— Divirta-se contando as formiguinhas que passam na rua.

— Traga pelo menos alguma coisa para comer, porque estou em pandarecos.

— É para já! — disse a Lesma.

De fato, após três horas e meia, o Pinocchio a avistou com uma bandeja de prata na cabeça. Na bandeja havia pão, um frango assado e quatro damascos maduros.

— Pronto, aqui está a refeição que a Fada mandou para você — disse a Lesma.

Ao ver aquela graça divina, o boneco sentiu-se totalmente consolado. Mas se desapontou quando, ao tentar comer, percebeu que o pão era de gesso, o frango de papelão e os quatro damascos de alabastro colorido, muito reais!

Teve vontade de chorar, entregar-se ao desespero, jogar longe a bandeja com tudo o que tinha nela, mas, em vez disso, por causa da dor imensa ou da fraqueza da fome, caiu desmaiado.

Quando voltou a si, estava estendido no sofá com a Fada a seu lado.

— Também desta vez eu te perdoo — disse a Fada —, mas ai de você se aprontar outra das suas!

O Pinocchio jurou que iria estudar e se comportar bem. E manteve a palavra pelo resto do ano. De fato, nas provas finais ganhou a honra ao mérito por ter sido o melhor aluno da escola. Suas notas de comportamento foram consideradas louváveis. A Fada, toda contente, disse:

— Amanhã finalmente o seu desejo será cumprido.

— E o que seria?

— A partir de amanhã você não será mais uma marionete de madeira, será um menino de verdade.

Só vendo para crer a alegria do Pinocchio com a tão esperada notícia! Todos os seus amigos e colegas de escola seriam convidados para um grande lanche, na casa da Fada, em comemoração ao grande acontecimento. A Fada

mandou preparar duzentas xícaras de café com leite e quatrocentos sanduíches de pão com manteiga nos dois lados. Aquele dia prometia ser muito lindo e alegre, mas...

Por má sorte, na vida das marionetes tem sempre algum “mas” que estraga tudo.

30. O PINOCCHIO, EM VEZ DE SE TORNAR UM MENINO, VAI EMBORA, ESCONDIDO, COM O SEU AMIGO PAVIO PARA O PAÍS DOS BRINQUEDOS

Como é natural, o Pinocchio logo pediu permissão à Fada para sair pela cidade e fazer os convites. A Fada respondeu:

— Então vá convidar os seus amiguinhos para o lanche de amanhã, mas lembre-se de voltar para casa antes do anoitecer. Entendeu?

— Prometo voltar em uma hora — afirmou a marionete.

— Olha lá, Pinocchio! Os garotos prometem rápido, mas, na maioria das vezes, demoram a cumprir.

— Mas eu não sou mais como os outros. Quando digo alguma coisa, mantenho a palavra.

— Veremos. Se por acaso desobedecer, pior para você.

— Por quê?

— Porque os garotos que não dão ouvidos aos conselhos daqueles que sabem mais sempre acabam caindo em alguma desgraça.

— E eu sou uma prova disso! — disse o Pinocchio. — Mas agora não caio mais nessa.

— Vamos ver se você está dizendo a verdade.

Sem dizer mais nada, o boneco se despediu da boa Fada, que era para ele como uma mãe, e, cantando e dançando, saiu à rua.

Em pouco mais de uma hora, todos os seus amigos tinham sido convidados. Alguns aceitaram de imediato e agradecidos. Outros deram uma de rogados, mas quando souberam que os sanduíches que seriam molhados no café com leite teriam manteiga nos dois lados, acabaram aceitando:

— Nós também iremos, para celebrar com você.

Neste ponto, devemos saber que, entre seus colegas de escola, um era o mais querido pelo Pinocchio, um menino chamado Romeo — mas que todos chamavam pelo apelido de PAVIO por ser magricela e desengonçado como um pavio de vela nova.

PAVIO era o garoto mais preguiçoso e espertalhão de toda a escola, mas o Pinocchio gostava muito dele. De fato, logo foi até sua casa para convidá-lo para o lanche, mas não o encontrou. Voltou uma segunda vez, mas o PAVIO não estava. Voltou pela terceira vez e nada.

Onde poderia encontrá-lo? Procura aqui, procura de lá, finalmente o avistou escondido sob o pórtico de uma casa de camponeses.

— O que faz aqui? — perguntou o Pinocchio ao se aproximar.

— Estou esperando que dê a meia-noite para ir embora.

— Aonde você vai?

— Para longe, longe, longe!

— E eu, que fui três vezes procurar você em casa...

— O que você quer comigo?

— Não está sabendo do grande acontecimento? Não sabe a sorte que tenho?

— Qual é?

— De amanhã em diante, já não serei um boneco. Vou me transformar em um menino como você, como todos os demais.

— Boa sorte.

— Amanhã, então, espero você para um lanche lá em casa.

— Mas estou dizendo que vou embora esta noite!

— A que horas?

— Daqui a pouco.

— E aonde você vai?

— Vou morar em um lugar que é o cantinho mais lindo deste mundo, uma verdadeira boa vida!

— E como se chama?

— Ele se chama País dos Brinquedos. Por que você não vem também?

— Eu? Não, mesmo!

— Não seja bobo, Pinocchio. Acredite em mim ou vai se arrepender se não vier. Não existe lugar melhor para

nós, garotos. Lá não existem escolas, nem professores, nem livros. Naquele bendito lugar, nunca se estuda. Não há aulas e as semanas têm seis sábados e um domingo. Imagine que as férias de verão começam no dia primeiro de janeiro e terminam no último dia de dezembro. Está aí um lugar de que eu realmente gosto! É como deveriam ser todos os lugares civilizados.

— Mas como se passa o tempo no País dos Brinquedos?

— Brincando e se divertindo de manhã até a noite. À noite vão para a cama e, na manhã seguinte, começam tudo de novo. O que você acha?

— *Hum...* — fez o Pinocchio, balançando a cabeça como que dizendo: “É uma vida que eu também gostaria de ter”.

— Então, quer ir comigo? Sim ou não? Decida-se.

— Não, não e não! Prometi à minha boa Fada que me tornaria um garoto direito, e quero cumprir a promessa. Inclusive, como vejo que o sol está se pondo, deixo você aí e vou-me embora já. Então adeus, e boa viagem.

— Aonde vai com tanta pressa?

— Para casa. A minha Fada querida quer que eu volte antes do anoitecer.

— Espere mais dois minutos.

— Vou me atrasar.

— Só dois minutos.

— E se a Fada gritar comigo?

— Deixe que grite. Quando tiver gritado bastante, vai se acalmar — disse o danado do Pavio.

— E como você vai fazer? Vai sozinho ou com alguma companhia?

— Sozinho? Seremos mais de cem garotos.

— Vão viajar a pé?

— Daqui a pouco vai passar por aqui uma carroça que vai nos levar até aquele lugar afortunado.

— Como eu gostaria que a carroça passasse agora...

— Por quê?

— Para ver vocês partirem todos juntos.

— Fique aqui mais um pouco e verá.

— Eu, não. Quero voltar para casa.

— Espere mais dois minutos.

— Já demorei até demais. A Fada ficará preocupada comigo.

— Coitada da Fada! Ela tem medo de que os morcegos comam você?

— Mas então — continuou o Pinocchio —, você tem mesmo certeza de que naquele país não existe mesmo nenhuma escola?

— Nem sombra de escola.

— Nem professores?

— Nenhum.

— E ninguém é obrigado a estudar?

— Nunca, nunca, nunquinha!

— Que lugar lindo! — admirou-se o Pinocchio, com brilho nos olhos. — Que legal esse lugar! Eu nunca estive lá, mas imagino!

— Por que você não vem também?

— É uma tentação inútil, pois prometi à minha boa Fada que me tornaria um menino de juízo, e não quero faltar com a palavra.

— Então adeus, e saudações de minha parte para a escola fundamental! E também para o colegial, se os vir por aí.

— Adeus, Pavio, faça uma boa viagem, divirta-se e lembre-se dos amigos de vez em quando.

Dito isso, o boneco de madeira deu dois passos, mas em seguida parou, virou-se para trás e perguntou uma vez mais para o amigo:

— Mas você está mesmo certo de que, naquele local, todas as semanas têm seis sábados e um domingo?

— Certíssimo.

— Mas você tem certeza de que as férias de verão começam no dia primeiro de janeiro e terminam no último dia de dezembro?

— Tenho.

— Que lugar legal! — repetiu o Pinocchio, tentando se consolar. Mas logo acrescentou, decidido: — Então, adeus, e boa viagem.

— Adeus.

— Quando irão embora?

— Daqui a pouco.

— Que pena! Se faltasse só uma hora para vocês partirem, eu seria capaz de esperar.

— E a Fada?

— Já estou mesmo atrasado, e voltar para casa uma hora antes ou uma hora depois vai dar na mesma.

— Pobre Pinocchio! E se a Fada gritar com você?

— Paciência! Deixo que grite. Quando tiver gritado bastante, vai se acalmar.

Enquanto isso, a noite já tinha caído. De repente, viram uma luzinha se mexer ao longe e escutaram sininhos e o soar de uma trombeta, tão suave e abafada que parecia o zumbido de um mosquito.

— Aí está! — gritou o Pavo, ficando em pé.

— O que é? — perguntou o Pinocchio baixinho.

— É a charrete que vem me buscar. E então, você vem ou não?

— Mas é verdade — perguntou o boneco — que nesse lugar não obrigam ninguém a estudar?

— Nunca, nunca, nunquinha!

— Que legal esse lugar, que legal esse lugar... Que legal esse lugar!

31. APÓS CINCO MESES DE BOA VIDA, O PINOCCHIO, PARA SEU GRANDE ESPANTO, SENTE DESPONTAR UM BELO PAR DE ORELHAS DE BURRO E SE TORNA UM BURRICO COM RABO E TUDO

Por fim, a charrete chegou. E chegou sem fazer o mínimo ruído porque suas rodas estavam embrulhadas com estopa e outros panos.

Doze parelhas de burricos a puxavam, todos do mesmo tamanho, mas de diferentes pelagens.

Alguns eram pardos; outros, brancos; outros, malhados como uma mistura de sal e pimenta; e ainda havia alguns com grandes listras amarelas e azuis.

Mas a coisa mais estranha era que aquelas doze parelhas, ou seja, aqueles vinte e quatro burricos, em vez de estarem com ferraduras como todos os animais de tração e de carga, tinham nos pés botas masculinas de couro branco.

E o condutor da charrete?

Imaginem um homenzinho mais largo do que comprido, macio e gorduroso como manteiga, com uma carinha oval de jambo, uma boquinha que sorria sempre e

uma voz suave como a de um gato ronronando de amor por seus donos.

Todos os garotos, logo que o viam, ficavam encantados e corriam para montar em sua carroça e serem levados àquela verdadeira terra da folia, indicada no mapa com o sedutor nome de País dos Brinquedos.

De fato, a charrete já estava lotada de meninos entre oito e doze anos de idade, amontoados uns sobre os outros como sardinhas em lata. Estavam tão espremidos que mal podiam respirar. Mas não se ouviu um “ai”, ninguém reclamava. O consolo de saber que em poucas horas estariam reunidos em um lugar onde não havia livros, nem escolas, nem professores os deixava tão contentes que não ligavam para o desconforto, o cansaço, fome, sede ou sono.

Assim que a charrete parou, o homenzinho virou-se para o Pavio, e com mil trejeitos e amabilidades, perguntou:

— Diga, querido garoto, você também quer ir para aquele lugar paradisíaco?

— Claro que quero!

— Mas eu aviso, meu querido, que na charrete não tem mais lugar. Como você pode ver, está lotada!

— Paciência! — respondeu o Pavio. — Se não tem lugar dentro, eu me ajeito sentado sobre as varas da carroça. — E, com um salto, montou sobre uma das traves que prendia os animais aos eixos da carruagem.

— E você, queridinho? — disse o homenzinho, dirigindo-se todo cerimonioso ao Pinocchio. — O que pretende fazer? Vem conosco ou fica?

— Eu fico — respondeu o Pinocchio. — Eu quero voltar para casa, estudar e ir bem na escola, como fazem todos os garotos bonzinhos.

— Boa sorte!

— Pinocchio — insistiu o Pávio —, vê se me escuta. Venha conosco e seremos felizes!

— Não, não e não!

— Venha conosco e seremos felizes! — repetiram outras quatro vezes de dentro da charrete.

— Venha conosco e seremos felizes! — berraram, juntas, uma centena de vozes.

— Se vou com vocês, o que dirá a minha boa Fada? — desculpou-se o boneco de pau, que começava a esmorecer e a deixar-se levar.

— Não encha a cabeça com tanta ideia fixa. Pense que vamos para um lugar onde seremos livres para bagunçar, da manhã à noite!

O Pinocchio não respondeu, mas deu um suspiro. Depois deu outro suspiro e ainda um terceiro. Finalmente, disse:

— Abram um lugarzinho para mim, que eu também quero ir!

— Os lugares estão todos ocupados — replicou o homenzinho —, mas para demonstrar como você é bem-vindo, posso ceder o meu assento.

— E o senhor?

— Eu irei a pé.

— Não, não permitiria jamais. Prefiro, então, ir na garupa de um destes burricos — afirmou o Pinocchio.

Dito e feito, aproximou-se do burrico da direita na primeira parelha e tentou montá-lo. Mas o bicho, girando de repente, deu-lhe uma narigada no estômago e o mandou de pernas para o ar.

Imaginem a gargalhada escancarada e impertinente de todos aqueles garotos assistindo.

Mas o homenzinho não riu. Chegou-se cheio de amabilidade ao burrico rebelde e, fazendo de conta que iria lhe dar um beijo, deu foi uma mordida que arrancou metade da sua orelha direita.

Enquanto isso, o Pinocchio se levantou do chão e, enraivecido, deu um salto para a garupa do pobre animal. O salto foi tão bonito que os garotos pararam de rir e começaram a berrar “Viva o Pinocchio!”, com uma salva de palmas que não terminava mais.

Mas, também sem aviso, o burrico levantou as duas patas traseiras e deu um fortíssimo coice que lançou a coitada da marionete sobre um monte de pedregulhos no meio da estrada.

Então, gargalhadas de novo. Mas o homenzinho, em vez de rir, sentiu-se tão cheio de amor por aquele jumentinho irrequieto que, com um beijo, arrancou completamente a metade da outra orelha. Em seguida, disse à marionete:

— Monte de novo e não tenha medo. Aquele burrico tinha algum grilo na cabeça; mas eu disse a ele um par de palavrinhas ao pé do ouvido. Deve estar mais dócil e razoável agora.

O Pinocchio montou e a charrete começou a avançar. Mas enquanto os burricos galopavam e a charrete corria sobre o calçamento da estrada principal, ele pareceu escutar uma voz suave, quase inaudível, que disse a ele:

— Que ingênuo, coitado! Você quis fazer do seu jeito, agora vai se arrepender!

O Pinocchio, receoso, olhou para cá e para lá para saber de onde vinham tais palavras, mas não viu ninguém. Os burricos galopavam, a charrete corria, os garotos dentro da charrete dormiam, o Pávio roncava feito um porco e o homenzinho, em seu assento, cantarolava baixinho:

Todos dormem à noite,

Mas eu não durmo nunca.

Após mais meio quilômetro, o Pinocchio escutou de novo a voz fraquinha dizendo:

— Ponha na cabeça, seu pateta, que os garotos que param de estudar e dão as costas aos livros, à escola e aos professores e querem saber só de brinquedos e diversão

têm sempre fim terrível! Falo por experiência própria. Chegará o dia em que você também irá chorar, como eu choro hoje. Mas, então, será tarde demais!

Com essas palavras sussurradas com humildade, o boneco, assustado como nunca, saltou da garupa da cavalgadura e foi pegar o seu burrico pelo focinho.

Imaginem como ele ficou quando percebeu que o burrico chorava... e chorava como um menino!

— Ei, senhor homenzinho! — gritou então o Pinocchio para o dono da charrete. — Sabe da novidade? Este burrico está chorando.

— Deixe que chore. Antes de casar, sara!

— Talvez o senhor tenha ensinado este burrico também a falar?

— Não. Aprendeu sozinho a resmungar algumas palavras, pois está há três anos em companhia de cachorros amestrados.

— Pobre animal!

— Vamos, vamos... — disse o homenzinho. — Não vamos perder tempo com um burrico chorão. Monte de novo e vamos em frente. A noite está fresca, e a estrada é longa.

O Pinocchio obedeceu sem titubear. A charrete retomou a viagem e, de manhãzinha, felizmente chegaram ao País dos Brinquedos.

O lugar não se parecia com nenhum outro do mundo. A população era constituída inteiramente por crianças. Os

mais velhos tinham catorze anos, e os menores, uns oito. Nas ruas, uma alegria, uma algazarra, uma barulheira de estourar os miolos! Bandos de moleques por toda parte: havia quem brincasse com bolas de gude, quem jogasse malha, outros, futebol; quem andasse de bicicleta, com cavalinho de pau. Uns brincavam de cabra-cega, outros de esconde-esconde. Alguns, vestidos de palhaço, faziam engole-fogo. Havia quem recitasse, quem cantasse, quem desse saltos mortais, quem se divertisse andando de cabeça para baixo. Brincavam de roda, giravam vestidos de general com escudos de papel e com um esquadão de papel machê. Riam, berravam, chamavam, batiam palmas, assobiavam, imitavam galinhas pondo ovo. Em suma, era tal o pandemônio, uma barulheira, uma algazarra endiabrada de ter que pôr algodão nos ouvidos para não ficar surdo. Em todas as praças havia teatrinhos de lona repletos de garotos da manhã à noite, e sobre todos os muros das casas estavam escritas, com carvão, lindas coisas como estas: *viva os brinquedus!* (em vez de “brinquedos”), *nois num queremu iscola* (em vez de “nós não queremos escolas”); *abaicho aritimetica* (em vez de “abaixo a aritmética”), e outras pérolas do gênero.

O Pinocchio, o Pavo e todos os outros meninos que chegaram com o homenzinho, logo que puseram o pé na cidade meteram-se de imediato no meio da confusão e, em poucos minutos, como é fácil de se imaginar, fizeram amizade com todos os outros. Quem era mais feliz, quem

estava mais contente do que eles? No meio de tanta folga e com tanto divertimento, as horas, os dias, as semanas passavam em um piscar de olhos.

— Ah, que vida boa! — exclamava o Pinocchio todas as vezes que por acaso se encontrava com o Pavió.

— Você viu como eu tinha razão? — confirmava Pavió.
— E você, que não queria vir! Imagine que tinha posto na cabeça que queria voltar para a casa da sua Fada e perder tempo estudando! Se hoje você está livre do tédio dos livros e da escola, você me deve isso, aos meus conselhos, à minha atenção, não é? Nada como os verdadeiros amigos, que fazem grandes favores!

— É isso mesmo, Pavió. Se hoje eu sou um garoto alegre de verdade, é por você. O professor, ao contrário, sabe o que me dizia a seu respeito? Dizia sempre: “Não ande com aquele danado do Pavió, porque é um mau companheiro e com ele você só fará coisas erradas!”.

— Coitado do professor! — replicou o outro, balançando a cabeça. — Infelizmente, eu sei que não me aturava e que gostava de me caluniar. Mas eu sou generoso e o perdoo.

— Que grande alma você tem! — disse o Pinocchio abraçando o amigo com afeto e lhe dando um beijinho na testa.

Entretanto, aquele belo recreio de brincadeiras e diversões o dia todo, sem nunca pôr os olhos em um livro nem na escola, já durava cinco meses. Foi quando, ao

acordar numa certa manhã, o Pinocchio teve, como podemos dizer, uma terrível surpresa que o deixou de mau humor.

32. O PINOCCHIO GANHA ORELHAS DE BURRO E, DEPOIS DE SE TRANSFORMAR EM UM BURRICO DE VERDADE, COMEÇA A ZURRAR

Ea surpresa, qual foi?
Eu conto para vocês, meus pequenos leitores.
A surpresa foi que o Pinocchio, ao acordar, teve vontade de coçar a cabeça e, ao coçá-la, percebeu...

Adivinhem o que ele percebeu.

Para seu grande espanto, percebeu que suas orelhas tinham crescido mais de um palmo!

Vocês sabem que a marionete, desde que nasceu, tinha orelhas muito pequenininhas. Tão pequenas que, a olho nu, quase não dava para vê-las. Imaginem, então, como ele ficou quando, ao tocar suas orelhas, se deu conta de que tinham crescido durante a noite e pareciam duas vassouras de piaçava. Foi imediatamente procurar um espelho para ver melhor. Como não encontrou nenhum, encheu de água a bacia de lavar as mãos e tentou ver seu reflexo. Viu o que não gostaria de ter visto nunca. Isto é, a sua imagem estava enfeitada com um magnífico par de orelhas de jumento. Deixo que vocês imaginem o sofrimento, a vergonha, o desespero do coitado do Pinocchio!

Começou a chorar, a chiar e a bater com a cabeça na parede. Mas quanto mais se desesperava, mais as orelhas cresciam, cresciam, cresciam e ganhavam pelos na parte de cima.

Atraída pelo som daqueles gritos agudíssimos, entrou no quarto uma bonita marmotinha que morava no andar de cima, e que, vendo o boneco assim tão atacado, perguntou com toda a cautela:

— O que você tem, meu querido vizinho?

— Estou doente, cara marmotinha, muito doente... e doente de uma doença que me dá medo! Você sabe tirar o pulso?

— Um pouquinho.

— Então, sinto se por acaso eu estou com febre.

A marmotinha levantou a pata direita da frente e, depois de tomar o pulso do Pinocchio, disse, suspirando:

— Meu amigo, tenho o desprazer de lhe dar uma notícia ruim...

— E qual é?

— Você está com uma febre muito alta!

— E que febre seria essa?

— É a febre asinina.

— Não entendo nada dessa doença! — respondeu a marionete que, na verdade, tinha entendido bem até demais.

— Então eu vou explicar — acrescentou a marmotinha. — Saiba que em duas ou três horas você não será mais nem boneco, nem menino.

— E o que eu serei?

— Em duas ou três horas, você se tornará um burrico de verdade, como aqueles que puxam as carroças que transportam couve e alface para o mercado.

— Ai, coitado de mim, coitado de mim — gritou o Pinocchio, agarrando as duas orelhas, puxando-as com tanta raiva como se fosse arrancá-las.

— Meu caro — replicou a marmotinha para consolá-lo —, o que se vai fazer? Enfim, é o destino. Está escrito nos decretos da sabedoria que todos os garotos preguiçosos que pegam birra dos livros, da escola e dos professores e passam o dia na bagunça, acabam, cedo ou tarde, transformados em asnos de verdade.

— Mas é assim mesmo? — perguntou o boneco aos soluços.

— Infelizmente é assim mesmo! Agora não adianta chorar. Você deveria ter pensado nisso antes.

— Mas acredite, marmotinha, a culpa não é minha, é do Pávio!

— E quem é esse Pávio?

— É meu amigo da escola. Eu queria voltar para casa, eu queria ser obediente, eu queria continuar a estudar e a ir bem na escola... mas o Pávio me disse: “Por que vai se matar de estudar? Por que quer ir para a escola? Venha

comigo para o País dos Brinquedos. Lá não teremos mais que estudar, lá nos divertiremos de manhã até à noite e estaremos sempre felizes!”

— E por que você seguiu o conselho desse falso amigo, dessa má companhia?

— Por quê? Porque, minha marmotinha, eu sou um boneco sem juízo e... sem coração. Eita, se tivesse tido um tiquinho de coração, não teria nunca abandonado a boa Fada, que fez tanto por mim, era como uma mãe! E, a esta hora, eu já não seria um boneco de madeira. Seria um bom menino, como tantos outros. Ah, se eu der de cara com o Pávio por aí, ai dele! Vou dizer poucas e boas!

E fez como se fosse sair. Mas quando chegou à porta, lembrou que tinha orelhas de burro e, com vergonha de aparecer em público, o que inventou? Pegou um grande gorro e o esticou sobre a cabeça até cobrir as orelhas.

Em seguida, saiu para procurar Pávio. Procurou nas ruas, nas praças, nos teatrinhos, em todo lugar, mas não o encontrou. Pediu notícias dele aos que encontrava pela rua, mas ninguém o tinha visto.

Então, foi procurá-lo em casa e, chegando à porta, bateu.

— Quem é? — perguntou Pávio lá de dentro.

— Sou eu! — respondeu a marionete.

— Espere um pouco que já abro.

Após meia hora, a porta se abriu. Imaginem como o Pinocchio ficou quando, ao entrar no quarto, viu o seu

amigo PAVIO com um gorro na cabeça enfiado até o nariz.

Ao ver aquele gorro, o Pinocchio sentiu um consolo e pensou consigo mesmo: “Será que o meu amigo está com a mesma doença que eu? Estará sofrendo de febre asinina?”

Fazendo de conta que não percebeu nada, perguntou sorrindo:

— Como você está, meu caro PAVIO?

— MUITÍSSIMO BEM. Como um ratinho diante de um queijo parmesão.

— Está falando sério?

— E por que mentiria?

— Desculpe, meu amigo. Então, por que você está com esse gorro de algodão na cabeça, cobrindo as orelhas?

— O médico recomendou, porque machuquei o joelho. E você, Pinocchio querido, por que está usando esse gorro enfiado até os olhos?

— O médico recomendou, porque esfolei o pé.

— Pobre Pinocchio!

— Pobre PAVIO!

Depois dessas exclamações, reinou um longo silêncio durante o qual os dois amigos ficaram só se olhando, como que tirando sarro um do outro.

Por fim, com uma vozinha melosa e flautada, o boneco de pau disse ao companheiro:

— Mate a minha curiosidade, meu caro PAVIO. Alguma vez já teve uma enfermidade nas orelhas?

— Eu? Nunca! E você?

— Nunca! No entanto, desde hoje cedo eu sofro da orelha.

— Eu sofro do mesmo mal.

— Você também? E qual é a orelha que dói?

— As duas. E você?

— As duas também. Talvez seja a mesma enfermidade?

— Temo que sim.

— Pode me fazer um favor, Pavió?

— Pois não, com todo prazer.

— Você me mostra as suas orelhas?

— Por que não? Mas antes quero ver as suas, Pinocchio querido.

— Não, primeiro você.

— Não mesmo, espertão! Primeiro você e depois eu.

— Bom — disse então o boneco —, vamos fazer um pacto de bons amigos.

— Quero saber que pacto é esse.

— Nós dois levantamos os gorros ao mesmo tempo.

Que tal?

— Tá.

— Atenção: — o Pinocchio começou a contar em voz alta — um, dois e três!

Ao pronunciar “três”, os dois garotos atiraram seu gorros ao ar.

Foi quando se passou uma cena que pareceria inacreditável, se não tivesse acontecido de verdade. O

Pinocchio e Pavo, ao se verem assolados pela mesma desgraça, ao invés de ficarem mortificados e ressentidos, passaram a admirar as orelhas desmesuradamente crescidas um do outro. Acabaram numa gargalhada só.

E riram, e riram, riram até não aguentar mais. Até que, a um certo ponto, Pavo de repente ficou quieto e, meio tonto e pálido, disse ao amigo:

— Socorro, socorro, Pinocchio!

— O que você tem?

— Rapaz! Não consigo mais ficar em pé!

— Eu também não! — gritou o Pinocchio, chorando e cambaleando.

Ao dizerem isso, ambos caíram de quatro no chão e, engatinhando, começaram a rodar pelo quarto. Enquanto corriam, seus braços se tornaram patas, seus rostos se alongaram e se tornaram focinhos, e suas costas se cobriram de uma pelagem cinza claro com manchas pretas.

O pior e mais humilhante momento para aqueles dois malcriados foi quando sentiram que despontava o rabo. Tomados pela vergonha e pelo sofrimento, começaram a chorar e a lamentar seus destinos.

Que nunca tivessem feito isso! Em vez de gemidos e lamentos, zurravam como asnos e, fazendo em coro: *him-hom, ió, ió.*

Naquele momento, bateram na porta, e uma voz lá fora ordenou!

— Abram! É o homenzinho condutor da charrete.
Abram já, senão vão ver o que é bom...

33. TRANSFORMADO EM UM BURRINHO DE VERDADE, É LEVADO PARA SER VENDIDO; É COMPRADO PELO DIRETOR DE UM CIRCO PARA DANÇAR E SALTAR O ARO, MAS UMA NOITE FICA MANCO E, ENTÃO, É LEVADO POR OUTRA PESSOA, PARA SERVIR DE PELE DE TAMBOR

Vendo que a porta não se abria, o homenzinho a escancarou com um chute violentíssimo. Ao entrar no quarto, disse ao Pinocchio e ao Pavio, com seu risinho de sempre:

— Ótimos garotos! Zurraram muito bem, logo reconheci as vozes. Então, aqui estou eu.

Com essas palavras, os dois burricos ficaram quietinhos, de cabeça baixa, as orelhas caídas e o rabo entre as pernas.

No início, o homenzinho os alisou, acariciou e apalçou. Em seguida, começou a escová-los com uma almofaça.

Escovando-os bem, suas pelagens ficaram lustrosas como espelhos. Então pôs os cabrestos e os levou para a

praça do mercado, na esperança de vendê-los e abocanhar um lucro rápido.

Os compradores, de fato, logo apareceram. Pávio foi comprado por um agricultor, cujo burro morrera no dia anterior. O Pinocchio foi vendido ao diretor de um circo de palhaços e acrobatas saltadores de corda. Pretendia amestrá-lo para que saltasse e dançasse junto dos outros animais da companhia.

Agora entenderam, meus pequenos leitores, qual era a profissão do homenzinho? Aquele monstro, com seu jeito doce e bondoso, girava o mundo com sua charrete para, com promessas e persuasão, recolher garotos preguiçosos, fartos dos livros e da escola. Depois de carregá-los em sua charrete até o País dos Brinquedos, para que passassem todo o tempo brincando, bagunçando e se divertindo, sem nunca estudar, viravam burros. Então ele, alegre e contente, se tornava seu dono e os vendia nas feiras e mercados. Assim, em poucos anos ficara milionário.

O que aconteceu com o Pávio, eu não sei. Sei, por outro lado, que o Pinocchio amargou, desde o primeiro dia, uma vida duríssima, com sobrecarga de trabalho.

Ao ser levado para o estábulo, seu novo dono encheu a manjedoura de palha. Mas o Pinocchio, depois de experimentar um pouco, cuspiu tudo.

O patrão deu-lhe uma bronca encheu a manjedoura de feno. Mas o Pinocchio também não gostou do feno.

— Ah! Você não gosta nem de feno? — gritou com raiva o patrão. — Deixe estar, belo burrinho, que se continuar com esses caprichos, darei logo um jeito em você!

E, como castigo, deu-lhe uma chicotada nas pernas.

O Pinocchio, com muita dor, chorou e relinchou.

Zurrando, disse:

— *Ió, ió*, eu não consigo comer palha!

— Então coma o feno! — replicou o dono, que entendia muito bem a linguagem dos burros.

— *Ió*, o feno me dá dor de barriga...

— Não vá me dizer que um asno como você deva ser sustentado com peito de frango e salsichão de porco? — acrescentou o patrão, que ainda mais irritado lhe deu outra chicotada.

Com a segunda chibatada, o Pinocchio, por prudência, ficou quieto e não disse mais nada.

Sozinho no estábulo, e já há muitas horas sem comer, passou a bocejar de fome. E, bocejando, escancarava tanto a boca que parecia um forno.

No final, sem outra escolha, resignou-se a mastigar um pouco do feno. Depois de mastigar bem, fechou os olhos e engoliu.

— Até que feno não é tão ruim — disse consigo mesmo —, mas teria sido melhor que eu tivesse continuado a estudar. A esta hora, em vez de feno, poderia estar

comendo um pedaço de pão fresco com uma bela fatia de salame. Paciência!

Na manhã seguinte, acordou e procurou imediatamente mais um pouco de feno na manjedoura, mas não havia sobrado nada.

Então apanhou um monte de palha e, enquanto mastigava, teve que admitir que o sabor da palha picada não se parecia em nada com um risoto à milanesa nem com macarrão à bolonesa com queijo ralado.

— Paciência! — repetiu e continuou a mastigar. — Que pelo menos a minha desgraça sirva de lição a todos os garotos desobedientes e sem vontade de estudar.

Paciência, paciência...

— Paciência, uma ova! — berrou o dono, ao entrar no estábulo. — Você talvez ache, meu querido burrico, que eu o comprei só para lhe dar de comer e beber. Mas comprei você para trabalhar e me fazer ganhar um bom dinheiro. Então vamos, ande! Venha comigo até o circo e lá ensinarei você a saltar pela argola, a romper com a cabeça o papel dos barris e a dançar valsa e polca empinado sobre as patas traseiras.

O coitado do Pinocchio, seja por amor à arte ou pela força, teve de aprender todos aqueles belíssimos truques. Mas, até aprender, foram três meses de aulas e muitas chicotadas de arrepiar.

Finalmente chegou o dia no qual o seu dono pôde anunciar um espetáculo realmente extraordinário. Os

cartazes, em diversas cores, foram colados nas esquinas das ruas e diziam assim:

GRANDE ESPETÁCULO DE GALA HOJE À
NOITE!

*Além dos já conhecidos saltos e manobras
surprendentes executados por todos os artistas e por
todos os cavalos da companhia...*

*Será apresentado pela primeira vez o famoso
burrinho pinocchio, conhecido como a “estrela da
dança”!*

O teatro estará lindamente iluminado!

Naquela noite, como podem imaginar, uma hora antes do início do espetáculo, o teatro já estava apinhado de gente.

Já não se achavam lugares livres, nem uma poltrona, nem lugar na tribuna de honra e nenhum camarote, nem mesmo a preço de ouro.

As arquibancadas do circo formigavam de meninos e meninas de todas as idades que queriam muito ver o famoso burrinho Pinocchio dançar.

Após a primeira parte do espetáculo, o diretor da companhia, vestido com um manto preto, bombachas brancas e botas de couro até acima dos joelhos, apresentou-se ao público amontoado e, após uma

prolongada reverência, recitou, com muita solenidade, o desatinado discurso que se segue:

— Respeitável público, damas e cavalheiros! Seu humilde signatário, estando de passagem por esta ilustre metrópole, quis dadivar-se a honra conjuntamente com o prazer de apresentar a este inteligente e avultado auditório um célebre burrinho, que já teve a grande distinção de dançar na presença de Sua Majestade, o Imperador de todas as principais cortes da Europa. E com nossos egrégios agradecimentos, façam o obséquio de nos favorecer com a sua animadora presença e de se juntarem a nós!

O discurso foi recebido com muitas risadas e aplausos, mas os aplausos se tornaram uma espécie de furacão com o aparecimento do burrico Pinocchio no centro do picadeiro. Estava todo vestido a caráter para a festança: portava uma rédea nova de couro encerado, fivelas e rebites de latão; duas camélias brancas nas orelhas; mechas atadas com franjinhas de seda vermelha na crina; uma grande faixa dourada e prateada em volta da barriga; e tranças com fitas de veludo violeta e azul-claro no rabo. Era, em resumo, um burrinho adorável!

O diretor, ao apresentá-lo ao público, acrescentou estas palavras:

— Meus respeitáveis “auditores”! Não estou aqui para mentir a respeito das grandes dificuldades superadas para conter e subjugar este mamífero, enquanto pastoreava

tranquilamente pelas montanhas da planície da zona tórrida. Solicito que observem a selvageria que transparece em seus olhos. Porquanto, tendo resultado fúteis todos os meios para domesticá-lo e transmutar-se em um quadrúpede civilizado, tive muitas vezes de recorrer à afável linguagem do chicote. Mas a cada gentileza, ao invés de conquistá-lo para que me benquisesse, seu espírito se tornava ainda mais enfurecido. Eu, porém, seguindo o sistema de Galles, encontrei em seu crânio uma pequena “cartagem” óssea que a própria Faculdade “Medicinal” de Paris reconheceu como sendo um bulbo regenerador de cabelos e da dança pírrica. E por isto eu quis amestrá-lo na dança e conjuntamente nos relativos saltos através de aros e de barris revestidos com papel. Admirem-no, e depois julguem-no! Antes, porém, de tomar “cognato” de vocês, permitam-me, ó senhores, que eu os convide ao diurno espetáculo de amanhã à noite: mas na “apoteose” de que o tempo chuvoso ameaçasse água, então o espetáculo, em vez de amanhã à noite, será postergado à manhã de amanhã, às onze horas antemeridianas da tarde.

E aqui o diretor fez uma outra reverência. Então, voltando-se ao Pinocchio, disse:

— Ânimo, Pinocchio! Antes de dar início aos seus exercícios, saúde este respeitável público, cavalheiros, damas e crianças!

O Pinocchio, obediente, dobrou seus dois joelhos dianteiros e permaneceu ajoelhado até que o diretor estalou seu chicote e gritou:

— A passo!

Então o burrico se levantou sobre as quatro patas e começou a rodar pelo picadeiro, andando sempre a passo.

Depois de um pouco de tempo, o diretor gritou:

— A trote! — E o Pinocchio, obediente ao comando, mudou o passo para trote. — A galope! — E o Pinocchio desatou a galope. — A carreira! — E o Pinocchio desatou a correr em uma carreira desenfreada. Mas ao correr como um raio, o diretor levantou um braço e deu um tiro de pistola.

Com aquele tiro, o boneco fingiu estar ferido e caiu estendido no picadeiro.

Em meio a uma explosão de aplausos e gritos que alcançavam as estrelas, levantou-se com toda naturalidade e olhou para cima. Foi quando viu em um camarote uma bela senhora em cujo colo pendia um pesado colar de ouro com um medalhão. No medalhão havia o retrato de uma marionete.

“Aquele é o meu retrato! Aquela senhora é a Fada!”, pensou o Pinocchio, reconhecendo-a de imediato. Levado por imensa alegria, tentou gritar:

— Minha Fadinha, ó minha Fadinha!

Mas, ao invés de palavras, disparou um zurro tão sonoro e prolongado que fez com que todos os espectadores rissem, especialmente os garotos.

Então o diretor o castigou para fazê-lo compreender que a boa educação não permite zurrar na cara do público, sentando o cabo do chicote em seu focinho.

O pobre burrinho pôs a língua um palmo para fora e levou pelo menos cinco minutos lambendo o focinho, para aliviar a dor que sentia.

Mas seu desespero aumentou ainda mais quando, ao olhar novamente para cima, viu o camarote vazio. A Fada desaparecera!

Sentiu que morreria. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele se esvaiu em pranto. Porém, ninguém percebeu — menos ainda o diretor, que, inclusive, estalou o chicote e gritou:

— Bravo, Pinocchio, em frente! Agora mostre a estes senhores o quão graciosamente você sabe saltar pelos aros.

O Pinocchio tentou duas ou três vezes, mas cada vez que chegava diante do aro, em vez de atravessá-lo, passava tranquilamente por baixo. Por fim, deu um salto e o atravessou, mas as patas traseiras desgraçadamente se enroscaram na borda. Ele foi ao chão do outro lado, rolando escandalosamente.

Quando se levantou, mancava tanto que quase não conseguiu voltar para o estábulo.

— Apareça, Pinocchio! Queremos o burrico! Apareça, burrico! — gritavam os garotos da plateia, compadecidos e comovidos com a tristíssima cena.

Mas o burrico não pôs mais o focinho para fora naquela noite.

Na manhã seguinte, o veterinário, ou seja, o médico de animais, depois de examiná-lo, declarou que ficaria manco para o resto da vida.

Então o diretor disse ao seu cavaleiro:

— O que eu vou fazer com um burro manco? Seria dar de comer a ele à toa. Vá para a praça e revenda-o.

Chegando na praça, acharam logo um comprador que perguntou ao cavaleiro:

— Quanto você quer por este burrinho manco?

— Vinte mangos.

— Eu dou vinte moedas de cobre. Não pense que eu o estou comprando para me servir dele, compro unicamente por causa do couro. Vejo que tem a pele bem espessa. Com seu couro quero fazer um tambor para a banda de música do meu vilarejo.

Pensem, crianças, o que foi para o Pinocchio ouvir que estava destinado a virar pele de tambor!

O fato é que o comprador, logo que pagou as vinte moedas de cobre, levou o burrico para um rochedo à beira-mar, amarrou uma pedra em seu pescoço e uma corda em uma das patas. Segurando firme a outra ponta da corda, deu-lhe um abrupto empurrão e o atirou na água.

O Pinocchio, com a grande pedra no pescoço, logo afundou. O comprador sentou-se sobre o rochedo com a corda na mão para esperar todo o tempo do mundo até que o burrinho morresse afogado, para depois esfolá-lo e tirar o seu couro.

34. ATIRADO AO MAR, O PINOCCHIO É COMIDO POR PEIXES E VOLTA A SER UMA MARIONETE COMO ANTES; MAS ENQUANTO NADA PARA SE SALVAR, É ENGOLIDO PELO TERRÍVEL TUBARÃO

Depois de quase uma hora que o coitado do burrico manco estava sob a água, o comprador disse para si mesmo:

— A esta hora, o meu pobre burrinho manco já deve estar bem afogado. Vamos trazê-lo à tona e fazer um bonito tambor com a sua pele.

Começou, então, a puxar a corda. E puxa, e puxa, e puxa, até que, por fim, viu algo aparecer na superfície da água. Mas, adivinhem?! No lugar de um burrinho morto, apareceu um boneco bem vivo que se debatia feito enguia.

Vendo aquele boneco de pau, o pobre homem achou que estivesse sonhando e ficou meio besta, com a boca aberta e com os olhos esbugalhados.

Quando se recobrou um pouco do espanto, disse, entre soluços e gaguejos:

— Onde está o burrinho que atirei ao mar?

— Aquele burrinho sou eu! — respondeu a marionete, rindo.

— Você?

— Eu.

— Ah, que maroto! Você pretende ficar aí zombando de mim?

— Zombando do senhor? Ao contrário, querido patrão, eu falo sério.

— Mas como é que você, que há pouco era um burrinho, depois de ficar mergulhado na água virou um boneco de madeira?

— Deve ser o efeito da água do mar. O mar prega essas peças.

— Olhe lá, boneco, olhe lá! Não pense que vai se divertir às minhas custas. Coitado de você, se eu perder a paciência...

— Pois bem, patrão, quer saber a história verdadeira? Desamarre a minha perna e eu conto.

Aquele comprador trapalhão, curioso por conhecer a história verdadeira, afrouxou rapidamente o nó que mantinha o Pinocchio amarrado. Então, livre como um passarinho, o boneco começou sua história:

— Pois saiba que eu era uma marionete de madeira como sou agora, mas estava a ponto de me tornar um menino como tantos neste mundo. Porém, por causa da minha pouca vontade de estudar, e dando corda para os meus piores colegas, fugi de casa. Um belo dia, ao acordar, estava transformado em burro, com orelhas, rabo e tudo! Que vergonha eu passei. Tamanha foi a vergonha, caro patrão, que espero que o bendito Santo Antônio não ponha

o senhor a uma prova destas! Quando me levaram para o mercado de animais, fui comprado pelo diretor de uma companhia de circo equestre, que pôs na cabeça de me fazer de bailarino ou de um bom saltador de aros. Mas uma noite, durante o espetáculo, tive uma bruta queda e fiquei manco de duas patas. Então, sem saber o que fazer com um asno manco, o diretor mandou me vender, e o senhor me comprou!

— Infelizmente! Eu paguei vinte moedas de cobre por você. E agora, quem vai me devolver as vinte moedas?

— E para que me comprou? O senhor me comprou para fazer um tambor com a minha pele! Um tambor!

— Infelizmente! E agora, onde vou encontrar outra pele?

— Não se desespere, patrão. Existem muitos burrinhos neste mundo!

— Diga, moleque impertinente: a sua história termina assim?

— Não — respondeu o boneco —, vou dizer mais um par de palavras. Após ter-me comprado, o senhor me trouxe para este lugar para me assassinar. Mas depois, cedendo a um sentimento humanitário piedoso, preferiu amarrar uma pedra no meu pescoço e me jogar no fundo do mar. Serei eternamente grato por sua delicadeza, que o honra muitíssimo. Fora isso, caro patrão, desta vez o senhor não levou em conta a Fada.

— E quem é essa Fada?

— É a minha mãe, que é como todas as boas mães que querem muito bem a seus filhos, que jamais os perdem de vista e que os ajudam amorosamente nas desgraças, mesmo quando esses meninos, com suas escapadelas e mau comportamento, merecem ser abandonados e deixados ao léu. Como eu dizia, a boa Fada, logo que viu que me afogaria, mandou de imediato um cardume infinito de peixes para me envolver e, como se eu fosse mesmo um burrico bem morto, começaram a me comer. E que mordidas me davam! Nunca pensei que os peixes fossem mais gulosos do que os meninos! Alguns comeram as minhas orelhas; alguns, o focinho; outros, o pescoço e a crina; outros ainda, o couro das patas; e o couro das costas. Entre eles, havia um peixinho muito bonitinho que se fartou com meu rabo de burro!

— De hoje em diante — disse o comprador, horrorizado —, juro que não como mais peixe. Não gostaria nada de abrir uma anchova ou uma pescada frita e encontrar um rabo de burro!

— Concordo — replicou o boneco, rindo. — E assim, quando os peixes terminaram de comer a pele e a carne de asno que me cobriam da cabeça aos pés, chegaram, como é natural, aos ossos... ou, melhor, à madeira, porque, como vê, eu sou feito de uma madeira duríssima. Já nas primeiras mordidas, aqueles comilões perceberam que a madeira não era filé para os seus dentes e, enjoados, me dispensaram sem nem ao menos terem a fineza de me

agradecer. Então o senhor puxou a corda e encontrou uma marionete viva no lugar de um burrico morto.

— Muito boa sua história! — exclamou o comprador, furioso. — O que sei é que gastei vinte moedas de cobre para comprar você e quero recuperar o meu dinheiro. Sabe o que vou fazer? Vou te levar de volta ao mercado e revender como madeira seca para lareira.

— Então me revenda. Eu fico feliz — disse o Pinocchio. Mas ao dizer isto, deu um salto e mergulhou na água. Nadando alegremente para longe da praia, gritou ao pobre comprador:

— Adeus, patrão. Se precisar de uma pele para fazer tambor, lembre-se de mim.

Rindo muito, continuou a nadar e a gritar:

— Adeus, patrão. Se precisar de um pouco de lenha seca para acender a lareira, lembre-se de mim.

Em um piscar de olhos, o boneco estava tão longe que quase já se perdia de vista. Quer dizer, dava para ver só um pontinho na superfície do mar que, de tanto em tanto, tirava as pernas para fora da água e dava cambalhotas e saltos como um golfinho de bom humor.

Enquanto nadava sem rumo, o Pinocchio viu um rochedo no meio do mar que parecia mármore branco. Sobre a rocha havia uma bela cabritinha que balia amorosamente e fazia sinais para que se aproximasse.

A coisa mais incrível foi que a lã da cabritinha, em vez de ser branca, ou negra, ou malhada com várias cores como

as das outras cabras, era azul-turquesa. Era de um turquesa tão fulgurante que lembrava muitíssimo os cabelos da bela menina.

Deixo que vocês imaginem se o coração do coitado do Pinocchio bateu ou não mais forte! Redobrando as forças e a energia, nadou na direção do rochedo branco. Estava já na metade do caminho quando eis que emergiu da água, indo ao seu encontro, uma terrível cabeça de monstro do mar. Era uma boca escancarada como uma cratera, com três fileiras de dentes que dariam medo mesmo que fosse uma pintura.

E sabem quem era o monstro marinho?

Era ninguém mais, ninguém menos que o gigantesco tubarão citado várias vezes nesta história. Devido à sua insaciável voracidade e sede de sangue, havia adquirido o apelido de “Átila dos peixes e dos pescadores”.

Imaginem o terror do pobre Pinocchio quando viu o monstro. Procurou desviar-se e mudar de rumo, tentou fugir. Mas aquela bocarra escancarada vinha sempre atrás dele como uma flecha.

— Mais rápido, Pinocchio, por favor! — gritava, balindo, a cabritinha.

O Pinocchio nadava desesperadamente com os braços, de peito, batendo as pernas e os pés.

— Fuja, Pinocchio, porque o monstro está perto!

E o Pinocchio, acumulando todas as forças, redobrava o vigor da fuga.

— Cuidado, Pinocchio, que o monstro está te alcançando! Olha ele aí! Olha ele aí! Rápido, pelos céus, ou será comida!

E o Pinocchio, mais ligeiro do que nunca, ia em frente como uma bala de fuzil. Estava quase chegando ao rochedo. A cabritinha, curvada sobre o mar, estendia suas patinhas para ajudá-lo a sair da água. Mas...

Era tarde demais! O monstro o alcançou. Aspirando, bebeu o pobre boneco como se fosse um ovo de galinha, o engoliu com tanta sofreguidão e avidez que o Pinocchio, ao ser sugado para dentro do corpo do tubarão, levou um tranco tão forte que ficou desmaiado por meia hora.

Quando voltou a si, não conseguia se achar. Ao seu redor havia uma grande escuridão, tão negra e profunda que parecia mergulhado em um tinteiro de nanquim. Aguçou os ouvidos, mas não ouviu nenhum ruído. Somente de vez em quando sentia bater no rosto uma grande baforada de vento. No início, não conseguia entender de onde o vento saía, mas então descobriu que vinha dos pulmões do monstro. Precisamos entender que o tubarão sofria de uma grave asma e, quando respirava, parecia mesmo uma rajada de vento.

A princípio, o Pinocchio tentou juntar um pouco de coragem. Mas quando teve a prova e a contraprova de que se encontrava dentro do corpo do monstro marinho, começou a chorar e a soluçar:

— Socorro! Socorro! Pobre de mim! Não tem ninguém aí para me salvar?

— Quem você quer que te salve, desgraçado? — disse no meio da escuridão uma vozinha bocó de taquara rachada.

— Quem está falando comigo desse jeito? — perguntou o Pinocchio, gelando de medo.

— Sou eu! Sou um pobre atum que foi engolido pelo tubarão junto com você. E você, que tipo de peixe é?

— Eu não tenho nada a ver com peixes. Sou uma marionete.

— Então, se não é um peixe, por que se deixou engolir pelo monstro?

— Sei lá, não fui eu quem se deixou engolir. *Ele* me engoliu! E agora, o que devemos fazer aqui no escuro?

— Nos conformar e esperar sermos digeridos!

— Mas eu não quero ser digerido! — berrou o Pinocchio, recomeçando seus lamentos.

— Eu também não — acrescentou o Atum —, mas eu sou filósofo o bastante para me consolar pensando que, quando se nasce atum, há mais dignidade em morrer debaixo d'água do que mergulhado no azeite.

— Que bobagem! — gritou o Pinocchio.

— É a minha opinião — replicou o Atum —, e como dizem os atuns políticos, todas as opiniões devem ser respeitadas.

— Enfim, eu quero ir embora daqui... Eu quero fugir!

— Fuja, se conseguir.

— Este tubarão que nos engoliu é muito grande? — perguntou o boneco.

— Imagine que o corpo dele tem um quilômetro de comprimento, e isso sem contar a cauda.

Enquanto conversavam no escuro, o Pinocchio avistou, muito ao longe, uma certa claridade.

— O que será aquela luzinha lá longe? — disse o Pinocchio.

— Será algum companheiro de desventura que espera, assim como nós, o momento de sua digestão?

— Vou até lá. Pode ser algum velho peixe que conheça alguma rota de fuga!

— Com todo coração, espero que sim, caro boneco.

— Adeus, Atum.

— Adeus, boneco, e boa sorte.

— Quando nos veremos de novo?

— Quem sabe? É melhor nem pensar.

35. O PINOCCHIO REENCONTRA, NA BARRIGA DO TUBARÃO... QUEM ELE REENCONTRA? LEIAM ESTE CAPÍTULO E SABERÃO!

O Pinocchio nem bem disse adeus ao seu amigo Atum e já andava às cegas na escuridão. Tateou pelas entranhas do tubarão, um passo atrás do outro, até aquela pequena claridade que cintilava de longe.

Enquanto caminhava, sentiu seus pés afundarem em um charco de água gordurosa e escorregadia. O odor de peixe frito era tão forte que parecia ser Sexta-feira Santa.

Quanto mais avançava, mais a claridade aumentava e se definia. De tanto caminhar, finalmente chegou. E o que encontrou? Dou a vocês mil chances para adivinhar! Encontrou uma mesa posta, com uma vela acesa enfiada em uma garrafa de vidro verde e, sentado à mesa, um velhinho de cabelo todo branco como se fosse de neve ou de chantili. Ele mordiscava alguns peixinhos vivos, tão vivos que às vezes escapavam da sua boca.

Com aquela visão, o pobre Pinocchio foi tomado por uma alegria tão grande e inesperada que praticamente caiu em delírio. Queria rir, chorar, dizer um monte de coisas, mas, em vez disso, articulava sons confusos e balbuciava pedaços de palavras incoerentes. Por fim, deu um grito de

alegria, abriu os braços e se jogou no colo do velhinho, berrando:

— Ai, papai querido, finalmente o reencontrei! Agora eu não deixo mais você, nunca mais, nunca mais!

— Então meus olhos não estão me enganando? — replicou o velhinho, franzindo os olhos. — É você mesmo, o meu querido Pinocchio?

— Sou! Sou eu! Sou eu mesmo! O senhor já me perdoou, não é mesmo? Ai, meu paizinho, como é bondoso! E pensar que eu, ao contrário... ah, se soubesse quantas desgraças caíram sobre a minha cabeça, quantas coisas terríveis! Imagine que no dia em que o senhor, meu pobre pai, vendeu o seu casaco e comprou para mim a cartilha, eu escapei da escola para ver as marionetes. O marionetista queria me atirar ao fogo para assar o seu carneiro, e foi ele mesmo que me deu cinco moedas de ouro para que lhe entregasse, mas eu conheci a Raposa e o Gato, que me levaram até a Pousada do Camarão Vermelho, onde comeram como lobos, e eu, partindo sozinho durante a noite, topei com assassinos que se puseram a me perseguir, e eu correndo, e eles atrás, e eu correndo, e eles sempre atrás de mim, e eu correndo, até que me penduraram pelo pescoço em um galho do Carvalho Grande, onde a bonita menina dos cabelos azul-turquesa mandou me buscar com uma carrocinha, e os médicos, quando me examinaram, falaram logo: “Se não está morto, é sinal de que está vivo”, e então deixei escapar

uma mentira, e o meu nariz começou a crescer e não passava mais pela porta do quarto, motivo pelo qual fui junto com a Raposa e com o Gato enterrar as quatro moedas de ouro, porque uma eu tinha gastado uma na pousada, e o papagaio começou a rir, e eu também, porque das duas mil moedas, não achei nem umazinha, posto que o juiz, quando soube que eu fora roubado, me mandou direto para a prisão, de onde, quando saí, vi um belo cacho de uvas no campo, mas fiquei preso na armadilha e o fazendeiro, com toda a razão, me pôs uma coleira de cachorro para que eu fosse o cão de guarda do galinheiro, mas reconheceu a minha inocência e me deixou ir embora, e a serpente, com o rabo de chaminé, começou a dar risada, então uma veia do seu peito estourou, e assim voltei para a casa da bonita menina, que estava morta, e o pombo, vendo que eu chorava, me disse: “Vi o seu pai fabricando um barquinho para ir procurar você”, e eu disse: “Ó, se eu também tivesse asas”, e ele me disse: “Quer ir até o seu pai?”, e eu disse: “Quisera eu! Mas quem vai me levar?”, e ele me disse: “Eu levo você”, e eu disse: “Como?”, e ele me disse: “Monte na minha garupa”, e assim voamos durante toda a noite. Depois, de manhã, todos os pescadores que olhavam para o mar diziam: “Tem um pobre homem em um barquinho que está a ponto de se afogar”, e eu, de longe, logo o reconheci, porque sabia em meu coração, e fiz sinal para que retornasse à praia...

— Eu também reconheci você — disse Geppetto — e teria retornado à praia com todo o gosto, mas como? O mar estava agitado e uma onda enorme emborcou o meu barquinho. Então um terrível tubarão me viu e avançou na minha direção. Abriu a boca, me apanhou com a maior facilidade e me engoliu como se eu fosse canja de galinha.

— Há quanto tempo está preso aqui dentro? — perguntou o Pinocchio.

— Desde aquele dia. Já faz dois anos, meu Pinocchio... mas parecem dois séculos!

— E como conseguiu sobreviver? Onde achou a vela? E quem lhe deu os fósforos para acendê-la?

— Agora conto tudinho. Saiba que aquela mesma tempestade que emborcou o meu barquinho também afundou um navio de carga. Os marinheiros todos se salvaram, mas o navio foi a pique. O mesmo tubarão, que naquele dia estava com um ótimo apetite, depois de me engolir, engoliu também o navio...

— Mas como? Engoliu inteiro, de uma só vez? — perguntou o Pinocchio, admirado.

— Sim, tudo de uma vez. Só cuspiu o mastro principal porque se prendeu entre seus dentes como uma espinha de peixe. Para minha grande sorte, aquele navio estava carregado não só de carne enlatada, mas também de biscoitos, torradas, garrafas de vinho, uva passa, queijo, café, açúcar, velas e caixas de fósforos de cera. Com essa dádiva, sobrevivi durante dois anos. Mas agora está tudo

prestes a acabar. Hoje, na despensa, já não tem mais nada, e esta vela já acesa é a última que restou...

— E depois?

— Depois, meu querido, ficaremos, os dois, no escuro.

— Então, paizinho querido — disse o Pinocchio —, não há tempo a perder. Precisamos tratar logo de fugir.

— Fugir? Como?

— Escapando pela boca do Tubarão e nos atirando no mar a nado.

— É uma bela ideia. Mas eu, caro Pinocchio, não sei nadar.

— E daí? O senhor monta nas minhas costas, e eu, que sou um bom nadador, o levo são e salvo até a praia.

— Quanto otimismo, meu menino! — replicou Geppetto, balançando a cabeça e sorrindo melancolicamente. — Como um boneco de apenas um metro de altura como você vai ter força suficiente para me carregar nas costas?

— Não se preocupe, você vai ver! Em todo caso, se estiver escrito nos céus que devemos morrer, pelo menos teremos o grande consolo de morrer juntos e abraçados.

Sem dizer mais nada, o Pinocchio pegou a vela e seguiu na frente para iluminar o caminho.

— Venha atrás de mim e não tenha medo.

Assim, andaram um bom pedaço de caminho ao longo das vísceras do tubarão. Ao chegarem onde começava a

espaçosa garganta do monstro, analisaram e esperaram o momento oportuno para a fuga.

Precisamos dizer que o tubarão, muito velho, asmático e com palpitação no coração, era obrigado a dormir com a boca aberta. Então o Pinocchio, debruçado no começo da garganta, olhou para cima e pôde ver o céu através do enorme bocão aberto. Era um bom pedaço de céu estrelado com um belíssimo luar.

— Este é o exato momento para escapar — cochichou para o pai. — O tubarão dorme como uma pedra, o mar está tranquilo e a noite está iluminada como se fosse de dia. Venha atrás de mim, papai. Já, já, estaremos salvos.

De fato, subiram pela garganta do monstro marinho e, ao chegarem naquela boca imensa, andaram na ponta dos pés sobre a língua do bicho. Era uma língua tão larga e comprida que parecia um sendeiro de jardim. Quase prontos para um grande salto e para o mar, na hora h, o Tubarão espirrou. O tranco foi tão violento que o Pinocchio e Geppetto ricochetearam para trás e foram lançados novamente no fundo do estômago do monstro.

No choque da queda, a vela se apagou e deixou o pai e o filho no escuro.

— E agora...? — perguntou o Pinocchio, todo sério.

— Agora, meu menino, estamos perdidos.

— Por que “perdidos”? Me dê a sua mão, papai.

Cuidado para não escorregar!

— Aonde vai me levar?

— Temos que tentar novamente. Venha comigo e não tenha medo.

Dito isso, o Pinocchio pegou o seu pai pela mão e andou novamente na ponta dos pés. Subiram até a garganta do monstro, mas, antes de darem o grande salto, o boneco disse ao pai:

— Monte nas minhas costas e me abrace bem forte. Eu cuido do resto.

Logo que Geppetto se acomodou bem nas costas do filho, o corajoso Pinocchio, seguro de si, atirou-se na água e começou a nadar. O mar parecia um espelho de tão calmo, a lua resplandecia e o tubarão continuava em seu sono profundo. Nem um tiro de canhão o acordaria.

36. POR FIM, O PINOCCHIO DEIXA DE SER UMA MARIONETE PARA SER UM MENINO

Enquanto o Pinocchio nadava ligeiro para alcançar a praia, percebeu que seu pai, em suas costas e com água até os joelhos, tremia feito vara verde, como se o pobre homem estivesse com uma tremenda febre.

Tremia de frio ou de medo? Quem sabe? Talvez um pouco de cada coisa. Mas o Pinocchio achou que fosse medo e disse para reconfortá-lo:

— Coragem, papai! Em uns poucos minutos chegaremos à terra sãos e salvos.

— Mas onde está essa bendita praia? — perguntou o velhinho, cada vez mais inquieto, olhando como um alfaiate a enfiar a linha na agulha. — É que estou olhando para todos os lados e não estou vendo nada além de céu e de mar.

— Mas eu estou vendo também a praia — disse o boneco. — Saiba que eu sou como os gatos e enxergo melhor de noite do que de dia.

O coitado do Pinocchio fingia bom humor, mas na verdade verdadeira estava prestes a desanimar. Suas forças minguavam e a sua respiração ficava pesada e ofegante.

Em suma, não aguentava mais, e a praia ainda estava bem longe.

Nadou até acabar o fôlego e então virou a cabeça para o pai, dizendo palavras entrecortadas:

— Meu pai, me ajude... estou meio morto de cansaço...

Pai e filho estavam a ponto de se afogar quando ouviram uma voz de taquara rachada:

— Quem é que está morrendo?

— Eu e o coitado do meu pai!

— Eu conheço essa voz. Você é o Pinocchio!

— Exatamente. E você?

— Eu sou o Atum, seu companheiro de cela na pança do tubarão.

— Como conseguiu escapar?

— Imitei o que você fez. Você mostrou o caminho e eu também fugi.

— Querido Atum, você chegou bem na hora! Peço, pelo amor dos seus atunzinhos, nos ajude ou estaremos perdidos.

— Às suas ordens, de todo coração. Segurem em minha cauda que eu os levo. Em quatro minutos estaremos na praia.

Geppetto e o Pinocchio, como podem imaginar, aceitaram de imediato o convite. Mas em vez de se agarrarem no rabo, acharam melhor irem sentados na garupa do Atum.

— Somos pesados demais? — perguntou o Pinocchio.

— Pesados? De maneira nenhuma. Parece que estou levando duas conchinhas nas costas — respondeu o Atum, que era bem robusto e encorpado como um bezerro de dois anos.

Ao chegarem na areia, o Pinocchio pulou no chão e depois ajudou seu pai a descer. Voltou-se para o Atum e, comovido, disse:

— Meu amigo, você salvou a mim e ao meu pai! Bem, não tenho palavras suficientes para agradecer. Permita pelo menos que eu lhe dê um beijo, como sinal de eterno reconhecimento.

O Atum tirou o focinho da água e o Pinocchio, ajoelhando-se, deu um afetuosíssimo beijo em sua boca. Com uma expressão de ternura tão espontânea e veemente, o pobre Atum, que não estava nada acostumado com isso, ficou tão comovido e envergonhado que mergulhou de volta, chorando, e desapareceu. A esta altura já havia amanhecido.

O Pinocchio ofereceu seu braço ao Geppetto, que mal tinha condições de parar em pé, e disse:

— Apoie-se no meu braço e vamos em frente, querido pai. Andaremos bem devagarzinho feito formiguinhas, e quando estivermos cansados, pararemos para descansar na beira da estrada.

— Para onde iremos? — perguntou Geppetto.

— Em busca de uma casa ou de uma cabana onde nos deem um pedaço de pão e um pouco de palha para servir de colchão.

Nem tinham dado cem passos quando viram dois mal-encarados sentados sobre uma pedra a mendigar.

Eram o Gato e a Raposa, mas estavam quase irreconhecíveis. Imaginem que o Gato, de tanto se fingir de cego, tinha ficado cego de verdade; e a Raposa, envelhecida, meio sem pelo e toda desconjuntada, nem rabo tinha mais. Pois quando aquela ladra maldita caiu na mais esqualida miséria, foi forçada a vender até a sua belíssima cauda a um mascate, que a comprou para fabricar uma estola.

— Ei, Pinocchio! — gritou a Raposa com voz queixosa.

— Seja caridoso com estas duas pobres criaturas enfermas!

— Enfermas! — repetiu o Gato.

— Adeus, seus golpistas! — respondeu a marionete. — Vocês me enganaram uma vez, mas nunca mais!

— Acredite, Pinocchio, que agora somos pobres e desgraçados de verdade!

— De verdade! — repetiu o Gato.

— Se ficaram pobres, mereceram. Lembrem-se do provérbio: “Dinheiro roubado não dá frutos.” Adeus, seus golpistas!

— Tenha compaixão...

— Compaixão...

— Adeus, seus golpistas! Lembrem-se do provérbio:
“A farinha do diabo é só farelo.”

— Não nos abandone!

— ...done! — repetiu o Gato.

— Adeus, seus golpistas! Lembrem-se do provérbio:
“Quem rouba o cobertor do próximo, em geral acaba nu.”

E assim, o Pinocchio e Geppetto continuaram tranquilamente até que, cem passos adiante, viram ao fim de um caminho que cortava o campo uma bela cabana toda de tijolos, palha e com o teto coberto por telhas.

— Aquela cabana deve ser habitada por alguém — disse o Pinocchio. — Vamos até lá bater na porta.

E lá foram.

— Quem é? — disse uma vizinha lá de dentro.

— Somos pai e filho, carentes de pão e de teto — respondeu o boneco.

— Girem a chave e a porta se abrirá — respondeu a mesma vizinha.

O Pinocchio girou a chave e a porta se abriu.
Entraram, olharam, mas não viram ninguém.

— Onde está o dono da cabana? — perguntou o Pinocchio, admirado.

— Estou aqui em cima.

Pai e filho viraram na direção do forro e avistaram, sobre uma viga, o Grilo Falante.

— Ei, meu querido Grilinho — cumprimentou Pinocchio, educadamente.

— Agora você me chama de “meu querido Grilinho”, é? Você se lembra de quando, para me enxotar da sua casa, atirou um martelo em mim?

— Tem toda a razão, Grilinho... Você também pode me enxotar e atirar um cabo de martelo em mim, mas tenha dó do meu velho pai.

— Eu terei piedade do pai e até do filho dele! Mas quis relembrar do mau tratamento recebido para lhe ensinar que neste mundo, quando é possível, devemos ser corteses com todos se quisermos ser retribuídos com igual cortesia nos dias de necessidade.

— Tem razão, Grilinho, razão para dar e vender! E eu terei em mente a lição que você me deu. Mas como conseguiu comprar esta bela cabana?

— Ganhei esta cabana ontem de presente de uma gracinha de cabra, que tem a lã de uma bonita cor turquesa.

— E a cabra, foi para onde? — perguntou o Pinocchio, muito curioso.

— Não sei.

— E quando voltará?

— Nunca mais. Ontem foi embora toda aflita e, quando balia, parecia falar: “Coitado do Pinocchio! Agora nunca mais o verei. A esta altura, o tubarão já deve tê-lo devorado!”

— Falou mesmo isso? Então era ela! Era ela! Era a minha querida Fadinha! — o Pinocchio começou a berrar, soluçar e chorar sem parar.

Depois de chorar bastante, enxugou os olhos, preparou uma boa caminha de palha e ajudou o velho Geppetto a se deitar. Em seguida, perguntou ao Grilo Falante:

— Diga, Grilinho, onde posso arranjar um copo de leite para o meu pobre pai?

— A umas três propriedades daqui há um horticultor chamado Giangio. Ele tem uma vaca. Vá até ele e terá o leite de que precisa.

O Pinocchio andou rápido até a casa do horticultor Giangio. O horticultor, porém, falou:

— Quanto leite você quer?

— Quero um copo cheio.

— Um copo de leite custa uma moeda. Então, primeiro me entregue a moeda.

— Não tenho nem mesmo um centavo — respondeu o Pinocchio, mortificado e ressentido.

— Muito ruim, caro boneco — replicou o horticultor.

— Se você não tem nem mesmo um centavo, eu não dou a você nem mesmo um dedinho de leite.

— Paciência! — disse o Pinocchio, e fez que ia embora.

— Espere um pouco — disse Giangio. — Podemos fazer negócio. Você pode fazer girar a nora?

— O que é nora?

— É aquele mecanismo de madeira que serve para bombear a água da cisterna para regar a horta.

— Eu tento...

— Então, bombeie cem baldes de água, que eu compensarei você com um copo de leite.

— Tá bom.

Giangio levou o boneco até a horta e o ensinou como girar a nora. O Pinocchio começou logo a trabalhar. Mesmo antes de terminar de tirar os cem baldes de água, já estava molhado de suor da cabeça aos pés. Nunca tinha sentido tamanho cansaço na vida!

— Até agora, esse esforço de fazer girar a nora — contou o horticultor — tinha sido feito pelo meu burrico, mas hoje ele está no fim da sua jornada.

— Pode me levar até ele? — pediu o Pinocchio.

— É claro.

Logo que entrou no estábulo, o Pinocchio viu um belo burrico deitado na palha, exausto pela fome e pelo trabalho intenso. Olhou para ele com muita atenção e disse para si mesmo, perturbado: “Eu conheço esse burrico! Sua cara não é estranha”.

Inclinando-se, perguntou a ele em língua asinina:

— Quem é você?

Com a pergunta, o burrinho abriu os olhos moribundos e respondeu gaguejando na mesma língua:

— Sou o Pa... vi... o.

Em seguida, fechou os olhos e morreu.

— Pobre Pavio! — disse o Pinocchio à meia voz. Pegou um punhado de palha e secou a lágrima que escorria por seu rosto.

— Você se comove tanto assim por um asno que não vale nada para você? — admirou-se o horticultor. — E eu, que gastei quatro moedas à vista com ele, o que vou fazer?

— Eu conto ao senhor... ele era um bom amigo meu...

— Seu amigo?

— Um amigo da escola.

— Como? — berrou o Giangio, dando uma grande risada. — Então o quê? Você tinha jumentos como colegas de escola? Imagino como estudavam bem, juntos!

O boneco de pau, mortificado com aquelas palavras, sequer respondeu. Pegou o seu copo de leite morno e voltou para a cabana.

Daquele dia em diante, continuou por cinco meses a levantar todas as manhãs antes do amanhecer para ir girar a nora, e assim ganhar aquele copo de leite que fazia tão bem à saúde precária de seu pai. Mas não se contentou com isso: no tempo que sobrava, aprendeu a fabricar cestos e artefatos de vime. Com o dinheiro que ganhava, arcava, de maneira sensata, com todas as despesas diárias da casa. Entre outras coisas, construiu sozinho um elegante carrinho para levar o pai para passear nos dias bonitos, para que tomasse um pouco de ar fresco.

À noite, antes de dormir, praticava a leitura e a escrita. Comprara no vilarejo vizinho, por uns poucos

centavos, um livro grande sem a capa e o índice e, com ele, treinava leitura. Para escrever, usava um galhinho seco como caneta. Mas não tendo nem sépia nem tinta nanquim, utilizava um potinho com suco de amoras e de cerejas espremidas.

O fato é que, com a sua boa vontade de se virar, de trabalhar e de seguir em frente, tinha conseguido não só dar algum conforto para o pai, que estava sempre adoentado, mas ainda economizou quarenta moedas para comprar uma roupa nova.

Certa manhã, disse ao pai:

— Vou até o mercado aqui perto para comprar uma jaqueta, um boné e um par de sapatos para mim. Quando voltar para casa — acrescentou, sorrindo — estarei tão bem vestido que o senhor vai achar que sou rico.

Saiu de casa e correu todo alegre e contente. De repente, ouviu chamarem seu nome. Voltou-se e viu uma bela lesma saindo do gramado.

— Não me reconhece? — perguntou a Lesma.

— Não tenho certeza... acho que sim.

— Você não se lembra da lesma que era camareira na casa da Fada de cabelos azuis? Não se recorda de quando descí para abrir para você, que estava com o pé fincado na porta da casa?

— Lembro de tudo — exclamou o Pinocchio. — Responda logo, minha Lesminha, onde está a boa Fada? O que ela está fazendo? Será que me perdoou? Ela se lembra

de mim? Ela ainda me quer bem? Está muito longe daqui?
Posso ir encontrá-la?

Para responder a avalanche de perguntas do Pinocchio, a Lesma disse com toda a sua calma de sempre:

— Meu Pinocchio, a pobre Fada está acamada, internada no hospital!

— No hospital?

— Infelizmente. Com tantas desgraças sobre ela, adoeceu gravemente e não tem mais nada nem para comprar um pouco de pão.

— É mesmo? Ai, que má notícia você me deu... Ai, pobre Fadinha! Pobre Fadinha! Pobre Fadinha! Se eu tivesse um milhão, levaria correndo para ela. Mas não tenho nada além de quarenta moedas de cobre. Tome aqui! Eu ia justamente comprar roupas novas para mim. Pegue o dinheiro, Lesma, e leve já para a minha boa Fada.

— E a sua roupa nova?

— O que importa uma roupa nova? Vou vender até estes farrapos que estou vestindo, para poder ajudá-la! Vá, Lesma, apresse-se! Em dois dias volte aqui, pois espero poder dar mais dinheiro a você. Até agora, trabalhei para sustentar o meu pai. De hoje em diante, trabalharei cinco horas a mais por dia para sustentar também a minha bondosa mamãe. Adeus, Lesma. Até daqui dois dias.

A Lesma, ao contrário do costureiro, saiu disparada como uma lagartixa no sol de rachar do verão.

Quando o Pinocchio voltou para casa, seu pai perguntou:

— E a roupa nova?

— Não consegui encontrar nada que me caísse bem.

Paciência! Compro da próxima vez.

Naquela noite, o Pinocchio, em vez de ir dormir às dez, trabalhou até soar meia-noite! E, em vez de produzir oito cestos de vime, fez dezesseis.

Depois foi para a cama e dormiu. Em seu sonho, pareceu ver a Fada, toda bela e sorridente que, depois de lhe dar um beijo, disse:

— Muito bem, Pinocchio! Por causa de seu bom coração, eu perdoo você por todas as molecagens que aprontou até hoje. Os meninos que cuidam com todo amor dos próprios pais, em momentos de necessidade ou doença, merecem ser elogiados e receber todo afeto, mesmo que não sejam modelos de obediência e de bom comportamento. Tenha juízo no futuro e será feliz.

O sonho terminou aí, e o Pinocchio acordou com os olhos arregalados.

Agora imaginem sua surpresa quando, ao despertar, percebeu que não era mais um boneco de madeira, mas sim um menino como todos os outros. Deu uma olhada em volta e, em vez das costumeiras paredes de palha da cabana, estava em um belo quarto mobiliado e decorado com uma simplicidade quase elegante. Pulou da cama e encontrou já preparada uma bela roupa nova, um boné

novo e um par de sapatinhos de couro que eram uma pintura!

Logo que terminou de se vestir, pôs as mãos no bolso com toda naturalidade e encontrou um pequeno porta-moedas de marfim no qual estava escrito: “A Fada dos cabelos azul-turquesa restitui ao seu querido Pinocchio as quarenta moedas e agradece muito por seu bom coração.” Abriu o porta-moedas e, em vez de quarenta moedas de cobre, brilhavam quarenta moedas de ouro novas em folha.

Em seguida foi se olhar no espelho e parecia ser outro. Já não viu mais a imagem de sempre, do boneco de madeira, mas a figura vivaz e inteligente de um bonito jovem de cabelos castanhos, olhos azuis e com um ar alegre e festivo.

Entre todas essas maravilhas, que chegavam uma atrás da outra, o Pinocchio não sabia mais se estava acordado ou se continuava a sonhar com os olhos abertos.

— E o meu pai, onde está? — gritou de repente. Entrou no quarto ao lado e encontrou o velho Geppetto saudável, cheio de energia e de bom humor como antigamente. Já havia retomado seu trabalho de entalhador, projetando uma moldura cheia de folhagens, de flores e de bustos de diversos animais.

— Mate a minha curiosidade, paizinho. Como se explica toda esta mudança abrupta? — perguntou o Pinocchio, pulando no colo dele e cobrindo-lhe de beijos.

— Esta abrupta mudança na nossa casa é unicamente mérito seu — disse Geppetto.

— Por que mérito meu?

— Porque os garotos, quando são maus e se tornam bons, têm a virtude de dar um aspecto novo e risonho até no interior de seus lares.

— E o velho Pinocchio de madeira, onde estará escondido?

— Olha ele ali! — respondeu Geppetto, indicando uma grande marionete apoiada em uma cadeirinha, com a cabeça virada para um lado, os braços pendentes e as pernas cruzadas e dobradas nos joelhos. Parecia um milagre que parasse de pé!

O Pinocchio virou-se para olhar e, depois de algum tempo, disse para si mesmo, com um enorme orgulho: “Como eu era ridículo quando era uma marionete! E agora, como estou contente em ter me transformado em um menino de verdade!”

Le Avventure di Pinocchio

Storia di un burattino

Carlo Collodi

I. COME ANDÒ CHE MAESTRO CILIEGIA, FALEGNAME TROVÒ UN PEZZO DI LEGNO CHE PIANGEVA E RIDEVA COME UN BAMBINO.

— C'era una volta....

— Un re! — diranno subito i miei piccoli lettori.

— No, ragazzi, avete sbagliato. C'era una volta un pezzo di legno.

Non era un legno di lusso, ma un semplice pezzo da catasta, di quelli che d'inverno si mettono nelle stufe e nei caminetti per accendere il fuoco e per riscaldare le stanze.

Non so come andasse, ma il fatto gli è che un bel giorno questo pezzo di legno capitò nella bottega di un vecchio falegname, il quale aveva nome maestr'Antonio, se non che tutti lo chiamavano maestro Ciliegia, per via della punta del suo naso, che era sempre lustra e paonazza, come una ciliegia matura.

.... sentì una vocina sottile sottile.

Appena maestro Ciliegia ebbe visto quel pezzo di legno, si ralleggrò tutto; e dandosi una fregatina di mani per la contentezza, borbottò a mezza voce:

— Questo legno è capitato a tempo; voglio servirmene per fare una gamba di tavolino. —

Detto fatto, prese subito l'ascia arrotata per cominciare a levargli la scorza e a digrossarlo; ma quando fu lì per lasciare andare la prima asciata, rimase col braccio sospeso in aria, perchè sentì una vocina sottile sottile, che disse raccomandandosi:

— Non mi picchiar tanto forte! —

Figuratevi come rimase quel buon vecchio di maestro Ciliegia!

Girò gli occhi smarriti intorno alla stanza per vedere di dove mai poteva essere uscita quella vocina, e non vide nessuno! Guardò sotto il banco, e nessuno: guardò dentro un armadio che stava sempre chiuso, e nessuno; guardò nel corbello dei trucioli e della segatura, e nessuno; aprì l'uscio di bottega per dare un'occhiata anche sulla strada, e nessuno. O dunque?...

— Ho capito; — disse allora ridendo e grattandosi la parrucca — si vede che quella vocina me la son figurata io. Rimettiamoci a lavorare. —

E ripresa l'ascia in mano, tirò giù un solennissimo colpo sul pezzo di legno.

— Ohi! tu m'hai fatto male! — gridò rammaricandosi la solita vocina.

Questa volta maestro Ciliegia restò di stucco, cogli occhi fuori del capo per la paura, colla bocca spalancata e colla lingua giù ciondoloni fino al mento, come un mascherone da fontana.

Appena riebbe l'uso della parola, cominciò a dire tremando e balbettando dallo spavento:

— Ma di dove sarà uscita questa vocina che ha detto *ohi*?... Eppure qui non c'è anima viva. Che sia per caso questo pezzo di legno che abbia imparato a piangere e a lamentarsi come un bambino? Io non lo posso credere. Questo legno eccolo qui; è un pezzo di legno da caminetto, come tutti gli altri, e a buttarlo sul fuoco, c'è da far bollire una pentola di fagioli.... O dunque? Che ci sia nascosto dentro qualcuno? Se c'è nascosto qualcuno, tanto peggio per lui. Ora l'accomodo io! —

E così dicendo, agguantò con tutt'e due le mani quel povero pezzo di legno, e si pose a sbatacchiarlo senza carità contro le pareti della stanza.

Poi si messe in ascolto, per sentire se c'era qualche vocina che si lamentasse. Aspettò due minuti, e nulla; cinque minuti, e nulla; dieci minuti, e nulla!

— Ho capito — disse allora sforzandosi di ridere e arruffandosi la parrucca — si vede che quella vocina che ha detto *ohi*, me la son figurata io! Rimettiamoci a lavorare. —

E perchè gli era entrato addosso una gran paura, si provò a canterellare per farsi un po' di coraggio.

Intanto, posata da una parte l'ascia, prese in mano la pialla, per piallare e tirare a pulimento il pezzo di legno; ma nel mentre che lo piallava in su e in giù, sentì la solita vocina che gli disse ridendo:

— Smetti! tu mi fai il pizzicorino sul corpo! —

Questa volta il povero maestro Ciliegia cadde giù come fulminato. Quando riaprì gli occhi, si trovò seduto per terra.

Il suo viso pareva trasfigurato, e perfino la punta del naso, di paonazza come era quasi sempre, gli era diventata turchina dalla gran paura.

II. MAESTRO CILIEGIA REGALA IL PEZZO DI LEGNO AL SUO AMICO GEPPETTO, IL QUALE LO PRENDE PER FABBRICARSI UN BURATTINO MARAVIGLIOSO, CHE SAPPIA BALLARE, TIRAR DI SCHERMA E FARE I SALTI MORTALI.

In quel punto fu bussato alla porta.

— Passate pure, — disse il falegname, senza aver la forza di rizzarsi in piedi.

Un vecchietto tutto arzilla, il quale aveva nome Geppetto.

Allora entrò in bottega un vecchietto tutto arzilla, il quale aveva nome Geppetto; ma i ragazzi del vicinato, quando lo volevano far montare su tutte le furie, lo chiamavano col soprannome di Polendina, a motivo della sua parrucca gialla, che somigliava moltissimo alla polendina di granturco.

Geppetto era bizzosissimo. Guai a chiamarlo Polendina! Diventava subito una bestia, e non c'era più verso di tenerlo.

— Buon giorno, maestr'Antonio, — disse Geppetto. — Che cosa fate costì per terra?

— Insegno l'abbaco alle formicole.
— Buon pro vi faccia.
— Chi vi ha portato da me, compar Geppetto?
— Le gambe. Sappiate, maestr'Antonio, che son venuto da voi, per chiedervi un favore.

— Eccomi qui, pronto a servirvi, — replicò il falegname rizzandosi su i ginocchi.

— Stamani m'è piovuta nel cervello un'idea.

— Sentiamola.

— Ho pensato di fabbricarmi da me un bel burattino di legno: ma un burattino meraviglioso, che sappia ballare, tirar di scherma e fare i salti mortali. Con questo burattino voglio girare il mondo, per buscarmi un tozzo di pane e un bicchier di vino: che ve ne pare?

— Bravo Polendina! — gridò la solita vocina, che non si capiva di dove uscisse.

A sentirsi chiamar Polendina, compar Geppetto diventò rosso come un peperone dalla bizza, e voltandosi verso il falegname, gli disse imbestialito:

— Perchè mi offendete?

— Chi vi offende?

— Mi avete detto Polendina!

— Non sono stato io.

— Sta' un po' a vedere che sarò stato io! Io dico che siete stato voi.

— No!

— Sì!

— No!

— Sì! —

E riscaldandosi sempre più, vennero dalle parole ai fatti, e acciuffatisi fra di loro, si graffiaron, si morsero e si sbertucciarono.

Finito il combattimento, maestr'Antonio si trovò fra le mani la parrucca gialla di Geppetto, e Geppetto si accorse di avere in bocca la parrucca brizzolata del falegname.

— Rendimi la mia parrucca! — gridò maestr'Antonio.

— E tu rendimi la mia, e rifacciamo la pace. —

I due vecchietti, dopo aver ripreso ognuno di loro la propria parrucca, si strinsero la mano e giurarono di rimanere buoni amici per tutta la vita.

— Dunque, compar Geppetto, — disse il falegname in segno di pace fatta — qual è il piacere che volete da me?

— Vorrei un po' di legno per fabbricare il mio burattino; me lo date? —

Mastr'Antonio, tutto contento, andò subito a prendere sul banco quel pezzo del legno che era stato cagione a lui di tante paure. Ma quando fu lì per consegnarlo all'amico, il pezzo di legno dette uno scossone, e sgusciandogli violentemente dalle mani, andò a battere con forza negli stinchi impresciuttiti del povero Geppetto.

— Ah! gli è con questo bel garbo, maestr'Antonio, che voi regalate la vostra roba? M'avete quasi azzoppito!...

— Vi giuro che non sono stato io!

— Allora sarò stato io!...

— La colpa è tutta di questo legno....

— Lo so che è del legno: ma siete voi che me l'avete tirato nelle gambe!

— Io non ve l'ho tirato!

— Bugiardo!

— Geppetto, non mi offendete: se no vi chiamo Polendina!...

— Asino!

— Polendina!

— Somaro!

— Polendina!

— Brutto scimmiotto!

— Polendina! —

A sentirsi chiamar Polendina per la terza volta, Geppetto perse il lume degli occhi, si avventò sul falegname e lì se ne dettero un sacco e una sporta.

A battaglia finita, maestr'Antonio si trovò due graffi di più sul naso, e quell'altro due bottoni di meno al giubbetto. Pareggiati in questo modo i loro conti, si strinsero la mano e giurarono di rimanere buoni amici per tutta la vita.

Intanto Geppetto prese con sè il suo bravo pezzo di legno, e ringraziato maestr'Antonio, se ne tornò zoppicando a casa.

III. GEPPETTO, TORNATO A CASA, COMINCIA SUBITO A FABBRICARSI IL BURATTINO E GLI METTE IL NOME DI PINOCCHIO. PRIME MONELLERIE DEL BURATTINO.

La casa di Geppetto era una stanzina terrena, che pigliava luce da un sottoscala. La mobilia non poteva esser più semplice: una seggiola cattiva, un letto poco buono e un tavolino tutto rovinato. Nella parete di fondo si vedeva un caminetto col fuoco acceso; ma il fuoco era dipinto, e accanto al fuoco c'era dipinta una pentola che bolliva allegramente e mandava fuori una nuvola di fumo, che pareva fumo davvero.

Appena entrato in casa, Geppetto prese subito gli arnesi e si pose a intagliare e a fabbricare il suo burattino.

— Che nome gli metterò? — disse fra sè e sè. — Lo voglio chiamar Pinocchio. Questo nome gli porterà fortuna. Ho conosciuto una famiglia intera di Pinocchi: Pinocchio il padre, Pinocchia la madre e Pinocchi i ragazzi, e tutti se la passavano bene. Il più ricco di loro chiedeva l'elemosina.

Quando ebbe trovato il nome al suo burattino, allora cominciò a lavorare a buono, e gli fece subito i capelli, poi la fronte, poi gli occhi.

Fatti gli occhi, figuratevi la sua meraviglia quando si accorse che gli occhi si movevano e che lo guardavano fisso fisso.

Più lo ritagliava e lo scorciva, e più quel naso impertinente diventava lungo.

Geppetto vedendosi guardare da quei due occhi di legno, se n'ebbe quasi per male, e disse con accento risentito:

— Occhiacci di legno, perchè mi guardate? —

Nessuno rispose.

Allora, dopo gli occhi gli fece il naso; ma il naso, appena fatto, cominciò a crescere: e cresci, cresci, cresci, diventò in pochi minuti un nasone che non finiva mai.

Il povero Geppetto si affaticava a ritagliarlo; ma più lo ritagliava e lo scorciva, e più quel naso impertinente diventava lungo.

Dopo il naso gli fece la bocca.

La bocca non era ancora finita di fare, che cominciò subito a ridere e a canzonarlo.

— Smetti di ridere! — disse Geppetto impermalito; ma fu come dire al muro.

— Smetti di ridere, ti ripeto! — urlò con voce minacciosa.

Allora la bocca smesse di ridere, ma cacciò fuori tutta la lingua.

Geppetto, per non guastare i fatti suoi, finse di non avvedersene, e continuò a lavorare. Dopo la bocca gli fece

il mento, poi il collo, poi le spalle, lo stomaco, le braccia e le mani.

Appena finite le mani, Geppetto sentì portarsi via la parrucca dal capo. Si voltò in su, e che cosa vide? Vide la sua parrucca gialla in mano del burattino.

— Pinocchio!... rendimi subito la mia parrucca! —

E Pinocchio, invece di rendergli la parrucca, se la messe in capo per sè, rimanendovi sotto mezzo affogato.

A quel garbo insolente e derisorio, Geppetto si fece tristo e melanconico, come non era stato mai in vita sua: e voltandosi verso Pinocchio, gli disse:

— Birba d'un figliuolo! Non sei ancora finito di fare, e già cominci a mancar di rispetto a tuo padre! Male, ragazzo mio, male! —

E Pinocchio, invece di rendergli la parrucca, se la messe in capo per sè....

E si rasciugò una lacrima.

Restavano sempre da fare le gambe e i piedi.

Quando Geppetto ebbe finito di fargli i piedi, sentì arrivarsi un calcio sulla punta del naso.

— Me lo merito — disse allora fra sè. — Dovevo pensarci prima! Ormai è tardi! —

Poi prese il burattino sotto le braccia e lo posò in terra, sul pavimento della stanza, per farlo camminare.

Pinocchio aveva le gambe aggranchite e non sapeva muoversi, e Geppetto lo conduceva per la mano per insegnargli a mettere un passo dietro l'altro.

— Piglialo! piglialo! — urlava Geppetto.

Quando le gambe gli si furono sgranchite, Pinocchio cominciò a camminare da sè e a correre per la stanza; finchè, infilata la porta di casa, saltò nella strada e si dette a scappare.

E il povero Geppetto a correrli dietro senza poterlo raggiungere, perchè quel birichino di Pinocchio andava a salti come una lepre, e battendo i suoi piedi di legno sul lastrico della strada, faceva un fracasso come venti paia di zoccoli da contadini.

— Piglialo! piglialo! — urlava Geppetto; ma la gente che era per la via, vedendo questo burattino di legno, che correva come un barbero, si fermava incantata a guardarlo, e rideva, rideva e rideva, da non poterselo figurare.

Alla fine, e per buona fortuna, capitò un carabiniere il quale, sentendo tutto quello schiamazzo, e credendo si trattasse di un puledro che avesse levata la mano al padrone, si piantò coraggiosamente a gambe larghe in mezzo alla strada, con l'animo risoluto di fermarlo e di impedire il caso di maggiori disgrazie.

Ma Pinocchio, quando si avvide da lontano del carabiniere, che barricava tutta la strada, s'ingegnò di passargli, per sorpresa, framezzo alle gambe, e invece fece fiasco.

Il carabiniere, senza punto smuoversi lo acciuffò pulitamente per il naso (era un nasone spropositato, che pareva fatto apposta per essere acchiappato dai

carabinieri) e lo riconsegnò nelle proprie mani di Geppetto; il quale, a titolo di correzione, voleva dargli subito una buona tiratina d'orecchi. Ma figuratevi come rimase, quando nel cercargli gli orecchi non gli riuscì di poterli trovare: e sapete perchè? perchè, nella furia di scolpirlo, si era dimenticato di farglieli.

Lo acciuffò pulitamente per il naso....

Allora lo prese per la collottola, e, mentre lo riconduceva indietro, gli disse tentennando minacciosamente il capo:

— Andiamo subito a casa. Quando saremo a casa, non dubitare che faremo i nostri conti! —

Pinocchio, a questa antifona, si buttò per terra, e non volle più camminare. Intanto i curiosi e i bighelloni principiavano a fermarsi lì dintorno e a far capannello.

Chi ne diceva una, chi un'altra.

— Povero burattino! — dicevano alcuni — ha ragione a non voler tornare a casa! Chi lo sa come lo picchierebbe quell'omaccio di Geppetto!... —

E gli altri soggiungevano malignamente:

— Quel Geppetto pare un galantuomo! ma è un vero tiranno, coi ragazzi! Se gli lasciano quel povero burattino fra le mani, è capacissimo di farlo a pezzi! —

Insomma, tanto dissero e tanto fecero, che il carabiniere rimesse in libertà Pinocchio, e condusse in prigione quel pover'uomo di Geppetto. Il quale non avendo parole lì per lì per difendersi, piangeva come un vitellino, e

nell'avviarsi verso il carcere, balbettava singhiozzando:

— Sciagurato figliuolo! E pensare che ho penato tanto a farlo un burattino per bene! Ma mi sta il dovere! Dovevo pensarci prima!... —

Quello che accadde dopo, è una storia così strana, da non potersi quasi credere, e ve la racconterò in quest'altri capitoli.

IV. LA STORIA DI PINOCCHIO COL GRILLO-PARLANTE, DOVE SI VEDE COME I RAGAZZI CATTIVI HANNO A NOJA DI SENTIRSI CORREGGERE DA CHI NE SA PIÙ DI LORO.

Vi dirò dunque, ragazzi, che mentre il povero Geppetto era condotto senza sua colpa in prigione, quel monello di Pinocchio, rimasto libero dalle grinfie del carabiniere, se la dava a gambe giù attraverso ai campi, per far più presto a tornarsene a casa; e nella gran furia del correre saltava greppi altissimi, siepi di pruni e fossi pieni d'acqua, tale e quale come avrebbe potuto fare un capretto o un leprottino inseguito dai cacciatori.

Giunto dinanzi a casa, trovò l'uscio di strada socchiuso. Lo spinse, entrò dentro, e appena ebbe messo tanto di paletto, si gettò a sedere per terra, lasciando andare un gran sospirone di contentezza.

Ma quella contentezza durò poco, perchè sentì nella stanza qualcuno che fece:

— Crì-crì-crì!

— Chi è che mi chiama? — disse Pinocchio tutto impaurito.

— Sono io! —

Pinocchio si voltò, e vide un grosso grillo che saliva lentamente su su per il muro.

— Dimmi, Grillo, e tu chi sei?

— Io sono il Grillo-parlante, e abito in questa stanza da più di cent'anni.

— Oggi però questa stanza è mia, — disse il burattino — e se vuoi farmi un vero piacere, vattene subito, senza nemmeno voltarti indietro.

— Io non me ne anderò di qui, — rispose il Grillo — se prima non ti avrò detto una gran verità.

— Dimmela, e spicciati.

— Guai a quei ragazzi che si ribellano ai loro genitori, e che abbandonano capricciosamente la casa paterna. Non avranno mai bene in questo mondo; e prima o poi dovranno pentirsene amaramente.

— Canta pure, Grillo mio, come ti pare e piace: ma io so che domani, all'alba, voglio andarmene di qui, perchè se rimango qui, avverrà a me quel che avviene a tutti gli altri ragazzi, vale a dire mi manderanno a scuola, e per amore o per forza mi toccherà a studiare; e io, a dirtela in confidenza, di studiare non ho punta voglia e mi diverto più a correre dietro alle farfalle e a salire su per gli alberi a prendere gli uccellini di nido.

— Povero grullerello!... Ma non sai che, facendo così, diventerai da grande un bellissimo somaro, e che tutti si piglieranno gioco di te?

— Chetati, grillaccio del mal'augurio! — gridò Pinocchio.

Ma il grillo, che era paziente e filosofo, invece di aversi a male di questa impertinenza, continuò con lo stesso tono di voce:

— E se non ti garba di andare a scuola, perchè non impari almeno un mestiere tanto da guadagnarti onestamente un pezzo di pane?

— Vuoi che te lo dica? — replicò Pinocchio, che cominciava a perdere la pazienza. — Fra i mestieri del mondo non ce n'è che uno solo, che veramente mi vada a genio.

— E questo mestiere sarebbe?

— Quello di mangiare, bere, dormire, divertirmi, e fare dalla mattina alla sera la vita del vagabondo.

— Per tua regola — disse il Grillo-parlante con la sua solita calma — tutti quelli che fanno codesto mestiere, finiscono quasi sempre allo spedale o in prigione.

— Bada, grillaccio del mal'augurio!... se mi monta la bizza, guai a te! —

— Povero Pinocchio: mi fai proprio compassione!...

— Perchè ti faccio compassione?

— Perchè sei un burattino e, quel che è peggio, perchè hai la testa di legno. —

Preso di sul banco un martello di legno, lo scagliò contro il Grillo-parlante.

A queste ultime parole, Pinocchio saltò su tutt'infuriato, e preso di sul banco un martello di legno, lo scagliò contro il Grillo-parlante.

Forse non credeva nemmeno di colpirlo; ma disgraziatamente lo colse per l'appunto nel capo, tanto che il povero Grillo ebbe appena il fiato di fare *crì-crì-crì*, e poi rimase lì stecchito e appiccicato alla parete.

V. PINOCCHIO HA FAME E CERCA UN UOVO PER FARSI UNA FRITTATA; MA SUL PIÙ BELLO, LA FRITTATA GLI VOLA VIA DALLA FINESTRA.

Intanto cominciò a farsi notte, e Pinocchio, ricordandosi che non aveva mangiato nulla, sentì un'uggiolina allo stomaco, che somigliava moltissimo all'appetito.

Ma l'appetito dei ragazzi cammina presto, e difatti, dopo pochi minuti l'appetito diventò fame, e la fame, dal vedere al non vedere si convertì in una fame da lupi, in una fame da tagliarsi col coltello.

Il povero Pinocchio corse subito al focolare dove c'era una pentola che bolliva, e fece l'atto di scoperchiarla, per vedere che cosa ci fosse dentro: ma la pentola era dipinta sul muro. Immaginatevi come restò. Il suo naso, che era già lungo, gli diventò più lungo almeno quattro dita.

Allora si dette a correre per la stanza e a frugare per tutte le cassette e per tutti i ripostigli in cerca di un po' di pane, magari un po' di pan secco, un crosterello, un osso avanzato al cane, un po' di polenta muffita, una lisca di pesce, un nocciolo di ciliegia, insomma qualche cosa da masticare: ma non trovò nulla, il gran nulla, proprio nulla.

E intanto la fame cresceva, e cresceva sempre: e il povero Pinocchio non aveva altro sollievo che quello di

sbadigliare e faceva degli sbadigli così lunghi, che qualche volta la bocca gli arrivava fino agli orecchi. E dopo avere sbadigliato, sputava, e sentiva che lo stomaco gli andava via.

Allora piangendo e disperandosi, diceva:

— Il Grillo-parlante aveva ragione. Ho fatto male a rivoltarmi al mio babbo e a fuggire di casa.... Se il mio babbo fosse qui ora non mi troverei a morire di sbadigli! Oh! che brutta malattia che è la fame! —

Quand'ecco che gli parve di vedere nel monte della spazzatura qualche cosa di tondo e di bianco, che somigliava tutto ad un uovo di gallina. Spiccare un salto e gettarvisi sopra, fu un punto solo. Era un uovo davvero.

La gioia del burattino è impossibile descriverla: bisogna sapersela figurare. Credendo quasi che fosse un sogno, si rigirava quest'uovo fra le mani, e lo toccava e lo baciava e baciandolo diceva:

— E ora come dovrò cuocerlo? Ne farò una frittata?... No, è meglio cuocerlo nel piatto!... o non sarebbe più saporito se lo friggessi in padella? O se invece lo cuocessi a uso uovo a bere? No, la più lesta di tutte è di cuocerlo nel piatto o nel tegamino: ho troppa voglia di mangiarmelo! —

Detto fatto, pose un tegamino sopra un caldano pieno di brace accesa: messe nel tegamino, invece d'olio o di burro, un po' d'acqua: e quando l'acqua principiò a fumare, *tac!*... spezzò il guscio dell'uovo, e fece l'atto di scodellarvelo dentro.

Ma invece della chiara e del torlo scappò fuori un pulcino tutto allegro e complimentoso, il quale facendo una bella riverenza disse:

— Mille grazie, signor Pinocchio, d'avermi risparmiata la fatica di rompere il guscio! Arrivedella, stia bene e tanti saluti a casa! —

Ciò detto, distese le ali, e, infilata la finestra che era aperta, se ne volò via a perdita d'occhio.

Il povero burattino rimase lì, come incantato, cogli occhi fissi, colla bocca aperta e coi gusci dell'uovo in mano. Riavutosi, peraltro, dal primo sbigottimento, cominciò a piangere, a strillare, a battere i piedi in terra per la disperazione, e piangendo diceva:

— Eppure il Grillo-parlante aveva ragione! Se non fossi scappato di casa e se il mio babbo fosse qui, ora non mi troverei a morire di fame. Eh! che brutta malattia che è la fame!... —

E perchè il corpo gli seguitava a brontolare più che mai, e non sapeva come fare a chetarlo, pensò di uscir di casa e di dare una scappata al paesello vicino, nella speranza di trovare qualche persona caritatevole, che gli facesse l'elemosina di un po' di pane.

VI. PINOCCHIO SI ADDORMENTA COI PIEDI SUL CALDANO, E LA MATTINA DOPO SI SVEGLIA COI PIEDI TUTTI BRUCIATI.

Per l'appunto era una nottataccia d'inferno. Tonava forte forte, lampeggiava come se il cielo pigliasse fuoco, e un ventaccio freddo e strapazzone, fischiando rabbiosamente e sollevando un immenso nuvolo di polvere, faceva stridere e cigolare tutti gli alberi della campagna.

Pinocchio aveva una gran paura dei tuoni e dei lampi: se non che la fame era più forte della paura: motivo per cui accostò l'uscio di casa, e presa la carriera, in un centinaio di salti arrivò fino al paese, colla lingua fuori e col fiato grosso, come un can da caccia.

Ma trovò tutto buio e tutto deserto. Le botteghe erano chiuse; le porte di casa chiuse, le finestre chiuse, e nella strada nemmeno un cane. Pareva il paese dei morti.

Allora Pinocchio, preso dalla disperazione e dalla fame, si attaccò al campanello d'una casa, e cominciò a sonare a distesa, dicendo dentro di sè:

— Qualcuno si affaccerà. —

Difatti si affacciò un vecchio, col berretto da notte in capo, il quale gridò tutto stizzito:

— Che cosa volete a quest'ora?

Tornò a casa bagnato come un pulcino....

— Che mi fareste il piacere di darmi un po' di pane?

— Aspettatemi costì che torno subito, — rispose il vecchino, credendo di aver da fare con qualcuno di quei ragazzacci rompicolli che si divertono di notte a sonare i campanelli delle case, per molestare la gente per bene, che se la dorme tranquillamente.

Dopo mezzo minuto la finestra si riaprì, e la voce del solito vecchino gridò a Pinocchio:

— Fàtti sotto e para il cappello. —

Pinocchio che non aveva ancora un cappello, si avvicinò e sentì pioversi addosso un'enorme catinellata d'acqua che lo annaffiò tutto, dalla testa ai piedi, come se fosse un vaso di giranio appassito.

Tornò a casa bagnato come un pulcino e rifinito dalla stanchezza e dalla fame: e perchè non aveva più forza di reggersi ritto, si pose a sedere, appoggiando i piedi fradici e impillaccherati sopra un caldano pieno di brace accesa.

E lì si addormentò; e nel dormire i piedi che erano di legno gli presero fuoco, e adagio adagio gli si carbonizzarono e diventarono cenere.

E Pinocchio seguitava a dormire e a russare, come se i suoi piedi fossero quelli d'un altro. Finalmente sul far del giorno si svegliò, perchè qualcuno aveva bussato alla porta.

— Chi è? — domandò sbadigliando e stropicciandosi gli occhi.

– Sono io! – rispose una voce.
Quella voce era la voce di Geppetto.

VII. GEPPELTO TORNA A CASA, E DÀ AL BURATTINO LA COLAZIONE CHE IL POVER'UOMO AVEVA PORTATA PER SÈ.

Il povero Pinocchio, che aveva sempre gli occhi fra il sonno, non s'era ancora avvisto dei piedi che gli si erano tutti bruciati: per cui appena sentì la voce di suo padre, schizzò giù dallo sgabello per correre a tirare il paletto; ma invece, dopo due o tre traballoni, cadde di picchio tutto lungo disteso sul pavimento.

E nel battere in terra fece lo stesso rumore, che avrebbe fatto un sacco di mestoli, cascato da un quinto piano.

— Aprimi! — intanto gridava Geppetto dalla strada.

— Babbo mio, non posso.... — rispondeva il burattino piangendo e ruzzolandosi per terra.

— Perchè non puoi?

— Perchè mi hanno mangiato i piedi.

— E chi te li ha mangiati?

— Il gatto — disse Pinocchio, vedendo il gatto che colle zampine davanti si divertiva a far ballare alcuni trucioli di legno.

— Aprimi, ti dico! — ripeté Geppetto — se no, quando vengo in casa, il gatto te lo do io!

— Non posso star ritto, credetelo. Oh! povero me! povero me, che mi toccherà a camminare coi ginocchi per tutta la vita. —

Entrò in casa dalla finestra.

Geppetto, credendo che tutti questi piagnistei fossero un'altra monelleria del burattino, pensò bene di farla finita; e arrampicatosi su per il muro, entrò in casa dalla finestra.

Da principio voleva dire e voleva fare; ma poi, quando vide il suo Pinocchio sdraiato in terra e rimasto senza piedi davvero, allora sentì intenerirsi; e presolo subito in collo si dette a baciarlo e a fargli mille carezze e mille moine, e, coi lucciconi che gli cascavano giù per le gote, gli disse singhiozzando:

— Pinocchiuccio mio! Com'è che ti sei bruciato i piedi?

— Non lo so, babbo, ma credetelo che è stata una nottata d'inferno, e me ne ricorderò fin che campo. Tonava, balenava e io avevo una gran fame, e allora il Grillo-parlante mi disse: «Ti sta bene: sei stato cattivo e te lo meriti» e io gli dissi: «Bada, Grillo!...» e lui mi disse: «Tu sei un burattino e hai la testa di legno» e io gli tirai un manico di martello, e lui morì, ma la colpa fu sua, perchè io non volevo ammazzarlo, prova ne sia, che messi un tegamino sulla brace accesa del caldano, ma il pulcino scappò fuori e disse: «Arrivedella,... e tanti saluti a casa.» E la fame cresceva sempre, motivo per cui quel vecchino col

berretto da notte, affacciandosi alla finestra mi disse: «Fatti sotto e para il cappello» e io con quella catinellata d'acqua sul capo, perchè il chiedere un po' di pane non è vergogna, non è vero? me ne tornai subito a casa, e perchè avevo sempre una gran fame, messi i piedi sul caldano per rasciugarmi, e voi siete tornato, e me li sono trovati bruciati, e intanto la fame l'ho sempre e i piedi non li ho più! ih!... ih!... ih!... ih!... ih!... —

E il povero Pinocchio cominciò a piangere e a berciare così forte, che lo sentivano da cinque chilometri lontano.

Geppetto, che di tutto quel discorso arruffato aveva capito una cosa sola, cioè che il burattino sentiva morirsi dalla gran fame, tirò fuori di tasca tre pere, e porgendogliele, disse:

— Queste tre pere erano la mia colazione: ma io te le do volentieri. Mangiale, e buon pro ti faccia.

— Se volete che le mangi, fatemi il piacere di sbucciarle.

— Sbucciarle? — replicò Geppetto meravigliato. — Non avrei mai creduto, ragazzo mio, che tu fossi così boccuccia e così schizzinoso di palato. Male! In questo mondo, fin da bambini, bisogna avvezzarsi abboccati e a saper mangiar di tutto, perchè non si sa mai quel che ci può capitare. I casi son tanti!...

— Voi direte bene, — soggiunse Pinocchio — ma io non mangerò mai una frutta, che non sia sbucciata. Le bucce non le posso soffrire. —

E quel buon uomo di Geppetto, cavato fuori un coltellino, e armatosi di santa pazienza, sbucciò le tre pere, e pose tutte le bucce sopra un angolo della tavola.

Quando Pinocchio in due bocconi ebbe mangiata la prima pera, fece l'atto di buttar via il torsolo; ma Geppetto gli trattenne il braccio dicendogli:

— Non lo buttar via: tutto in questo mondo può far comodo.

— Ma io il torsolo non lo mangio davvero!... — gridò il burattino rivoltandosi come una vipera.

— Chi lo sa! I casi son tanti!... — ripeté Geppetto, senza riscaldarsi.

Fatto sta che i tre torsoli, invece di essere gettati fuori dalla finestra, vennero posati sull'angolo della tavola in compagnia delle bucce.

Mangiate, o, per dir meglio, divorate le tre pere, Pinocchio fece un lunghissimo sbadiglio e disse piagnucolando:

— Ho dell'altra fame!

— Ma io, ragazzo mio, non ho più nulla da darti.

— Proprio nulla, nulla?

— Ci avrei soltanto queste bucce e questi torsoli di pera.

— Pazienza! — disse Pinocchio — se non c'è altro, mangerò una buccia. —

E cominciò a masticare. Da principio storse un po' la bocca: ma poi una dietro l'altra, spolverò in un soffio tutte

le bucce; e dopo le bucce anche i torsoli, e quand'ebbe finito di mangiare ogni cosa, si battè tutto contento le mani sul corpo, e disse gongolando:

— Ora sì, che sto bene!

— Vedi, dunque, — osservò Geppetto — che avevo ragione io, quando ti dicevo che non bisogna avvezzarsi nè troppo sofisticati nè troppo delicati di palato. Caro mio, non si sa mai quel che ci può capitare in questo mondo. I casi son tanti!... —

VIII. GEPPETTO RIFÀ I PIEDI A PINOCCHIO, E VENDE LA PROPRIA CASACCA PER COMPRARGLI L'ABBECDARIO.

Il burattino, appena che si fu levata la fame, cominciò subito a bofonchiare e a piangere, perchè voleva un paio di piedi nuovi.

Lo lasciò piangere e disperarsi per una mezza giornata.

Ma Geppetto, per punirlo della monelleria fatta, lo lasciò piangere e disperarsi per una mezza giornata; poi gli disse:

— E perchè dovrei rifarti i piedi? Forse per vederti scappar di nuovo da casa tua?

— Vi prometto — disse il burattino singhiozzando — che da oggi in poi sarò buono....

— Tutti i ragazzi — replicò Geppetto — quando vogliono ottenere qualcosa, dicono così.

— Vi prometto che anderò a scuola, studierò e mi farò onore....

— Tutti i ragazzi, quando vogliono ottenere qualcosa, ripetono la medesima storia.

— Ma io non sono come gli altri ragazzi! Io sono più buono di tutti, e dico sempre la verità. Vi prometto, babbo,

che imparerò un'arte, e che sarò la consolazione e il bastone della vostra vecchiaia. —

Geppetto che, sebbene facesse il viso di tiranno, aveva gli occhi pieni di pianto e il cuore grosso dalla passione nel vedere il suo povero Pinocchio in quello stato compassionevole, non rispose altre parole: ma, presi in mano gli arnesi del mestiere e due pezzetti di legno stagionato, si pose a lavorare di grandissimo impegno.

E in meno d'un'ora, i piedi erano bell'e fatti: due piedini svelti, asciutti e nervosi, come se fossero modellati da un artista di genio.

Allora Geppetto disse al burattino:

— Chiudi gli occhi e dormi! —

E Pinocchio chiuse gli occhi e fece finta di dormire. E nel tempo che si fingeva addormentato, Geppetto con un po' di colla sciolta in un guscio d'uovo gli appiccicò i due piedi al loro posto, e glieli appiccicò così bene, che non si vedeva nemmeno il segno dell'attaccatura.

Principiò a fare mille sgambetti.

Appena il burattino si accorse di avere i piedi, saltò giù dalla tavola dove stava disteso, e principiò a fare mille sgambetti e mille capriole, come se fosse ammattito dalla gran contentezza.

— Per ricompensarvi di quanto avete fatto per me — disse Pinocchio al suo babbo — voglio subito andare a scuola.

— Bravo ragazzo.

— Ma per andare a scuola ho bisogno d'un po' di vestito. —

Gli fece.... un berrettino di midolla di pane.

Geppetto, che era povero e non aveva in tasca nemmeno un centesimo, gli fece allora un vestituccio di carta fiorita, un paio di scarpe di scorza d'albero e un berrettino di midolla di pane.

Pinocchio corse subito a specchiarsi in una catinella piena d'acqua e rimase così contento di sè, che disse pavoneggiandosi:

— Paio proprio un signore!

— Davvero; — replicò Geppetto — perchè, tienlo a mente, non è il vestito bello che fa il signore, ma è piuttosto il vestito pulito.

— A proposito, — soggiunse il burattino — per andare alla scuola mi manca sempre qualcosa: anzi mi manca il più e il meglio.

— Cioè?

— Mi manca l'Abbecedario.

— Hai ragione: ma come si fa per averlo?

— È facilissimo: si va da un libraio e si compra.

— E i quattrini?

— Io non ce l'ho.

— Nemmen io — soggiunse il buon vecchio, facendosi tristo.

E Pinocchio sebbene fosse un ragazzo allegrissimo, si fece tristo anche lui: perchè la miseria, quando è miseria davvero, la intendono tutti: anche i ragazzi.

— Pazienza! — gridò Geppetto tutt'a un tratto rizzandosi in piedi; e infilatasi la vecchia casacca, di frustagno, tutta toppe e rimendi, uscì correndo di casa.

Dopo poco tornò: e quando tornò, aveva in mano l'Abbecedario per il figliuolo, ma la casacca non l'aveva più. Il pover'uomo era in maniche di camicia, e fuori nevicava.

— E la casacca, babbo?

— L'ho venduta.

— Perchè l'avete venduta?

— Perchè mi faceva caldo. —

Pinocchio capì questa risposta a volo, e non potendo frenare l'impeto del suo buon cuore, saltò al collo di Geppetto e cominciò a baciarlo per tutto il viso.

IX. PINOCCHIO VENDE L'ABBECEDARIO PER ANDARE A VEDERE IL TEATRO DEI BURATTINI.

Smesso che fu di nevicare, Pinocchio, col suo bravo Abbecedario nuovo sotto il braccio, prese la strada che menava alla scuola: e strada facendo, fantasticava nel suo cervellino mille ragionamenti e mille castelli in aria, uno più bello dell'altro.

E discorrendo da sè solo, diceva:

— Oggi, alla scuola, voglio subito imparare a leggere: domani poi imparerò a scrivere, e domani l'altro imparerò a fare i numeri. Poi, colla mia abilità, guadagnerò molti quattrini e coi primi quattrini che mi verranno in tasca, voglio subito fare al mio babbo una bella casacca di panno. Ma che dico di panno? Gliela voglio fare tutta d'argento e d'oro, e coi bottoni di brillanti. E quel pover'uomo se la merita davvero; perchè insomma, per comprarmi i libri e per farmi istruire, è rimasto in maniche di camicia.... a questi freddi! Non ci sono che i babbi che sieno capaci di certi sacrifici!... —

Mentre tutto commosso diceva così, gli parve di sentire in lontananza una musica di pifferi e di colpi di grancassa: pì-pì—pì, pì-pì—pì, zum, zum, zum, zum.

Si fermò e stette in ascolto. Quei suoni venivano di fondo a una lunghissima strada traversa, che conduceva a un piccolo paesetto, fabbricato sulla spiaggia del mare.

— Che cosa sia questa musica? Peccato che io debba andare a scuola, se no.... —

E rimase lì perplesso. A ogni modo, bisognava prendere una risoluzione; o a scuola, o a sentire i pifferi.

— Oggi anderò a sentire i pifferi, e domani a scuola. Per andare a scuola c'è sempre tempo — disse finalmente quel monello, facendo una spallucciata.

Detto fatto, infilò giù per la strada traversa e cominciò a correre a gambe. Più correva e più sentiva distinto il suono dei pifferi e dei tonfi della grancassa: pì-pì—pì, pì—pì-pì, pì-pì—pì, zum, zum, zum, zum.

Quand'ecco che si trovò in mezzo a una piazza tutta piena di gente, la quale si affollava intorno a un gran baraccone di legno e di tela dipinta di mille colori.

— Che cos'è quel baraccone? — domandò Pinocchio, voltandosi a un ragazzetto che era lì del paese.

— Leggi il cartello, che c'è scritto, e lo saprai.

— Lo leggerei volentieri, ma per l'appunto oggi non so leggere.

— Bravo bue! Allora te lo leggerò io. Sappi dunque che in quel cartello a lettere rosse come il fuoco, c'è scritto: GRAN TEATRO DEI BURATTINI....

— È molto che è incominciata la commedia?

— Comincia ora.

— E quanto si spende per entrare?

— Quattro soldi. —

Pinocchio che aveva addosso la febbre della curiosità, perse ogni ritegno e disse, senza vergognarsi, al ragazzetto col quale parlava:

— Mi daresti quattro soldi fino a domani?

— Te li darei volentieri, — gli rispose l'altro canzonandolo — ma oggi per l'appunto non te li posso dare.

— Per quattro soldi ti vendo la mia giacchetta — gli disse allora il burattino.

— Che vuoi che mi faccia di una giacchetta di carta fiorita? Se ci piove su, non c'è più verso di cavarsela da dosso.

— Vuoi comprare le mie scarpe?

— Sono buone per accendere il fuoco.

— Quanto mi dai del berretto?

— Bell'acquisto davvero! Un berretto di midolla di pane! C'è il caso che i topi me lo vengano a mangiare in capo! —

— Vuoi darmi quattro soldi di quest'Abbecedario nuovo?

Pinocchio era sulle spine. Stava lì lì per fare l'ultima offerta: ma non aveva coraggio: esitava, tentennava, pativa. Alla fine disse:

— Vuoi darmi quattro soldi di quest'Abbecedario nuovo?

— Io sono un ragazzo e non compro nulla dai ragazzi
— gli rispose il suo piccolo interlocutore, che aveva più giudizio di lui.

— Per quattro soldi l'Abbecedario lo prendo io — gridò un rivenditore di panni usati, che s'era trovato presente alla conversazione.

E il libro fu venduto lì su due piedi. E pensare che quel pover'uomo di Geppetto era rimasto a casa, a tremare dal freddo in maniche di camicia, per comprare l'Abbecedario al figliuolo!

X. I BURATTINI RICONOSCONO IL LORO FRATELLO PINOCCHIO E GLI FANNO UNA GRANDISSIMA FESTA; MA SUL PIÙ BELLO ESCE FUORI IL BURATTINAIO MANGIAFOCO, E PINOCCHIO CORRE PERICOLO DI FARE UNA BRUTTA FINE.

Quando Pinocchio entrò nel teatrino delle marionette, accadde un fatto che destò una mezza rivoluzione.

Bisogna sapere che il sipario era tirato su, e la commedia era già incominciata.

Sulla scena si vedevano Arlecchino e Pulcinella, che bisticciavano fra di loro e, secondo il solito, minacciavano da un momento all'altro di scambiarsi un carico di schiaffi e di bastonate.

La platea tutta attenta, si mandava a male dalle grandi risate, nel sentire il battibecco di quei due burattini, che gestivano e si trattavano d'ogni vituperio con tanta verità, come se fossero proprio due animali ragionevoli e due persone di questo mondo.

Quando all'improvviso, che è che non è, Arlecchino smette di recitare, e voltandosi verso il pubblico e

accennando colla mano qualcuno in fondo alla platea, comincia a urlare in tono drammatico:

— Numi del firmamento! sogno o son desto? Eppure quello laggiù è Pinocchio!...

— È Pinocchio davvero! — grida Pulcinella.

.... Eppure quello laggiù è Pinocchio!...

— È proprio lui! — strilla la signora Rosaura, facendo capolino in fondo alla scena.

— È Pinocchio! è Pinocchio! — urlarono in coro tutti i burattini, uscendo a salti fuori delle quinte.

— È Pinocchio! È il nostro fratello Pinocchio! Evviva Pinocchio!...

— Pinocchio, vieni quassù da me! — grida Arlecchino — vieni a gettarti fra le braccia dei tuoi fratelli di legno! —

A questo affettuoso invito, Pinocchio spicca un salto, e di fondo alla platea va nei posti distinti; poi con un altro salto, dai posti distinti monta sulla testa del direttore d'orchestra, e di lì schizza sul palcoscenico.

È impossibile figurarsi gli abbracciamenti, gli strizzoni di collo, i pizzicotti dell'amicizia e le zuccate della vera e sincera fratellanza, che Pinocchio ricevè in mezzo a tanto arruffio degli attori e delle attrici di quella compagnia drammatico-vegetale.

Questo spettacolo era commovente, non c'è che dire: ma il pubblico della platea, vedendo che la commedia non andava più avanti, s'impazientì e prese a gridare: — Vogliamo la commedia! vogliamo la commedia! —

Tutto fiato buttato via, perchè i burattini, invece di continuare la recita, raddoppiarono il chiasso e le grida, e, postosi Pinocchio sulle spalle, se lo portarono in trionfo ai lumi della ribalta.

Allora uscì fuori il burattinaio, un omone così brutto, che metteva paura soltanto a guardarlo. Aveva una barbaccia nera come uno scarabocchio d'inchiostro, e tanto lunga, che gli scendeva dal mento fino a terra: basta dire che, quando camminava se la pestava coi piedi. La sua bocca era larga come un forno, i suoi occhi parevano due lanterne di vetro rosso, col lume acceso di dietro; e con le mani schioccava una grossa frusta, fatta di serpenti e di code di volpe attorcigliate insieme.

All'apparizione inaspettata del burattinaio, ammutolirono tutti.

All'apparizione inaspettata del burattinaio, ammutolirono tutti: nessuno fiatò più. Si sarebbe sentito volare una mosca. Quei poveri burattini, maschi e femmine, tremavano come tante foglie.

— Perchè sei venuto a mettere lo scompiglio nel mio teatro? — domandò il burattinaio a Pinocchio, con un vocione d'Orco gravemente infreddato di testa.

— La creda, illustrissimo, che la colpa non è stata mia!...

— Basta così! stasera faremo i nostri conti. —

Difatti, finita la recita della commedia, il burattinaio andò in cucina, dov'egli s'era preparato per cena un bel

montone, che girava lentamente infilato nello spiede. E perchè gli mancavano le legna per finirlo di cuocere e di rosolare, chiamò Arlecchino e Pulcinella e disse loro:

— Portatemi di qua quel burattino, che troverete attaccato al chiodo. Mi pare un burattino fatto di un legname molto asciutto, e sono sicuro che a buttarlo sul fuoco, mi darà una bellissima fiammata all'arrostato. —

Arlecchino e Pulcinella da principio esitarono; ma impauriti da un'occhiataccia del loro padrone, obbedirono: e dopo tornarono in cucina portando sulle braccia il povero Pinocchio, il quale, divincolandosi come un'anguilla fuori dell'acqua, strillava disperatamente: — Babbo mio, salvatemi! Non voglio morire, no, non voglio morire!... —

XI. MANGIAFOCO STARNUTISCE E PERDONA A PINOCCHIO, IL QUALE POI DIFENDE DALLA MORTE IL SUO AMICO ARLECCHINO.

Il burattinaio Mangiafoco (che questo era il suo nome) pareva un uomo spaventoso, non dico di no, specie con quella sua barbaccia nera che, a uso grembiale, gli copriva tutto il petto e tutte le gambe; ma nel fondo poi non era un cattiv'uomo. Prova ne sia, che quando vide portarsi davanti quel povero Pinocchio, che si dibatteva per ogni verso, urlando «Non voglio morire, non voglio morire!» principiò subito a commuoversi e a impietosirsi; e dopo aver resistito un bel pezzo, alla fine non ne potè più, e lasciò andare un sonorosissimo starnuto.

A quello starnuto, Arlecchino che fino allora era stato afflitto e ripiegato come un salcio piangente, si fece tutto allegro in viso, e chinatosi verso Pinocchio gli bisbigliò sottovoce:

— Buone nuove, fratello! Il burattinaio ha starnutito, e questo è segno che s'è mosso a compassione per te, e oramai sei salvo. —

Perchè bisogna sapere che, mentre tutti gli uomini quando si sentono impietositi per qualcuno, o piangono, o per lo meno fanno finta di rasciugarsi gli occhi,

Mangiafoco, invece, ogni volta che s'inteneriva davvero, aveva il vizio di starnutire. Era un modo come un altro, per dare a conoscere agli altri la sensibilità del suo cuore.

Dopo avere starnutito, il burattinaio, seguitando a fare il burbero, gridò a Pinocchio:

— Finiscila di piangere! I tuoi lamenti mi hanno messo un'uggiolina qui in fondo allo stomaco.... sento uno spasimo, che quasi quasi.... *etcì, etcì!* — e fece altri due starnuti.

— Felicità! — disse Pinocchio.

— Grazie. E il tuo babbo e la tua mamma sono sempre vivi? — domandò Mangiafoco.

— Il babbo, sì; la mamma non l'ho mai conosciuta.

— Chi lo sa che dispiacere sarebbe per il tuo vecchio padre, se ora ti facessi gettare fra quei carboni ardenti. Povero vecchio! lo compatisco.... *etcì, etcì, etcì*, — e fece altri tre starnuti.

— Felicità! — disse Pinocchio.

— Grazie. Del resto bisogna compatire anche me, perchè come vedi, non ho più legna per finire di cuocere quel montone arrosto, e tu, dico la verità, in questo caso mi avresti fatto un gran comodo! Ma ormai mi sono impietosito e ci vuol pazienza. Invece di te, metterò a bruciare sotto lo spiede qualche burattino della mia compagnia. Olà, giandarmi! —

A questo comando comparvero subito due giandarmi di legno, lunghi lunghi, secchi secchi, col cappello a lucerna in testa e colla sciabola sfoderata in mano.

— Pigliatemi lì quell'Arlecchino....

Allora il burattinaio disse loro con voce rantolosa:

— Pigliatemi lì quell'Arlecchino, legatelo ben bene, e poi gettatelo a bruciare sul fuoco. Io voglio che il mio montone sia arrostito bene! —

Figuratevi il povero Arlecchino! Fu tanto il suo spavento, che le gambe gli si ripiegarono e cadde bocconi per terra.

Pinocchio alla vista di quello spettacolo straziante, andò a gettarsi ai piedi del burattinaio, e piangendo direttamente e bagnandogli di lacrime tutti i peli della lunghissima barba, cominciò a dire con voce supplichevole:

— Pietà, signor Mangiafoco!...

— Qui non ci sono signori! — replicò duramente il burattinaio.

— Pietà, signor Cavaliere!...

— Qui non ci sono cavalieri!

— Pietà, signor Commendatore!

— Qui non ci sono commendatori!

— Pietà, Eccellenza!... —

A sentirsi chiamare Eccellenza, il burattinaio fece subito il bocchino tondo, e diventato tutt'a un tratto più umano e più trattabile, disse a Pinocchio:

— Ebbene, che cosa vuoi da me?

— Vi domando grazia per il povero Arlecchino!...

— Qui non c'è grazia che tenga. Se ho risparmiato te, bisogna che faccia mettere sul fuoco lui, perchè io voglio che il mio montone sia arrostito bene.

— In questo caso — gridò fieramente Pinocchio, rizzandosi e gettando via il suo berretto di midolla di pane — in questo caso conosco qual è il mio dovere. Avanti, signori giandarmi! Legatemi e gettatemi là fra quelle fiamme. No, non è giusta che il povero Arlecchino, il vero amico mio, debba morire per me! —

Queste parole, pronunziate con voce alta e con accento eroico, fecero piangere tutti i burattini che erano presenti a quella scena. Gli stessi giandarmi, sebbene fossero di legno, piangevano come due agnellini di latte.

Mangiafoco, sul principio, rimase duro e immobile come un pezzo di ghiaccio: ma poi, adagio adagio, cominciò anche lui a commuoversi e a starnutire. E fatti quattro o cinque starnuti, aprì affettuosamente le braccia e disse a Pinocchio:

— Tu sei un gran bravo ragazzo! Vieni qua da me, e dammi un bacio. —

Pinocchio corse subito, e arrampicandosi come uno scoiattolo su per la barba del burattinaio, andò a posargli un bellissimo bacio sulla punta del naso.

— Dunque la grazia è fatta? — domandò il povero Arlecchino, con un fil di voce che si sentiva appena.

E arrampicandosi come uno scoiattolo su per la barba del burattinaio....

— La grazia è fatta! — rispose Mangiafoco; poi soggiunse sospirando e tentennando il capo:

— Pazienza! per questa sera mi rassegherò a mangiare il montone mezzo crudo: ma un'altra volta, guai a chi toccherà!... —

Alla notizia della grazia ottenuta, i burattini corsero tutti sul palcoscenico e, accesi i lumi e i lampadari come in serata di gala, cominciarono a saltare e a ballare.

Era l'alba e ballavano sempre.

XII. IL BURATTINAIO MANGIAFOCO REGALA CINQUE MONETE D'ORO A PINOCCHIO PERCHÈ LE PORTI AL SUO BABBO GEPPETTO: E PINOCCHIO, INVECE, SI LASCIA ABBINDOLARE DALLA VOLPE E DAL GATTO E SE NE VA CON LORO.

Il giorno dipoi Mangiafoco chiamò in disparte Pinocchio e gli domandò:

— Come si chiama tuo padre?

— Geppetto.

— E che mestiere fa?

— Il povero.

— Guadagna molto?

— Guadagna tanto quanto ci vuole per non aver mai un centesimo in tasca. Si figuri che per comprarmi l'Abbecedario della scuola dovè vendere l'unica casacca che aveva addosso: una casacca che, fra toppe e rimendi, era tutta una piaga.

— Povero diavolo! Mi fa quasi compassione. Ecco qui cinque monete d'oro. Va' subito a portargliele, e salutalo tanto da parte mia. —

Pinocchio, come è facile immaginarselo, ringraziò mille volte il burattinaio: abbracciò, a uno a uno, tutti i burattini della compagnia, anche i giandarmi; e fuori di sè dalla contentezza, si mise in viaggio per ritornarsene a casa sua.

— Com'è che sai il mio nome?

Ma non aveva fatto ancora mezzo chilometro, che incontrò per la strada una Volpe zoppa da un piede e un Gatto cieco da tutt'e due gli occhi, che se ne andavano là là, aiutandosi fra di loro, da buoni compagni di sventura. La Volpe, che era zoppa, camminava appoggiandosi al Gatto: e il Gatto, che era cieco, si lasciava guidare dalla Volpe.

— Buon giorno, Pinocchio, — gli disse la Volpe, salutandolo garbatamente.

— Com'è che sai il mio nome? — domandò il burattino.

— Conosco bene il tuo babbo.

— Dove l'hai veduto?

— L'ho veduto ieri sulla porta di casa sua.

— E che cosa faceva?

— Era in maniche di camicia e tremava dal freddo.

— Povero babbo! Ma, se Dio vuole, da oggi in poi non tremerà più!

— Perché?

— Perché io sono diventato un gran signore.

— Un gran signore tu? — disse la Volpe, e cominciò a ridere di un riso sguaiato e canzonatore: e il Gatto rideva anche lui, ma per non darlo a vedere, si pettinava i baffi colle zampine davanti.

— C'è poco da ridere — gridò Pinocchio impermalito. — Mi dispiace davvero di farvi venire l'acquolina in bocca, ma queste qui, se ve ne intendete, sono cinque bellissime monete d'oro. —

E tirò fuori le monete avute in regalo da Mangiafoco.

Al simpatico suono di quelle monete, la Volpe per un moto involontario allungò la gamba che pareva rattappita, e il Gatto spalancò tutt'e due gli occhi, che parvero due lanterne verdi; ma poi li richiuse subito, tant'è vero che Pinocchio non si accorse di nulla.

— E ora — gli domandò la Volpe — che cosa vuoi farne di codeste monete?

— Prima di tutto — rispose il burattino — voglio comprare per il mio babbo una bella casacca nuova, tutta d'oro e d'argento, e coi bottoni di brillanti: e poi voglio comprare un Abbecedario per me.

— Per te?

— Davvero: perchè voglio andare a scuola e mettermi a studiare a buono.

— Guarda me! — disse la Volpe. — Per la passione sciocca di studiare ho perduto una gamba.

— Guarda me! — disse il Gatto. — Per la passione sciocca di studiare ho perduto la vista di tutt'e due gli occhi. —

In quel mentre un Merlo bianco, che se ne stava appollaiato sulla siepe della strada, fece il suo solito verso e disse:

— Pinocchio, non dar retta ai consigli dei cattivi compagni: se no, te ne pentirai! —

Povero Merlo, non l'avesse mai detto! Il Gatto spiccando un gran salto, gli si avventò addosso, e senza dargli nemmeno il tempo di dire *ohi*, se lo mangiò in un boccone con le penne e tutto.

Mangiato che l'ebbe e ripulitosi la bocca, chiuse gli occhi daccapo e ricominciò a fare il cieco come prima.

— Povero Merlo! — disse Pinocchio al Gatto — perchè l'hai trattato così male?

Spiccando un gran salto, gli si avventò addosso.

— Ho fatto per dargli una lezione. Così un'altra volta imparerà a non metter bocca nei discorsi degli altri. —

Erano giunti più che a mezza strada, quando la Volpe, fermandosi di punto in bianco, disse al burattino:

— Vuoi tu raddoppiare le tue monete d'oro?

— Cioè?

— Vuoi tu, di cinque miserabili zecchini, farne cento, mille, duemila?

— Magari! e la maniera?

— La maniera è facilissima. Invece di tornartene a casa tua, dovrete venir con noi.

— E dove mi volete condurre?

— Nel paese dei Barbagianni. —

Pinocchio ci pensò un poco, e poi disse risolutamente:

— No, non ci voglio venire. Oramai sono vicino a casa, e voglio andarmene a casa, dove c'è il mio babbo che m'aspetta. Chi lo sa, povero vecchio, quanto ha sospirato ieri, a non vedermi tornare. Purtroppo io sono stato un figliuolo cattivo, e il Grillo-parlante aveva ragione quando diceva: «I ragazzi disobbedienti non possono aver bene in questo mondo.» Ed io l'ho provato a mie spese, perchè mi sono capitate molte disgrazie, e anche ieri sera in casa di Mangiafoco ho corso pericolo.... Brrr! mi viene i bordoni soltanto a pensarci!

— Dunque, — disse la Volpe — vuoi proprio andare a casa tua? Allora va' pure, e tanto peggio per te.

— Tanto peggio per te! — ripeté il Gatto.

— Pensaci bene, Pinocchio, perchè tu dai un calcio alla fortuna.

— Alla fortuna! — ripeté il Gatto.

— I tuoi cinque zecchini, dall'oggi al domani sarebbero diventati duemila.

— Duemila! — ripeté il Gatto.

— Ma com'è mai possibile che diventino tanti? — domandò Pinocchio, restando a bocca aperta dallo stupore.

— Te lo spiego subito; — disse la Volpe — bisogna sapere che nel paese dei Barbagianni c'è un campo benedetto chiamato da tutti il Campo dei miracoli. Tu fai in questo campo una piccola buca e ci metti dentro, per esempio, uno zecchino d'oro. Poi ricoprì la buca con un po' di terra: l'annaffi con due secchie d'acqua di fontana, ci getti sopra una presa di sale, e la sera te ne vai tranquillamente a letto. Intanto, durante la notte, lo zecchino germoglia e fiorisce, e la mattina dopo di levata, ritornando nel campo, che cosa trovi? Trovi un bell'albero carico di tanti zecchini d'oro quanti chicchi di grano può avere una bella spiga nel mese di giugno.

— Sicchè dunque — disse Pinocchio sempre più sbalordito — se io sotterrassi in quel campo i miei cinque zecchini, la mattina dopo quanti zecchini vi troverei?

— È un conto facilissimo; — rispose la Volpe — un conto che puoi farlo sulla punta delle dita. Poni che ogni zecchino ti faccia un grappolo di cinquecento zecchini: moltiplica il cinquecento per cinque, e la mattina dopo trovi in tasca duemilacinquecento zecchini lampanti e sonanti.

— Oh che bella cosa! — gridò Pinocchio, ballando dall'allegrezza. — Appena che questi zecchini li avrò raccolti, ne prenderò per me duemila e gli altri cinquecento di più li darò in regalo a voialtri due.

— Un regalo a noi? — gridò la Volpe sdegnandosi e chiamandosi offesa. — Dio te ne liberi!

— Te ne liberi! — ripeté il Gatto.

— Noi — riprese la Volpe — non lavoriamo per il vile interesse: noi lavoriamo per arricchire gli altri.

— Gli altri! — ripeté il Gatto.

— Che brave persone! — pensò dentro di sè Pinocchio: e dimenticandosi lì sul tamburo, del suo babbo, della casacca nuova, dell'Abbecedario e di tutti i buoni proponimenti fatti, disse alla Volpe e al Gatto:

— Andiamo subito, io vengo con voi. —

XIII. L'OSTERIA DEL «GAMBERO ROSSO.»

Cammina, cammina, cammina, alla fine sul far della sera arrivarono stanchi morti all'osteria del Gambero Rosso.

— Fermiamoci un po' qui, — disse la Volpe — tanto per mangiare un boccone e per riposarci qualche ora. A mezzanotte poi ripartiremo, per essere domani, all'alba, nel Campo dei miracoli. —

Entrati nell'osteria si posero tutt'e tre a tavola: ma nessuno di loro aveva appetito.

Il povero Gatto, sentendosi gravemente indisposto di stomaco, non poté mangiare altro che trentacinque triglie con salsa di pomodoro e quattro porzioni di trippa alla parmigiana: e perchè la trippa non gli pareva condita abbastanza, si rifece tre volte a chiedere il burro e il formaggio grattato!

La Volpe avrebbe spelluzzicato volentieri qualche cosa anche lei: ma siccome il medico le aveva ordinato una grandissima dieta, così dovè contentarsi di una semplice lepre dolce e forte, con un leggerissimo contorno di pollastre ingrassate e di galletti di primo canto. Dopo la lepre si fece portare per tornagusto un cibreino di pernici, di starne, di conigli, di ranocchi, di lucertole e d'uva paradisa; e poi non volle altro.

Quello che mangiò meno di tutti fu Pinocchio.

Aveva tanta nausea per il cibo, diceva lei, che non poteva accostarsi nulla alla bocca.

Quello che mangiò meno di tutti fu Pinocchio. Chiese uno spicchio di noce e un cantuccio di pane e lasciò nel piatto ogni cosa. Il povero figliuolo, col pensiero sempre fisso al Campo dei miracoli, aveva preso un'indigestione anticipata di monete d'oro.

Quand'ebbero cenato, la Volpe disse all'oste:

— Datemi due buone camere, una per il signor Pinocchio e un'altra per me e per il mio compagno. Prima di ripartire stiacceremo un sonnellino. Ricordatevi, però, che a mezzanotte vogliamo essere svegliati per continuare il nostro viaggio.

— Sissignore — rispose l'oste, e strizzò l'occhio alla Volpe e al Gatto, come dire: «Ho mangiato la foglia e ci siamo intesi!...» —

Appena che Pinocchio fu entrato nel letto, si addormentò a colpo, e principiò a sognare. E sognando gli pareva di essere in mezzo a un campo, e questo campo era pieno di arboscelli carichi di grappoli, e questi grappoli erano carichi di zecchini d'oro che, dondolandosi mossi dal vento, facevano *zin, zin, zin*, quasi volessero dire: «Chi ci vuole, venga a prenderci.» Ma quando Pinocchio fu sul più bello, quando cioè allungò, la mano per prendere a manciate tutte quelle belle monete e mettersele in tasca, si trovò svegliato all'improvviso da tre violentissimi colpi dati nella porta di camera.

Era l'oste che veniva a dirgli che la mezzanotte era sonata.

— E i miei compagni sono pronti? — gli domandò il burattino.

— Altro che pronti! son partiti due ore fa.

— Perchè mai tanta fretta?

— Perchè il Gatto ha ricevuto un'imbasciata che il suo gattino maggiore, malato di geloni ai piedi, stava in pericolo di vita.

Era l'oste che veniva a dirgli che la mezzanotte era sonata.

— E la cena l'hanno pagata?

— Che vi pare? Quelle lì sono persone troppo educate, perchè facciano un affronto simile alla signoria vostra.

— Peccato! Quest'affronto mi avrebbe fatto tanto piacere! — disse Pinocchio grattandosi il capo. Poi domandò:

— E dove hanno detto di aspettarmi quei buoni amici?

— Al Campo dei miracoli, domattina, allo spuntare del giorno. —

Pinocchio pagò uno zecchino per la cena sua e per quella dei suoi compagni, e dopo partì.

Ma si può dire che partisse a tastoni, perchè fuori dell'osteria c'era un buio così buio, che non ci si vedeva di qui a là. Nella campagna all'intorno non si sentiva alitare una foglia. Solamente alcuni uccellacci notturni, traversando la strada da una siepe all'altra, venivano a

sbattere le ali sul naso di Pinocchio, il quale, facendo un salto indietro per la paura, gridava: — Chi va là? — e l'eco delle colline circostanti ripeteva in lontananza: — Chi va là? chi va là? chi va là? —

Intanto, mentre camminava, vide sul tronco di un albero un piccolo animaletto, che riluceva di una luce pallida e opaca, come un lumino da notte dentro una lampada di porcellana trasparente.

— Chi sei? — gli domandò Pinocchio.

— Sono l'ombra del Grillo-parlante — rispose l'animaletto con una vocina fioca fioca, che pareva venisse dal mondo di là.

— Che vuoi da me? — disse il burattino.

— Voglio darti un consiglio. Ritorna indietro e porta i quattro zecchini, che ti sono rimasti, al tuo povero babbo, che piange e si dispera per non averti più veduto.

— Domani il mio babbo sarà un gran signore, perchè questi quattro zecchini diventeranno duemila.

— Non ti fidare, ragazzo mio, di quelli che promettono di farti ricco dalla mattina alla sera. Per il solito o sono matti o imbrogliatori! Dài retta a me, ritorna indietro.

— E io invece voglio andare avanti.

— L'ora è tarda!...

— Voglio andare avanti.

— La nottata è scura....

— Voglio andare avanti.

— La strada è pericolosa....

— Voglio andare avanti.

— Ricordati che i ragazzi che vogliono fare di capriccio e a modo loro, prima o poi se ne pentono.

— Le solite storie. Buona notte, Grillo.

— Buona notte, Pinocchio, e che il cielo ti salvi dalla guazza e dagli assassini. —

Appena dette queste ultime parole, il Grillo-parlante si spense a un tratto, come si spenge un lume soffiandoci sopra, e la strada rimase più buia di prima.

XIV. PINOCCHIO, PER NON AVER DATO RETTA AI BUONI CONSIGLI DEL GRILLO-PARLANTE, S'IMBATTE NEGLI ASSASSINI.

— Davvero.... — disse fra sè il burattino rimettendosi in viaggio — come siamo disgraziati noialtri poveri ragazzi! Tutti ci sgridano, tutti ci ammoniscono, tutti ci dànno dei consigli. A lasciarli dire, tutti si metterebbero in capo di essere i nostri babbi e i nostri maestri; tutti; anche i Grilli-parlanti. Ecco qui: perchè io non ho voluto dar retta a quell'uggioso di Grillo, chi lo sa quante disgrazie, secondo lui, mi dovrebbero accadere! Dovrei incontrare anche gli assassini! Meno male che agli assassini io non ci credo, nè ci ho creduto mai. Per me gli assassini sono stati inventati apposta dai babbi, per far paura ai ragazzi che vogliono andar fuori la notte. E poi, se anche li trovassi qui sulla strada, mi darebbero forse soggezione? Neanche per sogno, anderei loro sul viso, gridando: «Signori assassini, che cosa vogliono da me? Si rammentino che con me non si scherza! Se ne vadano dunque per i fatti loro, e zitti!» A questa parlantina fatta sul serio, quei poveri assassini, mi par di vederli, scapperebbero via come il vento. Caso poi fossero tanto ineducati da non volere scappare, allora scapperei io, e così la farei finita.... —

Ma Pinocchio non potè finire il suo ragionamento, perchè in quel punto gli parve di sentire dietro di sè un leggerissimo fruscio di foglie.

Si voltò a guardare, e vide nel buio due figuracce nere, tutte imbacuccate in due sacchi da carbone, le quali correvano dietro a lui a salti e in punta di piedi, come se fossero due fantasmi.

— Eccoli davvero! — disse dentro di sè: e non sapendo dove nascondere i quattro zecchini, se li nascose in bocca e precisamente sotto la lingua.

Poi si provò a scappare. Ma non aveva ancora fatto il primo passo, che sentì agguantarsi per le braccia e intese due voci orribili e cavernose, che gli dissero:

— O la borsa o la vita! —

Pinocchio non potendo rispondere con le parole a motivo delle monete che aveva in bocca, fece mille salamelecchi e mille pantomime, per dare ad intendere a quei due incappati, di cui si vedevano soltanto gli occhi attraverso i buchi dei sacchi, che lui era un povero burattino e che non aveva in tasca nemmeno un centesimo falso.

— Via via! Meno ciarle e fuori i denari — gridarono minacciosamente i due briganti.

E il burattino fece col capo e colle mani un segno, come dire: «Non ne ho.»

Sentì agguantarsi per le braccia....

— Metti fuori i denari o sei morto; — disse l'assassino più alto di statura.

— Morto! — ripeté l'altro.

— E dopo ammazzato te, ammazzeremo anche tuo padre!

— Anche tuo padre!

— No, no, no, il mio povero babbo no! — gridò Pinocchio con accento disperato: ma nel gridare così, gli zecchini gli sonarono in bocca.

— Ah furfante! dunque i denari te li sei nascosti sotto la lingua? Sputali subito! —

E Pinocchio, duro.

— Ah! tu fai il sordo? Aspetta un po', che penseremo noi a farteli sputare! —

Difatti uno di loro afferrò il burattino per la punta del naso e quell'altro lo prese per la bazza, e lì cominciarono a tirare screanzatamente uno per in qua l'altro per in là, tanto da costringerlo a spalancare la bocca: ma non ci fu verso. La bocca del burattino pareva inchiodata e ribadita.

Allora l'assassino più piccolo di statura, cavato fuori un coltellaccio, provò a conficcarglielo a guisa di leva e di scalpello fra le labbra: ma Pinocchio, lesto come un lampo, gli azzannò la mano coi denti, e dopo avergliela con un morso staccata di netto, la sputò e figuratevi la sua meraviglia quando, invece di una mano, si accorse di aver sputato in terra uno zampetto di gatto.

Incoraggiato da questa prima vittoria, si liberò a forza dalle unghie degli assassini, e saltata la siepe della strada, cominciò a fuggire per la campagna. E gli assassini a correre dietro a lui, come due cani dietro a una lepre: e quello che aveva perduto uno zampetto correva con una gamba sola, nè si è saputo mai come facesse.

Dopo una corsa di quindici chilometri, Pinocchio non ne poteva più. Allora vistosi perso, si arrampicò su per il fusto di un altissimo pino e si pose a sedere in vetta ai rami. Gli assassini tentarono di arrampicarsi anche loro, ma giunti a metà del fusto sdruciolarono, e ricascando a terra, si spellarono le mani e i piedi.

Non per questo si dettero per vinti: che anzi, raccolto un fastello di legna secche a piè del pino, vi appiccarono il fuoco. In men che non si dice, il pino cominciò a bruciare e a divampare come una candela agitata dal vento. Pinocchio, vedendo che le fiamme salivano sempre più e non volendo far la fine del piccione arrosto, spiccò un bel salto di vetta all'albero, e via a correre daccapo attraverso i campi e ai vigneti. E gli assassini dietro, sempre dietro, senza stancarsi mai.

Intanto cominciava a baluginare il giorno e si trovò improvvisamente sbarrato il passo da un fosso largo e profondissimo, tutto pieno di acquaccia sudicia, color del caffè e latte. Che fare? «Una, due, tre!» gridò il burattino, e slanciandosi con una gran rincorsa, saltò dall'altra parte. E gli assassini saltarono anche loro, ma non avendo preso

bene la misura, *patatunfete!*... cascarono giù nel bel mezzo del fosso. Pinocchio che sentì il tonfo e gli schizzi dell'acqua, urlò ridendo e seguitando a correre:

— Buon bagno, signori assassini. —

E già si figurava che fossero bell'e affogati, quando invece, voltandosi a guardare, si accorse che gli correvano dietro tutt'e due, sempre imbacuccati nei loro sacchi, e grondanti acqua come due panieri sfondati.

XV. GLI ASSASSINI INSEGUONO PINOCCHIO; E DOPO AVERLO RAGGIUNTO LO IMPICCANO A UN RAMO DELLA QUERCIA GRANDE.

Allora il burattino, perdutosi d'animo fu proprio sul punto di gettarsi a terra e di darsi per vinto, quando, nel girare gli occhi all'intorno, vide fra mezzo al verde cupo degli alberi biancheggiare in lontananza una casina candida come la neve.

— Se io avessi tanto fiato da arrivare fino a quella casa, forse sarei salvo! — disse dentro di sè.

E senza indugiare un minuto, riprese a correre per il bosco a carriera distesa. E gli assassini sempre dietro.

Dopo una corsa disperata di quasi due ore, finalmente, tutto trafelato, arrivò alla porta di quella casina e bussò.

Nessuno rispose.

Tornò a bussare con maggior violenza, perchè sentiva avvicinarsi il rumore dei passi e il respiro grosso e affannoso dei suoi persecutori.

Lo stesso silenzio.

Avvedutosi che il bussare non giovava a nulla, cominciò per disperazione a dare calci e zuccate nella porta. Allora si affacciò alla finestra una bella Bambina, coi capelli turchini e il viso bianco come un'immagine di cera,

gli occhi chiusi e le mani incrociate sul petto, la quale senza muover punto le labbra, disse con una vocina che pareva venisse dall'altro mondo:

— In questa casa non c'è nessuno; sono tutti morti.

— Aprimi almeno tu! — gridò Pinocchio piangendo e raccomandandosi.

— Sono morta anch'io.

— Morta? e allora che cosa fai costì alla finestra?

— Aspetto la bara che venga a portarmi via. —

Appena detto così, la Bambina disparve e la finestra si richiuse senza far rumore.

— O bella Bambina dai capelli turchini, — gridava Pinocchio — aprimi per carità! Abbi compassione di un povero ragazzo inseguito dagli assass.... —

Ma non potè finir la parola, perchè sentì afferrarsi per il collo, e le solite due vociacce che gli brontolarono minacciosamente:

— Ora non ci scappi più! —

Il burattino, vedendosi balenare la morte dinanzi agli occhi, fu preso da un tremito così forte, che nel tremare, gli sonavano le giunture delle sue gambe di legno e i quattro zecchini che teneva nascosti sotto la lingua.

— Dunque? — gli domandarono gli assassini — vuoi aprirla la bocca, sì o no? Ah! non rispondi? Lascia fare: che questa volta te la faremo aprir noi!... —

E cavati fuori due coltellacci lunghi lunghi e affilati come rasoi, *zaff* e *zaff*... gli affibbiarono due colpi nel mezzo alle reni.

Ma il burattino per sua fortuna era fatto d'un legno durissimo, motivo per cui le lame, spezzandosi, andarono in mille schegge e gli assassini rimasero col manico dei coltelli in mano, a guardarsi in faccia.

— Ho capito; — disse allora uno di loro — bisogna impiccarlo. Impicchiamolo!

— Impicchiamolo — ripeté l'altro.

Detto fatto gli legarono le mani dietro le spalle, e passatogli un nodo scorsoio intorno alla gola, lo attaccarono penzoloni al ramo di una grossa pianta detta la Quercia grande.

Poi si posero là, seduti sull'erba, aspettando che il burattino facesse l'ultimo sgambetto: ma il burattino dopo tre ore aveva sempre gli occhi aperti, la bocca chiusa e sgambettava più che mai.

Annoiati finalmente di aspettare, si voltarono a Pinocchio e gli dissero sghignazzando:

— Addio a domani. Quando domani torneremo qui, si spera che ci farai la garbatezza di farti trovare bell'e morto e con la bocca spalancata. —

E se ne andarono.

Intanto s'era levato un vento impetuoso di tramontana, che soffiando e mugghiando con rabbia, sbatacchiava in qua e in là il povero impiccato, facendolo

dondolare violentemente come il battaglio d'una campana che suona a festa. E quel dondolio gli cagionava acutissimi spasimi, e il nodo scorsoio, stringendosi sempre più alla gola, gli toglieva il respiro.

A poco a poco gli occhi gli si appannarono; e sebbene sentisse avvicinarsi la morte, pure sperava sempre che da un momento a un altro sarebbe capitata qualche anima pietosa a dargli aiuto.

Ma quando, aspetta aspetta, vide che non compariva nessuno, proprio nessuno, allora gli tornò in mente il suo povero babbo... e balbettò quasi moribondo:

— Oh babbo mio! se tu fossi qui!... —

E non ebbe fiato per dir altro. Chiuse gli occhi, aprì la bocca, stirò le gambe, e dato un grande scrollone, rimase lì come intirizzito.

XVI. LA BELLA BAMBINA DAI CAPELLI TURCHINI FA RACCOGLIERE IL BURATTINO: LO METTE A LETTO, E CHIAMA TRE MEDICI PER SAPERE SE SIA VIVO O MORTO.

In quel mentre che il povero Pinocchio impiccato dagli assassini a un ramo della Quercia grande, pareva oramai più morto che vivo, la bella Bambina dai capelli turchini si affacciò daccapo alla finestra, e impietositasi alla vista di quell'infelice che, sospeso per il collo, ballava il trescone alle ventate di tramontana, battè per tre volte le mani insieme, e fece tre piccoli colpi.

A questo segnale si sentì un gran rumore di ali che volavano con foga precipitosa, e un grosso Falco venne a posarsi sul davanzale della finestra.

— Che cosa comandate, mia graziosa Fata? — disse il Falco abbassando il becco in atto di riverenza; perchè bisogna sapere, che la Bambina dai capelli turchini, non era altro, in fin dei conti, che una buonissima Fata, che da più di mill'anni abitava nelle vicinanze di quel bosco.

— Vedi tu quel burattino attaccato penzoloni a un ramo della Quercia grande?

— Lo vedo.

— Orbene: vola subito laggiù; rompi col tuo fortissimo becco il nodo che lo tiene sospeso in aria, e posalo delicatamente sdraiato sull'erba, a piè della Quercia. —

Il Falco volò via, e dopo due minuti tornò dicendo:

— Quel che mi avete comandato è fatto.

— E come l'hai trovato? Vivo o morto?

Un grosso Falco venne a posarsi sul davanzale della finestra.

— A vederlo pareva morto, ma non dev'essere ancora morto perbene, perchè appena gli ho sciolto il nodo scorsoio che lo stringeva intorno alla gola, ha lasciato andare un sospiro, balbettando a mezza voce: «Ora mi sento meglio!...» —

Allora la Fata, battendo le mani insieme, fece due piccoli colpi, e apparve un magnifico Can-barbone, che camminava ritto sulle gambe di dietro, tale e quale come se fosse un uomo.

Il Can-barbone era vestito da cocchiere in livrea di gala. Aveva in capo un nicchietto a tre punte gallonato d'oro, una parrucca bionda coi riccioli che gli scendevano giù per il collo, una giubba color di cioccolata coi bottoni di brillanti e con due grandi tasche per tenervi gli ossi, che gli regalava a pranzo la padrona, un paio di calzon corti di velluto cremisi, le calze di seta, gli scarpini scollati, e di dietro una specie di fodera da ombrelli, tutta di raso turchino, per mettervi dentro la coda, quando il tempo cominciava a piovere.

— Su da bravo, Medoro! — disse la Fata al Can-barbone. — Fa' subito attaccare la più bella carrozza della mia scuderia e prendi la via del bosco. Arrivato che sarai sotto la Quercia grande, troverai disteso sull'erba un povero burattino mezzo morto. Raccoglilo con garbo, posalo pari pari sui cuscini della carrozza e portamelo qui. Hai capito? —

Il Can-barbone, per fare intendere che aveva capito, dimenò tre o quattro volte la fodera di raso turchino, che aveva dietro, e partì come un barbero.

Di là a poco, si vide uscire dalla scuderia una bella carrozzina color dell'aria, tutta imbottita di penne di canarino e foderata nell'interno di panna montata e di crema coi savoiardi. La carrozzina era tirata da cento pariglie di topini bianchi, e il Can-barbone, seduto a cassetta, schioccava la frusta a destra e a sinistra, come un vetturino quand'ha paura di aver fatto tardi.

Il Can-barbone partì come un barbero.

Non era ancora passato un quarto d'ora che la carrozzina tornò, e la Fata, che stava aspettando sull'uscio di casa, prese in collo il povero burattino, e portatolo in una cameretta che aveva le pareti di madreperla, mandò subito a chiamare i medici più famosi del vicinato.

E i medici arrivarono subito uno dopo l'altro: arrivò cioè, un Corvo, una Civetta e un Grillo-parlante.

— Vorrei saper da lor signori — disse la Fata, rivolgendosi ai tre medici riuniti intorno al letto di

Pinocchio — vorrei sapere da lor signori se questo disgraziato burattino sia vivo o morto!... —

La Fata prese in collo il povero burattino.

A quest'invito, il Corvo, facendosi avanti per il primo, tastò il polso a Pinocchio; poi gli tastò il naso, poi il dito mignolo dei piedi: e quand'ebbe tastato ben bene, pronunziò solennemente queste parole:

— A mio credere il burattino è bell'e morto: ma se per disgrazia non fosse morto, allora sarebbe indizio sicuro che è sempre vivo!

— Mi dispiace — disse la Civetta — di dover contraddire il Corvo, mio illustre amico e collega; per me, invece, il burattino è sempre vivo; ma se per disgrazia non fosse vivo, allora sarebbe segno che è morto davvero.

— E lei non dice nulla? — domandò la Fata al Grillo-parlante.

— Io dico che il medico prudente, quando non sa quello che dice, la miglior cosa che possa fare, è quella di stare zitto. Del resto quel burattino lì, non m'è fisionomia nuova: io lo conosco da un pezzo! —

Pinocchio, che fin allora era stato immobile come un vero pezzo di legno, ebbe una specie di fremito convulso, che fece scuotere tutto il letto.

— Quel burattino lì — seguì a dire il Grillo-parlante — è una birba matricolata.... —

Pinocchio aprì gli occhi e li richiuse subito.

— È un monellaccio, uno svogliato, un vagabondo.... —

Pinocchio si nascose la faccia sotto i lenzuoli.

— Quel burattino lì è un figliuolo disubbidiente, che farà morire di crepacuore il suo povero babbo!... —

A questo punto si sentì nella camera un suono soffocato di pianti e singhiozzi. Figuratevi come rimasero tutti, allorchè, sollevati un poco i lenzuoli, si accorsero che quello che piangeva e singhiozzava era Pinocchio.

— Quando il morto piange è segno che è in via di guarigione — disse solennemente il Corvo.

— Mi duole di contraddire il mio illustre amico e collega, — soggiunse la Civetta — ma per me quando il morto piange, è segno che gli dispiace a morire. —

**XVII. PINOCCHIO MANGIA LO
ZUCCHERO, MA NON VUOL
PURGARSÌ; PERÒ QUANDO VEDE I
BECCHINI CHE VENGONO A
PORTARLO VIA, ALLORA SI PURGA.
POI DICE UNA BUGIA E PER GASTIGO
GLI CRESCE IL NASO.**

Appena i tre medici furono usciti di camera, la Fata si accostò a Pinocchio, e, dopo averlo toccato sulla fronte, si accorse che era travagliato da un febbrone da non si dire.

Allora sciolse un certa polverina bianca in un mezzo bicchier d'acqua, e porgendolo al burattino, gli disse amorosamente:

— Bevila, e in pochi giorni sarai guarito. —

Pinocchio guardò il bicchiere, storse un po' la bocca, e poi domandò con voce di piagnisteo:

— È dolce o amara?

— È amara, ma ti farà bene.

— Se è amara non la voglio.

— Da' retta a me: bevila.

— A me l'amaro non mi piace.

— Bevila: e quando l'avrai bevuta, ti darò una pallina di zucchero, per rifarti la bocca.

— Dov'è la pallina di zucchero?

— Eccola qui — disse la Fata, tirandola fuori da una zuccheriera d'oro.

— Prima voglio la pallina di zucchero, e poi bevèrò quell'acquaccia amara....

— Me lo prometti?

— Sì.... —

La Fata gli dette la pallina, e Pinocchio dopo averla sgranocchiata e ingoiata in un attimo, disse leccandosi i labbri:

— Bella cosa se anche lo zucchero fosse una medicina!... Mi purgherei tutt'i giorni.

— Ora mantieni la promessa e bevi queste poche gocciole d'acqua, che ti renderanno la salute. —

Pinocchio prese di mala voglia il bicchiere in mano e vi ficcò dentro la punta del naso: poi se l'accostò alla bocca: poi tornò a ficcarci la punta del naso: finalmente disse:

— È troppo amara! troppo amara! Io non la posso bere.

— Come fai a dirlo, se non l'hai nemmeno assaggiata?

— Me lo figuro! L'ho sentita all'odore. Voglio prima un'altra pallina di zucchero.... e poi la bevèrò! —

Allora la Fata, con tutta la pazienza di una buona mamma, gli pose in bocca un altro po' di zucchero; e dopo gli presentò daccapo il bicchiere.

— Così non lo posso bere! — disse il burattino, facendo mille smorfie.

— Perché?

— Perché mi dà noia quel guanciaie che ho laggiù sui piedi. —

La Fata gli levò il guanciaie.

— È inutile! Nemmeno così la posso bere.

— Che cos'altro ti dà noia?

— Mi da noia l'uscio di camera, che è mezzo aperto. —

La Fata andò, e chiuse l'uscio di camera.

— Insomma, — gridò Pinocchio dando in uno scoppio di pianto — quest'acquaccia amara, non la voglio bere, no, no, no!...

— Ragazzo mio, te ne pentirai....

— Non me n'importa....

— La tua malattia è grave.

— Non me n'importa.....

— La febbre ti porterà in poche ore all'altro mondo....

— Non me n'importa....

— Non hai paura della morte?

— Nessuna paura! Piuttosto morire, che bere quella medicina cattiva. —

A questo punto, la porta della camera si spalancò, ed entrarono dentro quattro conigli neri come l'inchiostro, che portavano sulle spalle una piccola bara da morto.

Entrarono dentro quattro conigli neri come l'inchiostro.

— Che cosa volete da me? — gridò Pinocchio, rizzandosi tutto impaurito a sedere sul letto.

— Siamo venuti a prenderti — rispose il coniglio più grosso.

— A prendermi? Ma io non sono ancora morto!...

— Ancora no: ma ti restano pochi momenti di vita, avendo tu ricusato di bere la medicina, che ti avrebbe guarito dalla febbre!

— O Fata mia, o Fata mia! — cominciò allora a strillare il burattino — datemi subito quel bicchiere.... Spicciatevi, per carità, perchè non voglio morire, no.... non voglio morire. —

E preso il bicchiere con tutt'e due le mani, lo votò in un fiato.

— Pazienza! — dissero i conigli. — Per questa volta abbiamo fatto il viaggio a ufo. — E tiratisi di nuovo la piccola bara sulle spalle, uscirono di camera bofonchiando e mormorando fra i denti.

Fatto sta che di lì a pochi minuti, Pinocchio saltò giù dal letto, bell'e guarito; perchè bisogna sapere che i burattini di legno hanno il privilegio di ammalarsi di rado e di guarire prestissimo.

E la Fata, vedendolo correre e ruzzare per la camera, vispo e allegro come un gallettino di primo canto, gli disse:

— Dunque la mia medicina t'ha fatto bene davvero?

— Altro che bene! Mi ha rimesso al mondo!

— E allora come mai ti sei fatto tanto pregare a
beverla?

— Egli è che noi ragazzi siamo tutti così! Abbiamo più
paura delle medicine che del male.

— Vergogna! I ragazzi dovrebbero sapere che un buon
medicamento preso a tempo, può salvarli da una grave
malattia e fors'anche dalla morte....

— Oh! ma un'altra volta non mi farò tanto pregare! Mi
rammenterò di quei conigli neri, con la bara sulle spalle....
e allora piglierò subito il bicchiere in mano e giù....

— Ora vieni un po' qui da me, e raccontami come andò
che ti trovasti fra le mani degli assassini.

— Gli andò, che il burattinaio Mangiafoco, mi dette
cinque monete d'oro, e mi disse: — To', portale al tuo
babbo! — e io, invece, per la strada trovai una Volpe e un
Gatto, due persone molto per bene, che mi dissero: — Vuoi
che codeste monete diventino mille e duemila? Vieni con
noi, e ti condurremo al Campo dei miracoli. — E io dissi,
andiamo; — e loro dissero: — Fermiamoci qui all'osteria
del Gambero Rosso, e dopo la mezzanotte ripartiremo. — E
io quando mi svegliai, non c'erano più, perchè erano
partiti. Allora io cominciai a camminare di notte, che era
un buio che pareva impossibile, per cui trovai per la strada
due assassini dentro due sacchi da carbone, che mi dissero:
— Metti fuori i quattrini; — e io dissi: — non ce n'ho; —
perchè le monete d'oro me l'ero nascoste in bocca, e uno
degli assassini si provò a mettermi le mani in bocca, e io

con un morso gli staccai la mano e poi la sputai, ma invece di una mano sputai uno zampetto di gatto. E gli assassini a corrermi dietro, e io corri che ti corri, finchè mi raggiunsero, e mi legarono per il collo a un albero di questo bosco col dire: — Domani torneremo qui, e allora sarai morto e colla bocca aperta, e così ti porteremo via le monete d'oro che hai nascoste sotto la lingua. —

— E ora le quattro monete dove le hai messe? — gli domandò la Fata.

— Le ho perdute! — rispose Pinocchio; ma disse una bugia, perchè invece le aveva in tasca.

Appena detta la bugia il suo naso, che era già lungo, gli crebbe subito due dita di più.

— E dove le hai perdute?

— Nel bosco qui vicino. —

A questa seconda bugia, il naso seguì a crescere.

— Se le hai perdute nel bosco vicino — disse la Fata — le cercheremo e le ritroveremo: perchè tutto quello che si perde nel vicino bosco, si ritrova sempre.

— Ah! ora che mi rammento bene — replicò il burattino imbrogliandosi — le quattro monete non le ho perdute, ma senza avvedermene, le ho inghiottite mentre bevevo la vostra medicina. —

Il naso gli si allungò in un modo così straordinario....

A questa terza bugia, il naso gli si allungò in un modo così straordinario, che il povero Pinocchio non poteva più girarsi da nessuna parte. Se si voltava di qui, batteva il

naso nel letto o nei vetri della finestra, se si voltava di là, lo batteva nelle pareti o nella porta di camera, se alzava un po' di più il capo, correva il rischio di ficcarlo in un occhio alla Fata.

E la Fata lo guardava e rideva.

— Perchè ridete? — gli domandò il burattino, tutto confuso e impensierito di quel suo naso che cresceva a occhiate.

— Rido della bugia che hai detto.

— Come mai sapete che ho detto una bugia?

— Le bugie, ragazzo mio, si riconoscono subito, perchè ve ne sono di due specie: vi sono le bugie che hanno le gambe corte, e le bugie che hanno il naso lungo: la tua per l'appunto è di quelle che hanno il naso lungo. —

Pinocchio, non sapendo più dove nascondersi per la vergogna, si provò a fuggire di camera, ma non gli riuscì. Il suo naso era cresciuto tanto, che non passava più dalla porta.

XVIII. PINOCCHIO RITROVA LA VOLPE E IL GATTO, E VA CON LORO A SEMINARE LE QUATTRO MONETE NEL CAMPO DEI MIRACOLI.

Come potete immaginarvelo, la Fata lasciò che il burattino piangesse e urlasse una buona mezz'ora a motivo di quel suo naso che non passava più dalla porta di camera: e lo fece per dargli una severa lezione e perchè si correggesse dal brutto vizio di dire bugie, il più brutto vizio che possa avere un ragazzo. Ma quando lo vide trasfigurato e cogli occhi fuori della testa dalla gran disperazione, allora, mossa a pietà, battè le mani insieme, e a quel segnale entrarono in camera dalla finestra un migliaio di grossi uccelli chiamati *Picchi*, i quali, posatisi tutti sul naso di Pinocchio, cominciarono a beccarglielo tanto e poi tanto, che in pochi minuti quel naso enorme e spropositato si trovò ridotto alla sua grandezza naturale.

— Quanto siete buona, Fata mia, — disse il burattino, asciugandosi gli occhi — e quanto bene vi voglio!

— Ti voglio bene anch'io, — rispose la Fata — e se tu vuoi rimanere con me, tu sarai il mio fratellino e io la tua buona sorellina....

— Io resterei volentieri.... ma il mio povero babbo?

— Ho pensato a tutto. Il tuo babbo è stato digià avvertito: e prima che faccia notte, sarà qui.

— Davvero? — gridò Pinocchio, saltando dall'allegrezza. — Allora, Fatina mia, se vi contentate, vorrei andargli incontro! Non vedo l'ora di poter dare un bacio a quel povero vecchio, che ha sofferto tanto per me!

— Va' pure, ma bada di non ti sperdere. Prendi la via del bosco, e sono sicura che lo incontrerai. —

Pinocchio partì: e appena entrato nel bosco, cominciò a correre come un capriòlo. Ma quando fu arrivato a un certo punto, quasi in faccia alla Quercia grande, si fermò, perchè gli parve di aver sentito gente fra mezzo alle frasche. Difatti vide apparire sulla strada, indovinate chi?... la Volpe e il Gatto, ossia i due compagni di viaggio coi quali aveva cenato all'osteria del Gambero rosso.

— Ecco il nostro caro Pinocchio! — gridò la Volpe, abbracciandolo e baciandolo. — Come mai sei qui?

— Come mai sei qui? — ripetè il Gatto.

— È una storia lunga — disse il burattino — e ve la racconterò a comodo. Sappiate però che l'altra notte, quando mi avete lasciato solo nell'osteria ho trovato gli assassini per la strada....

— Gli assassini?... Oh povero amico! E che cosa volevano?

— Ecco il nostro caro Pinocchio! — gridò la Volpe, abbracciandolo.

— Mi volevano rubare le monete d'oro.

— Infami!... — disse la Volpe.

— Infamissimi! — ripeté il Gatto.

— Ma io cominciai a scappare — continuò a dire il burattino — e loro sempre dietro: finchè mi raggiunsero e m'impiccarono a un ramo di quella quercia.... —

E Pinocchio accennò la Quercia grande, che era lì a due passi.

— Si può sentir di peggio? — disse la Volpe. — In che mondo siamo condannati a vivere! Dove troveremo un rifugio sicuro noialtri galantuomini? —

Nel tempo che parlavano così, Pinocchio si accorse che il gatto era zoppo dalla gamba destra davanti, perchè gli mancava in fondo tutto lo zampetto cogli unghioli; per cui gli domandò:

— Che cosa hai fatto del tuo zampetto? —

Il gatto voleva rispondere qualche cosa, ma s'imbrogliò. Allora la Volpe disse subito:

— Il mio amico è troppo modesto, e per questo non risponde. Risponderò io per lui. Sappi dunque che un'ora fa abbiamo incontrato sulla strada un vecchio lupo, quasi svenuto dalla fame, che ci ha chiesto un po' d'elemosina. Non avendo noi da dargli nemmeno una lisca di pesce, che cosa ha fatto l'amico mio, che ha davvero un cuore di Cesare? Si è staccato coi denti uno zampetto delle sue gambe davanti e l'ha gettato a quella povera bestia, perchè potesse sdigiunarsi. —

E la Volpe, nel dir così si asciugò una lagrima.

Pinocchio, commosso anche lui, si avvicinò al Gatto, sussurrandogli negli orecchi:

— Se tutti i gatti ti somigliassero, fortunati i topi!

— E ora che cosa fai in questi luoghi? — domandò la Volpe al burattino.

— Aspetto il mio babbo, che deve arrivare qui di momento in momento.

— E le tue monete d'oro?

— Le ho sempre in tasca, meno una che la spesi all'osteria del Gambero rosso.

— E pensare che, invece di quattro monete, potrebbero diventare domani mille e duemila! Perchè non dà retta al mio consiglio? Perchè non vai a seminarle nel Campo dei miracoli?

— Oggi è impossibile: vi anderò un altro giorno.

— Un altro giorno sarà tardi! — disse la Volpe.

— Perchè?

— Perchè quel campo è stato comprato da un gran signore, e da domani in là non sarà più permesso a nessuno di seminarvi i denari.

— Quant'è distante di qui il Campo dei miracoli?

— Due chilometri appena. Vuoi venire con noi? Fra mezz'ora sei là: semini subito le quattro monete: dopo pochi minuti ne raccogli duemila, e stasera ritorni qui con le tasche piene. Vuoi venire con noi? —

Pinocchio esitò un poco a rispondere, perchè gli tornò in mente la buona Fata, il vecchio Geppetto e gli

avvertimenti del Grillo-parlante; ma poi finì col fare come fanno tutti i ragazzi senza un fil di giudizio e senza cuore; finì, cioè, col dare una scrollatina di capo, e disse alla Volpe e al Gatto:

— Andiamo pure; io vengo con voi. —

E partirono.

Dopo aver camminato una mezza giornata arrivarono a una città che aveva nome «Acchiappacitrulli.» Appena entrato in città, Pinocchio vide tutte le strade popolate di cani spelacchiati, che sbadigliavano dall'appetito, di pecore tosate, che tremavano dal freddo, e di galline rimaste senza cresta e senza bargigli, che chiedevano l'elemosina d'un chicco di granturco, di grosse farfalle che non potevano più volare, perchè avevano venduto le loro bellissime ali colorite, di pavoni tutti scodati, che si vergognavano a farsi vedere, e di fagiani che zampettavano cheti cheti, rimpiangendo le loro scintillanti penne d'oro e d'argento, ormai perdute per sempre.

In mezzo a questa folla di accattoni e di poveri vergognosi, passavano di tanto in tanto alcune carrozze signorili con entro o qualche Volpe, o qualche Gazza ladra, o qualche uccellaccio di rapina.

— E il Campo dei miracoli dov'è? — domandò Pinocchio.

— È qui a due passi. —

Vide tutte le strade popolate di cani spelacchiati.

Detto fatto traversarono la città, e, usciti fuori delle mura, si fermarono in un campo solitario che, su per giù, somigliava a tutti gli altri campi.

— Eccoci giunti; — disse la Volpe al burattino — ora chinati giù a terra, scava con le mani una piccola buca nel campo, e metti dentro le monete d'oro. —

Pinocchio obbedì. Scavò la buca, ci pose le quattro monete d'oro che gli erano rimaste: e dopo ricoprì la buca con un po' di terra.

— Ora poi — disse la Volpe — va' alla gora qui vicina, prendi una secchia d'acqua e annaffia il terreno dove hai seminato. —

Pinocchio andò alla gora, e perchè non aveva lì per lì una secchia, si levò di piedi una ciabatta, e riempitala d'acqua, annaffiò la terra che copriva la buca. Poi domandò:

— C'è altro da fare?

— Nient'altro; — rispose la Volpe — ora possiamo andar via. Tu poi ritorna qui fra una ventina di minuti, e troverai l'arboscello già spuntato dal suolo e coi rami tutti carichi di monete. —

Il povero burattino, fuori di sè dalla gran contentezza, ringraziò mille volte la Volpe e il Gatto, e promise loro un bellissimo regalo.

— Noi non vogliamo regali; — risposero que' due malanni — a noi ci basta di averti insegnato il modo di

arricchire senza durar fatica, e siamo contenti come pasque. —

Ciò detto salutarono Pinocchio, e augurandogli una buona raccolta, se ne andarono per i fatti loro.

XIX. PINOCCHIO È DERUBATO DELLE SUE MONETE D'ORO, E PER GASTIGO SI BUSCA QUATTRO MESI DI PRIGIONE.

Il burattino, ritornato in città, cominciò a contare i minuti a uno a uno: e quando gli parve che fosse l'ora, riprese subito la strada che menava al Campo dei miracoli.

E mentre camminava con passo frettoloso, il cuore gli batteva forte e gli faceva tic, tac, tic, tac, come un orologio da sala, quando corre davvero. E intanto pensava dentro di sè:

— E se invece di mille monete ne trovassi su i rami dell'albero duemila?... E se invece di duemila, ne trovassi cinquemila? e se invece di cinquemila, ne trovassi centomila? O che bel signore, allora, che diventerei!... Vorrei avere un bel palazzo, mille cavallini di legno e mille scuderie, per potermi baloccare, una cantina di rosolii e di alchermes, e una libreria tutta piena di canditi, di torte, di panettoni, di mandorlati e di cialdoni colla panna. —

Tirò fuori una mano di tasca e si dette una lunghissima grattatina di capo.

Così fantasticando, giunse in vicinanza del campo, e lì si fermò a guardare se per caso avesse potuto scorgere qualche albero coi rami carichi di monete: ma non vide

nulla. Fece altri cento passi in avanti, e nulla; entrò sul campo.... andò proprio su quella piccola buca, dove aveva sotterrato i suoi zecchini, e nulla. Allora diventò pensieroso, e, dimenticando le regole del Galateo e della buona creanza, tirò fuori una mano di tasca e si dette una lunghissima grattatina di capo.

In quel mentre sentì fischiarsi negli orecchi una gran risata: e voltandosi in su, vide sopra un albero un grosso pappagallo, che si spollinava le poche penne che aveva addosso.

— Perchè ridi? — gli domandò Pinocchio con voce di bizza.

— Rido, perchè nello spollinarmi mi son fatto il solletico sotto le ali. —

Il burattino non rispose. Andò alla gora e riempita d'acqua la solita ciabatta, si pose nuovamente ad annaffiare la terra, che ricopriva le monete d'oro.

Quand'ecco che un'altra risata, anche più impertinente della prima, si fece sentire nella solitudine silenziosa di quel campo.

— Insomma, — gridò Pinocchio arrabbiandosi — si può sapere, Pappagallo mal educato, di che cosa ridi?

— Rido di quei barbagianni, che credono a tutte le scioccherie e che si lasciano trappolare da chi è più furbo di loro.

— Parli forse di me?

— Sì, parlo di te, povero Pinocchio: di te che sei così dolce di sale, da credere che i denari si possano seminare e raccogliere nei campi, come si seminano i fagiuoli e le zucche. Anch'io l'ho creduto una volta, e oggi ne porto le pene. Oggi (ma troppo tardi!) mi son dovuto persuadere che per mettere insieme onestamente pochi soldi bisogna saperseli guadagnare o col lavoro delle proprie mani o coll'ingegno della propria testa.

— Non ti capisco — disse il burattino, che già cominciava a tremare dalla paura.

— Pazienza! Mi spiegherò meglio — soggiunse il Pappagallo. — Sappi dunque che, mentre tu eri in città, la Volpe e il Gatto sono tornati in questo campo: hanno preso le monete d'oro sotterrate, e poi sono fuggiti come il vento. E ora, chi li raggiunge è bravo! —

Pinocchio restò a bocca aperta, e non volendo credere alle parole del Pappagallo, cominciò colle mani e colle unghie a scavare il terreno che aveva annaffiato. E scava, scava, scava, fece una buca così profonda, che ci sarebbe entrato per ritto un pagliaio: ma le monete non c'erano più.

Preso allora dalla disperazione, tornò di corsa in città e andò difilato in tribunale, per denunziare al giudice i due malandrini, che lo avevano derubato.

Il giudice era uno scimmione della razza dei Gorilla: un vecchio scimmione rispettabile per la sua grave età, per la sua barba bianca e specialmente per i suoi occhiali d'oro,

senza vetri, che era costretto a portare continuamente, a motivo d'una flussione d'occhi, che lo tormentava da parecchi anni.

Pinocchio, alla presenza del giudice raccontò per filo e per segno l'iniqua frode.

Pinocchio, alla presenza del giudice, raccontò per filo e per segno l'iniqua frode, di cui era stato vittima; dette il nome, il cognome e i connotati dei malandrini, e finì chiedendo giustizia.

Il giudice lo ascoltò con molta benignità; prese vivissima parte al racconto: s'intenerì, si commosse: e quando il burattino non ebbe più nulla da dire, allungò la mano e sonò il campanello.

A quella scampanellata comparvero subito due can mastini vestiti da giandarmi.

Allora il giudice, accennando Pinocchio ai giandarmi, disse loro:

— Quel povero diavolo è stato derubato di quattro monete d'oro: pigliatelo dunque, e mettetelo subito in prigione. —

Il burattino, sentendosi dare questa sentenza fra capo e collo, rimase di princisbecco e voleva protestare: ma i giandarmi, a scanso di perditempi inutili, gli tapparono la bocca e lo condussero in gattabuia.

E lì v'ebbe a rimanere quattro mesi: quattro lunghissimi mesi: e vi sarebbe rimasto anche di più, se non si fosse dato un caso fortunatissimo. Perchè bisogna sapere

che il giovane Imperatore che regnava nella città di Acchiappacitrulli, avendo riportato una bella vittoria contro i suoi nemici, ordinò grandi feste pubbliche, luminarie, fuochi artificiali, corse di barberi e di velocipedi, e in segno di maggiore esultanza, volle che fossero aperte anche le carceri e mandati fuori tutti i malandrini.

— Se escono di prigione gli altri, voglio uscire anch'io — disse Pinocchio al carceriere.

— Quel povero diavolo è stato derubato di quattro monete d'oro: pigliatelo dunque, e mettetelo subito in prigione.

— Voi no, — rispose il carceriere — perchè voi non siete del bel numero....

— Domando scusa; — replicò Pinocchio — sono un malandrino anch'io.

Gli tapparono la bocca e lo condussero in gattabuia.

— In questo caso avete mille ragioni, — disse il carceriere; e levandosi il berretto rispettosamente e salutandolo, gli aprì le porte della prigione e lo lasciò scappare.

XX. LIBERATO DALLA PRIGIONE, SI AVVIA PER TORNARE A CASA DELLA FATA; MA LUNGO LA STRADA TROVA UN SERPENTE ORRIBILE, E POI RIMANE PRESO ALLA TAGLIUOLA.

Figuratevi l'allegrezza di Pinocchio quando si sentì libero. Senza stare a dire che è e che non è, uscì subito fuori della città e riprese la strada che doveva ricondurlo alla Casina della Fata.

A cagione del tempo piovigginoso, la strada era diventata tutta un pantano e ci si andava fino a mezza gamba.

Ma il burattino non se ne dava per inteso.

Tormentato dalla passione di rivedere il suo babbo e la sua sorellina dai capelli turchini, correva a salti come un can levriero, e nel correre le pillacchere gli schizzavano fin sopra il berretto. Intanto andava dicendo fra sè e sè:

— Quante disgrazie mi sono accadute... E me le merito! perchè io sono un burattino testardo e piccoso..., voglio far sempre tutte le cose a modo mio, senza dar retta a quelli che mi vogliono bene e che hanno mille volte più giudizio di me!... Ma da questa volta in là, faccio proponimento di cambiar vita e di diventare un ragazzo ammodo e ubbidiente!... Tanto ormai ho bell'e visto che i

ragazzi, a essere disubbidienti, ci scapitano sempre e non ne infilano mai una per il su' verso. E il mio babbo mi avrà aspettato?... Ce lo troverò a casa della Fata? È tanto tempo, pover'uomo, che non lo vedo più, e che mi struggo di fargli mille carezze e di finirlo dai baci! E la Fata mi perdonerà la brutta azione che le ho fatta?... E pensare che ho ricevuto da lei tante attenzioni e tante cure amorose... e pensare che se oggi son sempre vivo, lo debbo a lei! Ma si può dare un ragazzo più ingrato e più senza cuore di me?... —

Nel tempo che diceva così, si fermò tutt'a un tratto spaventato, e fece quattro passi indietro.

Che cosa aveva veduto?

Aveva veduto un grosso serpente, disteso attraverso alla strada, che aveva la pelle verde, gli occhi di fuoco e la coda appuntata che gli fumava come una cappa di camino.

Impossibile immaginarsi la paura del burattino: il quale, allontanandosi più di mezzo chilometro, si mise a sedere sopra un monticello di sassi, aspettando che il serpente se ne andasse una buona volta per i fatti suoi e lasciasse libero il passo della strada.

Aspettò un'ora; due ore: tre ore: ma il serpente era sempre là, e anche di lontano, si vedeva il rosseggiare de' suoi occhi di fuoco e la colonna di fumo che gli usciva dalla punta della coda.

Allora Pinocchio, figurandosi di aver coraggio, si avvicinò a pochi passi di distanza, e facendo una vocina dolce, insinuante e sottile, disse al serpente:

— Scusi, signor Serpente, che mi farebbe il piacere di tirarsi un pochino da una parte, tanto da lasciarmi passare? —

Fu lo stesso che dire al muro. Nessuno si mosse.

Allora riprese colla solita vocina:

— Deve sapere, signor Serpente, che io vado a casa, dove c'è il mio babbo che mi aspetta e che è tanto tempo che non lo vedo più!... Si contenta dunque, che io seguiti per la mia strada? —

Aspettò un segno di risposta a quella domanda: ma la risposta non venne: anzi il serpente, che fin allora pareva arzillo e pieno di vita, diventò immobile e quasi irrigidito. Gli occhi gli si chiusero, e la coda gli smesse di fumare.

— Che sia morto davvero? — disse Pinocchio, dandosi una fregatina di mani dalla gran contentezza; e senza mettere tempo in mezzo, fece l'atto di scavalcarlo, per passare dall'altra parte della strada. Ma non aveva ancora finito di alzare la gamba, che il serpente si rizzò all'improvviso come una molla scattata: e il burattino, nel tirarsi indietro spaventato, inciampò e cadde per terra.

Cadde così male, che restò col capo conficcato nel fango della strada....

E per l'appunto cadde così male, che restò col capo conficcato nel fango della strada e colle gambe ritte su in aria.

Alla vista di quel burattino, che sgambettava a capofitto con una velocità incredibile, il serpente fu preso da una tal convulsione di risa che ridi, ridi, ridi, alla fine, dallo sforzo del troppo ridere, gli si strappò una vena sul petto: e quella volta morì davvero.

Allora Pinocchio ricominciò a correre per arrivare a casa della Fata avanti che si facesse buio. Ma lungo la strada, non potendo più reggere ai morsi terribili della fame, saltò in un campo coll'intenzione di cogliere poche ciocche d'uva moscadella. Non l'avesse mai fatto!

Appena giunto sotto la vite, *crac*.... sentì stringersi le gambe da due ferri taglienti, che gli fecero vedere quante stelle c'erano in cielo.

Il povero burattino era rimasto preso a una tagliuola appostata là da alcuni contadini per beccarvi alcune grosse faine, che erano il flagello di tutti i polli del vicinato.

XXI. PINOCCHIO È PRESO DA UN CONTADINO, IL QUALE LO COSTRINGE A FAR DA CAN DI GUARDIA A UN POLLAIO.

Pinocchio, come potete figurarvelo, si dette a piangere, a strillare, a raccomandarsi: ma erano pianti e grida inutili, perchè lì all'intorno non si vedevano case, e dalla strada non passava anima viva.

Intanto si fece notte.

Un po' per lo spasimo della tagliuola che gli segava gli stinchi, e un po' per la paura di trovarsi solo e al buio in mezzo a quei campi, il burattino principiava quasi a svenirsi: quando a un tratto, vedendosi passare una lucciola di sul capo, la chiamò e le disse:

— O lucciolina, mi faresti la carità di liberarmi da questo supplizio?...

— Povero figliuolo! — replicò la lucciola, fermandosi impietosita a guardarlo. — Come mai sei rimasto colle gambe attanagliate fra cotesti ferri arrotati?

— Sono entrato nel campo per cogliere due grappoli di quest'uva moscadella, e....

— Ma l'uva era tua?

— No....

— E allora chi t'ha insegnato a portar via la roba degli altri?...

— Avevo fame....

— La fame, ragazzo mio, non è una buona ragione per potersi appropriare la roba che non è nostra...

— È vero, è vero! — gridò Pinocchio piangendo — ma un'altra volta non lo farò più. —

A questo punto il dialogo fu interrotto da un piccolissimo rumore di passi, che si avvicinavano. Era il padrone del campo che veniva in punta di piedi a vedere se qualcuna di quelle faine, che gli mangiavano di nottetempo i polli, fosse rimasta presa al trabocchetto della tagliuola.

E la sua meraviglia fu grandissima quando, tirata fuori la lanterna di sotto al pastrano, s'accorse che, invece di una faina, c'era rimasto preso un ragazzo.

— Ah, ladracchiòlo! — disse il contadino incollerito — dunque sei tu che mi porti via le galline?

— Io no, io no! — gridò Pinocchio, singhiozzando. — Io sono entrato nel campo per prendere soltanto due grappoli d'uva!

— Chi ruba l'uva è capacissimo di rubare anche i polli. Lascia fare a me, che ti darò una lezione da ricordartene per un pezzo. —

— Ah, ladracchiòlo! dunque sei tu che mi porti via le galline?

E aperta la tagliuola, afferrò il burattino per la collottola e lo portò di peso fino a casa, come si porterebbe un agnellino di latte.

Arrivato che fu sull'aia dinanzi alla casa, lo scaraventò in terra: e tenendogli un piede sul collo, gli disse:

— Oramai è tardi e voglio andare a letto. I nostri conti gli aggiusteremo domani. Intanto, siccome oggi m'è morto il cane che mi faceva la guardia di notte, tu prenderai subito il suo posto. Tu mi farai da cane di guardia. —

— Tu puoi andare a cuccia in quel casotto di legno.

Detto fatto, gl'infilò al collo un grosso collare tutto coperto di spunzoni d'ottone, e glielo strinse in modo, da non poterselo levare passandoci la testa di dentro. Al collare c'era attaccata una lunga catenella di ferro: e la catenella era fissata nel muro.

— Se questa notte — disse il contadino — cominciasse a piovere, tu puoi andare a cuccia in quel casotto di legno, dove c'è sempre la paglia che ha servito di letto per quattro anni al mio povero cane. E se per disgrazia venissero i ladri, ricordati di stare a orecchi ritti e di abbaiare. —

Dopo quest'ultimo avvertimento, il contadino entrò in casa chiudendo la porta con tanto di catenaccio: e il povero Pinocchio rimase accovacciato sull'aia più morto che vivo, a motivo del freddo, della fame e della paura. E di tanto in tanto cacciandosi rabbiosamente le mani dentro il collare, che gli serrava la gola, diceva piangendo:

— Mi sta bene!... Pur troppo mi sta bene! Ho voluto fare lo svogliato, il vagabondo.... ho voluto dar retta ai cattivi compagni, e per questo la fortuna mi perseguita sempre. Se fossi stato un ragazzino per bene, come ce n'è tanti; se avessi avuto voglia di studiare e di lavorare, se fossi rimasto in casa col mio povero babbo, a quest'ora non mi troverei qui, in mezzo ai campi, a fare il cane di guardia alla casa di un contadino. Oh se potessi rinascere un'altra volta!... Ma oramai è tardi e ci vuol pazienza! —

Fatto questo piccolo sfogo, che gli venne proprio dal cuore, entrò dentro il casotto e si addormentò.

XXII. PINOCCHIO SCUOPRE I LADRI, E IN RICOMPENSA DI ESSERE STATO FEDELE VIEN POSTO IN LIBERTÀ.

Ed era già più di due ore che dormiva saporitamente, quando verso la mezzanotte fu svegliato da un bisbiglio e da un pissi—pissi di vocine strane, che gli parve di sentir nell'aia. Messa fuori la punta del naso dalla buca del casotto, vide riunite a consiglio quattro bestiole di pelame scuro che parevano gatti. Ma non erano gatti: erano faine, animaletti carnivori, ghiottissimi d'uova e di pollastrine giovani. Una di queste faine, staccandosi dalle sue compagne, andò alla buca del casotto, e disse sottovoce:

— Buona sera, Melampo.

— Io non mi chiamo Melampo — rispose il burattino.

— O dunque chi sei?

— Io sono Pinocchio.

— E che cosa fai costì?

— Faccio il cane di guardia.

— O Melampo dov'è? dov'è il vecchio cane, che stava in questo casotto?

— È morto questa mattina.

— Morto? povera bestia!... Era tanto buono!... Ma giudicandoti dalla fisionomia, anche te mi sembri un cane di garbo.

— Domando scusa, io non sono un cane!...

— O chi sei?

Una di queste faine, staccandosi dalle sue compagne andò alla buca del casotto.

— Io sono un burattino.

— E fai da cane di guardia?

— Pur troppo: per mia punizione!...

— Ebbene, io ti propongo gli stessi patti che avevo col defunto Melampo, e sarai contento.

— E questi patti sarebbero?

— Noi verremo una volta la settimana, come per il passato, a visitare di notte questo pollaio e porteremo via otto galline. Di queste galline, sette le mangeremo noi, e una la daremo a te, a condizione, s'intende bene, che tu faccia finta di dormire e non ti venga mai l'estro di abbaiare e di svegliare il contadino.

— E Melampo faceva proprio così? — domandò Pinocchio.

— Faceva così, e fra noi e lui, siamo andati sempre d'accordo. Dormi dunque tranquillamente, e stai sicuro che prima di partire di qui ti lasceremo sul casotto una gallina bell'e pelata per la colazione di domani. Ci siamo intesi bene?

— Anche troppo bene!... — rispose Pinocchio: e tentennò il capo in un certo modo minaccioso, come se avesse voluto dire: — Fra poco ci ripareremo!... —

Quando le quattro faine si credettero sicure del fatto loro, andarono difilato al pollaio, che rimaneva appunto vicinissimo al casotto del cane; e aperta a furia di denti e di unghioli la porticina di legno, che ne chiudeva l'entrata, vi sgusciarono dentro, una dopo l'altra. Ma non erano ancora finite d'entrare, che sentirono la porticina richiudersi con grandissima violenza.

Quello che l'aveva richiusa era Pinocchio; il quale, non contento di averla richiusa, vi passò davanti per maggior sicurezza una grossa pietra, a guisa di puntello.

E poi cominciò ad abbaiare: e, abbaiando proprio come se fosse un cane di guardia, faceva colla voce: *bù—bù—bù—bù*.

A quella abbaiaata, il contadino saltò il letto, e preso il fucile e affacciatosi alla finestra, domandò:

— Che c'è di nuovo?

— Ci sono i ladri! — rispose Pinocchio.

— Dove sono?

— Nel pollaio.

— Ora scendo subito. —

E difatti, in men che si dice *amen*, il contadino scese: entrò di corsa nel pollaio, e dopo avere acchiappate e rinchiuse in un sacco le quattro faine, disse loro con accento di vera contentezza:

— Alla fine siete cascate nelle mie mani! Potrei punirvi, ma s'è vil non sono! Mi contenterò, invece, di portarvi domani all'oste del vicino paese, il quale vi

spellerà e vi cucinerà a uso lepre dolce e forte. È un onore che non vi meritate, ma gli uomini generosi come me non badano a queste piccolezze!... —

Quindi, avvicinatosi a Pinocchio, cominciò a fargli molte carezze, e fra le altre cose, gli domandò:

— Com'hai fatto a scoprire il complotto di queste quattro ladroncelle? E dire che Melampo, il mio fido Melampo, non s'era mai accorto di nulla!... —

Il burattino, allora, avrebbe potuto raccontare quel che sapeva; avrebbe potuto, cioè, raccontare i patti vergognosi che passavano tra il cane e le faine; ma ricordandosi che il cane era morto, pensò subito dentro di sé: — A che serve accusare i morti?... I morti son morti, e la miglior cosa che si possa fare è quella di lasciarli in pace!...

— All'arrivo delle faine sull'aia, eri sveglio o dormivi?
— continuò a chiedergli il contadino.

— Dormivo: — rispose Pinocchio — ma le faine mi hanno svegliato coi loro chiacchiericci, e una è venuta fin qui al casotto per dirmi: «Se prometti di non abbaiare, e di non svegliare il padrone, noi ti regaleremo una pollastra bell'e pelata!» Capite, eh? Avere la sfacciataggine di fare a me una simile proposta! Perché bisogna sapere che io sono un burattino, che avrò tutti i difetti di questo mondo: ma non avrò mai quello di star di balla e di reggere il sacco alla gente disonesta!

— Bravo ragazzo! — gridò il contadino, battendogli sur una spalla. — Cotesti sentimenti ti fanno onore: e per provarti la mia grande soddisfazione, ti lascio libero fin d'ora di tornare a casa. —

E gli levò il collare da cane.

XXIII. PINOCCHIO PIANGE LA MORTE DELLA BELLA BAMBINA DAI CAPELLI TURCHINI: POI TROVA UN COLOMBO, CHE LO PORTA SULLA RIVA DEL MARE, E LÌ SI GETTA NELL'ACQUA PER ANDARE IN AIUTO DEL SUO BABBO GEPPELTO.

Appena Pinocchio non sentì più il peso durissimo e umiliante di quel collare intorno al collo, si pose a scappare attraverso ai campi, e non si fermò un solo minuto finchè non ebbe raggiunta la strada maestra, che doveva ricondurlo alla casina della Fata.

Arrivato sulla strada maestra, si voltò in giù a guardare nella sottoposta pianura, e vide benissimo, a occhio nudo, il bosco dove disgraziatamente aveva incontrato la Volpe e il Gatto: vide, fra mezzo agli alberi, inalzarsi la cima di quella Quercia grande, alla quale era stato appeso ciondoloni per il collo; ma, guarda di qui, guarda di là, non gli fu possibile di vedere la piccola casa della bella Bambina dai capelli turchini.

Allora ebbe una specie di tristo presentimento; e datosi a correre con quanta forza gli rimaneva nelle gambe, si trovò in pochi minuti sul prato, dove sorgeva una volta

la Casina bianca. Ma la Casina bianca non c'era più. C'era, invece, una piccola pietra di marmo, sulla quale si leggevano in carattere stampatello queste dolorose parole:

QUI GIACE

LA BAMBINA DAI CAPELLI TURCHINI

MORTA DI DOLORE

PER ESSERE STATA ABBANDONATA DAL SUO

FRATELLINO PINOCCHIO.

Come rimanesse il burattino, quand'ebbe compitate alla peggio quelle parole, lo lascio pensare a voi. Cadde bocconi a terra, e coprendo di mille baci quel marmo mortuario, dette in un grande scoppio di pianto. Pianse tutta la notte, e la mattina dopo, sul far del giorno, piangeva sempre, sebbene negli occhi non avesse più lacrime: e le sue grida e i suoi lamenti erano così strazianti ed acuti, che tutte le colline all'intorno ne ripetevano l'eco.

E piangendo diceva:

«O Fatina mia, perchè sei morta?... perchè, invece di te, non sono morto io, che sono tanto cattivo, mentre tu eri tanto buona?... E il mio babbo dove sarà? O Fatina mia, dimmi dove posso trovarlo, chè voglio stare sempre con lui, e non lasciarlo più! più! più!... O Fatina mia, dimmi che non è vero che sei morta!... Se davvero mi vuoi bene.... se vuoi bene al tuo fratellino, rivivisci.... ritorna viva come prima! Non ti dispiace a vedermi solo, abbandonato da tutti?... Se arrivano gli assassini, mi attaccheranno daccapo al ramo dell'albero.... e allora morirò per sempre.

Che vuoi che io faccia qui solo in questo mondo? Ora che ho perduto te e il mio babbo, chi mi darà da mangiare? Dove anderò a dormire la notte? Chi mi farà la giacchetta nuova? Oh! sarebbe meglio, cento volte meglio, che morissi anch'io! Sì, voglio morire! ih! ih! ih!»

— O Fatina mia perchè sei morta?

E mentre si disperava a questo modo, fece l'atto di volersi strappare i capelli: ma i suoi capelli, essendo di legno, non potè nemmeno levarsi il gusto di ficcarci dentro le dita.

Intanto passò su per aria un grosso Colombo, il quale soffermatosi, a ali distese, gli gridò da una grande altezza:

— Dimmi, bambino, che cosa fai costaggiù?

— Non lo vedi? piango! — disse Pinocchio alzando il capo verso quella voce, e strofinandosi gli occhi colla manica della giacchetta.

— Dimmi, — soggiunse allora il Colombo — non conosci per caso fra i tuoi compagni, un burattino, che ha nome Pinocchio?

— Pinocchio? Hai detto Pinocchio? — ripeté il burattino saltando subito in piedi. — Pinocchio sono io! —

Il Colombo, a questa risposta, si calò velocemente e venne a posarsi a terra. Era più grosso di un tacchino.

— Conoscerai dunque anche Geppetto? — domandò al burattino.

— Se lo conosco! È il mio povero babbo! Ti ha forse parlato di me? Mi conduci da lui? ma è sempre vivo? rispondimi, per carità; è sempre vivo?

— L'ho lasciato tre giorni fa sulla spiaggia del mare.

— Che cosa faceva?

— Si fabbricava da sè una piccola barchetta, per traversare l'Oceano. Quel pover'uomo sono più di quattro mesi che gira per il mondo in cerca di te: e non avendoti potuto mai trovare, ora si è messo in capo di cercarti nei paesi lontani del nuovo mondo.

— Quanto c'è di qui alla spiaggia? — domandò Pinocchio con ansia affettuosa.

— Più di mille chilometri.

— Mille chilometri? O Colombo mio, che bella cosa potessi avere le tue ali!...

— Se vuoi venire, ti ci porto io.

— Come?

— A cavallo sulla mia groppa. Sei peso dimolto?

— Peso? tutt'altro! Son leggiero come una foglia. —

E lì, senza stare a dir altro, Pinocchio saltò sulla groppa al Colombo; e messa una gamba di qui e l'altra di là, come fanno i cavalierizzi, gridò tutto contento: «Galoppa, galoppa, cavallino, chè mi preme di arrivar presto!...» Il Colombo prese l'aire e in pochi minuti arrivò col volo tanto in alto, che toccava quasi le nuvole. Giunto a quell'altezza straordinaria, il burattino ebbe la curiosità di voltarsi in giù a guardare: e fu preso da tanta paura e da

tali giracapi, che per evitare il pericolo di venir di sotto, si avviticchiò colle braccia, stretto stretto, al collo della sua piumata cavalcatura.

Si avviticchiò colle braccia, stretto stretto, al collo della sua piumata cavalcatura.

Volarono tutto il giorno. Sul far della sera, il Colombo disse:

— Ho una gran sete!

— E io una gran fame! — soggiunse Pinocchio.

— Fermiamoci a questa colombaia pochi minuti; e dopo ci rimetteremo in viaggio, per essere domattina all'alba sulla spiaggia del mare. —

Entrarono in una colombaia deserta, dove c'era soltanto una catinella piena d'acqua e un cestino ricolmo di vecce.

Il burattino, in tempo di vita sua, non aveva mai potuto patire le vecce: a sentir lui, gli facevano nausea, gli rivoltavano lo stomaco: ma quella sera ne mangiò a strippapelle, e quando l'ebbe quasi finite, si voltò al Colombo e gli disse:

— Non avrei mai creduto che le vecce fossero così buone!

— Bisogna persuadersi, ragazzo mio, — replicò il Colombo — che quando la fame dice davvero e non c'è altro da mangiare, anche le vecce diventano squisite! La fame non ha capricci nè ghiottonerie! —

Fatto alla svelta un piccolo spuntino, si riposero in viaggio, e via! La mattina dopo arrivarono sulla spiaggia del mare.

Il Colombo posò a terra Pinocchio, e non volendo nemmeno la seccatura di sentirsi ringraziare per aver fatto una buona azione, riprese subito il volo e sparì.

La spiaggia era piena di gente che urlava e gesticolava, guardando verso il mare.

— Che cos'è accaduto? — domandò Pinocchio a una vecchina.

— Gli è accaduto che un povero babbo, avendo perduto il figliuolo, gli è voluto entrare in una barchetta per andare a cercarlo di là dal mare; e il mare oggi è molto cattivo e la barchetta sta per andare sott'acqua....

— Dov'è la barchetta?

— Eccola laggiù, diritta al mio dito — disse la vecchia, accennando una piccola barca che, veduta a quella distanza pareva un guscio di noce con dentro un omino piccino piccino.

Pinocchio appuntò gli occhi da quella parte, e dopo aver guardato attentamente, cacciò un urlo acutissimo gridando:

— Gli è il mi' babbo! gli è il mi' babbo! —

Intanto la barchetta, sbattuta dall'infuriare dell'onde, ora spariva fra i grossi cavalloni, ora tornava a galleggiare: e Pinocchio, ritto sulla punta di un alto scoglio, non finiva più dal chiamare il suo babbo per nome, e dal fargli molti

segnali colle mani e col moccichino da naso e perfino col berretto che aveva in capo.

E parve che Geppetto, sebbene fosse molto lontano dalla spiaggia, riconoscesse il figliuolo, perchè si levò il berretto anche lui e lo salutò e, a furia di gesti, gli fece capire che sarebbe tornato volentieri indietro, ma il mare era tanto grosso, che gl'impediva di lavorare col remo e di potersi avvicinare alla terra.

Pinocchio, non finiva più dal chiamare il suo babbo per nome.

Tutt'a un tratto venne una terribile ondata, e la barca sparì. Aspettarono che la barca tornasse a galla: ma la barca non si vide più tornare.

— Pover'uomo — dissero allora i pescatori, che erano raccolti sulla spiaggia; e brontolando sottovoce una preghiera, si mossero per tornarsene alle loro case.

Quand'ecco che udirono un urlo disperato, e voltandosi indietro, videro un ragazzetto che, di vetta a uno scoglio si gettava in mare gridando:

— Voglio salvare il mio babbo! —

Pinocchio, essendo tutto di legno, galleggiava facilmente e nuotava come un pesce. Ora si vedeva sparire sott'acqua, portato dall'impeto dei flutti, ora riappariva fuori con una gamba o con un braccio, a grandissima distanza dalla terra. Alla fine lo persero d'occhio, non lo videro più.

— Povero ragazzo! — dissero allora i pescatori, che erano raccolti sulla spiaggia; e brontolando sottovoce una preghiera, tornarono alle loro case.

XXIV. PINOCCHIO ARRIVA ALL'ISOLA DELLE «API INDUSTRIOSE» E RITROVA LA FATA.

Pinocchio, animato dalla speranza di arrivare in tempo a dare aiuto al suo povero babbo, nuotò tutta quanta la notte.

E che orribile nottata fu quella! Diluviò, grandinò, tuonò spaventosamente e con certi lampi, che pareva di giorno.

Sul far del mattino, gli riuscì di vedere poco distante una lunga striscia di terra. Era un'isola in mezzo al mare.

Allora fece di tutto per arrivare a quella spiaggia: ma inutilmente. Le onde, rincorrendosi e accavallandosi, se lo abballottavano fra di loro, come se fosse stato un fuscello o un fil di paglia. Alla fine, e per sua buona fortuna, venne un'ondata tanto prepotente e impetuosa, che lo scaraventò di peso sulla rena del lido.

Il colpo fu così forte, che battendo in terra, gli crocchiarono tutte le costole e tutte le congiunture; ma si consolò subito col dire: — Anche per questa volta l'ho scampata bella! —

Intanto a poco a poco il cielo si rasserenò; il sole apparve fuori in tutto il suo splendore, e il mare diventò tranquillissimo e buono come un olio.

Allora il burattino distese i suoi panni al sole per rasciugarli, e si pose a guardare di qua e di là se per caso avesse potuto scorgere su quella immensa spianata d'acqua una piccola barchetta con un omino dentro. Ma dopo aver guardato ben bene, non vide altro dinanzi a sè che cielo, mare e qualche vela di bastimento, ma così lontana lontana, che pareva una mosca.

— Sapessi almeno come si chiama quest'isola! — andava dicendo. — Sapessi almeno se quest'isola è abitata da gente di garbo, voglio dire da gente che non abbia il vizio di attaccare i ragazzi ai rami degli alberi! ma a chi mai posso domandarlo? a chi, se non c'è nessuno?... —

Quest'idea di trovarsi solo, solo, solo, in mezzo a quel gran paese disabitato, gli messe addosso tanta malinconia, che stava lì lì per piangere; quando tutt'a un tratto vide passare, a poca distanza dalla riva, un grosso pesce che se ne andava tranquillamente per i fatti suoi con tutta la testa fuori dell'acqua.

Non sapendo come chiamarlo per nome, il burattino gli gridò a voce alta, per farsi sentire:

— Ehi, signor pesce, che mi permetterebbe una parola?

— Anche due — rispose il pesce, il quale era un Delfino così garbato, come se ne trovano pochi in tutti i mari del mondo.

— Mi farebbe il piacere di dirti se in quest'isola vi sono dei paesi dove si possa mangiare, senza pericolo d'esser mangiati?

— Ve ne sono sicuro! — rispose il Delfino. — Anzi, ne troverai uno poco lontano di qui.

— E che strada si fa per andarvi?

— Devi prendere quella viottola là, a mancina, e camminare sempre dritto al naso. Non puoi sbagliare.

— Mi dica un'altra cosa. Lei che passeggia tutto il giorno e tutta la notte per il mare, non avrebbe incontrato per caso una piccola barchettina con dentro il mi' babbo?

— E chi è il tuo babbo?

— Gli è il babbo più buono del mondo, come io sono il figliuolo più cattivo che si possa dare.

— Colla burrasca che ha fatto questa notte — rispose il Delfino — la barchetta sarà andata sott'acqua.

— E il mio babbo?

— A quest'ora l'avrà inghiottito il terribile Pesce-cane, che da qualche giorno è venuto a spargere lo sterminio e la desolazione nelle nostre acque.

— Che è grosso dimolto questo Pesce-cane? — domandò Pinocchio, che di già cominciava a tremare dalla paura.

— Arrivederla, signor pesce: scusi tanto l'incomodo, e mille grazie della sua garbatezza.

— Se gli è grosso!... — replicò il Delfino. — Perché tu possa fartene un'idea, ti dirò che è più grosso di un

casamento di cinque piani, ed ha una boccaccia così larga e profonda, che ci passerebbe comodamente tutto il treno della strada ferrata colla macchina accesa.

— Mamma mia! — gridò spaventato il burattino; e rivestitosi in fretta e furia, si voltò al Delfino e gli disse:

— Arrivederla, signor pesce: scusi tanto l'incomodo, e mille grazie della sua garbatezza. —

Detto ciò prese subito la viottola e cominciò a camminare di un passo svelto: tanto svelto, che pareva quasi che corresse. E a ogni più piccolo rumore che sentiva, si voltava subito a guardare indietro, per la paura di vedersi inseguire da quel terribile Pesce-cane grosso come una casa di cinque piani e con un treno della strada ferrata in bocca.

Dopo aver camminato più di mezz'ora, arrivò a un piccolo paese detto «il paese delle Api industriose.» Le strade formicolavano di persone che correvano di qua e di là per le loro faccende: tutti lavoravano, tutti avevano qualche cosa da fare. Non si trovava un ozioso o un vagabondo nemmeno a cercarlo col lumicino.

— Ho capito; — disse subito quello svegliato di Pinocchio — questo paese non è fatto per me! Io non son nato per lavorare! —

Intanto la fame lo tormentava, perchè erano oramai passate ventiquattr'ore che non aveva mangiato più nulla; nemmeno una pietanza di vecce.

Che fare?

Non gli restavano che due modi per potersi sdigiunare: o chiedere un po' di lavoro, o chiedere in elemosina un soldo o un boccon di pane.

A chiedere l'elemosina si vergognava: perchè il suo babbo gli aveva predicato sempre che l'elemosina hanno il diritto di chiederla solamente i vecchi e gl'infermi. I veri poveri, in questo mondo, meritevoli di assistenza e di compassione, non sono altro che quelli che, per ragione d'età o di malattia si trovano condannati a non potersi più guadagnare il pane col lavoro delle proprie mani. Tutti gli altri hanno l'obbligo di lavorare; e se non lavorano e patiscono la fame tanto peggio per loro.

In quel frattempo, passò per la strada un uomo tutto sudato e trafelato, il quale da sè solo tirava con gran fatica due carretti carichi di carbone.

Pinocchio, giudicandolo alla fisionomia per un buon uomo, gli si accostò e, abbassando gli occhi dalla vergogna, gli disse sottovoce:

— Mi fareste la carità di darmi un soldo perchè mi sento morir dalla fame?

— Non un soldo solo, — rispose il carbonaio — ma te ne do quattro, a patto che tu m'aiuti a tirare fino a casa questi due carretti di carbone.

— Mi meraviglio! — rispose il burattino quasi offeso; — per vostra regola io non ho fatto mai il somaro; io non ho mai tirato il carretto!

— Meglio per te! — rispose il carbonaio. — Allora, ragazzo mio, se ti senti davvero morir dalla fame, mangia due belle fette della tua superbia e bada di non prendere un'indigestione. —

— Mi fareste la carità di darmi un soldo perchè mi sento morir dalla fame?

Dopo pochi minuti passò per la via un muratore, che portava sulle spalle un corbello di calcina.

— Fareste, galantuomo, la carità d'un soldo a un povero ragazzo, che sbadiglia dall'appetito?

— Volentieri; vieni con me a portar calcina, — rispose il muratore — e invece d'un soldo, te ne darò cinque.

— Ma la calcina è pesa, — replicò Pinocchio — e io non voglio durar fatica.

— Se non vuoi durar fatica, allora, ragazzo mio, divertiti a sbadigliare, e buon pro ti faccia. —

In men di mezz'ora passarono altre venti persone, e a tutte Pinocchio chiese un po' d'elemosina, ma tutte gli risposero:

— Non ti vergogni? Invece di fare il bigellone per la strada, va' piuttosto a cercarti un po' di lavoro, e impara a guadagnarti il pane! —

Finalmente passò una buona donnina, che portava due brocche d'acqua.

— Vi contentate, buona donna, che io beva una sorsata d'acqua alla vostra brocca? — chiese Pinocchio, che bruciava dall'arsione della sete.

— Bevi pure, ragazzo mio! — disse la donnina, posando le due brocche in terra.

Quando Pinocchio ebbe bevuto come una spugna, borbottò a mezza voce, asciugandosi la bocca:

— La sete me la son levata! Così mi potessi levar la fame!... —

La buona donnina, sentendo queste parole, soggiunse subito:

— Se mi aiuti a portare a casa una di queste brocche d'acqua, ti darò un bel pezzo di pane. —

Pinocchio guardò la brocca, e non rispose nè sì nè no.

— E insieme col pane ti darò un bel piatto di cavol fiore condito coll'olio e coll'aceto — soggiunse la buona donna.

Pinocchio dette un'altra occhiata alla brocca, e non rispose nè sì nè no.

— E dopo il cavol fiore ti darò un bel confetto ripieno di rosolio. —

Alle seduzioni di quest'ultima ghiottoneria, Pinocchio non seppe più resistere, e fatto un animo risoluto, disse:

— Pazienza! vi porterò la brocca fino a casa! —

La brocca era molto pesa, e il burattino, non avendo forza di portarla colle mani, si rassegnò a portarla in capo.

Arrivati a casa, la buona donnina fece sedere Pinocchio a una piccola tavola apparecchiata, e gli pose davanti il pane, il cavol fiore condito e il confetto.

Pinocchio non mangiò, ma diluviò. Il suo stomaco pareva un quartiere rimasto vuoto e disabitato da cinque mesi.

Calmati a poco a poco i morsi rabbiosi della fame, allora alzò il capo per ringraziare la sua benefattrice: ma non aveva ancora finito di fissarla in volto, che cacciò un lunghissimo *ohhh!* di meraviglia, e rimase là incantato, cogli occhi spalancati, colla forchetta per aria e colla bocca piena di pane e di cavol fiore.

— Che cosa è mai tutta questa meraviglia? — disse ridendo la buona donna.

— Egli è.... — rispose balbettando Pinocchio — egli è.... egli è.... che voi mi somigliate.... voi mi rammentate... sì, sì, sì, la stessa voce.... gli stessi occhi.... gli stessi capelli.... sì sì, sì.... anche voi avete i capelli turchini.... come lei! O Fatina mia!... O Fatina mia!... ditemi che siete voi, proprio voi!... Non mi fate più piangere! Se sapeste! Ho pianto tanto, ho patito tanto!... —

E nel dir così, Pinocchio piangeva dirottamente, e gettatosi ginocchioni per terra abbracciava i ginocchi di quella donnina misteriosa.

XXV. PINOCCHIO PROMETTE ALLA FATA DI ESSER BUONO E DI STUDIARE, PERCHÈ È STUFO DI FARE IL BURATTINO E VUOL DIVENTARE UN BRAVO RAGAZZO.

In sulle prime, la buona donnina cominciò col dire che lei non era la piccola Fata dai capelli turchini: ma poi, vedendosi ormai scoperta e non volendo mandare più in lungo la commedia, finì per farsi riconoscere, e disse a Pinocchio:

— Birba d'un burattino! Come mai ti sei accorto che ero io?

— Gli è il gran bene che vi voglio, quello che me l'ha detto.

— Ti ricordi, eh? Mi lasciasti bambina, e ora mi ritrovi donna; tanto donna, che potrei quasi farti da mamma.

— E io l'ho caro dimolto, perchè così, invece di sorellina, vi chiamerò la mia mamma. Gli è tanto tempo che mi struggo di avere una mamma come tutti gli altri ragazzi!... Ma come avete fatto a crescere così presto?

— È un segreto.

— Insegnatemelo: vorrei crescere un poco anch'io. Non lo vedete? Son sempre rimasto alto come un soldo di cacio.

— Ma tu non puoi crescere — replicò la Fata.

— Perché?

— Perché i burattini non crescono mai. Nascono burattini, vivono burattini e muoiono burattini.

— Oh! sono stufo di far sempre il burattino! — gridò Pinocchio, dandosi uno scappellotto. — Sarebbe ora che diventassi anch'io un uomo....

— E lo diventerai, se saprai meritartelo....

— Davvero? E che posso fare per meritarmelo?

— Una cosa facilissima: avvezzarti a essere un ragazzino perbene.

— O che forse non lo sono?

— Tutt'altro! i ragazzi perbene sono ubbidienti, e tu invece....

— E io non ubbidisco mai.

— I ragazzi perbene prendono amore allo studio e al lavoro, e tu....

— E io, invece, faccio il bighellone e il vagabondo tutto l'anno.

— I ragazzi perbene dicono sempre la verità...

— E io sempre le bugie.

— I ragazzi perbene vanno volentieri alla scuola...

— E a me la scuola mi fa venire i dolori di corpo. Ma da oggi in poi voglio mutar vita.

— Me lo prometti?

— Lo prometto. Voglio diventare un ragazzino perbene, e voglio essere la consolazione del mio babbo... Dove sarà, il mio povero babbo, a quest'ora?

— Non lo so.

— Avrò mai la fortuna di poterlo rivedere e abbracciare?

— Credo di sì: anzi ne sono sicura. —

A questa risposta fu tale e tanta la contentezza di Pinocchio, che prese le mani alla Fata e cominciò a baciargliele con tanta foga, che pareva quasi fuori di sé. Poi, alzando il viso e guardandola amorosamente, le domandò:

— Dimmi, mamma: dunque non è vero che tu sia morta?

— Par di no — rispose sorridendo la Fata.

— Se tu sapessi che dolore e che serratura alla gola che provai, quando lessi *qui giace...*

— Lo so: ed è per questo che ti ho perdonato. La sincerità del tuo dolore mi fece conoscere che tu avevi il cuore buono: e dai ragazzi buoni di cuore, anche se sono un po' monelli e avvezzati male, c'è sempre da sperar qualcosa: ossia, c'è sempre da sperare che rientrano sulla vera strada. Ecco perchè son venuta a cercarti fin qui. Io sarò la tua mamma....

— Dimmi, mamma: dunque non è vero che tu sia morta?

— Oh che bella cosa! — gridò Pinocchio saltando dall'allegrezza.

— Tu mi ubbidirai e farai sempre quello che ti dirò io.

— Volentieri, volentieri, volentieri!

— Fino da domani — soggiunse la Fata — tu comincerai coll'andare a scuola. —

Pinocchio diventò subito un po' meno allegro.

— Poi sceglierai a tuo piacere un'arte o un mestiere.... —

Pinocchio diventò serio.

— Che cosa brontoli fra i denti? — domandò la Fata con accento risentito.

— Dicevo.... — mugolò il burattino a mezza voce — che oramai per andare a scuola mi pare un po' tardi....

— Nossignore. Tieni a mente che per istruirsi e per imparare non è mai tardi.

— Ma io non voglio fare nè arti nè mestieri....

— Perchè?

— Perchè a lavorare mi par fatica.

— Ragazzo mio, — disse la Fata — quelli che dicono così, finiscono quasi sempre o in carcere o all'ospedale. L'uomo, per tua regola, nasca ricco o povero, è obbligato in questo mondo a far qualcosa, a occuparsi, a lavorare. Guai a lasciarsi prendere dall'ozio! L'ozio è una bruttissima malattia e bisogna guarirla subito, fin da bambini; se no, quando siamo grandi non si guarisce più. —

Queste parole toccarono l'animo di Pinocchio, il quale, rialzando vivacemente la testa, disse alla Fata:

— Io studierò, io lavorerò, io farò tutto quello che mi dirai, perchè insomma, la vita del burattino mi è venuta a noia, e voglio diventare un ragazzo a tutti i costi. Me l'hai promesso, non è vero?

— Te l'ho promesso, e ora dipende da te. —

XXVI. PINOCCHIO VA CO' SUOI COMPAGNI DI SCUOLA IN RIVA AL MARE, PER VEDERE IL TERRIBILE PESCE-CANE.

Il giorno dopo Pinocchio andò alla Scuola comunale.

Figuratevi quelle birbe di ragazzi, quando videro entrare nella loro scuola un burattino! Fu una risata, che non finiva più. Chi gli faceva uno scherzo, chi un altro: chi gli levava il berretto di mano: chi gli tirava il giubbettino di dietro; chi si provava a fargli coll'inchiostro due grandi baffi sotto il naso, e chi si attentava perfino a legargli dei fili ai piedi e alle mani, per farlo ballare.

Per un poco Pinocchio usò disinvoltura e tirò via; ma finalmente, sentendosi scappar la pazienza, si rivolse a quelli che più lo tafanavano e si pigliavano giuoco di lui, e disse loro a muso duro:

— Badate, ragazzi: io non son venuto qui per essere il vostro buffone. Io rispetto gli altri e voglio esser rispettato.

— Bravo Berlicche! Hai parlato come un libro stampato! — urlarono quei monelli, buttandosi via dalle matte risate: e uno di loro più impertinente degli altri, allungò la mano coll'idea di prendere il burattino per la punta del naso.

Ma non fece a tempo: perchè Pinocchio stese la gamba sotto la tavola, e gli consegnò una pedata negli stinchi.

— Ohi! che piedi duri! — urlò il ragazzo stropicciandosi il livido che gli aveva fatto il burattino.

— E che gomiti!... anche più duri dei piedi! — disse un altro che, per i suoi scherzi sguaiati, s'era beccata una gomitata nello stomaco.

Fatto sta che dopo quel calcio e quella gomitata, Pinocchio acquistò subito la stima e la simpatia di tutti i ragazzi di scuola: e tutti gli facevano mille carezze e tutti gli volevano un ben dell'anima.

E anche il maestro se ne lodava, perchè lo vedeva attento, studioso, intelligente, sempre il primo a entrare nella scuola, sempre l'ultimo a rizzarsi in piedi, a scuola finita.

Il solo difetto che avesse era quello di bazzicare troppi compagni; e fra questi c'erano molti monelli conosciutissimi per la loro poca voglia di studiare e di farsi onore.

E anche il maestro se ne lodava, perchè lo vedeva attento, studioso, intelligente.

Il maestro lo avvertiva tutti i giorni, e anche la buona Fata non mancava di dirgli e di ripetergli più volte:

— Bada, Pinocchio! Quei tuoi compagni di scuola finiranno, prima o poi, col farti perdere l'amore allo studio e, forse forse, col tirarti addosso qualche grossa disgrazia.

— Non c'è pericolo! — rispondeva il burattino, facendo una spallucciata, e toccandosi coll'indice in mezzo alla fronte, come per dire: «C'è tanto giudizio qui dentro!»

Ora avvenne che un bel giorno, mentre camminava verso la scuola, incontrò un branco dei soliti compagni, che, andandogli incontro, gli dissero:

— Sai la gran notizia?

— No.

— Qui nel mare vicino è arrivato un Pesce-cane grosso come una montagna.

— Davvero?... Che sia quel medesimo Pesce-cane di quando affogò il mio povero babbo?

— Noi andiamo alla spiaggia per vederlo. Vuoi venire anche tu?

— Io no: voglio andare a scuola.

— Che t'importa della scuola? Alla scuola ci andremo domani. Con una lezione di più o con una di meno, si rimane sempre gli stessi somari.

— E il maestro che dirà?

— Il maestro si lascia dire. È pagato apposta per brontolare tutti i giorni.

— E la mia mamma?

— Le mamme non sanno mai nulla — risposero quei malanni.

— Sapete che cosa farò? — disse Pinocchio. — Il Pesce-cane voglio vederlo per certe mie ragioni.... ma anderò a vederlo dopo la scuola.

— Povero giucco! — ribattè uno del branco. — Che credi che un pesce di quella grossezza voglia star lì a fare il comodo tuo? Appena s'è annoiato, piglia il dirizzone per un'altra parte, e allora chi s'è visto s'è visto.

Coi loro libri e i loro quaderni sotto il braccio si mossero a correre attraverso ai campi.

— Quanto tempo ci vuole di qui alla spiaggia? — domandò il burattino.

— Fra un'ora siamo bell'e andati e tornati.

— Dunque, via! e chi più corre, è più bravo! — gridò Pinocchio.

Dato così il segnale della partenza, quel branco di monelli coi loro libri e i loro quaderni sotto il braccio si messero a correre attraverso ai campi e Pinocchio era sempre avanti a tutti, pareva che avesse le ali ai piedi.

Di tanto in tanto, voltandosi indietro, canzonava i suoi compagni rimasti a una bella distanza, e nel vederli ansanti, trafelati, polverosi, e con tanto di lingua fuori, se la rideva proprio di cuore. Lo sciagurato, in quel momento, non sapeva a quali paure e a quali orribili disgrazie andava incontro.

XXVII. GRAN COMBATTIMENTO FRA PINOCCHIO E I SUOI COMPAGNI: UNO DEI QUALI ESSENDO RIMASTO FERITO, PINOCCHIO VIENE ARRESTATO DAI CARABINIERI.

Giunto che fu sulla spiaggia, Pinocchio dette subito una grande occhiata sul mare; ma non vide nessun Pesce-cane. Il mare era tutto liscio come un gran cristallo da specchio.

— O il Pesce-cane dov'è? — domandò, voltandosi ai compagni.

— Sarà andato a far colazione — rispose uno di loro, ridendo.

— O si sarà buttato sul letto per fare un sonnellino — soggiunse un altro, ridendo più forte che mai.

Da quelle risposte sconclusionate e da quelle risatacce grulle, Pinocchio capì che i suoi compagni gli avevano fatto una brutta celia, dandogli ad intendere una cosa che non era vera; e pigliandosela a male, disse loro con voce di bizza:

— E ora? che sugo ci avete trovato a darmi ad intendere la storiella del Pesce-cane?

— Il sugo c'è sicuro!... — risposero in coro quei monelli.

— E sarebbe?

— Quello di farti perdere la scuola e di farti venire con noi. Non ti vergogni a mostrarti tutti i giorni così preciso e così diligente alla lezione? Non ti vergogni a studiar tanto, come fai?

— E se io studio, che cosa ve ne importa?

— A noi ce ne importa moltissimo, perchè ci costringi a fare una brutta figura col maestro....

— Perchè?

— Perchè gli scolari che studiano, fanno sempre scomparire quelli, come noi, che non hanno voglia di studiare. E noi non vogliamo scomparire! Anche noi abbiamo il nostro amor proprio!...

— E allora che cosa devo fare per contentarvi?

— Devi prendere a noia, anche tu, la scuola, la lezione e il maestro, che sono i nostri tre grandi nemici.

— E se io volessi seguitare a studiare?

— Noi non ti guarderemo più in faccia, e alla prima occasione ce la pagherai.

— In verità mi fate quasi ridere — disse il burattino con una scrollatina di capo.

— Ehi, Pinocchio! — gridò allora il più grande di quei ragazzi andandogli sul viso. — Non venir qui a fare lo smargiasso: non venir qui a far tanto il galletto!... perchè se tu non hai paura di noi, neanche noi abbiamo paura di te! Ricordati che tu sei solo e noi siamo sette.

— Sette come i peccati mortali — disse Pinocchio con una gran risata.

— Avete sentito? Ci ha insultati tutti! Ci ha chiamato col nome di peccati mortali!...

— Pinocchio! chiedici scusa dell'offesa.... e se no, guai a te!...

— Cucù! — fece il burattino, battendosi coll'indice sulla punta del naso, in segno di canzonatura.

— Pinocchio! la finisce male!...

— Cucù!

— Ne toccherai quanto un somaro!...

— Cucù!

— Ritornerai a casa col naso rotto!...

— Cucù!

— Ora il Cucù te lo darò io! — gridò il più ardito di quei monelli. — Prendi intanto quest'acconto, e serbalo per la cena di stasera. —

E nel dir così, gli appiccicò un pugno nel capo.

Ma fu, come si suol dire, botta e risposta; perchè il burattino, com'era da aspettarselo, rispose subito con un altro pugno: e lì, da un momento all'altro, il combattimento diventò generale e accanito.

Pinocchio, sebbene fosse solo, si difendeva come un eroe. Con quei suoi piedi di legno durissimo lavorava così bene, da tener sempre i suoi nemici a rispettosa distanza. Dove i suoi piedi potevano arrivare e toccare, ci lasciavano sempre un livido per ricordo.

Allora i ragazzi indispettiti di non potersi misurare col burattino a corpo a corpo, pensarono bene di metter mano

ai proiettili; e sciolti i fagotti de' loro libri di scuola, cominciarono a scagliare contro di lui i *Sillabari*, le *Grammatiche*, i *Giannettini*, i *Minuzzoli*, i *Racconti* del Thouar, il *Pulcino* della Baccini e altri libri scolastici: ma il burattino, che era d'occhio svelto e ammalizzato, faceva sempre civetta a tempo, sicchè i volumi, passandogli di sopra al capo, andavano tutti a cascare nel mare.

Figuratevi i pesci! I pesci, credendo che quei libri fossero roba da mangiare, correvano a frotte a fior d'acqua; ma dopo avere abboccata qualche pagina o qualche frontespizio, la risputavano subito, facendo con la bocca una certa smorfia, che pareva volesse dire: «Non è roba per noi: noi siamo avvezzi a cibarci molto meglio!»

Intanto il combattimento s'inferociva sempre più, quand'ecco che un grosso Granchio, che era uscito fuori dell'acqua e s'era adagio adagio arrampicato fin sulla spiaggia, gridò con una vociaccia di trombone infreddato:

— Smettetela, birichini che non siete altro! Queste guerre manesche fra ragazzi e ragazzi raramente vanno a finir bene. Qualche disgrazia accade sempre!... —

Quand'ecco che un grosso Granchio, che era uscito fuori dall'acqua....

Povero Granchio! Fu lo stesso che avesse predicato al vento. Anzi, quella birba di Pinocchio, voltandosi indietro a guardarlo in cagnesco, gli disse sgarbatamente:

— Chetati, Granchio dell'uggia! Faresti meglio a succhiare due pasticche di lichene per guarire da codesta

infreddatura di gola. Va' piuttosto a letto, e cerca di sudare!...

In quel frattempo i ragazzi, che avevano finito ormai di tirare tutti i loro libri, occhiarono lì a poca distanza il fagotto dei libri del burattino, e se ne impadronirono in men che non si dice.

Fra questi libri, v'era un volume rilegato in cartoncino grosso, colla costola e colle punte di cartapecora. Era un *Trattato di Aritmetica*. Vi lascio immaginare se era peso di molto!

Uno di quei monelli agguantò quel volume, e presa di mira la testa di Pinocchio, lo scagliò con quanta forza aveva nel braccio: ma invece di cogliere il burattino, colse nella testa uno dei compagni, il quale diventò bianco come un panno lavato, e non disse altro che queste parole:

— O mamma mia,... aiutatemi perchè muoio!... — Poi cadde disteso sulla rena del lido.

Alla vista di quel morticino, i ragazzi spaventati si dettero a scappare a gambe, e in pochi minuti non si videro più.

Ma Pinocchio rimase lì; e sebbene per il dolore e per lo spavento, anche lui fosse più morto che vivo, nondimeno corse ad inzuppare il suo fazzoletto nell'acqua del mare, e si pose a bagnare la tempia del suo povero compagno di scuola. E intanto, piangendo dirottamente e disperandosi, lo chiamava per nome e gli diceva:

— Eugenio!... povero Eugenio mio!... apri gli occhi e guardami!... Perchè non mi rispondi? Non sono stato io, sai, che ti ho fatto tanto male! Credilo, non sono stato io!... Apri gli occhi, Eugenio.... Se tieni gli occhi chiusi, mi farai morire anche me.... O Dio mio! come farò ora a tornare a casa?... Con che coraggio potrò presentarmi alla mia buona mamma? Che sarà di me?... Dove fuggirò?... Dove anderò a nascondermi?... Oh quant'era meglio, mille volte meglio che fossi andato a Scuola!... Perchè ho dato retta a questi compagni, che sono la mia dannazione? E il maestro me l'aveva detto!... e la mia mamma me l'aveva ripetuto: «Guardati dai cattivi compagni!» Ma io sono un testardo.... un caparbiaccio.... lascio dir tutti, e poi fo sempre a modo mio! E dopo mi tocca a scontarle.... E così, da che sono al mondo, non ho mai avuto un quarto d'ora di bene. Dio mio! Che sarà di me, che sarà di me, che sarà di me? —

E Pinocchio continuava a piangere, a berciare, a darsi dei pugni nel capo e a chiamar per nome il povero Eugenio, quando sentì a un tratto un rumore sordo di passi che si avvicinavano.

Si voltò: erano due carabinieri.

— Che cosa fai così sdraiato per terra? —
domandarono a Pinocchio.

— Assisto questo mio compagno di scuola.

— Che gli è venuto male?

— Par di sì!...

— Altro che male! — disse uno dei carabinieri chinandosi e osservando Eugenio da vicino. — Questo ragazzo è stato ferito in una tempia: chi è che l'ha ferito?

— Io no! — balbettò il burattino che non aveva più fiato in corpo.

— Se non sei stato tu, chi è stato dunque che l'ha ferito?

— Io no! — ripeté Pinocchio.

— E con che cosa è stato ferito?

— Con questo libro. — E il burattino raccattò di terra il *Trattato di Aritmetica*, rilegato in cartone e cartapecora, per mostrarlo al carabiniere.

— E questo libro di chi è?

— Mio.

— Basta così: non occorre altro. Rizzati subito, e vien via con noi.

— Ma io....

— Via con noi!...

— Ma io sono innocente....

— Via con noi! —

Prima di partire, i carabinieri chiamarono alcuni pescatori, che in quel momento passavano per l'appunto colla loro barca vicino alla spiaggia, e dissero loro:

— Vi affidiamo questo ragazzetto ferito nel capo. Portatelo a casa vostra e assistetelo. Domani torneremo a vederlo. —

Quindi si volsero a Pinocchio, e dopo averlo messo in mezzo a loro due, gl'intimarono con accento soldatesco:

— Avanti! e cammina spedito! se no, peggio per te! —

Senza farselo ripetere, il burattino cominciò a camminare per quella viottola, che conduceva al paese. Ma il povero diavolo non sapeva più nemmeno lui in che mondo si fosse. Gli pareva di sognare, e che brutto sogno! Era fuori di sé. I suoi occhi vedevano tutto doppio: le gambe gli tremavano: la lingua gli era rimasta attaccata al palato e non poteva più spicciare una sola parola. Eppure, in mezzo a quella specie di stupidità e di rintontimento, una spina acutissima gli bucava il cuore: il pensiero, cioè, di dover passare sotto le finestre di casa della sua buona fata, in mezzo ai carabinieri. Avrebbe preferito piuttosto di morire.

Si volsero a Pinocchio, e dopo averlo messo in mezzo a loro due.

Erano già arrivati e stavano per entrare in paese, quando una folata di vento strapazzone levò di testa a Pinocchio il berretto, portandoglielo lontano una diecina di passi.

— Si contentano — disse il burattino ai carabinieri — che vada a riprendere il mio berretto?

— Vai pure; ma facciamo una cosa lesta. —

Il burattino andò, raccattò il berretto.... ma invece di metterselo in capo, se lo mise in bocca fra i denti, e poi

cominciò a correre di gran carriera verso la spiaggia del mare. Andava via come una palla di fucile.

I carabinieri, giudicando che fosse difficile raggiungerlo, gli aizzarono dietro un grosso cane mastino che aveva guadagnato il primo premio a tutte le corse dei cani. Pinocchio correva, e il cane correva più di lui; per cui tutta la gente si affacciava alle finestre e si affollava in mezzo alla strada, ansiosa di veder la fine di un palio così inferocito. Ma non potè levarsi questa voglia, perchè il can mastino e Pinocchio sollevarono lungo la strada un tal polverone, che dopo pochi minuti non era possibile di veder più nulla.

XXVIII. PINOCCHIO CORRE PERICOLO DI ESSER FRITTO IN PADELLA, COME UN PESCE.

Durante quella corsa disperata, vi fu un momento terribile, un momento in cui Pinocchio si credè perduto: perchè bisogna sapere che Alidoro (era questo il nome del can mastino) a furia di correre e correre, l'aveva quasi raggiunto.

Sentiva dietro di sè, alla distanza d'un palmo, l'ansare affannoso di quella bestiaccia.

Basti dire che il burattino sentiva dietro di sè, alla distanza d'un palmo, l'ansare affannoso di quella bestiaccia, e ne sentiva perfino la vampa calda delle fiatate.

Per buona fortuna la spiaggia era oramai vicina, e il mare si vedeva lì a pochi passi.

Appena fu sulla spiaggia, il burattino spiccò un bellissimo salto, come avrebbe potuto fare un ranocchio, e andò a cascare in mezzo all'acqua. Alidoro invece voleva fermarsi: ma trasportato dall'impeto della corsa, entrò nell'acqua anche lui. E quel disgraziato non sapeva nuotare; per cui cominciò subito ad annaspare colle zampe per reggersi a galla; ma più annaspava, e più andava col capo sott'acqua.

Quando ritornò a rimettere il capo fuori, il povero cane aveva gli occhi impauriti e stralunati, e, abbaiando gridava:

— Affogo! affogo!

— Crepa! — gli rispose Pinocchio da lontano, il quale si vedeva oramai sicuro da ogni pericolo.

— Aiutami, Pinocchio mio!... salvami dalla morte!... —

A quelle grida strazianti il burattino, che in fondo aveva un cuore eccellente, si mosse a compassione, e voltosi al cane, gli disse:

— Ma se io ti aiuto a salvarti, mi prometti di non darmi più noia e di non corrermi dietro?

— Te lo prometto! te lo prometto! Spicciati per carità, perchè se indugi un altro mezzo minuto, son bell'e morto. —

Pinocchio esitò un poco: ma poi ricordandosi che il suo babbo gli aveva detto tante volte che a fare una buona azione non ci si scapita mai, andò nuotando a raggiungere Alidoro, e, presolo per la coda con tutt'e due le mani, lo portò sano e salvo sulla rena asciutta del lido.

Andò nuotando a raggiungere Alidoro, e, presolo per la coda....

Il povero cane non si reggeva più in piedi. Aveva bevuto, senza volerlo, tant'acqua salata, che era gonfiato come un pallone. Per altro il burattino, non volendo fare a fidarsi troppo, stimò cosa prudente di gettarsi novamente

in mare; e allontanandosi dalla spiaggia, gridò all'amico salvato:

— Addio, Alidoro; fa' buon viaggio, e tanti saluti a casa.

— Addio, Pinocchio, — rispose il cane — mille grazie di avermi liberato dalla morte. Tu m'hai fatto un gran servizio: e in questo mondo quel che è fatto è reso. Se capita l'occasione ci ripareremo.... —

Pinocchio seguì a nuotare, tenendosi sempre vicino alla terra. Finalmente gli parve di esser giunto in un luogo sicuro: e dando un'occhiata alla spiaggia, vide sugli scogli una specie di grotta, dalla quale usciva un lunghissimo pennacchio di fumo.

— In quella grotta — disse allora fra sè — ci deve essere del fuoco. Tanto meglio! anderò a rasciugarmi e riscaldarmi, e poi?... e poi sarà quel che sarà. —

Preso questa risoluzione, si avvicinò alla scogliera; ma quando fu lì per arrampicarsi, sentì qualche cosa sotto l'acqua che saliva, saliva, saliva e lo portava per aria. Tentò subito di fuggire, ma oramai era tardi, perchè con sua grandissima meraviglia si trovò rinchiuso dentro una grossa rete in mezzo a un brulichio di pesci d'ogni forma e grandezza, che scodinzolavano e si dibattevano come tante anime disperate.

E nel tempo stesso vide uscire dalla grotta un pescatore così brutto, ma tanto brutto, che pareva un mostro marino. Invece di capelli aveva sulla testa un

cespuglio foltissimo di erba verde; verde era la pelle del suo corpo, verdi gli occhi, verde la barba lunghissima, che gli scendeva fin quaggiù. Pareva un grosso ramarro, ritto sui piedi di dietro.

Quando il pescatore ebbe tirata fuori la rete dal mare, gridò tutto contento:

— Provvidenza benedetta! Anch'oggi potrò fare una bella scorpacciata di pesce!

— Manco male, che io non sono un pesce! — disse Pinocchio dentro di sè, ripigliando un po' di coraggio.

La rete piena di pesci fu portata dentro la grotta, una grotta buia e affumicata in mezzo alla quale friggeva una gran padella d'olio, che mandava un odorino di moccolaia, da mozzare il respiro.

— Ora vediamo un po' che pesci abbiamo presi! — disse il pescatore verde; e ficcando nella rete una manona così spropositata, che pareva una pala da fornai, tirò fuori una manciata di triglie.

— Buone queste triglie! — disse, guardandole e annusandole con compiacenza. E dopo averle annusate, le scaraventò in una conca senz'acqua.

Poi ripeté più volte la solita operazione; e via via che cavava fuori gli altri pesci, sentiva venirsi l'acquolina in bocca e gongolando diceva:

— Buoni questi naselli!...

— Squisiti questi muggini!...

— Deliziose queste sogliole!...

— Prelibati questi ragnotti!...

— Carine queste acciughe col capo! —

Come potete immaginarvelo, i naselli, i muggini, le sogliole, i ragnotti e l'acciughe, andarono tutti alla rinfusa nella conca, a tener compagnia alle triglie.

L'ultimo che restò nella rete fu Pinocchio.

Appena il pescatore l'ebbe cavato fuori, sgranò dalla meraviglia i suoi occhioni verdi, gridando quasi impaurito:

— Che razza di pesce è questo? Dei pesci fatti a questo modo non mi ricordo di averne mangiati mai. —

E tornò a guardarlo attentamente, e dopo averlo guardato ben bene per ogni verso, finì col dire:

— Ho capito; dev'essere un granchio di mare. —

Allora Pinocchio, mortificato di sentirsi scambiato per un granchio, disse con accento risentito:

— Ma che granchio e non granchio? Guardi come lei mi tratta! Io, per sua regola, sono un burattino.

— Che razza di pesce è questo?

— Un burattino? — replicò il pescatore. — Dico la verità, il pesce burattino è per me un pesce nuovo! Meglio così! ti mangerò più volentieri.

— Mangiarmi? ma la vuol capire che io non sono un pesce? O non sente che parlo, e ragiono come lei?

— È verissimo; — soggiunse il pescatore — e siccome vedo che sei un pesce, e che hai la fortuna di parlare e di ragionare come me, così voglio usarti anch'io i dovuti riguardi.

— E questi riguardi sarebbero?...

— In segno di amicizia e di stima particolare, lascerò a te la scelta del come vuoi esser cucinato. Desideri esser fritto in padella, oppure preferisci di esser cotto nel tegame colla salsa di pomodoro?

— A dir la verità, — rispose Pinocchio — se io debbo scegliere, preferisco piuttosto di esser lasciato libero, per potermene tornare a casa mia.

— Tu scherzi! Ti pare che io voglia perdere l'occasione di assaggiare un pesce così raro? Non capita mica tutti i giorni, un pesce burattino in questi mari. Lascia fare a me: ti friggerò in padella assieme a tutti gli altri pesci, e te ne troverai contento. L'esser fritto in compagnia è sempre una consolazione. —

L'infelice Pinocchio, a quest'antifona, cominciò a piangere, a strillare, a raccomandarsi: e piangendo diceva: — Quant'era meglio, che fossi andato a scuola!... Ho voluto dar retta ai compagni, e ora la pago!... Ih!... Ih!... Ih!... —

E perchè si divincolava come un'anguilla e faceva sforzi incredibili, per isgusciare dalle grinfie del pescatore verde, questi prese una bella buccia di giunco, e dopo averlo legato per le mani e per i piedi, come un salame, lo gettò in fondo alla conca cogli altri.

Poi, tirato fuori un vassoiccio di legno, pieno di farina, si dette a infarinare tutti quei pesci: e man mano che li aveva infarinati, li buttava a friggere dentro la padella.

I primi a ballare nell'olio bollente furono i poveri naselli: poi toccò ai ragnotti, poi ai muggini, poi alle sogliole e alle acciughe, e poi venne la volta di Pinocchio. Il quale, a vedersi così vicino alla morte (e che brutta morte!) fu preso da tanto tremito e da tanto spavento, che non aveva più nè voce nè fiato per raccomandarsi.

Il povero figliuolo si raccomandava cogli occhi! Ma il pescatore verde, senza badarlo neppure, lo avvolto cinque o sei volte nella farina, infarinandolo così bene dal capo ai piedi, che pareva diventato un burattino di gesso.

Poi lo prese per il capo, e....

XXIX. RITORNA A CASA DELLA FATA, LA QUALE GLI PROMETTE CHE IL GIORNO DOPO NON SARÀ PIÙ UN BURATTINO, MA DIVENTERÀ UN RAGAZZO. GRAN COLAZIONE DI CAFFÈ-E-LATTE PER FESTEGGIARE QUESTO GRANDE AVVENIMENTO.

Mentre il pescatore era proprio sul punto di buttar Pinocchio nella padella, entrò nella grotta un grosso cane, condotto là dall'odore acutissimo e ghiotto della frittura.

— Passa via! — gli gridò il pescatore minacciandolo e tenendo sempre in mano il burattino infarinato.

Ma il povero cane aveva una fame per quattro, e mugolando e dimenando la coda, pareva che dicesse:

— Dammi un boccone di frittura e ti lascio in pace.

— Passa via, ti dico! — gli ripeté il pescatore; e allungò la gamba per tirargli una pedata.

Allora il cane che, quando aveva fame davvero, non era avvezzo a lasciarsi posar mosche sul naso, si rivoltò ringhioso al pescatore, mostrandogli le sue terribili zanne.

In quel mentre si udì nella grotta una vocina fioca fioca che disse:

— Salvami, Alidoro! Se non mi salvi, son fritto!... —

— Passa via! — gli gridò il pescatore.

Il cane riconobbe subito la voce di Pinocchio, e si accorse, con sua grandissima meraviglia, che la vocina era uscita da quel fagotto infarinato, che il pescatore teneva in mano.

Allora che cosa fa? Spicca un gran lancio da terra, abbocca quel fagotto infarinato, e tenendolo leggermente coi denti, esce correndo dalla grotta, e via come un baleno!

Il pescatore arrabbiatissimo di vedersi strappar di mano un pesce, che egli avrebbe mangiato tanto volentieri, si provò a rincorrere il cane; ma fatti pochi passi gli venne un nodo di tosse e dovè tornarsene indietro.

Intanto Alidoro, ritrovata che ebbe la viottola che conduceva al paese, si fermò e posò delicatamente in terra l'amico Pinocchio.

Tenendolo leggermente coi denti, esce correndo dalla grotta, e via come un baleno!

— Quanto ti debbo ringraziare! — disse il burattino.

— Non c'è bisogno; — replicò il cane — tu salvasti me, e quel che è fatto è reso. Si sa: in questo mondo bisogna tutti aiutarsi l'uno con l'altro.

— Ma come mai sei capitato in quella grotta?

— Ero sempre qui disteso sulla spiaggia più morto che vivo, quando il vento mi ha portato da lontano un odorino di frittura. Quell'odorino mi ha stuzzicato l'appetito, e io gli sono andato dietro. Se arrivavo un minuto più tardi!...

— Non me lo dire! — urlò Pinocchio che tremava ancora dalla paura. — Non me lo dire! Se tu arrivavi un minuto più tardi, a quest'ora io ero bell'e fritto, mangiato e digerito. Brrr! mi vengono i brividi soltanto a pensarvi!... —

Alidoro, ridendo, stese la zampa destra verso il burattino, il quale gliela strinse forte forte in segno di grande amicizia: e dopo si lasciarono.

Il cane riprese la strada di casa: e Pinocchio, rimasto solo, andò a una capanna lì poco distante, e domandò a un vecchietto che stava sulla porta a scaldarsi al sole:

— Dite, galantuomo, sapete nulla di un povero ragazzo ferito nel capo e che si chiamava Eugenio?

— Il ragazzo è stato portato da alcuni pescatori in questa capanna, e ora....

— Ora sarà morto!... — interruppe Pinocchio, con gran dolore.

— No: ora è vivo, ed è già ritornato a casa sua.

— Dite, galantuomo, sapete nulla di un povero ragazzo ferito nel capo e che si chiamava Eugenio?

— Davvero?... davvero?... — gridò il burattino, saltando dall'allegrezza. — Dunque la ferita non era grave?...

— Ma poteva riuscire gravissima e anche mortale, — rispose il vecchietto — perchè gli tirarono nel capo un grosso libro rilegato in cartone.

— E chi glielo tirò?

— Un suo compagno di scuola: un certo Pinocchio....

— E chi è questo Pinocchio? — domandò il burattino facendo lo gnorri.

— Dicono che sia un ragazzaccio, un vagabondo, un vero rompicollo.

— Calunnie! Tutte calunnie!

— Lo conosci tu questo Pinocchio?

— Di vista! — rispose il burattino.

— E tu, che concetto ne hai? — gli chiese il vecchietto.

— A me mi pare un gran buon figliuolo, pieno di voglia di studiare, obbediente, affezionato al suo babbo e alla sua famiglia.... —

Mentre il burattino sfilava a faccia fresca tutte queste bugie, si toccò il naso e si accorse che il naso gli era allungato più di un palmo. Allora tutto impaurito cominciò a gridare:

— Non date retta, galantuomo, a tutto il bene che ve ne ho detto; perchè conosco benissimo Pinocchio e posso assicurarvi anch'io ch'è davvero un ragazzaccio, un disubbidiente e uno svogliato, e che invece di andare a scuola, va coi compagni a fare lo sbarazzino! —

Appena ebbe pronunziate queste parole, il suo naso raccorcì e tornò alla grandezza naturale, come era prima.

— E perchè sei tutto bianco a codesto modo? — gli domandò a un tratto il vecchietto.

— Vi dirò.... senza avvedermene, mi sono strofinato a un muro, che era imbiancato di fresco — rispose il

burattino vergognandosi a raccontare che lo avevano infarinato come un pesce, per poi friggerlo in padella.

— O della tua giacchetta, de' tuoi calzoncini e del tuo berretto, che cosa ne hai fatto?

— Ho incontrato i ladri e mi hanno spogliato. Dite, buon vecchio, non avreste per caso da darmi un po' di vestituccio, tanto perchè io possa ritornare a casa?

— Ragazzo mio; in quanto a vestiti, io non ho che un piccolo sacchetto, dove ci tengo i lupini. Se lo vuoi, piglialo: eccolo là. —

Pinocchio non se lo fece dire due volte: prese subito il sacchetto dei lupini che era vuoto, e dopo averci fatto colle forbici una piccola buca nel fondo e due buche dalle parti, se lo infilò a uso camicia. E vestito leggerino a quel modo, si avviò verso il paese. Ma, lungo la strada, non si sentiva punto tranquillo; tant'è vero che faceva un passo avanti e uno indietro, e discorrendo da sè solo andava dicendo:

— Come farò a presentarmi alla mia buona Fatina? Che dirà quando mi vedrà?... Vorrà perdonarmi questa seconda birichinata?... Scommetto che non me la perdona!... oh! non me la perdona di certo!... E mi sta il dovere: perchè io sono un monello che prometto sempre di correggermi, e non mantengo mai!... —

E vestito leggerino a quel modo, si avviò verso il paese.

Arrivò al paese che era già notte buia; e perchè faceva tempaccio e l'acqua veniva giù a catinelle, andò dritto

diritto alla casa della Fata, coll'animo risoluto di bussare alla porta e di farsi aprire.

Ma quando fu lì, sentì mancarsi il coraggio, e invece di bussare, si allontanò, correndo, una ventina di passi. Poi tornò una seconda volta alla porta, e non concluse nulla: poi si avvicinò una terza volta e nulla: la quarta volta prese, tremando, il battente di ferro in mano, e bussò un piccolo colpettino.

Aspetta, aspetta, finalmente dopo mezz'ora si aprì una finestra dell'ultimo piano (la casa era di quattro piani) e Pinocchio vide affacciarsi una grossa Lumaca, che aveva un lumicino acceso sul capo, la quale disse:

— Chi è a quest'ora?

— La Fata è in casa? — domandò il burattino.

— La Fata dorme e non vuol essere svegliata: ma tu chi sei?

— Sono io!

— Chi io?

— Pinocchio.

— Chi Pinocchio?

— Il burattino, quello che sta in casa colla Fata.

— Ah! ho capito; — disse la Lumaca — aspettami costì, che ora scendo giù e ti apro subito.

— Spicciatevi, per carità, perchè io muoio dal freddo.

— Ragazzo mio, io sono una Lumaca, e le Lumache non hanno mai fretta. —

Intanto passò un'ora, ne passarono due e la porta non si apriva: per cui Pinocchio, che tremava dal freddo, dalla paura e dall'acqua che aveva addosso, si fece cuore e bussò una seconda volta, e bussò più forte.

A quel secondo colpo si aprì una finestra del piano di sotto e si affacciò la solita Lumaca.

— Lumachina bella, — gridò Pinocchio dalla strada — sono due ore che aspetto! E due ore, a questa serataccia, diventano più lunghe di due anni. Spicciatevi, per carità.

— Ragazzo mio, — gli rispose dalla finestra quella bestiuola tutta pace e tutta flemma — ragazzo mio, io sono una Lumaca, e le Lumache non hanno mai fretta. — E la finestra si richiuse.

Di lì a poco suonò la mezzanotte: poi il tocco, poi le due dopo mezzanotte, e la porta era sempre chiusa.

Allora Pinocchio, perduta la pazienza, afferrò con rabbia il battente della porta per bussare un colpo da far rintonare tutto il casamento; ma il battente che era di ferro, diventò a un tratto un'anguilla viva, che sgusciandogli dalle mani sparì in un rigagnolo d'acqua, che scorreva in mezzo alla strada.

— Ah! sì? — gridò Pinocchio sempre più accecato dalla collera. — Se il battente è sparito, io seguirò a bussare a furia di calci. —

E tiratosi un poco indietro, lasciò andare una solennissima pedata nell'uscio della casa. Il colpo fu così forte, che il piede penetrò nel legno fino a mezzo: e

quando il burattino si provò a ricavarlo fuori, fu tutta fatica inutile, perchè il piede c'era rimasto conficcato dentro, come un chiodo ribadito.

Figuratevi il povero Pinocchio! Dovè passare tutto il resto della notte con un piede in terra e con quell'altro per aria.

La mattina, sul far del giorno, finalmente la porta si aprì. Quella brava bestiuola della Lumaca, a scendere dal quarto piano fino all'uscio di strada, ci aveva messo solamente nove ore. Bisogna proprio dire che avesse fatto una sudata.

— Che cosa fate con codesto piede conficcato nell'uscio? — domandò ridendo al burattino.

— È stata una disgrazia. Vedete un po', Lumachina bella, se vi riesce di liberarmi da questo supplizio.

— Ragazzo mio, costì ci vuole un legnaiolo, e io non ho fatto mai la legnaiola.

— Pregate la Fata da parte mia!...

— La Fata dorme e non vuol essere svegliata.

— Che cosa fate con codesto piede conficcato nell'uscio?

— Ma che cosa volete che io faccia, inchiodato tutto il giorno a questa porta?

— Divertiti a contare le formiche che passano per la strada.

— Portatemi almeno qualche cosa da mangiare, perchè mi sento rifinito.

— Subito! — disse la Lumaca.

Difatti dopo tre ore e mezzo, Pinocchio la vide tornare con un vassoio d'argento in capo. Nel vassoio c'era un pane, un pollastro arrosto e quattro albicocche mature.

— Ecco la colazione che vi manda la Fata — disse la Lumaca.

Alla vista di quella grazia di Dio, il burattino sentì consolarsi tutto. Ma quale fu il suo disinganno, quando incominciando a mangiare, si dovè accorgere che il pane era di gesso, il pollastro di cartone e le quattro albicocche di alabastro, colorite, come se fossero vere.

Voleva piangere, voleva darsi alla disperazione, voleva buttar via il vassoio e quel che c'era dentro; ma invece, o fosse il gran dolore o la gran languidezza di stomaco, fatto sta che cadde svenuto.

Quando si riebbe, si trovò disteso sopra un sofà, e la Fata era accanto a lui.

— Anche per questa volta ti perdono: — gli disse la Fata — ma guai a te, se me ne fai un'altra delle tue!... —

Pinocchio promise e giurò che avrebbe studiato, e che si sarebbe condotto sempre bene. E mantenne la parola per tutto il resto dell'anno. Difatti agli esami delle vacanze, ebbe l'onore di essere il più bravo della scuola; e i suoi portamenti, in generale, furono giudicati così lodevoli e soddisfacenti, che la Fata, tutta contenta, gli disse:

— Domani finalmente il tuo desiderio sarà appagato!

Chi non ha veduto la gioia di Pinocchio, a questa notizia tanto sospirata, non potrà mai figurarsela.

— Cioè?

— Domani finirai di essere un burattino di legno, e diventerai un ragazzo per bene. —

Chi non ha veduto la gioia di Pinocchio, a questa notizia tanto sospirata, non potrà mai figurarsela. Tutti i suoi amici e compagni di scuola dovevano essere invitati per il giorno dopo a una gran colazione in casa della Fata, per festeggiare insieme il grande avvenimento: e la Fata aveva fatto preparare dugento tazze di caffè-e-latte e quattrocento panini imburrati di dentro e di fuori. Quella giornata prometteva di riuscire molto bella e molto allegra: ma....

Disgraziatamente, nella vita dei burattini, c'è sempre un *ma*, che sciupa ogni cosa.

XXX. PINOCCHIO, INVECE DI DIVENTARE UN RAGAZZO, PARTE DI NASCOSTO COL SUO AMICO LUCIGNOLO PER IL «PAESE DEI BALOCCHI.»

Com'è naturale, Pinocchio chiese subito alla Fata il permesso di andare in giro per la città a fare gl'inviti: e la Fata gli disse:

— Va' pure a invitare i tuoi compagni per la colazione di domani: ma ricordati di tornare a casa prima che faccia notte. Hai capito?

— Fra un'ora prometto di esser bell'e ritornato — replicò il burattino.

— Bada, Pinocchio! I ragazzi fanno presto a promettere, ma il più delle volte, fanno tardi a mantenere.

— Ma io non sono come gli altri: io, quando dico una cosa, la mantengo.

— Vedremo. Caso poi tu disubbidissi, tanto peggio per te.

— Perchè?

— Perchè i ragazzi che non dànno retta ai consigli di chi ne sa più di loro, vanno sempre incontro a qualche disgrazia.

— E io l'ho provato! — disse Pinocchio. — Ma ora non ci riasco più!

— Vedremo se dici il vero. —

Senza aggiungere altre parole, il burattino salutò la sua buona Fata, che era per lui una specie di mamma, e cantando e ballando uscì fuori dalla porta di casa.

In poco più d'un'ora tutti i suoi amici furono invitati. Alcuni accettarono subito e di gran cuore, altri, da principio, si fecero un po' pregare; ma quando seppero che i panini da inzuppare nel caffè-e-latte sarebbero stati imburattati anche dalla parte di fuori, finirono tutti col dire: — Verremo anche noi, per farti piacere. —

Ora bisogna sapere che Pinocchio, fra i suoi amici e compagni di scuola, ne aveva uno prediletto e carissimo, il quale si chiamava di nome Romeo; ma tutti lo chiamavano col soprannome di *Lucignolo*, per via del suo personalino asciutto, secco e allampanato, tale e quale come il lucignolo nuovo di un lumino da notte.

Lucignolo era il ragazzo più svogliato e più birichino di tutta la scuola: ma Pinocchio gli voleva un gran bene. Difatti andò subito a cercarlo a casa per invitarlo alla colazione, e non lo trovò: tornò una seconda volta, e Lucignolo non c'era: tornò una terza volta, e fece la strada invano.

Dove poterlo ripescare? Cerca di qua, cerca di là, finalmente lo vide nascosto sotto il portico di una casa di contadini.

— Che cosa fai costì? — gli domandò Pinocchio, avanzandosi.

— Aspetto la mezzanotte, per partire....

— Dove vai?

— Lontano, lontano, lontano!

— E io che son venuto a cercarti a casa tre volte!...

— Che cosa volevi da me?

— Non sai il grande avvenimento? Non sai la fortuna che mi è toccata?

— Quale?

— Domani finisco di essere un burattino e divento un ragazzo come te, e come tutti gli altri.

— Buon pro ti faccia.

— Domani dunque ti aspetto a colazione a casa mia.

— Ma se ti dico che parto questa sera.

— A che ora?

— Fra poco.

— E dove vai?

— Vado ad abitare in un paese.... che è il più bel paese di questo mondo: una vera cuccagna!...

— E come si chiama?

— Si chiama il «Paese dei balocchi.» Perchè non vieni anche tu?

— Io? no davvero!

— Hai torto, Pinocchio! Credilo a me, che se non vieni, te ne pentirai. Dove vuoi trovare un paese più sano per noialtri ragazzi? Lì non vi sono scuole: lì non vi sono

maestri; lì non vi sono libri. In quel paese benedetto non si studia mai. Il giovedì non si fa scuola: e ogni settimana è composta di sei giovedì e di una domenica. Figurati che le vacanze dell'autunno cominciano col primo di gennaio e finiscono coll'ultimo di dicembre. Ecco un paese, come piace veramente a me! Ecco come dovrebbero essere tutti i paesi civili!...

— Ma come si passano le giornate nel «Paese dei balocchi?»

— Si passano baloccandosi e divertendosi dalla mattina alla sera. La sera poi si va a letto, e la mattina dopo si ricomincia daccapo. Che te ne pare?

— Uhm!... — fece Pinocchio; e tentennò leggermente il capo, come dire: — È una vita che la farei volentieri anch'io.

— Dunque, vuoi partire con me? Sì o no? Risolviti.

— No, no, no e poi no. Oramai ho promesso alla mia buona Fata di diventare un ragazzo perbene, e voglio mantenere la promessa. Anzi, siccome vedo che il sole va sotto, così ti lascio subito e scappo via. Dunque addio, e buon viaggio.

— Dove corri con tanta furia?

— A casa. La mia buona Fata vuole che ritorni prima di notte.

— Aspetta altri due minuti.

— Faccio troppo tardi.

— Due minuti soli.

— E se poi la Fata mi grida?

— Lasciala gridare. Quando avrà gridato ben bene, si cheterà — disse quella birba di Lucignolo.

— E come fai? Parti solo o in compagnia?

— Solo? Saremo più di cento ragazzi.

— E il viaggio lo fate a piedi?

— Fra poco passerà di qui il carro che mi deve prendere e condurre fin dentro ai confini di quel fortunatissimo paese.

— Che cosa pagherei che il carro passasse ora!...

— Perché?

— Per vedervi partire tutti insieme.

— Rimani qui un altro poco e ci vedrai.

— No, no: voglio ritornare a casa.

— Aspetta altri due minuti.

— Ho indugiato anche troppo. La Fata starà in pensiero per me.

— Povera Fata! Che ha paura forse che ti mangino i pipistrelli?

— Ma dunque, — soggiunse Pinocchio — tu sei veramente sicuro che in quel paese non ci sono punte scuole?...

— Neanche l'ombra.

— E nemmeno i maestri?

— Nemmeno uno.

— E non c'è mai l'obbligo di studiare?

— Mai, mai, mai!

— Che bel paese! — disse Pinocchio, sentendo venirsi l'acquolina in bocca. — Che bel paese! Io non ci sono stato mai, ma me lo figuro!...

— Perché non vieni anche tu?

— È inutile che tu mi tenti! Oramai ho promesso alla mia buona Fata di diventare un ragazzo di giudizio, e non voglio mancare alla parola.

— Dunque addio, e salutami tanto le scuole ginnasiali!... e anche quelle liceali, se le incontri per la strada.

— Addio, Lucignolo; fa' buon viaggio, divertiti e rammentati qualche volta degli amici. —

Ciò detto, il burattino fece due passi in atto di andarsene: ma poi, fermandosi e voltandosi all'amico, gli domandò:

— Ma sei proprio sicuro che in quel paese tutte le settimane sieno composte di sei giovedì e di una domenica?

— Sicurissimo.

— Ma lo sai dicerto, che le vacanze abbiano principio col primo di gennaio e finiscano coll'ultimo di dicembre?

— Di certissimo.

— Che bel paese! — ripeté Pinocchio, sputando dalla soverchia consolazione. Poi, fatto un animo risoluto, soggiunse in fretta e in furia:

— Dunque, addio davvero: e buon viaggio.

— Addio.

— Fra quanto partirete?

— Fra poco.

— Peccato! se alla partenza mancasse un'ora sola, sarei quasi capace di aspettare.

— E la Fata?

— Oramai ho fatto tardi!... e tornare a casa un'ora prima o un'ora dopo è lo stesso.

— Povero Pinocchio! E se la Fata ti grida?

— Pazienza! La lascerò gridare. Quando avrò gridato ben bene si cheterà. —

Intanto si era già fatta notte e notte buia: quando a un tratto videro muoversi in lontananza un lumicino.... e sentirono un suono di bubboli e uno squillo di trombetta, così piccolino e soffocato, che pareva il sibilo di una zanzara.

— Eccolo! — gridò Lucignolo rizzandosi in piedi.

— Chi è? — domandò sottovoce Pinocchio.

— È il carro che viene a prendermi. Dunque, vuoi venire, sì o no?

— Ma è proprio vero — domandò il burattino — che in quel paese i ragazzi non hanno mai l'obbligo di studiare?

— Mai, mai, mai!

— Che bel paese!... che bel paese!... Che bel paese!...

—

XXXI. DOPO CINQUE MESI DI CUCCAGNA, PINOCCHIO CON SUA GRAN MERAVIGLIA SENTE SPUNTARSI UN BEL PAJO D'ORECCHIE ASININE, E DIVENTA UN CIUCHINO, CON LA CODA E TUTTO.

Finalmente il carro arrivò: e arrivò senza fare il più piccolo rumore, perchè le sue ruote erano fasciate di stoppa e di cenci.

Lo tiravano dodici pariglie di ciuchini, tutti della medesima grandezza, ma di diverso pelame.

Alcuni erano bigi, altri bianchi, altri brizzolati a uso pepe e sale, e altri rigati da grandi strisce gialle e turchine.

Ma la cosa più singolare era questa: che quelle dodici pariglie, ossia quei ventiquattro ciuchini, invece di essere ferrati come tutte le altre bestie da tiro o da soma, avevano ai piedi degli stivaletti da uomo fatti di pelle bianca.

E il conduttore del carro?...

Finalmente il carro arrivò....

Figuratevi un omino più largo che lungo, tenero e untuoso come una palla di burro, con un visino di melarosa, una bocchina che rideva sempre e una voce

sottile e carezzevole, come quella d'un gatto, che si raccomanda al buon cuore della padrona di casa.

Tutti i ragazzi, appena lo vedevano, ne restavano innamorati e facevano a gara nel montare sul suo carro, per esser condotti da lui in quella vera cuccagna, conosciuta nella carta geografica col seducente nome di «Paese de' balocchi.»

Figuratevi un omino più largo che lungo, tenero e untuoso come una palla di burro.

Difatti il carro era già tutto pieno di ragazzetti fra gli otto e i dodici anni, ammonticchiati gli uni sugli altri come tante acciughe nella salamoia. Stavano male, stavano pigiati, non potevano quasi respirare: ma nessuno diceva *ohi!* nessuno si lamentava. La consolazione di sapere che fra poche ore sarebbero giunti in un paese, dove non c'erano nè libri, nè scuole, nè maestri, li rendeva così contenti e rassegnati, che non sentivano nè i disagi, nè gli strapazzi, nè la fame, nè la sete, nè il sonno.

Appena che il carro si fu fermato, l'omino si volse a Lucignolo, e con mille smorfie e mille manierine, gli domandò sorridendo:

— Dimmi, mio bel ragazzo, vuoi venire anche tu, in quel fortunato paese?

— Sicuro, che ci voglio venire!

— Ma ti avverto, carino mio, che nel carro non c'è più posto. Come vedi, è tutto pieno!...

— Pazienza! — replicò Lucignolo — se non c'è posto dentro, mi adatterò a star seduto sulle stanghe del carro. — E spiccato un salto, montò a cavalcioni sulle stanghe.

— E tu amor mio, — disse l'omino volgendosi tutto complimentoso a Pinocchio — che intendi fare? Vieni con noi o rimani?...

— Io rimango — rispose Pinocchio. — Io voglio tornarmene a casa mia: voglio studiare e voglio farmi onore alla scuola, come fanno tutti i ragazzi perbene.

— Buon pro ti faccia!

— Pinocchio, — disse allora Lucignolo — dai retta a me: vieni con noi e staremo allegri!

— No, no, no!

— E se vengo con voi, che cosa dirà la mia buona Fata?

— Vieni con noi e staremo allegri! — gridarono altre quattro voci di dentro al carro.

— Vieni con noi e staremo allegri! — urlarono tutte insieme un centinaio di voci.

— E se vengo con voi, che cosa dirà la mia buona Fata? — disse il burattino, che cominciava a intenerirsi e a ciurlare nel manico.

— Non ti fasciare il capo con tante malinconie. Pensa che andiamo in un paese dove saremo padroni di fare il chiasso dalla mattina alla sera! —

Pinocchio non rispose, ma fece un sospiro; poi fece un altro sospiro: poi un terzo sospiro: finalmente disse:

— Fatemi un po' di posto: voglio venire anch'io!...

— I posti son tutti pieni; — replicò l'omino — ma per mostrarti quanto sei gradito, posso cederti il mio posto a cassetta.

— E voi?

— E io farò la strada a piedi.

— No davvero, che non lo permetto. Preferisco piuttosto di salire in groppa a qualcuno di questi ciuchini!
— gridò Pinocchio.

Detto fatto, si avvicinò al ciuchino manritto della prima pariglia, e fece l'atto di volerlo cavalcare: ma la bestiuola, voltandosi a secco, gli dette una gran musata nello stomaco e lo gettò a gambe all'aria.

Figuratevi la risatona impertinente e sgangherata di tutti quei ragazzi presenti alla scena.

Ma l'omino non rise. Si accostò pieno di amorevolezza al ciuchino ribelle, e, facendo finta di dargli un bacio, gli staccò con un morso la metà dell'orecchio destro.

Intanto Pinocchio, rizzatosi da terra tutto infuriato, schizzò con un salto sulla groppa di quel povero animale. E il salto fu così bello, che i ragazzi, smesso di ridere, cominciarono a urlare: *viva Pinocchio!* e a fare una smanacciata di applausi, che non finivano più.

Dando una fortissima sgropponata, scaraventò il povero burattino in mezzo alla strada.

Quand'ecco che all'improvviso il ciuchino alzò tutt'e due le gambe di dietro, e dando una fortissima

sgropponata, scaraventò il povero burattino in mezzo alla strada, sopra un monte di ghiaia.

Allora grandi risate daccapo: ma l'omino, invece di ridere, si sentì preso da tanto amore per quell'irrequieto asinello che, con un bacio, gli portò via di netto la metà di quell'altro orecchio. Poi disse al burattino:

— Rimonta pure a cavallo, e non aver paura. Quel ciuchino aveva qualche grillo per il capo: ma io gli ho detto due paroline negli orecchi, e spero di averlo reso mansueto e ragionevole. —

Pinocchio montò, e il carro cominciò a muoversi: ma nel tempo che i ciuchini galoppavano e che il carro correva sui ciottoli della via maestra, gli parve al burattino di sentire una voce sommessa e appena intelligibile, che gli disse:

— Povero gonzo! Hai voluto fare a modo tuo, ma te ne pentirai! —

Pinocchio, quasi impaurito, guardò di qua e di là, per conoscere da qual parte venissero queste parole; ma non vide nessuno: i ciuchini galoppavano, il carro correva, i ragazzi dentro al carro dormivano, Lucignolo russava come un ghiro, e l'omino seduto a cassetta canterellava fra i denti:

Tutti la notte dormono

E io non dormo mai....

Fatto un altro mezzo chilometro, Pinocchio sentì la vocina fioca che gli disse:

— Tienlo a mente, grullerello! I ragazzi che smettono di studiare e voltano le spalle ai libri, alle scuole e ai maestri, per darsi interamente ai balocchi e ai divertimenti, non possono far altro che una fine disgraziata! Io lo so per prova, e te lo posso dire!... Verrà un giorno che piangerai anche tu, come oggi piango io.... ma allora sarà tardi!... —

A queste parole bisbigliate sommessamente, il burattino, spaventato più che mai, saltò giù dalla groppa della cavalcatura, e andò a prendere il suo ciuchino per il muso.

E immaginatevi come restò, quando s'accorse che il suo ciuchino piangeva.... e piangeva proprio come un ragazzo!

— Ehi, signor omino, — gridò allora Pinocchio al padrone del carro — sapete che cosa c'è di nuovo? Questo ciuchino piange.

— Lascialo piangere: riderà quando sarà sposo!

— Ma che forse gli avete insegnato anche a parlare?

— No: ha imparato da sè a borbottare qualche parola, essendo stato tre anni in una compagnia di cani ammaestrati.

— Povera bestia!...

— Via, via.... — disse l'omino — non perdiamo il nostro tempo a vedere piangere un ciuco. Rimonta a cavallo, e andiamo: la nottata è fresca, e la strada è lunga. —

Pinocchio obbedì senza rifiutare. Il carro riprese la sua corsa: e la mattina sul far dell'alba arrivarono felicemente nel «Paese dei balocchi.»

La sua popolazione era tutta composta di ragazzi.

Questo paese non somigliava a nessun altro paese del mondo. La sua popolazione era tutta composta di ragazzi. I più vecchi avevano 14 anni: i più giovani ne avevano 8 appena. Nelle strade, un'allegria, un chiasso, uno strillio da levar di cervello! Branchi di monelli da per tutto: chi giocava alle noci, chi alle piastrelle, chi alla palla, chi andava in velocipede, chi sopra un cavallino di legno: questi facevano a moscacieca; quegli altri si rincorrevano: altri, vestiti da pagliacci, mangiavano la stoppa accesa: chi recitava, chi cantava, chi faceva i salti mortali, chi si divertiva a camminare colle mani in terra e colle gambe in aria: chi mandava il cerchio, chi passeggiava vestito da generale coll'elmo di foglio e lo squadrone di cartapesta: chi rideva, chi urlava, chi chiamava, chi batteva le mani, chi fischiava, chi rifaceva il verso alla gallina quando ha fatto l'ovo: insomma un tal pandemonio, un tal passeraio, un tal baccano indiavolato, da doversi mettere il cotone negli orecchi per non rimanere assorditi. Su tutte le piazze si vedevano teatrini di tela, affollati di ragazzi dalla mattina alla sera, e su tutti i muri delle case si leggevano scritte col carbone delle bellissime cose come queste: *viva i balocci!* (invece di *balocchi*): *non voliamo più schole* (invece

di *non vogliamo più scuole*): abbasso Larin Metica (invece di *aritmetica*) e altri fiori consimili.

Pinocchio, Lucignolo e tutti gli altri ragazzi, che avevano fatto il viaggio coll'omino, appena ebbero messo il piede dentro la città, si ficcarono subito in mezzo alla gran baraonda, e in pochi minuti, com'è facile immaginarselo, diventarono gli amici di tutti. Chi più felice, chi più contento di loro? In mezzo ai continui spassi e agli svariati divertimenti, le ore, i giorni, le settimane passavano come tanti baleni.

— Oh! che bella vita! — diceva Pinocchio tutte le volte che per caso s'imbatteva in Lucignolo.

— Vedi, dunque, se avevo ragione? — ripigliava quest'ultimo. — E dire che tu non volevi partire! E pensare che t'eri messo in capo di tornartene a casa dalla tua Fata, per perdere il tempo a studiare! Se oggi ti sei liberato dalla noia dei libri e delle scuole, lo devi a me, ai miei consigli, alle mie premure, ne convieni? Non vi sono che i veri amici, che sappiano rendere di questi grandi favori.

— È vero, Lucignolo! Se oggi io sono un ragazzo veramente contento, è tutto merito tuo. E il maestro, invece, sai che cosa mi diceva, parlando di te? Mi diceva sempre: «Non praticare quella birba di Lucignolo, perchè Lucignolo è un cattivo compagno, e non può consigliarti altro che a far del male!...»

— Povero maestro! — replicò l'altro tentennando il capo. — Lo so pur troppo che mi aveva a noia, e che si

divertiva sempre a calunniarmi; ma io sono generoso e gli perdono!

— Anima grande! — disse Pinocchio abbracciando affettuosamente l'amico, e dandogli un bacio in mezzo agli occhi.

Intanto era già da cinque mesi che durava questa bella cuccagna di baloccarsi e di divertirsi le giornate intere, senza mai vedere in faccia nè un libro nè una scuola; quando una mattina Pinocchio, svegliandosi, ebbe, come si suol dire, una gran brutta sorpresa, che lo messe proprio di malumore.

XXXII. A PINOCCHIO GLI VENGONO GLI ORECCHI DI CIUCO, E POI DIVENTA UN CIUCHINO VERO E COMINCIA A RAGLIARE.

E questa sorpresa quale fu?

Ve lo dirò io, miei cari e piccoli lettori: la sorpresa fu che a Pinocchio, svegliandosi, gli venne fatto naturalmente di grattarsi il capo; e nel grattarsi il capo si accorse...

Indovinate un po' di che cosa si accorse?

Si accorse, con suo grandissimo stupore, che gli orecchi gli erano cresciuti più d'un palmo.

Voi sapete che il burattino, fin dalla nascita, aveva gli orecchi piccini piccini: tanto piccini che, a occhio nudo, non si vedevano neppure! Immaginatevi dunque come restò, quando dovè toccar con mano che i suoi orecchi, durante la notte, erano così allungati, che parevano due spazzole di padule. Andò subito in cerca di uno specchio, per potersi vedere: ma non trovando uno specchio, empì d'acqua la catinella del lavamano, e specchiandovisi dentro, vide quel che non avrebbe mai voluto vedere: vide, cioè, la sua immagine abbellita di un magnifico paio di orecchi asinini. Lascio pensare a voi il dolore, la vergogna, e la disperazione del povero Pinocchio!

I suoi orecchi, durante la notte, erano così allungati, che parevano due spazzole di padule.

Cominciò a piangere, a strillare, a battere la testa nel muro: ma quanto più si disperava, e più i suoi orecchi crescevano, crescevano, crescevano e diventavano pelosi verso la cima.

Al rumore di quelle grida acutissime, entrò nella stanza una bella Marmottina, che abitava il piano di sopra: la quale, vedendo il burattino in così grandi smanie, gli domandò premurosamente:

— Che cos'hai, mio caro casigliano?

— Sono malato, Marmottina mia, molto malato.... e malato d'una malattia che mi fa paura! te ne intendi tu del polso?

— Un pochino.

— Senti dunque se per caso avessi la febbre. —

La Marmottina alzò la zampa destra davanti: e dopo aver tastato il polso a Pinocchio, gli disse sospirando:

— Amico mio, mi dispiace doverti dare una cattiva notizia!...

— Cioè?

— Tu hai una gran brutta febbre!

— E che febbre sarebbe?

— È la febbre del somaro.

— Non la capisco questa febbre! — rispose il burattino, che l'aveva pur troppo capita.

— Allora te la spiegherò io; — soggiunse la Marmottina — sappi dunque, che fra due o tre ore tu non sarai più nè un burattino, nè un ragazzo....

— E che cosa sarò?

— Fra due o tre ore, tu diventerai un ciuchino vero e proprio, come quelli che tirano il carretto e che portano i cavoli e l'insalata al mercato.

— Oh! povero me! povero me! — gridò Pinocchio pigliandosi con le mani tutt'e due gli orecchi, e tirandoli e strappandoli rabbiosamente, come se fossero gli orecchi di un altro.

— È la febbre del somaro.

— Caro mio, — replicò la Marmottina per consolarlo — che cosa ci vuoi tu fare? Oramai è destino, oramai è scritto nei decreti della sapienza, che tutti quei ragazzi svogliati che, pigliando a noia i libri, le scuole e i maestri, passano le loro giornate in balocchi, in giuochi e in divertimenti, debbano finire prima o poi col trasformarsi in tanti piccoli somari.

— Ma davvero è proprio così? — domandò singhiozzando il burattino.

— Pur troppo è così! E ora i pianti sono inutili. Bisognava pensarci prima!

— Ma la colpa non è mia: la colpa, credilo, Marmottina, è tutta di Lucignolo!...

— E chi è questo Lucignolo?

— Un mio compagno di scuola. Io volevo tornare a casa: io volevo essere ubbidiente: io volevo seguitare a studiare e a farmi onore.... ma Lucignolo mi disse: — «Perchè vuoi tu annoiarti a studiare? perchè vuoi andare alla scuola?... Vieni piuttosto con me, nel Paese dei balocchi: lì non studieremo più; lì ci divertiremo dalla mattina alla sera e staremo sempre allegri.»

— E perchè seguisti il consiglio di quel falso amico, di quel cattivo compagno?

— Perchè?... perchè, Marmottina mia, io sono un burattino senza giudizio.... e senza cuore. Oh! se avessi avuto un zinzino di cuore, non avrei mai abbandonata quella buona Fata, che mi voleva bene come una mamma e che aveva fatto tanto per me!... e a quest'ora non sarei più un burattino.... ma sarei invece un ragazzino ammodo, come ce n'è tanti! Oh!... ma se incontro Lucignolo, guai a lui! Gliene voglio dire un sacco e una sporta. —

Prese un gran berretto di cotone, e, ficcatoselo in testa.

E fece l'atto di volere uscire. Ma quando fu sulla porta, si ricordò che aveva gli orecchi d'asino, e vergognandosi di mostrarli in pubblico, che cosa inventò? Prese un gran berretto di cotone, e, ficcatoselo in testa, se lo ingozzò fin sotto gli orecchi.

Poi uscì, e si dette a cercare Lucignolo da per tutto. Lo cercò nelle strade, nelle piazze, nei teatrini, in ogni luogo:

ma non lo trovò. Ne chiese notizia a quanti incontrò per la via, ma nessuno l'aveva veduto.

Allora andò a cercarlo a casa: e arrivato alla porta, bussò.

— Chi è? — domandò Lucignolo di dentro.

— Sono io! — rispose il burattino.

— Aspetta un poco, e ti aprirò. —

Dopo mezz'ora la porta si aprì: e figuratevi come restò Pinocchio, quando, entrando nella stanza, vide il suo amico Lucignolo con un gran berretto di cotone in testa, che gli scendeva fin sotto il naso.

Alla vista di quel berretto, Pinocchio sentì quasi consolarsi e pensò subito dentro di sé:

— Che l'amico sia malato della mia medesima malattia? Che abbia anche lui la febbre del ciuchino?... —

E facendo finta di non essersi accorto di nulla, gli domandò sorridendo:

— Come stai, mio caro Lucignolo?

— Benissimo: come un topo in una forma di cacio parmigiano.

— Lo dici proprio sul serio?

— E perchè dovrei dirti una bugia?

— Scusami, amico: e allora perchè tieni in capo cotesto berretto di cotone, che ti cuopre tutti gli orecchi?

— Me l'ha ordinato il medico, perchè mi son fatto male a un ginocchio. E tu, caro Pinocchio, perchè porti codesto berretto di cotone ingozzato fin sotto gli orecchi?

— Me l'ha ordinato il medico, perchè mi sono sbucciato un piede.

— Oh! povero Pinocchio!

— Oh! povero Lucignolo!... —

A queste parole tenne dietro un lunghissimo silenzio, durante il quale i due amici non fecero altro che guardarsi fra loro, in atto di canzonatura.

Finalmente il burattino, con una vocina melliflua e flautata, disse al suo compagno:

— Levami una curiosità, mio caro Lucignolo: hai mai sofferto di malattia agli orecchi?

— Mai!... e tu?

— Mai! Per altro da questa mattina in poi ho un orecchio che mi fa spasimare.

— Ho lo stesso male anch'io.

— Anche tu?... E qual è l'orecchio che ti duole?

— Tutt'e due. E tu?

— Tutt'e due. Che sia la medesima malattia?

— Ho paura di sì.

— Vuoi farmi un piacere, Lucignolo?

— Volentieri! Con tutto il cuore.

— Mi fai vedere i tuoi orecchi?

— Perchè no? Ma prima voglio vedere i tuoi, caro Pinocchio.

— No: il primo devi esser tu.

— No, carino! Prima tu e dopo io!

— Ebbene, — disse allora il burattino — facciamo un patto da buoni amici.

— Sentiamo il patto.

— Leviamoci tutt'e due il berretto nello stesso tempo: accetti?

— Accetto.

— Dunque attenti! —

E Pinocchio cominciò a contare a voce alta:

— Uno! Due! Tre! —

Alla parola *tre!* i due ragazzi presero i loro berretti di capo e li gettarono in aria.

E allora avvenne una scena, che parrebbe incredibile, se non fosse vera. Avvenne, cioè, che Pinocchio e Lucignolo, quando si videro colpiti tutt'e due dalla medesima disgrazia, invece di restar mortificati e dolenti, cominciarono ad ammiccarsi i loro orecchi smisuratamente cresciuti, e dopo mille sguaiataggini finirono col dare una bella risata.

Cominciarono ad ammiccarsi i loro orecchi smisuratamente cresciuti.

E risero, risero, risero da doversi reggere il corpo: se non che, sul più bello del ridere, Lucignolo tutt'a un tratto si chetò, e barcollando e cambiando di colore, disse all'amico:

— Aiuto, aiuto, Pinocchio!

— Che cos'hai?

— Ohimè! non mi riesce più di star ritto sulle gambe.

— Non mi riesce più neanche a me — gridò Pinocchio, piangendo e traballando.

Ragliando sonoramente, facevano tutt'e due in coro: *j-a, j-a, j-a*.

E mentre dicevano così, si piegarono tutt'e due carponi a terra e, camminando colle mani e coi piedi, cominciarono a girare e a correre per la stanza. E intanto che correvano, i loro bracci diventarono zampe, i loro visi si allungarono e diventarono musci, e le loro schiene si coprirono di un pelame grigiolino chiaro, brizzolato di nero.

Ma il momento più brutto per que' due sciagurati sapete quando fu? Il momento più brutto e più umiliante fu quello quando sentirono spuntarsi di dietro la coda. Vinti allora dalla vergogna e dal dolore, si provarono a piangere e a lamentarsi del loro destino.

Non l'avessero mai fatto! Invece di gemiti e di lamenti, mandavano fuori dei ragli asinini: e ragliando sonoramente, facevano tutt'e due in coro: *j-a, j-a, j-a*.

In quel frattempo fu bussato alla porta, e una voce di fuori disse:

— Aprite! Sono l'omino, sono il conduttore del carro che vi portò in questo paese. Aprite subito, guai a voi! —

**XXXIII. DIVENTATO UN CIUCHINO
VERO È PORTATO A VENDERE, E LO
COMPRA IL DIRETTORE DI UNA
COMPAGNIA DI PAGLIACCI, PER
INSEGNARGLI A BALLARE E SALTARE I
CERCHI: MA UNA SERA AZZOPPISCE E
ALLORA LO RICOMPRA UN ALTRO,
PER FAR CON LA SUA PELLE UN
TAMBURO.**

Vedendo che la porta non si apriva, l'omino la spalancò con un violentissimo calcio: ed entrato nella stanza, disse col suo solito risolino a Pinocchio e a Lucignolo:

— Bravi ragazzi! Avete ragliato bene; io vi ho subito riconosciuti alla voce, e per questo eccomi qui. —

A tali parole i due ciuchini rimasero mogi mogi, colla testa giù, con gli orecchi bassi e con la coda fra le gambe.

Da principio l'omino li lisciò, li accarezzò, li palpeggiò: poi, tirata fuori la striglia, cominciò a strigliarli per bene.

E quando a furia di strigliarli, li ebbe fatti lustrati come due specchi, allora messe loro la cavezza e li condusse

sulla piazza del mercato, con la speranza di venderli e di beccarsi un discreto guadagno.

E i compratori, difatti, non si fecero aspettare. Lucignolo fu comprato da un contadino, a cui era morto il somaro il giorno avanti, e Pinocchio fu venduto al Direttore di una compagnia di pagliacci e di saltatori di corda, il quale lo comprò per ammaestrarlo e per farlo poi saltare e ballare insieme con le altre bestie della compagnia.

Li condusse sulla piazza del mercato, con la speranza di venderli.

E ora avete capito, miei piccoli lettori, qual era il bel mestiere che faceva l'omino? Questo brutto mostriciattolo, che aveva la fisionomia tutta di latte e miele, andava di tanto in tanto con un carro a girare per il mondo; strada facendo raccoglieva con promesse e con moine tutti i ragazzi svogliati, che avevano a noia i libri e le scuole; e dopo averli caricati sul suo carro, gli conduceva nel «Paese dei balocchi» perchè passassero tutto il loro tempo in giuochi, in chiassate e in divertimenti. Quando poi quei poveri ragazzi illusi, a furia di baloccarsi sempre e di non studiar mai, diventavano tanti ciuchini, allora tutto allegro e contento s'impadroniva di loro e li portava a vendere sulle fiere e su i mercati. E così in pochi anni aveva fatto fior di quattrini ed era diventato milionario.

Quel che accadesse di Lucignolo, non lo so: so per altro, che Pinocchio andò incontro fin dai primi giorni a una vita durissima e strapazzata.

Quando fu condotto nella stalla, il nuovo padrone gli empì la greppia di paglia: ma Pinocchio dopo averne assaggiata una boccata, la risputò.

Allora il padrone, brontolando, gli empì la greppia di fieno: ma neppure il fieno gli piacque.

— Ah! non ti piace neppure il fieno? — gridò il padrone imbizzito. — Lascia fare, ciuchino bello, che se hai dei capricci per il capo, penserò io a levarteli!... —

E a titolo di correzione, gli affibbiò subito una frustata nelle gambe.

Pinocchio, dal gran dolore, cominciò a piangere e a ragliare, e ragliando disse:

— J-a, j-a, la paglia non la posso digerire!...

— Allora mangia il fieno! — replicò il padrone, che intendeva benissimo il dialetto asinino.

— J-a, j-a, il fieno mi fa dolere il corpo!...

— Pretenderesti, dunque, che un somaro pari tuo, lo dovessi mantenere a petti di pollo e cappone in galantina?
— soggiunse il padrone arrabbiandosi sempre più, e affibbiandogli una seconda frustata.

A quella seconda frustata, Pinocchio per prudenza si chetò subito, e non disse altro.

Intanto la stalla fu chiusa, e Pinocchio rimase solo: e perchè erano molte ore che non aveva mangiato, cominciò

a sbadigliare dal grande appetito. E, sbadigliando, spalancava una bocca che pareva un forno.

Alla fine, non trovando altro nella greppia, si rassegnò a masticare un po' di fieno; e dopo averlo masticato ben bene, chiuse gli occhi e lo tirò giù.

— Questo fieno non è cattivo; — poi disse dentro di sé — ma quanto sarebbe stato meglio che avessi continuato a studiare!... A quest'ora, invece di fieno potrei mangiare un cantuccio di pan fresco e una bella fetta di salame.

Pazienza!... —

La mattina dopo, svegliandosi, cercò subito nella greppia un altro po' di fieno: ma non lo trovò, perchè l'aveva mangiato tutto nella notte.

Allora prese una boccata di paglia tritata: e in quel mentre che la stava masticando, si dovè persuadere che il sapore della paglia tritata non somigliava punto nè al risotto alla milanese nè ai maccheroni alla napoletana.

— Pazienza! — ripetè, continuando a masticare. — Che almeno la mia disgrazia possa servire di lezione a tutti i ragazzi disobbedienti e che non hanno voglia di studiare. Pazienza!... pazienza!

— Pazienza un corno! — urlò il padrone, entrando in quel momento nella stalla. — Credi forse, mio bel ciuchino, ch'io ti abbia comprato unicamente per darti da bere e da mangiare? Io ti ho comprato perchè tu lavori e perchè tu mi faccia guadagnare molti quattrini. Su, dunque, da bravo! Vieni con me nel Circo, e là ti insegnerò

a saltare i cerchi, a rompere col capo le botti di foglio e a ballare il valzer e la polca, stando ritto sulle gambe di dietro. —

Il povero Pinocchio, o per amore o per forza, dovè imparare tutte queste bellissime cose; ma, per impararle, gli ci vollero tre mesi di lezioni, e molte frustate da levare il pelo.

Venne finalmente il giorno, in cui il suo padrone potè annunziare uno spettacolo veramente straordinario. I cartelloni di vario colore, attaccati alle cantonate delle strade, dicevano così:

Quella sera, come potete figurarvelo, un'ora prima che cominciasse lo spettacolo, il teatro era pieno stipato.

Non si trovava più nè una poltrona, nè un posto distinto, nè un palco, nemmeno a pagarlo a peso d'oro.

Le gradinate del Circo formicolavano di bambini, di bambine e di ragazzi di tutte le età, che avevano la febbre addosso per la smania di veder ballare il famoso ciuchino Pinocchio.

Finita la prima parte dello spettacolo, il Direttore della compagnia, vestito in giubba nera, calzoni bianchi a coscia e stivaloni di pelle fin sopra ai ginocchi si presentò all'affollatissimo pubblico, e, fatto un grande inchino, recitò con molta solennità il seguente spropositato discorso:

«Rispettabile pubblico, cavalieri e dame!

«L'umile sottoscritto essendo di passaggio per questa illustre metropolitana, ho voluto procrearmi l'onore nonchè il piacere di presentare a questo intelligente e cospicuo uditorio un celebre ciuchino, che ebbe già l'onore di ballare al cospetto di sua maestà l'imperatore di tutte le principali corti di Europa.

«E col ringraziandoli, aiutateci della vostra animatrice presenza e compatiteci!»

Questo discorso fu accolto da molte risate e da molti applausi: ma gli applausi raddoppiarono e diventarono una specie di uragano alla comparsa del ciuchino Pinocchio in mezzo al Circo. Egli era tutto agghindato a festa. Aveva una briglia nuova di pelle lustra, con fibbie e borchie d'ottone; due camelie bianche agli orecchi: la criniera divisa in tanti riccioli legati con fiocchetti di seta rossa: una gran fascia d'oro e d'argento attraverso alla vita, e la coda tutta intrecciata con nastri di velluto paonazzo e celeste. Era, insomma, un ciuchino da innamorare!

Il direttore, nel presentarlo al pubblico, aggiunse queste parole:

«Miei rispettabili auditori! Non starò qui a farvi menzogna delle grandi difficoltà da me soppressate per comprendere e soggiogare questo mammifero, mentre pascolava liberamente di montagna in montagna nelle pianure della zona torrida. Osservate, vi prego, quanta selvaggina trasudi da' suoi occhi, conciossiachè essendo riusciti vanitosi tutti i mezzi per addomesticarlo al vivere

dei quadrupedi civili, ho dovuto più volte ricorrere all'affabile dialetto della frusta. Ma ogni mia gentilezza invece di farmi da lui ben volere, me ne ha maggiormente cattivato l'animo. Io però, seguendo il sistema di Galles, trovai nel suo cranio una piccola cartagine ossea che la stessa Facoltà Medicea di Parigi riconobbe esser quello il bulbo rigeneratore dei capelli e della danza pirrica. E per questo io lo volli ammaestrare nel ballo nonchè nei relativi salti dei cerchi e delle botti foderate di foglio. Ammiratelo, e poi giudicatelolo! Prima però di prendere cognato da voi, permettete, o signori, che io v'inviti al diurno spettacolo di domani sera: ma nell'apoteosi che il tempo piovoso minacciasse acqua, allora lo spettacolo, invece di domani sera, sarà posticipato a domattina, alle ore 11 antimeridiane del pomeriggio.»

E qui il Direttore fece un'altra profondissima riverenza: quindi volgendosi a Pinocchio gli disse:

— Animo, Pinocchio! Avanti di dar principio ai vostri esercizi, salutate questo rispettabile pubblico, cavalieri, dame e ragazzi! —

Pinocchio ubbidiente piegò subito i due ginocchi davanti, e rimase inginocchiato fino a tanto che il Direttore, schioccando la frusta, non gli gridò:

— Al passo! —

Allora il ciuchino si rizzò sulle quattro gambe, e cominciò a girare intorno al Circo, camminando sempre di passo.

Dopo un poco il Direttore gridò:

— Al trotto! — E Pinocchio, ubbidiente al comando, cambiò il passo in trotto.

— Al galoppo! — e Pinocchio staccò il galoppo.

— Alla carriera! — e Pinocchio si dette a correre, di gran carriera. Ma in quella che correva come un barbero, il Direttore, alzando il braccio in aria, iscaricò un colpo di pistola.

Pinocchio ubbidiente piegò subito i due ginocchi davanti.

A quel colpo il ciuchino, fingendosi ferito, cadde disteso nel Circo, come se fosse moribondo davvero.

Rizzatosi da terra in mezzo a uno scoppio di applausi, d'urli e di battimani, che andavano alle stelle, gli venne fatto naturalmente di alzare la testa e di guardare in su.... e guardando vide in un palco una bella signora, che aveva al collo una grossa collana d'oro, dalla quale pendeva un medaglione. Nel medaglione c'era dipinto il ritratto d'un burattino.

— Quel ritratto è il mio!... quella signora è la Fata! — disse dentro di sè Pinocchio, riconoscendola subito: e lasciandosi vincere dalla gran contentezza, si provò a gridare:

— Oh Fatina mia! oh Fatina mia! —

Ma invece di queste parole, gli uscì dalla gola un raglio così sonoro e prolungato, che fece ridere tutti gli

spettatori, e segnatamente tutti i ragazzi che erano in teatro.

Allora il Direttore, per insegnargli e per fargli intendere che non è buona creanza di mettersi a tagliare in faccia al pubblico, gli diè col manico della frusta una bacchettata sul naso.

Il povero ciuchino tirato fuori un palmo di lingua, durò a leccarsi il naso almeno cinque minuti, credendo forse così di rasciugarsi il dolore che aveva sentito.

Ma quale fu la sua disperazione quando, voltandosi in su una seconda volta, vide che il palco era vuoto e che la Fata era sparita!...

Si sentì come morire: gli occhi gli si empirono di lacrime e cominciò a piangere dirottamente. Nessuno però se ne accorse, e, meno degli altri, il Direttore, il quale, anzi, schioccando la frusta, gridò:

— Da bravo, Pinocchio! Ora farete vedere a questi signori con quanta grazia sapete saltare i cerchi. —

Pinocchio si provò due o tre volte: ma ogni volta che arrivava davanti al cerchio, invece di attraversarlo, ci passava più comodamente di sotto. Alla fine spiccò un salto e l'attraversò: ma le gambe di dietro gli rimasero disgraziatamente impigliate nel cerchio: motivo per cui ricadde in terra dall'altra parte tutto in un fascio.

Quando si rizzò, era azzoppito, e a mala pena potè ritornare alla scuderia.

— Fuori Pinocchio! Vogliamo il ciuchino! Fuori il ciuchino! — gridavano i ragazzi dalla platea, impietositi e commossi al tristissimo caso.

Ma il ciuchino per quella sera non si fece più vedere.

La mattina dopo il veterinario, ossia il medico delle bestie, quando l'ebbe visitato, dichiarò che sarebbe rimasto zoppo per tutta la vita.

Allora il Direttore disse al suo garzone di stalla:

— Che vuoi tu che mi faccia d'un somaro zoppo? Sarebbe un mangiapane a ufo. Portalo dunque in piazza e rivendolo. —

Il ciuchino, con quel macigno al collo, andò subito a fondo.

Arrivati in piazza, trovarono subito il compratore, il quale domandò al garzone di stalla:

— Quanto vuoi di cotesto ciuchino zoppo?

— Venti lire.

— Io ti do venti soldi. Non credere che io lo compri per servirmene: lo compro unicamente per la sua pelle. Vedo che ha la pelle molto dura, e con la sua pelle voglio fare un tamburo per la banda musicale del mio paese. —

Lascio pensare a voi, ragazzi, il bel piacere che fu per il povero Pinocchio, quando sentì che era destinato a diventare un tamburo!

Fatto sta che il compratore, appena pagati i venti soldi, condusse il ciuchino sopra uno scoglio ch'era sulla riva del mare; e messogli un sasso al collo e legatolo per

una zampa con una fune che teneva in mano, gli diè improvvisamente uno spintone e lo gettò nell'acqua.

Pinocchio con quel macigno al collo, andò subito a fondo; e il compratore, tenendo sempre stretta in mano la fune, si pose a sedere sullo scoglio, aspettando che il ciuchino avesse tutto il tempo di morire affogato, per poi scorticarlo e levargli la pelle.

XXXIV. PINOCCHIO GETTATO IN MARE, È MANGIATO DAI PESCI, E RITORNA AD ESSERE UN BURATTINO COME PRIMA: MA MENTRE NUOTA PER SALVARSI, È INGOIATO DAL TERRIBILE PESCE-CANE.

Dopo cinquanta minuti che il ciuchino era sott'acqua, il compratore disse, discorrendo da sè solo:

— A quest'ora il mio povero ciuchino zoppo deve essere bell'e affogato. Ritiriamolo dunque su, e facciamo con la sua pelle questo bel tamburo. —

E cominciò a tirare la fune, con la quale lo aveva legato per una gamba: e tira, tira, tira, alla fine vide apparire a fior d'acqua.... Indovinate? Invece di un ciuchino morto, vide apparire a fior d'acqua un burattino vivo che scodinzolava come un'anguilla.

Vedendo quel burattino di legno, il pover'uomo credè di sognare e rimase lì intontito, a bocca aperta e con gli occhi fuori della testa.

Riavutosi un poco del suo primo stupore, disse piangendo e balbettando:

— E il ciuchino che ho gettato in mare dov'è?...

Invece di un ciuchino morto, vide apparire a fior d'acqua un burattino vivo.

— Quel ciuchino son io! — rispose il burattino, ridendo.

— Tu?

— Io.

— Ah! mariuolo! Pretenderesti forse di burlarti di me?

— Burlarmi di voi? Tutt'altro, caro padrone: io vi parlo sul serio.

— Ma come mai tu, che poco fa eri un ciuchino, ora stando nell'acqua, sei diventato un burattino di legno?...

— Sarà effetto dell'acqua del mare. Il mare ne fa di questi scherzi.

— Bada, burattino, bada!... Non credere di divertirti alle mie spalle. Guai a te, se mi scappa la pazienza!

— Ebbene, padrone: volete sapere tutta la vera storia? Scioglietemi questa gamba e io ve la racconterò. —

Quel buon pasticcione del compratore, curioso di conoscere la vera storia, gli sciolse subito il nodo della fune, che lo teneva legato: e allora Pinocchio, trovandosi libero come un uccello nell'aria, prese a dirgli così:

— Sappiate dunque che io ero un burattino di legno come sono oggi: ma mi trovavo a tocco e non tocco di diventare un ragazzo, come in questo mondo ce n'è tanti: se non che, per la mia poca voglia di studiare e per dar retta ai cattivi compagni, scappai di casa.... e un bel giorno, svegliandomi, mi trovai cambiato in un somaro con

tanto d'orecchi.... e con tanto di coda!... Che vergogna fu quella per me!... Una vergogna, caro padrone, che Sant'Antonio benedetto non la faccia provare neppure a voi! Portato a vendere sul mercato degli asini, fui comprato dal Direttore di una compagnia equestre, il quale si messe in capo di far di me un gran ballerino o un gran saltatore di cerchi; ma una sera durante lo spettacolo, feci in teatro una brutta cascata, e rimasi zoppo da tutt'e due le gambe. Allora il Direttore non sapendo che cosa farsi d'un asino zoppo, mi mandò a rivendere, e voi mi avete comprato!

— Pur troppo! E ti ho pagato venti soldi. E ora, chi mi rende i miei poveri venti soldi?

— E perchè mi avete comprato? Voi mi avete comprato per fare con la mia pelle un tamburo!... un tamburo!...

— Pur troppo! E ora dove troverò un'altra pelle!...

— Non vi date alla disperazione, padrone. Dei ciuchini ce n'è tanti, in questo mondo!

— Dimmi, monello impertinente: e la tua storia finisce qui?

— No, — rispose il burattino — ci sono altre due parole, e poi è finita. Dopo avermi comprato, mi avete condotto in questo luogo per uccidermi, ma poi, cedendo a un sentimento pietoso d'umanità, avete preferito di legarmi un sasso al collo e di gettarmi in fondo al mare. Questo sentimento di delicatezza vi onora moltissimo, e io ve ne serberò eterna riconoscenza. Per altro, caro padrone, questa volta avete fatto i vostri conti senza la Fata....

— E chi è questa Fata?

— È la mia mamma, la quale somiglia a tutte quelle buone mamme, che vogliono un gran bene ai loro ragazzi e non li perdono mai d'occhio, e li assistono amorosamente in ogni disgrazia, anche quando questi ragazzi, per le loro scapataggini e per i loro cattivi portamenti, meriterebbero di essere abbandonati e lasciati in balia a sè stessi. Dicevo, dunque, che la buona Fata, appena mi vide in pericolo di affogare, mandò subito intorno a me un branco infinito di pesci, i quali credendomi davvero un ciuchino bell'e morto, cominciarono a mangiarmi! E che bocconi che facevano! Non avrei mai creduto che i pesci fossero più ghiotti anche dei ragazzi! Chi mi mangiò gli orecchi, chi mi mangiò il muso, chi il collo e la criniera, chi la pelle delle zampe, chi la pelliccia della schiena.... e fra gli altri, vi fu un pesciolino così garbato, che si degnò perfino di mangiarmi la coda.

— Da oggi in poi — disse il compratore inorridito — faccio giuro di non assaggiar più carne di pesce. Mi dispiacerebbe troppo a aprire una triglia o un nasello fritto e di trovargli in corpo una coda di ciuco!

— Io la penso come voi — replicò il burattino, ridendo.
— Del resto, dovete sapere che quando i pesci ebbero finito di mangiarmi tutta quella buccia asinina, che mi copriva dalla testa ai piedi, arrivarono, com'è naturale, all'osso.... o per dir meglio, arrivarono al legno, perchè, come vedete, io son fatto di legno durissimo. Ma dopo dato i primi morsi,

quei pesci ghiottoni si accòrsero subito che il legno non era ciccia per i loro denti, e nauseati da questo cibo indigesto se ne andarono chi in qua chi in là, senza voltarsi nemmeno a dirmi grazie.... Ed eccovi raccontato come qualmente voi, tirando su la fune, avete trovato un burattino vivo, invece d'un ciuchino morto.

— Io mi rido della tua storia — gridò il compratore imbestialito. — Io so che ho speso venti soldi per comprarti, e rivoglio i miei quattrini. Sai che cosa farò? Ti porterò daccapo al mercato, e ti rivenderò a peso di legno stagionato per accendere il fuoco nel camminetto.

— Rivendetemi pure: io sono contento — disse Pinocchio. Ma nel dir così, fece un salto e schizzò in mezzo all'acqua. E nuotando allegramente e allontanandosi dalla spiaggia, gridava al povero compratore:

— Addio, padrone; se avete bisogno di una pelle per fare un tamburo, ricordatevi di me. —

E poi rideva e seguitava a nuotare: e dopo un poco, rivoltandosi indietro, urlava più forte:

— Addio, padrone;... se avete bisogno di un po' di legno stagionato per accendere il camminetto, ricordatevi di me. —

Fatto sta che in un batter d'occhio si era tanto allontanato, che non si vedeva quasi più; ossia si vedeva solamente sulla superficie del mare un puntolino nero, che di tanto in tanto rizzava le gambe fuori dell'acqua e faceva capriole e salti, come un delfino in vena di buon umore.

Intanto che Pinocchio nuotava alla ventura, vide in mezzo al mare uno scoglio che pareva di marmo bianco, e su in cima allo scoglio, una bella caprettina, che belava amorosamente e gli faceva segno di avvicinarsi.

La cosa più singolare era questa: che la lana della caprettina, invece di esser bianca, o nera, o pallata di più colori, come quella delle altre capre, era invece turchina, ma d'un turchino così sfolgorante, che rammentava moltissimo i capelli della bella Bambina.

Lascio pensare a voi se il cuore del povero Pinocchio cominciò a battere più forte! Raddoppiando di forze e di energia si diè a nuotare verso lo scoglio bianco; ed era già a mezza strada, quand'ecco uscir fuori dell'acqua e venirgli incontro un'orribile testa di mostro marino, con la bocca spalancata come una voragine, e tre filari di zanne, che avrebbero fatto paura anche a vederle dipinte.

E sapete chi era quel mostro marino?

Quel mostro marino era nè più nè meno quel gigantesco Pesce-cane ricordato più volte in questa storia, e che per le sue stragi e per la sua insaziabile voracità, veniva soprannominato «l'Attila dei pesci e dei pescatori.»

Immaginatevi lo spavento del povero Pinocchio, alla vista del mostro. Cercò di scansarlo, di cambiare strada: cercò di fuggire: ma quella immensa bocca spalancata gli veniva sempre incontro con la velocità di una saetta.

— Affrettati, Pinocchio, per carità! — gridava belando la bella caprettina.

E Pinocchio nuotava disperatamente con le braccia, col petto, con le gambe e coi piedi.

— Corri, Pinocchio, perchè il mostro si avvicina!... —

E Pinocchio, raccogliendo tutte le sue forze, raddoppiava di lena nella corsa.

— Bada, Pinocchio!... il mostro ti raggiunge! Eccolo!... Eccolo!... Affrettati, per carità, o sei perduto!... —

E Pinocchio nuotava disperatamente con le braccia, col petto, con le gambe e coi piedi.

E Pinocchio a nuotare più lesto che mai, e via, via, e via, come anderebbe una palla di fucile. E già si accostava allo scoglio, e già la caprettina spenzolandosi tutta sul mare, gli porgeva le sue zampine davanti per aiutarlo a uscir fuori dell'acqua.... Ma!...

Ma oramai era tardi! Il mostro lo aveva raggiunto. Il mostro, tirando il fiato a sè, si bevve il povero burattino, come avrebbe bevuto un uovo di gallina, e lo inghiottì con tanta violenza e con tanta avidità, che Pinocchio, cascando giù in corpo al Pesce-cane, battè un colpo così screanzato da restarne sbalordito per un quarto d'ora.

Quando ritornò in sè da quello sbigottimento, non sapeva raccapezzarsi, nemmeno lui, in che mondo si fosse. Intorno a sè c'era da ogni parte un gran buio: ma un buio così nero e profondo, che gli pareva di essere entrato col capo in un calamaio pieno d'inchiostro. Stette in ascolto e non sentì nessun rumore; solamente di tanto in tanto sentiva battersi nel viso alcune grandi buffate di vento. Da

principio non sapeva intendere da dove quel vento uscisse: ma poi capì che usciva dai polmoni del mostro. Perché bisogna sapere che il Pesce-cane soffriva moltissimo d'asma, e quando respirava pareva proprio che soffiasse la tramontana.

Pinocchio, sulle prime, s'ingegnò di farsi un po' di coraggio: ma quand'ebbe la prova e la riprova di trovarsi chiuso in corpo al mostro marino allora cominciò a piangere e a strillare; e piangendo diceva:

— Aiuto! aiuto! Oh povero me! Non c'è nessuno che venga a salvarmi!

— Chi vuoi che ti salvi, disgraziato? — disse in quel buio una vociaccia fessa di chitarra scordata.

— Chi è che parla così? — domandò Pinocchio, sentendosi gelare dallo spavento.

— Sono io! sono un povero Tonno, inghiottito dal Pesce-cane insieme con te. E tu che pesce sei?

— Io non ho che veder nulla coi pesci. Io sono un burattino.

— E allora se non sei un pesce, perchè ti sei fatto inghiottire dal mostro?

— Non son io, che mi son fatto inghiottire: gli è lui che mi ha inghiottito! Ed ora, che cosa dobbiamo fare qui al buio?...

— Rassegnarsi e aspettare che il Pesce-cane ci abbia digeriti tutt'e due!...

— Ma io non voglio esser digerito! — urlò Pinocchio, ricominciando a piangere.

— Neppure io vorrei esser digerito — soggiunse il Tonno — ma io sono abbastanza filosofo e mi consolo pensando che, quando si nasce Tonni, c'è più dignità a morir sott'acqua che sott'olio!...

— Scioccherie! — gridò Pinocchio.

— La mia è un'opinione — replicò il Tonno — e le opinioni, come dicono i Tonni politici, vanno rispettate!

— Insomma.... io voglio andarmene di qui.... io voglio fuggire....

— Fuggi, se ti riesce!...

— È molto grosso questo Pesce-cane che ci ha inghiottiti? — domandò il burattino.

— Figurati che il suo corpo è più lungo di un chilometro, senza contare la coda. —

Nel tempo che faceva questa conversazione al buio, parve a Pinocchio di vedere, lontano lontano, una specie di chiarore.

— Che cosa sarà mai quel lumicino lontano lontano? — disse Pinocchio.

— Sarà qualche nostro compagno di sventura, che aspetterà, come noi, il momento di esser digerito!...

— Voglio andare a trovarlo. Non potrebbe darsi il caso che fosse qualche vecchio pesce capace d'insegnarmi la strada per fuggire?

— Io te l'auguro di cuore, caro burattino.

- Addio, Tonno.
- Addio, burattino; e buona fortuna.
- Dove ci rivedremo?...
- Chi lo sa?... È meglio non pensarci neppure! —

XXXV. PINOCCHIO RITROVA IN CORPO AL PESCE-CANE.... CHI RITROVA? LEGGETE QUESTO CAPITOLO E LO SAPRETE.

Pinocchio, appena che ebbe detto addio al suo buon amico Tonno, si mosse brancolando in mezzo a quel buio, e camminando a tastoni dentro il corpo del Pesce-cane, si avviò, un passo dietro l'altro, verso quel piccolo chiarore che vedeva baluginare lontano lontano.

E nel camminare sentì che i suoi piedi sguazzavano in una pozzanghera d'acqua grassa e sdruciolona, e quell'acqua sapeva di un odore così acuto di pesce fritto, che gli pareva d'essere a mezza quaresima.

E più andava avanti, e più il chiarore si faceva rilucente e distinto: finchè, cammina cammina, alla fine arrivò: e quando fu arrivato.... che cosa trovò? Ve lo do a indovinare in mille: trovò una piccola tavola apparecchiata, con sopra una candela accesa infilata in una bottiglia di cristallo verde, e seduto a tavola un vecchietto tutto bianco, come se fosse di neve o di panna montata; il quale se ne stava lì biascicando alcuni pesciolini vivi, ma tanto vivi, che alle volte, mentre li mangiava, gli scappavano perfino di bocca.

E più andava avanti, e più il chiarore si faceva rilucente.

A quella vista il povero Pinocchio ebbe un'allegrezza così grande e così inaspettata, che ci mancò un'ette che non cadesse in delirio. Voleva ridere, voleva piangere, voleva dire un monte di cose; e invece mugolava confusamente e balbettava delle parole tronche e sconclusionate. Finalmente gli riuscì di cacciar fuori un grido di gioia, e spalancando le braccia e gettandosi al collo del vecchietto, cominciò a urlare:

— Oh! babbino mio! finalmente vi ho ritrovato! Ora poi non vi lascio più, mai più, mai più!

Gettandosi al collo del vecchietto, cominciò a urlare.

— Dunque gli occhi mi dicono il vero? — replicò il vecchietto, stropicciandosi gli occhi. — Dunque tu se' proprio il mi' caro Pinocchio?

— Sì, sì! sono io, proprio io! E voi mi avete digià perdonato, non è vero? Oh babbino mio, come siete buono!... e pensare che io, invece.... Oh! ma se sapeste quante disgrazie mi son piovute sul capo e quante cose mi sono andate a traverso! Figuratevi che il giorno che voi, povero babbino, col vendere la vostra casacca, mi compraste l'Abbecedario per andare a scuola, io scappai a vedere i burattini, e il burattinaio mi voleva mettere sul fuoco perchè gli cocessi il montone arrosto, che fu quello poi che mi dette cinque monete d'oro, perchè le portassi a voi, ma io trovai la Volpe e il Gatto, che mi condussero

all'Osteria del Gambero Rosso, dove mangiarono come lupi, e partito solo di notte incontrai gli assassini che si messero a corrermi dietro, e io via, e loro dietro, e io via, e loro sempre dietro, e io via, finchè m'impiccarono a un ramo della Quercia Grande, dovecchè la bella Bambina dai capelli turchini mi mandò a prendere con una carrozzina, e i medici, quando m'ebbero visitato, dissero subito: «Se non è morto, è segno che è sempre vivo» e allora mi scappò detta una bugia, e il naso cominciò a crescermi e non mi passava più dalla porta di camera, motivo per cui andai con la Volpe e col Gatto a sotterrare le quattro monete d'oro, che una l'avevo spesa all'Osteria, e il pappagallo si messe a ridere, e viceversa di duemila monete non trovai più nulla, la quale il Giudice quando seppe che ero stato derubato, mi fece subito mettere in prigione, per dare una soddisfazione ai ladri, di dove, col venir via, vidi un bel grappolo d'uva in un campo, che rimasi preso alla tagliola e il contadino di santa ragione mi messe il collare da cane perchè facessi la guardia al pollaio, che riconobbe la mia innocenza e mi lasciò andare, e il serpente, colla coda che gli fumava, cominciò a ridere e gli si strappò una vena sul petto, e così ritornai alla casa della bella Bambina, che era morta, e il Colombo vedendo che piangevo mi disse: «Ho visto il tu' babbo che si fabbricava una barchettina per venirti a cercare», e io gli dissi: «Oh! se avessi le ali anch'io» e lui mi disse: «Vuoi venire dal tuo babbo?» e io gli dissi: «Magari! ma chi mi ci porta?» e lui mi disse: «Ti ci porto io» e io gli

dissi: «Come?» e lui mi disse: «Montami sulla groppa» e così abbiamo volato tutta la notte, poi la mattina tutti i pescatori che guardavano verso il mare mi dissero: «C'è un pover'omo in una barchetta che sta per affogare» e io da lontano vi riconobbi subito, perchè me lo diceva il core, e vi feci segno di tornare alla spiaggia....

— Ti riconobbi anch'io, — disse Geppetto — e sarei volentieri tornato alla spiaggia: ma come fare? il mare era grosso e un cavallone m'arrovsciò la barchetta. Allora un orribile Pesce-cane che era lì vicino, appena che m'ebbe visto nell'acqua, corse subito verso di me, e tirata fuori la lingua, mi prese pari pari, e m'inghiottì come un tortellino di Bologna.

— E quant'è che siete rinchiuso qui dentro? — domandò Pinocchio.

— Da quel giorno in poi, saranno ormai due anni: due anni, Pinocchio mio.... che mi son parsi due secoli!

— E come avete fatto a campare? E dove avete trovata la candela? E i fiammiferi per accenderla, chi ve li ha dati?

— Ora ti racconterò tutto. Devi dunque sapere che quella medesima burrasca, che rovesciò la mia barchetta, fece anche affondare un bastimento mercantile. I marinai si salvarono tutti, ma il bastimento colò a fondo, e il solito Pesce-cane, che quel giorno aveva un appetito eccellente, dopo aver inghiottito me, inghiottì anche il bastimento....

— Come! Lo inghiottì tutto in un boccone?... — domandò Pinocchio maravigliato.

— Tutto in un boccone: e risputò solamente l'albero maestro, perchè gli era rimasto fra i denti come una lisca. Per mia gran fortuna, quel bastimento era carico non solo di carne conservata in cassette di stagno, ma di biscotto, ossia di pane abbristolito, di bottiglie di vino, d'uva secca, di cacio, di caffè, di zucchero, di candele steariche e di scatole di fiammiferi di cera. Con tutta questa grazia di Dio ho potuto campare due anni: ma oggi sono agli ultimi sgoccioli: oggi nella dispensa non c'è più nulla, e questa candela, che vedi accesa, è l'ultima candela che mi sia rimasta....

— E dopo?

— E dopo, caro mio, rimarremo tutt'e due al buio.

— Allora, babbino mio, — disse Pinocchio — non c'è tempo da perdere. Bisogna pensar subito a fuggire.

— A fuggire?... e come?

— Scappando dalla bocca del Pesce-cane e gettandosi a nuoto in mare.

— Tu parli bene: ma io, caro Pinocchio, non so nuotare!

— E che importa?... Voi mi monterete a cavalluccio sulle spalle, e io, che sono un buon nuotatore, vi porterò sano e salvo fino alla spiaggia.

— Illusioni, ragazzo mio! — replicò Geppetto, scotendo il capo e sorridendo malinconicamente. — Ti pare egli possibile che un burattino, alto appena un metro

come sei tu, possa aver tanta forza da portarmi a nuoto sulle spalle?

— Provatevi e vedrete! A ogni modo, se sarà scritto in cielo che dobbiamo morire, avremo almeno la gran consolazione di morire abbracciati insieme. —

E senza dir altro, Pinocchio prese in mano la candela, e andando avanti per far lume, disse al suo babbo:

— Venite dietro a me, e non abbiate paura. —

E così camminarono un bel pezzo, e traversarono tutto il corpo e tutto lo stomaco del Pesce-cane. Ma giunti al punto dove cominciava la spaziosa gola del mostro, pensarono bene di fermarsi per dare un'occhiata e cogliere il momento opportuno alla fuga.

Ora bisogna sapere che il Pesce-cane, essendo molto vecchio e soffrendo d'asma e di palpitazione di cuore, era costretto a dormire a bocca aperta: per cui Pinocchio affacciandosi al principio della gola, e guardando in su, potè vedere al di fuori di quell'enorme bocca spalancata un bel pezzo di cielo stellato e un bellissimo lume di luna.

— Questo è il vero momento di scappare — bisbigliò allora, voltandosi al suo babbo. — Il Pesce-cane dorme come un ghiro: il mare è tranquillo e ci si vede come di giorno. Venite dunque, babbino, dietro a me, e fra poco saremo salvi. —

Detto fatto salirono su per la gola del mostro marino, e arrivati in quell'immensa bocca cominciarono a camminare in punta di piedi sulla lingua; una lingua così

larga e così lunga, che pareva il viottolone d'un giardino. E già stavano lì lì per fare il gran salto e per gettarsi a nuoto nel mare, quando, sul più bello, il Pesce-cane starnutì, e nello starnutire, dette uno scossone così violento, che Pinocchio e Geppetto si trovarono rimbalzati all'indietro e scaraventati nuovamente in fondo allo stomaco del mostro.

Nel grand'urto della caduta la candela si spense, e padre e figliuolo rimasero al buio.

— E ora?... — domandò Pinocchio facendosi serio.

— Ora, ragazzo mio, siamo bell'e perduti.

— Perchè perduti? Datemi la mano, babbino, e badate di non sdrucchiolare!...

— Dove mi conduci?

— Dobbiamo ritentare la fuga. Venite con me e non abbiate paura. —

Ciò detto, Pinocchio prese il suo babbo per la mano: e camminando sempre in punta di piedi, risalirono insieme su per la gola del mostro: poi traversarono tutta la lingua e scavalcarono i tre filari di denti. Prima però di fare il gran salto, il burattino disse al suo babbo:

— Montatemi a cavalluccio sulle spalle e abbracciatemi forte forte. Al resto ci penso io. —

Si gettò nell'acqua e cominciò a nuotare.

Appena Geppetto si fu accomodato per bene sulle spalle del figliuolo, il bravo Pinocchio, sicuro del fatto suo, si gettò nell'acqua e cominciò a nuotare. Il mare era

tranquillo come un olio: la luna splendeva in tutto il suo chiarore, e il Pesce-cane seguiva a dormire di un sonno così profondo, che non l'avrebbe svegliato nemmeno una cannonata.

XXXVI. FINALMENTE PINOCCHIO CESSA D'ESSERE UN BURATTINO E DIVENTA UN RAGAZZO.

Mentre Pinocchio nuotava alla svelta per raggiungere la spiaggia, si accorse che il suo babbo, il quale gli stava a cavalluccio sulle spalle e aveva le gambe mezze nell'acqua, tremava fitto fitto, come se al pover'uomo gli battesse la febbre terzana.

Tremava di freddo o di paura? Chi lo sa?... Forse un po' dell'uno e un po' dell'altra. Ma Pinocchio, credendo che quel tremito fosse di paura, gli disse per confortarlo:

— Coraggio, babbo! Fra pochi minuti arriveremo a terra e saremo salvi.

— Ma dov'è questa spiaggia benedetta? — domandò il vecchietto, diventando sempre più inquieto, e appuntando gli occhi, come fanno i sarti quando infilano l'ago. — Eccomi qui, che guardo da tutte le parti e non vedo altro che cielo e mare.

— Ma io vedo anche la spiaggia — disse il burattino. — Per vostra regola io sono come i gatti: ci vedo meglio di notte che di giorno. —

Il povero Pinocchio faceva finta di esser di buon umore: ma invece... invece cominciava a scoraggiarsi: le forze gli scemavano, il suo respiro diventava grosso e

affannoso.... insomma non ne poteva più, e la spiaggia era sempre lontana.

Nuotò finchè ebbe fiato: poi si voltò col capo verso Geppetto, e disse con parole interrotte:

— Babbo mio, aiutatemi.... perchè io muoio.... —

E padre e figliuolo erano oramai sul punto di affogare, quando udirono una voce di chitarra scordata che disse:

— Chi è che muore?

— Sono io e il mio povero babbo!

— Questa voce la riconosco! Tu sei Pinocchio!...

— Preciso; e tu?

— Io sono il Tonno, il tuo compagno di prigionia in corpo al Pesce-cane.

— E come hai fatto a scappare?

— Ho imitato il tuo esempio. Tu sei quello che mi hai insegnato la strada, e dopo te sono fuggito anch'io.

— Tonno mio, tu càpiti proprio a tempo! Ti prego, per l'amore che porti ai tonnini tuoi figliuoli; aiutaci, o siamo perduti.

— Volentieri e con tutto il cuore. Attaccatevi tutt'e due alla mia coda, e lasciatevi guidare. In quattro minuti vi condurrò alla riva. —

Giudicarono più comodo di mettersi addirittura a sedere sulla groppa del Tonno.

Geppetto e Pinocchio, come potete immaginarvelo, accettarono subito l'invito; ma invece di attaccarsi alla

coda, giudicarono più comodo di mettersi addirittura a sedere sulla groppa del Tonno.

— Siamo troppo pesi? — gli domandò Pinocchio.

— Pesi? Neanche per ombra: mi par di aver addosso due gusci di conchiglia — rispose il Tonno, il quale era di una corporatura così grossa e robusta, da parere un vitello di due anni.

Giunti alla riva, Pinocchio saltò a terra il primo per aiutare il suo babbo a fare altrettanto: poi si voltò al Tonno, e con voce commossa gli disse:

— Amico mio, tu hai salvato il mio babbo! Dunque non ho parole per ringraziarti abbastanza! Permetti almeno che ti dia un bacio, in segno di riconoscenza eterna!... —

Il Tonno cacciò il muso fuori dell'acqua, e Pinocchio, piegatosi coi ginocchi a terra, gli posò un affettuosissimo bacio sulla bocca. A questo tratto di spontanea e vivissima tenerezza, il povero Tonno, che non c'era avvezzo, si sentì talmente commosso, che vergognandosi a farsi veder piangere come un bambino, ricacciò il capo sott'acqua e sparì.

Intanto s'era fatto giorno.

Allora Pinocchio, offrendo il suo braccio a Geppetto, che aveva appena il fiato di reggersi in piedi, gli disse:

— Appoggiatevi pure al mio braccio, caro babbino, e andiamo. Cammineremo pian pianino come le formicole, e quando saremo stanchi, ci riposeremo lungo la via.

Pinocchio, piegandosi coi ginocchi a terra, gli posò un affettuosissimo bacio sulla bocca.

— E dove dobbiamo andare? — domandò Geppetto.

— In cerca di una casa o d'una capanna, dove ci diano per carità un boccon di pane e un po' di paglia che ci serva da letto. —

Non avevano ancora fatti cento passi, che videro seduti sul ciglione della strada due brutti ceffi, i quali stavano lì in atto di chieder l'elemosina.

Erano il Gatto e la Volpe: ma non si riconoscevano più da quelli d'una volta. Figuratevi che il Gatto, a furia di fingersi cieco, aveva finito coll'accecare davvero: e la Volpe invecchiata, intignata e tutta perduta da una parte, non aveva più nemmeno la coda. Così è. Quella trista ladracchiola, caduta nella più squallida miseria, si trovò costretta un bel giorno a vendere perfino la sua bellissima coda a un merciaio ambulante, che la comprò per farsene uno scacciamosche.

— O Pinocchio! — gridò la volpe con voce di piagnisteo — fai un po' di carità a questi due poveri infermi!

— Infermi! — ripeté il Gatto.

— Addio, mascherine! — rispose il burattino. — Mi avete ingannato una volta, e ora non mi ripigliate più.

— Credilo, Pinocchio, che oggi siamo poveri e disgraziati davvero!

— Davvero! — ripetè il Gatto.

— Se siete poveri ve lo meritate. Ricordatevi del proverbio che dice: «I quattrini rubati non fanno mai frutto.» Addio, mascherine.

— Abbi compassione di noi!...

— Di noi!

— Addio, mascherine! Ricordatevi del proverbio che dice: «La farina del diavolo va tutta in crusca.»

— Non ci abbandonare!...

— are...! — ripetè il Gatto.

— Addio, mascherine! Ricordatevi del proverbio che dice: «Chi ruba il mantello al suo prossimo, per il solito muore senza camicia.» —

E così dicendo, Pinocchio e Geppetto seguitarono tranquillamente per la loro strada; finchè fatti altri cento passi, videro in fondo a una viottola, in mezzo ai campi, una bella capanna tutta di paglia, e col tetto coperto d'embrici e di mattoni.

— Quella capanna dev'essere abitata da qualcuno — disse Pinocchio. — Andiamo là, e bussiamo. —

Difatti andarono, e bussarono alla porta.

— Chi è? — disse una vocina di dentro.

— Siamo un povero babbo e un povero figliuolo, senza pane e senza tetto, — rispose il burattino.

— Girate la chiave, e la porta si aprirà, — disse la solita vocina.

Pinocchio girò la chiave, e la porta si aprì. Appena entrati dentro, guardarono di qua, guardarono di là, e non videro nessuno.

— Addio, mascherine! Ricordatevi del proverbio che dice: “Chi ruba il mantello al suo prossimo, per il solito muore senza camicia.,,

— O il padrone della capanna dov'è? — disse Pinocchio meravigliato.

— Eccomi quassù! —

Babbo e figliuolo si voltarono subito verso il soffitto, e videro sopra un travicello il Grillo-parlante.

— Oh! mio caro Grillino — disse Pinocchio, salutandolo garbatamente.

— Ora mi chiami il «Tuo caro Grillino» non è vero? Ma ti rammenti di quando, per cacciarmi di casa tua, mi tirasti un manico di martello?

— Hai ragione, Grillino! Scaccia anche me.... tira anche a me un manico di martello: ma abbi pietà del mio povero babbo...

— Io avrò pietà del babbo e anche del figliuolo! ma ho voluto rammentarti il brutto garbo ricevuto, per insegnarti che in questo mondo, quando si può, bisogna mostrarsi cortesi con tutti, se vogliamo esser ricambiati con pari cortesia nei giorni del bisogno.

— Hai ragione, Grillino, hai ragione da vendere; e io terrò a mente la lezione che mi hai data. Ma mi dici come hai fatto a comprarti questa bella capanna?

— Questa capanna mi è stata regalata jeri da una graziosa capra, che aveva la lana d'un bellissimo colore turchino.

— E la capra dov'è andata? — domandò Pinocchio, con vivissima curiosità.

— Non lo so.

— E quando ritornerà?...

— Non ritornerà mai. Ieri è partita tutta afflitta, e, belando, pareva che dicesse: «Povero Pinocchio!... oramai non lo rivedrò più!... Il Pesce-cane a quest'ora l'avrà bell'e divorato!...»

— Ha detto proprio così?... Dunque era lei!... era lei!... era la mia cara Fatina!... — cominciò a urlare Pinocchio, singhiozzando e piangendo dirottamente.

Quand'ebbe pianto ben bene, si rasciugò gli occhi, e preparato un buon lettino di paglia, vi distese sopra il vecchio Geppetto. Poi domandò al Grillo-parlante:

— Dimmi, Grillino, dove potrei trovare un bicchiere di latte per il mio povero babbo?

— Tre campi distante di qui c'è l'ortolano Giangio, che tiene le mucche. Va' da lui, e troverai il latte che cerchi. —

Pinocchio andò di corsa a casa dell'ortolano Giangio: ma l'ortolano gli disse:

— Quanto ne vuoi del latte?

— Ne voglio un bicchiere pieno.

— Un bicchiere di latte costa un soldo. Comincia intanto dal darmi il soldo.

— Non ho nemmeno un centesimo — rispose Pinocchio, tutto mortificato e dolente.

— Male, burattino mio, — replicò l'ortolano. — Se tu non hai nemmeno un centesimo, io non ho nemmeno un dito di latte.

— Pazienza! — disse Pinocchio, e fece l'atto di andarsene.

— Aspetta un po' — disse Giangio. — Fra te e me ci possiamo accomodare. Vuoi adattarti a girare il *bindolo*?

— Che cos'è il *bindolo*?

— Gli è quell'ordigno di legno che serve a tirar su l'acqua dalla cisterna per annaffiare gli ortaggi.

— Mi proverò....

— Dunque, tirami su cento secchie d'acqua, e io ti regalerò in compenso un bicchiere di latte.

— Sta bene. —

Giangio condusse il burattino nell'orto e gl'insegnò la maniera di girare il *bindolo*. Pinocchio si pose subito al lavoro; ma prima di aver tirato su le cento secchie d'acqua, era tutto grondante di sudore dalla testa ai piedi. Una fatica a quel modo non l'aveva durata mai.

— Finora questa fatica di girare il *bindolo* — disse l'ortolano — l'ho fatta fare al mio ciuchino; ma oggi quel povero animale è in fin di vita.

— Mi menate a vederlo? — disse Pinocchio.

— Volentieri. —

E chinatosi fino a lui, gli domandò in dialetto asinino:

— Chi sei? —

Appena che Pinocchio fu entrato nella stalla; vide un bel ciuchino disteso sulla paglia, rifinito dalla fame e dal troppo lavoro. Quando l'ebbe guardato fisso fisso, disse dentro di sè, turbandosi:

— Eppure quel ciuchino lo conosco! Non mi è fisionomia nuova! —

E chinatosi fino a lui, gli domandò in dialetto asinino:

— Chi sei? —

A questa domanda, il ciuchino aprì gli occhi moribondi, e rispose balbettando nel medesimo dialetto:

— Sono Lu....ci....gno....lo. —

E dopo richiuse gli occhi e spirò.

— Oh! povero Lucignolo! — disse Pinocchio a mezza voce: e presa una manciata di paglia si rasciugò una lacrima che gli colava giù per il viso.

— Ti commuovi tanto per un asino che non ti costa nulla? — disse l'ortolano. — Che cosa dovrei far io che lo compri a quattrini contanti?

— Vi dirò.... era un mio amico....

— Tuo amico?

— Un mio compagno di scuola!...

— Come?! — urlò Giangio dando in una gran risata. —
Come?! avevi dei somari per compagni di scuola?...
Figuriamoci i begli studi che devi aver fatto!... —

Il burattino, sentendosi mortificato da quelle parole, non rispose: ma prese il suo bicchiere di latte quasi caldo, e se ne tornò alla capanna.

E da quel giorno in poi, continuò più di cinque mesi a levarsi ogni mattina, prima dell'alba, per andare a girare il bindolo, e guadagnare così quel bicchiere di latte, che faceva tanto bene alla salute cagionosa del suo babbo. Nè si contentò di questo: perchè a tempo avanzato, imparò a fabbricare anche i canestri e i panieri di giunco: e coi quattrini che ne ricavava, provvedeva con moltissimo giudizio a tutte le spese giornaliere. Fra le altre cose costruì da sè stesso un elegante carrettino per condurre a spasso il suo babbo nelle belle giornate, e per fargli prendere una boccata d'aria.

Nelle veglie poi della sera, si esercitava a leggere e a scrivere. Aveva comprato nel vicino paese per pochi centesimi un grosso libro, al quale mancavano il frontespizio e l'indice, e con quello faceva la sua lettura. Quanto allo scrivere, si serviva di un fuscello temperato a uso penna; e non avendo nè calamaio nè inchiostro, lo intingeva in una boccettina ripiena di sugo di more e di ciliege.

Fatto sta che con la sua buona volontà d'ingegnarsi, di lavorare e di tirarsi avanti, non solo era riuscito a

mantenere quasi agiatamente il suo genitore sempre malaticcio, ma per di più aveva potuto mettere da parte anche quaranta soldi per comprarsi un vestitino nuovo.

Una mattina disse a suo padre:

— Vado qui al mercato vicino a comprarmi una giacchettina, un berrettino e un paio di scarpe. Quando tornerò a casa — soggiunse ridendo — sarò vestito così bene, che mi scambierete per un gran signore. —

E uscito di casa, cominciò a correre tutto allegro e contento. Quando a un tratto sentì chiamarsi per nome, e voltandosi, vide una bella Lumaca che sbucava fuori dalla siepe.

— Non mi riconosci? — disse la Lumaca.

— Mi pare e non mi pare....

— Non ti ricordi di quella Lumaca, che stava per cameriera con la Fata dai capelli turchini? non ti rammenti di quella volta quando scesi a farti lume, e tu rimanesti con un piede confitto nell'uscio di casa?

— Mi rammento di tutto, — gridò Pinocchio — rispondimi subito, Lumachina bella; dove hai lasciato la mia buona Fata? che fa? mi ha perdonato? si ricorda sempre di me? mi vuol sempre bene? è molto lontana di qui? potrei andare a trovarla? —

A tutte queste domande, fatte precipitosamente e senza ripigliar fiato, la Lumaca rispose con la sua solita flemma:

— Pinocchio mio! La povera Fata giace in un fondo di letto allo spedale!....

— Allo spedale?...

— Pur troppo. Colpita da mille disgrazie, si è gravemente ammalata, e non ha più da comprarsi un boccon di pane.

— Davvero?... Oh! che gran dolore che mi hai dato! Oh! povera Fatina! povera Fatina! povera Fatina! Se avessi un milione, correrei a portarglielo.... Ma io non ho che quaranta soldi.... eccoli qui! andavo giusto a comprarmi un vestito nuovo. Prendili, Lumaca, e va' a portarli subito alla mia buona Fata.

— E il tuo vestito nuovo?

— Che m'importa del vestito nuovo? Venderei anche questi cenci che ho addosso, per poterla aiutare! Va', Lumaca, e spicciati! e fra due giorni ritorna qui, che spero di poterti dare qualche altro soldo. Finora ho lavorato per mantenere il mio babbo: da oggi in là, lavorerò cinque ore di più per mantenere anche la mia buona mamma. Addio, Lumaca, e fra due giorni ti aspetto. —

La Lumaca, contro il suo costume, cominciò a correre come una lucertola nei grandi solleoni d'agosto.

Quando Pinocchio tornò a casa, il suo babbo gli domandò:

— E il vestito nuovo?

— Non mi è stato possibile di trovarne uno che mi tornasse bene. Pazienza!... Lo comprerò un'altra volta. —

Quella sera Pinocchio, invece di vegliare fino alle dieci, vegliò fino alla mezzanotte sonata! e invece di far otto canestri di giunco ne fece sedici.

Poi andò a letto e si addormentò. E nel dormire, gli pareva di vedere in sogno la Fata, tutta bella e sorridente, la quale, dopo avergli dato un bacio, gli disse così:

— Bravo Pinocchio! In grazia del tuo buon cuore, io ti perdono tutte le monellerie che hai fatto fino a oggi. I ragazzi che assistono amorosamente i propri genitori nelle loro miserie e nelle loro infermità, meritano sempre grande lode e grande affetto, anche se non possono esser citati come modelli d'ubbidienza e di buona condotta. Metti giudizio per l'avvenire, e sarai felice. —

A questo punto il sogno finì, e Pinocchio si svegliò con tanto d'occhi spalancati.

Ora immaginatevi voi quale fu la sua meraviglia quando, svegliandosi, si accorse che non era più un burattino di legno: ma che era diventato, invece, un ragazzo come tutti gli altri. Dette un'occhiata all'intorno, e invece delle solite pareti di paglia della capanna, vide una bella camerina ammobiliata e agghindata con una semplicità quasi elegante. Saltando giù dal letto, trovò preparato un bel vestiario nuovo, un berretto nuovo e un paio di stivaletti di pelle, che gli tornavano una vera pittura.

Appena si fu vestito, gli venne fatto, naturalmente di mettere le mani nelle tasche e tirò fuori un piccolo

portamonete d'avorio, sul quale erano scritte queste parole: «La Fata dai capelli turchini restituisce al suo caro Pinocchio i quaranta soldi, e lo ringrazia tanto del suo buon cuore.» Aperto il portafoglio, invece di quaranta soldi di rame, vi luccicavano quaranta zecchini d'oro tutti nuovi di zecca.

Dopo andò a guardarsi allo specchio e gli parve d'essere un altro. Non vide più riflessa la solita immagine della marionetta di legno, ma vide l'immagine vispa e intelligente di un bel fanciullo coi capelli castagni, cogli occhi celesti e con un'aria allegra e festosa come una pasqua di rose.

In mezzo a tutte queste meraviglie, che si succedevano le une alle altre, Pinocchio non sapeva più nemmeno lui se era desto davvero o se sognava sempre a occhi aperti.

— E il mio babbo dov'è? — gridò tutt'a un tratto; ed entrato nella stanza accanto trovò il vecchio Geppetto sano, arzillo e di buon umore, come una volta, il quale, avendo ripreso subito la sua professione d'intagliatore, stava appunto disegnando una bellissima cornice ricca di fogliami, di fiori e di testine di diversi animali.

Gli accennò un grosso burattino appoggiato a una seggiola.

— Levatemi una curiosità, babbino: ma come si spiega tutto questo cambiamento improvviso? — gli domandò Pinocchio saltandogli al collo e coprendolo di baci.

— Questo improvviso cambiamento in casa nostra è tutto merito tuo — disse Geppetto.

— Perchè merito mio?

— Perchè quando i ragazzi, di cattivi diventano buoni, hanno la virtù di far prendere un aspetto nuovo e sorridente anche nell'interno delle loro famiglie.

— E il vecchio Pinocchio di legno dove si sarà nascosto?

— Eccolo là! — rispose Geppetto; e gli accennò un grosso burattino appoggiato a una seggiola, col capo girato sur una parte, con le braccia ciondoloni e con le gambe incrocciate e ripiegate a mezzo, da parere un miracolo se stava ritto.

Pinocchio si voltò a guardarlo: e dopo che l'ebbe guardato un poco, disse dentro di sè con grandissima compiacenza:

— Com'ero buffo, quand'ero un burattino! e come ora son contento di esser diventato un ragazzino perbene!... —
FINE.